ROGER LIEBI

EZEQUIEL








chamada

ROGER LIEBI

EZEQUIEL

2016

1ª Edição

chamada

Hesekiel
Copyright © 2011 por CMV-Hagedorn

1ª Edição - Setembro/2016

Tradução: Arthur Reinke
Revisão: Arthur Reinke e Sebastian Steiger
Edição: Sebastian Steiger
Capa e Layout: Roberto Reinke

Passagens da Escritura segundo a
Nova Versão Internacional – NVI,
exceto quando indicado em contrário:
Almeida Revista e Atualizada (SBB) – ARA
Nova Tradução na Linguagem de Hoje – NTLH
Almeida Corrigida e Revisada Fiel – ACF
Almeida Revista e Corrigida – ARC



Obra Missionária Chamada da Meia-Noite
R. Erechim, 978 – B. Nonoai
90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fone: (51) 3241-5050
www.chamada.com.br
pedidos@chamada.com.br

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.
Copyright © 2016 – Chamada

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Bibliotecária responsável: Nádia Tanaka – CRB 10/855)

L716e Liebi, Roger

Ezequiel / Roger Liebi ; tradução, Arthur Reinke. – Porto Alegre : Chamada, c2016.

232 p. ; 13,5 x 20,5 cm.

Tradução de: Hesekiel.

ISBN 978-85-7720-144-0

1. Bíblia. 2. Israel. 3. Ezequiel. I. Reinke, Arthur. II. Título.

CDU 224.4

CDD 224.4

Índice

Prefácio 7

Introdução 9

PRIMEIRA PARTE - A DECADÊNCIA DE ISRAEL (Ez 1 – 24) 17

I. O Despovoamento da Terra de Israel (1 – 7) 17

1. O trono móvel de Deus (1.1-28) 18
2. A vocação de Ezequiel (2.1 – 3.27) 26
3. O anúncio da destruição de Jerusalém (4.1 – 5.17) 34
4. O anúncio da destruição do país (6.1 – 7.27) 39

II. A Glória do Senhor no Primeiro Templo (8 – 11) 43

1. A idolatria no Templo (8.1-18) 44
2. O juízo sobre os habitantes de Jerusalém (9.1-11) 48
3. A glória abandona o Templo (10.1-22) 52
4. Jerusalém, uma panela (11.1-13) 56
5. O santuário dos exilados (11.14-25) 58

III. A Trajetória da Decadência de Israel (12 – 24) 61

1. Duas ações simbólicas (12.1-20) 62
2. O fim dos falsos profetas (12.21–14.11) 65
3. A preservação dos justos (14.12-23) 71
4. A parábola da videira (15.1-8) 73
5. A parábola da história de Jerusalém (16.1-63) 75
6. A parábola das duas águias (17.1-24) 81
7. A responsabilidade pessoal (18.1-32) 83
8. O lamento sobre os príncipes de Israel (19.1-14) 88
9. A história da infidelidade de Israel (20.1-49) 90
10. A espada de Deus sobre Israel (21.1-32) 95
11. A culpa de Jerusalém (22.1-31) 98
12. A parábola das duas irmãs adúlteras (23.1-49) 103
13. Os dois sinais para o fim de Jerusalém (24.1-27) 106

SEGUNDA PARTE - O JUÍZO SOBRE AS NAÇÕES (Ez 25 – 32) 111
I. Amom (25.1-7) 114
II. Moabe (25.8-11) 115
III. Edom (25.12-14) 115
IV. Filístia (25.15-17) 116
V. Tiro (26.1 – 28.19) 117
VI. Sidom (28.20-26) 130
VII. Egito (29 – 32) 132

A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL (Ez 33 – 48) 141
I. A Trajetória da Restauração de Israel (33 – 39) 141
1. A reconfirmação do mensageiro (33.1-33) 141
2. Um novo pastor (34.1-31) 145
3. Um país renovado (35.1 – 36.15) 150
4. Um novo coração (36.16-38) 166
5. Um povo renovado (37.1-28) 171
6. A eliminação do último inimigo: Gogue (38 – 39) 176
II. A Glória do Senhor no Terceiro Templo (40.1 – 47.12) 181
1. O novo Templo (40.1 – 43.12) 181
2. O novo culto a Deus (43.13 – 47.12) 199
III. O Repovoamento da Terra de Israel (47.13 – 48.35) 221

Prefácio

Esse comentário sobre o livro de Ezequiel se baseia em um trabalho realizado em conjunto com o comentarista bíblico francês Joël Prohin, para a série de estudos *"Sondez les Ecritures"* ("Examinai as Escrituras"). Essa abrangente obra de inúmeros autores fiéis à Bíblia é composta de 15 volumes contendo comentários sobre toda a Escritura Sagrada e foi publicada pela editora *"Bibles et Publications Chrétiennes"* ("Bíblias e Publicações Cristãs"), em Valence, na França.

Para a versão alemã desse comentário, que serviu de base para a tradução para o português, foi feita uma revisão um pouco ampliada. O presente livro de estudos poderia também ser utilizado como auxílio para a leitura diária da Bíblia. Pelo fato de conter muitas aplicações práticas para a vida pessoal, ele serve perfeitamente para essa finalidade. Eu desconsiderei a subdivisão original para leituras diárias da versão alemã. Desse modo, cada leitor que deseja utilizar o livro com esse propósito, pode organizar seu tempo de leitura de acordo com suas possibilidades.

Meu desejo sincero é que as explanações aqui disponíveis possam ajudar muitos leitores a redescobrir a maravilhosa mensagem do profeta Ezequiel e que, através disso, seja aprofundado o seu amor à Bíblia – a infalível Palavra de Deus!

Roger Liebi
Agosto de 2010

Introdução

O livro de Ezequiel inicia relatando a catástrofe nacional de Israel no cativeiro babilônico, e encerra com a descrição do maravilhoso futuro do Reino Messiânico, no fim dos tempos. Assim, ele proporciona uma visão profética que abrange um período mínimo de 2.600 anos.

O panorama histórico

Ezequiel viveu em uma época em que o Oriente Médio estava especialmente agitado. Após a queda da capital Nínive (612 a.C.) e a consequente derrocada do Império Assírio (609 a.C.) ocorreram frequentes e violentos confrontos entre o Egito e a Babilônia, na disputa pela hegemonia da região. Depois de Nabucodonosor ter derrotado o exército do Faraó, na batalha decisiva em Carquemis (605 a.C.), suas tropas subjugaram todo o Crescente Fértil.[1] Durante todo o período entre 606 até 582 a.C., os babilônios realizaram várias guerras vitoriosas contra o Reino de Judá.[2] A capital Jerusalém e o Templo finalmente foram completamente destruídos. Os judeus foram deportados em etapas subsequentes para a Babilônia:

- 606 a.C.: primeira deportação (*antes* da destruição de Jerusalém).[3]

1 A expressão "Crescente Fértil" indica uma área do Oriente Médio onde é possível manter atividades agrícolas. Ele se estende desde o baixo rio Nilo, no Egito até o Golfo Pérsico e forma um arco, que abrange a terra de Israel, o norte da Síria e a planície entre os rios Tigre e Eufrates. A Babilônia (também chamada de "Caldeia") se localizava em sua área oriental. Atualmente essa região pertence ao Iraque.

2 As datas dos anos do Antigo Testamento indicados nesse livro evoluem para uma cronologia consistente e conclusiva em si. Para tanto não houve nenhuma alteração das datas indicadas na Bíblia, bem ao contrário de outras cronologias amplamente divulgadas. Compare: R.Liebi: *Zur Chronologie des AT* ("Sobre a Cronologia do Antigo Testamento") (disponível gratuitamente em *www.rogerliebi.ch*).

3 2Cr 36.5-8; Dn 1.1-2.

- 597 a.C.: segunda deportação (*antes* da destruição de Jerusalém).[4]
- 586 a.C.: terceira deportação (*após* a destruição de Jerusalém).[5]
- 582 a.C.: quarta deportação (*após* a destruição de Jerusalém).[6]

Como foi que Israel chegou a esse ponto? As deportações foram a consequência da crescente infidelidade do povo diante de seu Deus: desde o reinado do Rei Manassés, de Judá (697-642 a.C.), a maior parte dos judeus se afastou do único Deus verdadeiro e passou a servir a ídolos. O resultado foi que também Deus se afastou do Seu povo, o que causou consequências terríveis: o colapso de Judá como Estado independente, guerra e exílio. Deus, o Senhor da História, em um ato soberano, tirou temporariamente, de Israel, a posição de nação que deveria assumir o domínio mundial (Dt 28.13) e a transferiu por algumas décadas para o reino babilônico.

O autor

Ezequiel, o filho de Buzi (1.3) foi levado para a Babilônia (1.2) juntamente com a segunda deportação, no ano de 597 a.C. Ali ele foi estabelecido em um assentamento de judeus exilados em Tel-Abibe[7], junto ao rio Quebar.[8]

Ezequiel morava em sua própria casa (3.24; 8.1). Ele era casado, no entanto, perdeu sua amada esposa, "o prazer dos

4 2Cr 36.9-16.
5 2Cr 36.17-21.
6 Jr 52.30.
7 Ou: Tel-Aviv, não confundir com a moderna cidade homônima, que foi fundada em 1909 na terra de Israel. A Tel-Abibe de Ezequiel ficava próxima a Nippur, cerca de 75 km ao sul de Babilônia, no atual Iraque. O nome da cidade, na língua babilônica, significa algo como "aterro" / "muro contra enchente".
8 O rio Quebar era um dos afluentes alimentadores mais importantes do Eufrates. Seu nome, na língua babilônica, significa: "o grande [rio]".

seus olhos" (24.16), através de um mal-estar repentino no dia em que o Senhor lhe revelou que os babilônios executariam o juízo de Deus e destruiriam o deslumbrante Templo em Jerusalém. De sua vida sabe-se apenas poucos detalhes, mas isso sem dúvida foi determinado assim pelo Espírito de Deus: diante da mensagem a pessoa deveria permanecer em segundo plano.

Cinco anos após ser deportado, no ano de 593 a.C., ele foi chamado para ser profeta. Nessa ocasião, ele tinha aproximadamente 30 anos de idade (1.1).[9] Assim como seu contemporâneo Jeremias, também Ezequiel era um sacerdote (1.3). Sem dúvida, essa é a razão pela qual Jerusalém, e tudo que se relaciona ao Templo e aos serviços de sacrifícios, desempenham um papel central em seu livro.

A última revelação com data aconteceu em 571 a.C. (29.17). Assim, o profeta exerceu seu ministério pelo menos durante 22 anos.

O Espírito de Deus e a glória do Senhor

O nome "Ezequiel" significa "Deus fortalece", e, na prática, durante o seu ministério, Ezequiel experimentou a realidade da força dada pelo Espírito de Deus de uma maneira especial.

Ezequiel é um dos livros da Bíblia que mais fala do Espírito de Deus.[10] Pelo fato de que o Espírito Santo deseja glorificar ao Senhor Jesus,[11] esse livro fala tanto da "glória do Senhor".[12]

9 A expressão "no trigésimo ano" foi interpretada de várias maneiras. A explicação mais simples, e que realmente satisfaz, parte do princípio de que se trata da idade do profeta.

10 19 vezes: 1.12,20,20,21; 2.2; 3.12,14,24; 8.3; 10.17; 11.1,5,24,24; 36.27; 37.1,14; 39.29; 43.5.

11 Jo 16.14.

12 18 vezes: 1.28; 3.12,23,23; 8.4; 9.3; 10.4,4,18,19; 11.22,23; 39.21; 43.2,2,4,5; 44.4.

A cronologia do livro

O livro de Ezequiel contém catorze datas[13] exatas. Em nenhum outro livro de profecias do Antigo Testamento constam tantas indicações de datas. Com duas exceções (26.1; 29.17), as profecias datadas são descritas em ordem cronológica. Excluindo a primeira (1.1), para todas as demais a deportação de Ezequiel serve como ponto de partida.

Por um lado, essas datas mostram a importância que as revelações divinas tinham na vida do profeta. Por outro lado, fica clara a ancoragem dessas revelações na história da humanidade.

Versículo	Data de Ezequiel	Data em nosso calendário (a.C.)
1.1-3	05.04.05	Junho / Julho 593
8.1	05.06.06	Agosto / Setembro 592
20.1	10.05.07	Julho / Agosto 591
24.1	10.10.09	Dezembro / Janeiro 589/88
26.1	01.06.11	Agosto / Setembro 587
29.1	12.10.10	Dezembro / Janeiro 588/87
29.17	01.01.27	Março / Abril 571
30.20	07.01.11	Março / Abril 587
31.1	01.03.11	Maio / Junho 587
32.1	01.12.12	Fevereiro / Março 585
32.17	15.12.12	Fevereiro / Março 585

Os destinatários

A mensagem de Ezequiel se destina:

13 Para facilitar a compreensão, as datas foram "traduzidas" para uma forma de uso corrente: 05.04.05 significa o "quinto dia do quarto mês do quinto ano do exílio do rei Joaquim". Foram descobertas placas de pedra com gravações de dados astronômicos para diversas constelações de corpos celestes, com referências aos dados pessoais do rei Nabucodonosor. Graças a esses sensacionais achados arqueológicos é possível calcular, com muita precisão, as datas mencionadas no livro de Ezequiel e indicá-las em nosso calendário.

1. Aos primeiros deportados, para mostrar-lhes que Deus mantém um juízo justo sobre Israel;
2. Aos judeus que permaneceram em sua terra, para anunciar-lhes o juízo definitivo de Deus que ainda os atingiria;
3. A todos os judeus exilados em todos os tempos, para levar-lhes uma mensagem consoladora através da promessa da maravilhosa restauração de Israel;
4. Às nações ao redor de Israel, apresentando-lhes a soberania do único Deus verdadeiro, e que age com as pessoas através do juízo e da graça.

Além disso, através dos séculos, a sua mensagem também se destina a nós, cristãos. Ela faz lembrar que, em todas as épocas, os atos de justiça de Deus iniciam em Sua própria casa.[14] O livro também mostra que é dada a possibilidade do arrependimento aqui na terra e que então Deus reage com base na Sua graça.

O esboço a seguir demonstra em linhas gerais a constituição do livro de Ezequiel. É aconselhável que, no decorrer da leitura, se acompanhe esse resumo para a melhor compreensão dos contextos no desenvolvimento do livro.

A estrutura do livro

O livro de Ezequiel se subdivide claramente em três partes principais:

1. Os capítulos 1 a 24 se referem a um período anterior à destruição de Jerusalém. Neles é anunciado o juízo definitivo de Deus sobre Jerusalém, o Templo, o povo, o Reino de Judá e sobre a terra de Israel.

14 1Pe 4.17.

2. Nos capítulos 25 a 32 é anunciado o juízo de Deus sobre as sete nações ou cidades não judaicas. Israel, por ser o povo escolhido de Deus, tem uma responsabilidade maior do que as demais nações. Por isso, o juízo sobre Israel é colocado antes do juízo sobre as nações.
3. Os capítulos 33 a 48 mostram o maravilhoso plano de Deus para a restauração de Israel, na terra de seus antepassados.

A estrutura das três partes principais

Primeira Parte – A Decadência de Israel (Ez 1 – 24)

I. O Despovoamento da Terra de Israel (1 – 7)
1. O trono móvel de Deus (1.1-28)
2. A vocação de Ezequiel (2.1 – 3.27)
3. O anúncio da destruição de Jerusalém (4.1 – 5.17)
4. O anúncio da destruição do país (6.1 – 7.27)

II. A Glória do Senhor no Primeiro Templo (8 – 11)
1. A idolatria no Templo (8.1-18)
2. O juízo sobre os habitantes de Jerusalém (9.1-11)
3. A glória abandona o Templo (10.1-22)
4. Jerusalém, uma panela (11.1-13)
5. O santuário dos exilados (11.14-25)

III. A Trajetória da Decadência de Israel (12 – 24)
1. Duas ações simbólicas (12.1-20)
2. O fim dos falsos profetas (12.21 – 14.11)
3. A preservação dos justos (14.12-23)
4. A parábola da videira (15.1-8)
5. A parábola da história de Jerusalém (16.1-63)
6. A parábola das duas águias (17.1-24)
7. A responsabilidade pessoal (18.1-32)
8. O lamento sobre os príncipes de Israel (19.1-14)

9. A história da infidelidade de Israel (20.1-44)
10. A espada de Deus sobre Israel (21.1-37)
11. A culpa de Jerusalém (22.1-31)
12. A parábola das duas irmãs infiéis (23.1-49)
13. Os dois sinais para o fim de Jerusalém (24.1-27)

Segunda Parte – O Juízo Sobre as Nações (Ez 25 – 32)

I. Amom (25.1-7)
II. Moabe (25.8-11)
III. Edom (25.12-14)
IV. Filístia (25.15-17)
V. Tiro (26.1 – 28.19)
VI. Sidom (28.20-26)
VII. Egito (29.1 – 32.32)

Terceira Parte – A Restauração de Israel (Ez 33 – 48)

I. A Trajetória da Restauração de Israel (33 – 39)
1. A reconfirmação do mensageiro (33)
2. Um novo pastor (34)
3. Um país renovado (35.1 – 36.15)
4. Um novo coração (36.16-38)
5. Um povo renovado (37)
6. A eliminação do último inimigo: Gogue (38 – 39)

II. A Glória do Senhor no Terceiro Templo (40.1 – 47.12)
1. O novo Templo (40.1 – 43-12)
2. O novo culto a Deus (43.13 – 47.12)

III. O Repovoamento da Terra de Israel (47.13 – 48.35)

Observações sobre a subdivisão

É algo bastante comum encontrar textos compostos simetricamente na Bíblia. Diferentemente do que acontece em textos ocidentais, que normalmente se desenvolvem linearmente, em uma estrutura simétrica (denominada tecnica-

mente de "quiasma") o primeiro elemento corresponde ao último. Um exemplo para isso são sequências como ABA' ou ABB'A'. Na Bíblia aparecem com frequência sistemas como esse, ou ainda mais complexos, em complemento a uma estrutura linear e servindo de princípio construtivo, quer seja de um versículo isolado (ver 17.24), seja em uma passagem ou segmento maior em um livro, seja em um livro inteiro ou, até mesmo, na disposição de vários livros bíblicos.

O livro de Ezequiel apresenta estruturas simétricas nas mais variadas áreas possíveis. Já uma rápida visão geral permite ver que há uma clara simetria entre a primeira e a terceira parte. A primeira parte: "A Decadência de Israel", está em contraste com a última: "A Restauração de Israel". Também as três subdivisões apresentam paralelos concebidos de modo contrastante, como uma imagem inversa:

A. O Despovoamento da Terra de Israel (1 – 7)
B. A Glória do Senhor no Primeiro Templo (8 – 11)
C. A Trajetória da Decadência de Israel (12 – 24)
C'. A Trajetória da Restauração de Israel (33 – 39)
B'. A Glória do Senhor no Terceiro Templo (40.1 – 47.12)
A'. O Repovoamento da Terra de Israel (47.13 – 48.35)

Os capítulos 12 a 24 são compostos claramente de 13 passagens que correspondem simetricamente entre si: as duas ações simbólicas relatadas no capítulo 12 correspondem aos dois sinais do capítulo 24. A parábola da videira se ajusta à parábola da espada, etc.

De um modo geral, a passagem do meio é especialmente significativa no caso de uma simetria irregular. É o que acontece no capítulo 18, onde é dada ênfase especial ao princípio da responsabilidade pessoal. Essa é uma afirmação fundamental do livro e que é tratada mais detalhadamente nas diversas abordagens dos demais capítulos.

Primeira Parte

A DECADÊNCIA DE ISRAEL (Ez 1 – 24)

A primeira parte do livro de Ezequiel inclui os capítulos 1 a 24. Ela trata do tema da decadência de Israel no período do cativeiro babilônico. Essa parte, por sua vez, é subdividida em 3 segmentos:

I. O Despovoamento da Terra de Israel (1 – 7)
II. A Glória do Senhor no Primeiro Templo (8 – 11)
III. A Trajetória da Decadência de Israel (12 – 24)

I. O Despovoamento da Terra de Israel (1 – 7)

A primeira parte é dividida dessa maneira:

1. O trono móvel de Deus (1.1-28);
2. A vocação de Ezequiel (2.1 – 3.27);
3. O anúncio da destruição de Jerusalém (4.1 – 5.17);
4. O anúncio da destruição do país (6.1 – 7.27).

1. O trono móvel de Deus (1.1-28)

Os Céus se abrem (v. 1-3)

O livro que estudaremos agora inicia com a descrição desanimadora da seguinte situação: o povo de Deus havia sido parcialmente deportado para o país do seu inimigo, acabando com todas as esperanças antigas. O próprio Ezequiel se encontrava no cativeiro babilônico. Nessa época de decepção, os Céus se abriram para animá-lo e proporcionar uma visão de Deus sobre a sua situação atual:[15] a obra de Deus continua, mesmo que o povo de Deus se sinta esgotado. A triste situação em que o povo se encontrava não deveria causar nem desânimo excessivo, nem passividade.

Tal como aconteceu anteriormente com outros homens de Deus (Moisés, Isaías) o chamado de Ezequiel ocorreu durante um encontro com o Senhor. O profeta estava com trinta anos de idade,[16] a idade máxima em que deveria iniciar a sua função sacerdotal no Templo.[17] Ele poderia se sentir inútil por estar no exílio e longe do santuário, mas ao invés disso, ele foi encarregado de uma tarefa de alcance inimaginável.

Através de uma revelação do Onipotente, recebida dos Céus abertos, Ezequiel deveria aprender a enxergar além das circunstâncias do mundo, com os olhos de Deus. Que grandiosa diferença em relação à limitada visão de mundo do mestre, que enxerga as coisas "debaixo do sol" e "debaixo do céu".[18] Tal modo de ver leva facilmente ao pessimismo. Devemos nos empenhar na busca da verdade à luz do Céu aberto e da Eternidade.[19]

15 Nesse contexto, deve ser lembrado novamente de que o significado de "Ezequiel" (1.3; 24.24) é "Deus fortalece".

16 Veja a nota nº 9, na Introdução.

17 Lv 4.3.

18 A expressão "debaixo do sol" aparece 29 vezes no livro de Eclesiastes. A menção "debaixo do céu" é encontrada três vezes. As palavras "sobre a terra" são empregadas oito vezes no livro de Eclesiastes.

19 Ap 4.1; 2Co 4.17-18.

Antes da cruz, o Céu se abriu em momentos muito especiais, como aqui no caso de Ezequiel (1.1), ou para o Senhor Jesus, num sinal para a multidão.[20] No entanto, depois que o Senhor Jesus consumou Sua obra no Gólgota, desde a Sua ressurreição e ascensão, estando agora sentado à direita de Deus Pai, o Céu está constantemente aberto para nós.[21] Que tremendo privilégio e encorajamento para nós, podermos nos achegar a Ele com sinceridade.[22]

O Céu se abrirá pela última vez quando Cristo, o Rei dos reis, vier para a terra para executar o Seu juízo bélico.[23]

A visão da glória de Deus

A visão da glória de Deus com a qual esse livro inicia é tão grandiosa que se contrapõe a qualquer representação figurativa, a ponto de minar nossa capacidade de imaginação. Nem poderia ser diferente, uma vez que a grandiosidade de Deus se apresenta a nós de tal modo infinita que ultrapassa nossos pensamentos!

Essa visão se desenrola gradativamente: através da tempestade (v. 4) aparece o carro com o trono de Deus, que é descrito sempre mais detalhadamente. A seguir o profeta identifica os "seres viventes" (v. 5-14), depois, as rodas que acompanham esses seres viventes (v. 15-21); então pode ser ouvida a voz do Senhor, quando as rodas se movimentam (v. 22-25); finalmente o profeta enxerga o próprio Deus sobre o carro, no trono da Sua glória (v. 26-28).

É uma visão de difícil compreensão, tanto para Ezequiel como para nós. A linguagem humana atinge seus limites quando se trata de descrever a verdade divina e precisa se restringir a comparações com coisas palpáveis. É por essa

20 Mt 3.16; Mc 1.11; Lc 3.21.
21 Hb 10.19-21; At 7.56; 10.11; Ap 4.1.
22 Hb 4.16; 10.22.
23 Ap 19.11.

razão que Ezequiel utiliza descrições nas quais aparece a palavra "como". Desse modo, é possível transmitir fatos por si só inconcebíveis, de maneira compreensível e humanamente comprovável. Deus é infinito e reside na luz eterna e inacessível.[24]

O livro inicia com essa visão de Deus em Seu trono de glória, porque Ezequiel, através dela, deveria aprender algumas coisas importantes: mesmo que o povo de Deus passe por crises ou sofra sob condições caóticas, Deus ainda está acima de todas as coisas. Ele nunca perde o controle sobre os acontecimentos. Tudo permanece sempre em Suas mãos, mesmo que nosso olhar fique restrito às coisas "debaixo do sol", gerando dúvidas em nossos corações. Essa certeza serve de consolo para cada crente que esteja vivendo em alguma situação difícil.

A tempestade vinda do norte (v. 4)

A visão inicia com uma tempestade violenta, vinda do norte. Essa indicação de direção serve simbolicamente para a conquista de Israel[25] e as respectivas catástrofes relacionadas (guerra, morte, extermínio e desespero).

Em meio à tempestade, surge o trono de Deus: o juízo sobre o povo de Israel parte diretamente de Deus.[26] O inimigo não consegue agir com autonomia, pois ele é simplesmente um instrumento nas mãos do Onipotente, com a finalidade de atender aos objetivos de Deus.

Deus, porém, restringe os sofrimentos que Ele impõe ao Seu povo: a nuvem imensa na tempestade era "cercada" pelo

24 1Tm 6.16.

25 Na verdade, a Babilônia se localiza ao leste de Israel. no entanto, os ataques vêm do norte, porque as tropas dos caldeus eram obrigadas a contornar o chamado deserto sírio para alcançar Israel. Seu itinerário passava pelo Crescente Fértil.

26 Am 3.6b; 1Rs 12.24.

brilho. Temos a garantia de que Deus não permite que sejamos tentados acima de nossas possibilidades.[27]

Os quatro seres viventes (v. 5-14)

Do meio da tempestade surge a imagem dos "quatro seres viventes" (v. 5). Em algumas versões da Bíblia, a palavra hebraica aqui empregada é traduzida por "animais", mas o significado literal é "seres viventes". Ela é utilizada para todas as espécies de seres vivos, com exceção do ser humano. Com ela é mencionada uma determinada classe de anjos: os querubins[28] (10.20).[29] Esses seres poderosos têm uma função especial que está relacionada com a santidade, a majestade e o senhorio de Deus.[30] Eles também são denominado "tronos" no Novo Testamento (Cl 1.16). Na visão de Ezequiel os querubins formavam uma espécie de carro com vida, que carregava o trono de Deus (v. 26).[31]

Os querubins, de fato, são seres existentes, porém, as particularidades do seu aspecto simultaneamente possuem significados simbólicos que apontam para a glória de Deus, e a soberania e majestade do Seu ser e do Seu agir:

- Eles tinham forma de homem (v. 5): como é bom saber que Deus age com Suas criaturas de maneira que corresponda àquilo com o que um dia deveria ser revelado através do Seu Filho, o homem perfeito (Hb 1.1-2).
- As pernas, que pareciam como bronze polido (v. 7), indicam que o juízo de Deus é justo.[32] Os pés, que pare-

27 1Co 10.13.
28 "Querubim" (pronúncia em hebraico: *keruvim*) é a forma no plural da palavra "*Cherub*" (*keruv*).
29 Os "seres viventes" também são mencionados várias vezes no Apocalipse: Ap 4.6,7,8,9; 5.6,8.11; 6.1,2,5,7; 7.11; 14.3; 15.7; 19.4.
30 Gn 3.24; Sl 99.1; Hb 9.5.
31 Sl 18.10.
32 Por ocasião da construção do altar no Tabernáculo, que mostra simbolicamente o justo juízo de Deus sobre o pecado, foi utilizado o bronze (Êx 27.1-8).

ciam ser de bezerro, mostravam que o julgamento seria intransigente.[33]

- Sua movimentação era tanto linear (v. 9,12) como também sinuosa (v. 14): Deus age de acordo com princípios imutáveis e desenvolve sempre aquilo que Ele decidiu; o Seu juízo é firme e irrevogável.
- Suas quatro asas simbolizam o caráter e o modo de agir celestial e sublime de Deus.
- Seus quatro rostos comprovam a sabedoria e a inteligência de Deus (o rosto de homem), Sua majestade (rosto de leão), Sua paciência e insistência (rosto de boi)[34] e da rapidez e objetividade da ação julgadora divina (rosto de águia).

Exatamente essas características, no entanto, nos lembram também da glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele veio na graça e revelou todos esses quatro aspectos em Sua obra aqui na terra. Esses quatro traços despontam de maneira maravilhosa nos quatro Evangelhos:

- O leão aponta para o Rei de Israel, do qual Mateus testemunha.
- O boi lembra o Servo paciente, descrito por Marcos.
- O rosto de homem corresponde ao Homem perfeito, representado por Lucas.
- A águia finalmente simboliza o Filho de Deus, que desceu do Céu, e nos é apresentado no Evangelho de João.

As rodas do carro com vida, na terra (v. 15-21)

- A seguir são descritas as rodas do carro com vida que representam os querubins, na visão de Ezequiel. Essas rodas mostram que o trono de Deus não é estático. O

33 Ml 3.20.

34 A palavra hebraica *shor* aqui empregada se refere ao boi que debulha com paciência e força, em Dt 25.4.

Deus da Bíblia é um Deus que age de fato.[35] Ele não apenas criou o mundo, no princípio, mas Ele mantém Sua Criação permanentemente ativa.[36]

- Além disso, as rodas estavam na terra (v. 15): Deus interfere na história, Ele age no decorrer dela e Se revela através disso. Ele é o "que é, o que era", mas também o "que há de vir".[37] Quem acredita que Deus não age mais com a humanidade se engana;[38] no entanto, se Deus está agindo ou "olhando, quieto",[39] depende da Sua soberania que não muda; Ele permanece "o mesmo, ontem, hoje e para sempre".[40]
- Às vezes o trono de Deus se movia, às vezes ficava estático (v. 21). Existem épocas exatamente assim, em que o agir de Deus é claramente visível, mas também períodos em que nos perguntamos por que o Senhor não interfere. Ezequiel não conseguia prever as movimentações do carro em sua visão; do mesmo modo não podemos saber quando Deus agirá. Ele permanece soberano em Seus caminhos.[41]
- Os aros das rodas eram "altos" (v. 18): o que são os planos dos homens diante das intenções sublimes de Deus, e quem poderia se opor a Ele?
- Os aros das rodas estavam "cheias de olhos ao redor" (v. 18): nosso Deus é Onisciente.[42] Seu olhos[43] percorrem

35 Jo 5.17.
36 Cl 1.17; Hb 1.3.
37 Ap 1.4.
38 Sf 1.12.
39 Is 18.4.
40 Hb 13.8; Ml 3.6.
41 Rm 11.33.
42 1Sm 2.3; Sl 139; Rm 16.27.
43 A expressão "os olhos de Deus" é utilizada muitas vezes para deixar claro que Ele sabe plenamente de todas as coisas: 2Cr 6.20; Jó 34.21; Sl 34.15; 113.6; Pv 5.21; 15.3; Jr 16.17; 32.19; Zc 4.10; Hb 4.13; 1Pe 3.12.

toda a terra para agir em favor dos Seus, de acordo com Sua sabedoria.[44] Nada acontece por obra do acaso.

- Com essas rodas o carro de Deus podia se mover em todas as direções; apesar disso, elas não se viravam (v. 17): Deus acompanha a Sua obra em todos os tempos. Ele nunca precisa Se arrepender, nem lamentar posteriormente por alguma ação errada.[45] Essa característica é fundamental para o Seu ser: todos os Seus caminhos sempre são perfeitos.[46] Quanta diferença para nós![47] Quantas vezes nós já erramos e precisamos retornar ao caminho correto!
- As rodas e os seres viventes às vezes "se elevavam do chão" (v. 21): tanto na história da humanidade como em nossa própria vida existem períodos frequentes em que Deus permite propositalmente que as coisas continuem fluindo, sem que Ele interfira diretamente.[48] Apesar disso, Ele mantém o controle sobre a situação e, finalmente, tudo contribui conjuntamente para que Seus propósitos sejam cumpridos.
- Finalmente, o Espírito conduziu o carro ao proporcionar a devida relação para essa unidade constituída pelos seres viventes e as rodas (v. 20-21): Deus sempre age com perfeita harmonia e unidade; as ferramentas estão

44 2Cr 16.9.
45 Nm 23.19.
46 Dt 32.4.
47 Algumas passagens parecem indicar que Deus às vezes se arrepende de alguma coisa (ver Gn 6.6; Êx 32.14; 2Sm 24.16; 1Cr 21.15; Jr 26.13,19). Esses versículos, porém, têm um significado todo especial: por um lado, Deus tem propósitos eternos, que são imutáveis e os quais Ele nunca faz retroceder; por outro lado, a execução desses propósitos pode estar vinculada com "condições" que dependem do modo como as pessoas agem. As passagens indicadas acima, de modo nenhum afirmam que Deus tenha cometido algum erro e que, com isso, tivesse surgido a necessidade de alterar Seus planos. A expressão hebraica que aqui foi traduzida por "arrepender" ou termos semelhantes tem diversos significados, como: sentir arrependimento, ter compaixão, estar repleto de compaixão, sentir solidariedade, etc. Se for empregado com relação a Deus, ela expressa o Seu sentimento repleto de dor. A Bíblia nunca diz que Deus deveria demonstrar arrependimento por causa de Seus atos. Ele é e permanece perfeito e sublime em tudo que faz.
48 Is 18.4.

disponíveis, mas somente Ele determina a utilização de cada uma.

A visão das rodas é animadora para nós: Deus Se interessa pelo nosso destino. Ele não fica indiferente, nem inativo. Ele, no Seu tempo, agirá em nosso favor.

A voz do Senhor no Céu (abaixo do firmamento) (v. 22-25)

Acima dos querubins, Ezequiel viu algo semelhante ao Céu atmosférico, que ele denomina "firmamento" (ARA; v. 22-23,25-26).[49] A partir dali se ouviu a voz de Deus (v. 25). O Deus verdadeiro é um Deus que fala e deseja Se revelar às Suas criaturas. Ele nos fala através da Sua obra da Criação, através de Seu modo de dirigir a história, através da Escritura Sagrada, através de Seu Filho, que se tornou Homem nesse mundo, e através do Seu Espírito. Ouçamos a voz "daquele que nos adverte dos céus"![50]

Deus no trono da Sua glória (acima do firmamento) (v. 26-28)

Finalmente Ezequiel recebeu o privilégio de ver a Deus em Seu trono. Ele O identificou na forma de um homem (v. 26).[51] Deus Se apresentou dessa maneira a Ezequiel para que o profeta não morresse.[52] Não há qualquer possibilidade para um homem ver Deus na plenitude de Seu ser divino.[53] Essa semelhança nos lembra de que Deus criou o homem à Sua imagem. Sim, além disso, a visão antecipa a vinda de Deus em carne, na Pessoa do Homem Jesus Cristo.[54] Desde a ascensão de Jesus, há um Homem sentado à direita de Deus. Em Suas

49 Em Gn 1.8 a palavra "firmamento" (hebraico: *raqia'*) identifica o espaço atmosférico entre as nuvens, acima, e o mar, abaixo.
50 Hb 12.25.
51 Compare com a vinda do Messias nas nuvens do Céu, em Daniel 7.13.
52 Êx 24.10; 33.20; Ap 1.12-17.
53 1Tm 6.16.
54 Jo 1.14; 1Tm 3.16.

mãos encontra-se o governo do mundo,[55] do qual essa visão do carro de Deus serve de testemunha.

A visão, no entanto, não se encerra com esse aparecimento de brilho e fogo, mas com um arco-íris (v. 28). Após o Dilúvio, Deus havia dado o arco-íris como sinal para o homem, de que Ele nunca mais exterminaria a terra através da água.[56] Esse sinal da graça de Deus e do Seu acordo de paz permeia através de toda a Escritura e brilhará ao redor do trono do Cordeiro.[57]

Desse modo, Ezequiel viu "a glória do Senhor" (v. 28). Através dessa visão ele aprendeu – e nós com ele – que Deus determina e dirige tudo a partir do alto, mesmo que os acontecimentos aqui na terra se atropelem. Como é valioso reconhecer sempre novamente e de modo profundo, a grandeza, a majestade e a glória de nosso Deus!

Ezequiel se prostrou admirado e em adoração sobre o rosto. Para nós também acontecem momentos em que, ao observarmos a glória de Jesus nas Escrituras,[58] nossos corações são compelidos à adoração espontânea, agradecida e alegre?

2. A vocação de Ezequiel (2.1 – 3.27)

Orientações para a missão (2.1 – 3.11)

Enquanto o 1º capítulo terminava com adoração, o que representa um serviço para Deus, o 2º capítulo inicia com o chamado para servir aos homens. Essas nossas duas formas de agir não devem entrar em conflito entre si: ambas são importantes e devem ser exercidas no devido tempo.

O profeta Ezequiel foi tomado pela mais profunda admiração através da visão do Deus Altíssimo e, por isso, prostrou-

55 Mt 28.18.
56 Gn 9.12-17.
57 Ap 4.3.
58 2Co 3.18; 4.6.

-se sobre o seu rosto em adoração. Depois disso, no entanto, ele se pôs em pé e estava preparado para receber o chamado divino. Essa sequência vale também para nós, hoje: Deus chama crentes para Seu serviço que antes foram tomados em seu íntimo por Ele, quando através dos olhos de seus corações observaram a glória do Senhor Jesus nas Escrituras.[59]

O Senhor se dirige a Ezequiel dizendo: "filho do homem" (v. 1,3, etc.). Essa expressão, que é característica para o livro de Ezequiel, no vocabulário hebraico significa simplesmente "homem".[60] Nesse contexto é demonstrado como alguém consegue ser uma "pessoa" no sentido mais verdadeiro da palavra: ao admirar a grandeza e a majestade do único Deus Verdadeiro e reconhecer sua própria limitação e insignificância, prostrando-se diante Dele e ouvindo a Sua voz (1.28).

Uma segunda expressão característica do livro de Ezequiel é a designação para Deus de "Soberano Senhor"[61] (iniciando no v. 4). "Soberano" ou "Senhor" (*'adonai*) indica Aquele que detém todo o poder e que dirige a história com justiça e graça. "Senhor" (*YAHWEH*) é o nome próprio do Deus que tirou Seu povo do Egito e firmou uma aliança com ele.[62] No livro de Ezequiel, esse Nome faz lembrar que o Senhor ainda ama o Seu povo escolhido e que ainda o restaurará e abençoará. Toda vez que enxergamos esse maravilhoso nome conjugado, devemos nos lembrar que Deus está acima de todas as nossas

59 Ef 1.18.

60 A expressão aparece 107 vezes no Antigo Testamento, sendo 93 delas no livro de Ezequiel. A expressão "filho do homem", em hebraico, é *ben adam*. Nos idiomas semitas, a palavra "filho" é usada frequentemente para indicar que uma pessoa pertence a uma determinada classe. Assim, "filho do homem" significa: "alguém que pertence à classe das pessoas". Em alguns textos proféticos específicos do Antigo Testamento a expressão também é usada como designação para o Messias prometido, que honrava as pessoas pelo fato de se tornar uma delas (Dn 7.13; Sl 8.5; Lc 9.22).

61 Em hebraico: *'adonai Yahweh*. A conjunção desses dois nomes para Deus é encontrada 287 vezes no Antigo Testamento, sendo 210 vezes somente no livro de Ezequiel.

62 Êx 6.2-8.

dificuldades e que dirige toda a nossa vida até nos mínimos detalhes. Ele nos ama e tem pensamentos de paz para nós.[63]

O chamado de Ezequiel contém 4 pontos, os quais esclarecem o seguinte:

- sua posição: o Espírito o colocou em pé diante de Deus (2.1-2).
- seus ouvintes: Deus o enviou a um povo rebelde (2.3-8a).
- sua mensagem: ele precisou "comer" o rolo de um livro (2.8b – 3.3).
- sua recepção por parte dos ouvintes: ele seria rejeitado (3.4-11).

O Espírito de Deus tomou conta de Ezequiel para que este tivesse forças para se levantar e pudesse ser chamado para a missão (v. 2). Normalmente, no Antigo Testamento, o Espírito era concedido somente de tempos em tempos (3.24); Ele não morava nos crentes do modo como faz hoje.[64] Do mesmo modo, porém, como foi com Ezequiel, o Espírito Santo também age em nós, para que atendamos ao chamado para o serviço. O profeta estava "de pé" diante de Deus quando ele recebeu seu encargo, porque Deus deseja que simultaneamente reconheçamos o quanto somos pequenos diante Dele (1.28) e nos conscientizemos da dignidade que Ele nos concedeu.[65]

Logo de saída o Senhor informa que a missão de Ezequiel seria difícil, porque o coração dos seus futuros ouvintes estava endurecido, já que, apesar de terem ouvido a Palavra muitas vezes, não Lhe deram atenção (2.3-7; 3.4-9). Aconteceu a mesma coisa posteriormente, à época do Senhor Jesus: o povo permaneceu obstinado em rejeitá-Lo, de maneira que o

63 Jr 29.11.

64 O redimido da Era da Graça tem a promessa de que o Espírito Santo ficará com ele por toda a Eternidade (Jo 14.17).

65 At 9.6-8; 26.13-18.

Senhor, com muita tristeza, teve que dizer aos judeus: "vocês não querem vir a mim para terem vida".[66]

Hoje a situação é a mesma. Não é fácil para nós sermos testemunhas em uma sociedade em que o Evangelho já foi ouvido muitas vezes. Alcançar um povo, ao qual as Boas Novas ainda não foram anunciadas, muitas vezes é mais fácil, apesar das dificuldades que um idioma estrangeiro possa representar (3.5-6). No entanto, isso não diminui a utilidade e a importância de nossa missão: "quer ouçam, quer deixem de ouvir", diz o Senhor reiteradamente (2.5; 3.11). Com essa força que vem do Alto, sejamos testemunhas sinceras e decididas! Assim como fez com Ezequiel, Deus também nos dará o ânimo para cumprirmos nossa missão (2.6). Ele também nos concederá a atitude firme e decidida para esse serviço (3.8-9). Com a testa "como a mais dura das pedras" ou dura "como diamante" (ARA), não significa de modo algum que devemos endurecer nosso coração ou manter uma atitude intransigente diante dos incrédulos; significa muito antes apresentar claramente nossas convicções e nos resguardar dos conceitos de tolerância largamente difundidos e que se baseiam na negação da Verdade absoluta, tão comum em nossos dias.

"...diga-lhe as minhas palavras" (3.4): não podemos escolher a Mensagem e não precisamos confiar em nossas próprias ideias. Deus pede que simplesmente testemunhemos fielmente daquilo que ouvimos Dele.

Antes de partir, Ezequiel teve que comer o rolo de um livro. Em seguida, Deus lhe explicou o significado simbólico dessa atitude (3.10). Antes de transmitirmos a Palavra aos outros, nós mesmos precisamos aceitá-la e transformá-la numa base espiritual sólida para nosso ser. Ela deve ser guardada em nosso coração,[67] o ponto de partida de nossos pensamen-

66 Jo 5.40.
67 Sl 119.11.

tos e sentimentos, para que estes sejam dirigidos por ela! Sair da teoria para a prática não é um sacrifício vazio, mas uma "doce alegria" (3.3). Jeremias, que alguns anos antes disse: "Quando as tuas palavras foram encontradas eu as comi; elas são a minha alegria e o meu júbilo...",[68] teve uma experiência semelhante.

Nesse rolo estavam escritas "palavras de lamento, pranto e ais": o povo de Israel, que havia se desviado do seu Deus, tinha tempos difíceis diante de si. Os acontecimentos dos 2.600 anos que passaram desde que houve essa cena são provas suficientes.[69]

O retorno para Tel-Abibe (3.12-15)

Ezequiel se encontrava entre os deportados, junto ao rio Quebar, quando Deus lhe apareceu em uma visão (1.1-3). Depois de ter recebido o chamado, o Espírito o levantou e ele retornou ao rio Quebar (v. 14-15). O profeta não havia saído fisicamente da Babilônia, mas em espírito ele foi levado à terra de Israel para ver a tempestade vinda do norte (que simbolizava a chegada dos exércitos babilônicos) (1.4). O profeta recebeu o chamado para o serviço no lugar em que morava a glória do Senhor, isto é, em Jerusalém (v. 12), o local que Deus escolheu para morada do Seu Nome.[70] Posteriormente ele seria transportado pela segunda vez a Jerusalém para ver ali a abominação de seus compatriotas (8.3).

68 Jr 15.16.

69 Ao contrário do que era usual naquela época, esse rolo continha texto escrito nos dois lados. Esse fato incomum mostra as duas faces da Palavra de Deus: por um lado, ela alegra o coração dos crentes; por outro lado, ela anuncia juízo e também luto (compare o doce e o amargo, em Ap 10.9-10).

70 A expressão "a glória do Senhor" descreve a maravilhosa nuvem, ou coluna de fogo, que representava a presença de Deus no Templo de Salomão, em Jerusalém (2Cr 5.13-14). Esse local singular escolhido por Deus é mencionado 21 vezes em Deuteronômio (21 = 3 x 7): 12.5,11,14,18,21,26; 14.23,24,25; 15.20; 16.2,6,7,11,15,16; 17.8,10; 18.6; 26.2; 31.11. O fato de haver somente um lugar em que Deus era honrado, deveria servir de sinal para as nações de que Israel adora o único Deus Verdadeiro.

Depois dessa excepcional visão, Ezequiel precisou retornar para os exilados da Babilônia. Certamente esse retorno foi muito difícil para ele. Mas sua missão era na terra do inimigo. Não é fácil, à primeira vista, reconhecer os motivos da amargura de Ezequiel (v. 14). Provavelmente o profeta ficou abalado por causa do povo desobediente, que se recusava a obedecer a um Deus tão maravilhoso, povo esse para onde o Senhor o tinha enviado. Mais tarde, também Jesus olhou para o povo judeu "indignado e condoído com a dureza do seu coração".[71]

Foram necessários sete dias para que Ezequiel absorvesse essa visão da glória de Deus em seus pensamentos. Não devemos transmitir afoitamente aos outros aquilo que mal entendemos, ou falar apressadamente de nossas experiências profundas. Pelo contrário, devemos dar tempo para que o Espírito possa difundir em nós o profundo sentido da mensagem que Deus nos deu e que ela seja absorvida em nosso coração.

Chama à atenção que o profeta estava "entre" os exilados – aquelas pessoas entre as quais muitas estavam tão longe da glória de Deus – e meditava sobre a visão e o chamado que ele havia recebido (v. 15). Também nós precisamos viver "entre" tais pessoas que não conhecem o Redentor e que, por si só, não conseguem alcançar "a glória de Deus".[72] Desse modo, participamos dos seus problemas e podemos lhes levar "o evangelho da glória do Deus bendito".[73] Além disso, essa atitude nos mostra como devemos transmitir a mensagem que Deus nos confiou: quando Ele nos revela um aspecto da glória do Seu ser, isso não é motivo para nos considerarmos superiores aos outros. A humildade diante de nosso próximo anda lado a lado com a humildade diante de Deus (1.28b).

71 Mc 3.5 (ARA).
72 Rm 3.23.
73 1Tm 1.11 (ARA).

Seguindo o exemplo do apóstolo Paulo[74] e com submissão ao Senhor Jesus, um mensageiro precisa se tornar compreendido pelos seus ouvintes. Estes estarão mais dispostos a recebê-lo se ele não procurar se colocar acima deles. Para quem serve aos crentes em uma igreja existente vale a mesma regra.

A responsabilidade do profeta (3.16-21)

Decorrida uma semana, Deus mostrou a Ezequiel a extensão da sua responsabilidade. Essa exortação se torna ainda mais significativa quando observamos que ela é repetida no início da terceira parte do livro (33.1-9). Nos versículos 18-21 são apresentados quatro casos. Em dois deles, trata de um ímpio (v. 18-19) e duas vezes trata de um justo, que comete injustiças (v. 20-21). Para cada um deles, Deus menciona:

- a atitude do mensageiro: ou ele negligencia sua responsabilidade como vigia e não faz nenhuma exortação (v. 18,20) ou ele de fato exorta (v. 19,21);
- a atitude do ouvinte, que pode tanto atender à exortação ou ignorá-la;
- o destino do ouvinte, que dependerá da sua atitude: se ele atender à exortação, ele viverá (v. 21), se ele a ignorar, morrerá (v. 18-20);
- o destino do mensageiro, que dependerá da sua fidelidade em transmitir a mensagem e não do resultado que está nas mãos de Deus; mas sua responsabilidade é tão grande que ele carrega a culpa pela morte do pecador quando ele se cala ao invés de falar: "a cada um pedirei contas da vida do seu próximo".[75]

No Novo Testamento, o mensageiro negligente carrega igual responsabilidade: "Portanto, eu declaro hoje que estou inocente do sangue de todos", diz Paulo aos anciãos de

74 1Co 9.20-23.
75 Gn 9.5.

Éfeso, "pois não deixei de proclamar a vocês[76] toda a vontade de Deus".[77] Em outra passagem, Paulo exclama: "Ai de mim se não pregar o evangelho!"[78] Naturalmente, o motivo mais importante para nosso testemunho é "o amor de Cristo" que deve nos "constranger".[79] Quando, porém, esse amor esfria em nosso coração, então nossa consciência precisa ser mantida despertada, o que pode acontecer através de tais versículos.

No entanto, o que podemos fazer quando negligenciamos nossa responsabilidade de exortar os pecadores e quando Deus requer o sangue deles de nossas mãos? Também nesse caso alcançaremos o perdão se reconhecermos nosso pecado.[80] E quando nossos pecados forem "vermelhos como escarlate" (a cor do sangue), eles podem tornar-se brancos como a lã.[81] Há perdão pleno disponível também para a culpa de sangue.

A glória do Senhor no vale (3.22-27)

Ezequiel olhou para a glória do Senhor pela segunda vez, antes de iniciar sua missão. Sendo profundamente impressionado pela visão, ele novamente se prostrou diante do Onipotente (v. 22-23). Da mesma maneira como acontece pela primeira vez, também agora ele recebeu forças do Espírito para levantar-se e cumprir sua missão para com as pessoas (v. 24; 2.2). Não é suficiente que tenhamos sido impressionados pela majestade do Senhor Jesus apenas em uma determinada ocasião, pois essa experiência precisa ser renovada constantemente em nossa vida, para que Deus seja glorificado.

76 At 20.26-27.

77 Quanto ao significado dessa passagem, pode-se observar que Paulo nem se refere à pregação do Evangelho, mas à ação da Palavra entre os crentes. Se Paulo não tivesse pregado "toda a vontade de Deus", ele se tornaria culpado no sangue dos crentes da igreja de Éfeso. Vemos, assim, o quanto é importante o ensino abrangente e equilibrado, que não se restringe a escolher e dar ênfase apenas aos mesmos pontos (preferidos) das Escrituras. Esse é um dos aspectos a que se refere a expressão "sã doutrina" (Tt 2.1).

78 1Co 9.16.

79 2Co 5.14.

80 1Jo 1.9.

81 Is 1.18.

Ezequiel precisou proclamar sua mensagem em casa, ao contrário de Jeremias, que se apresentou exposto em público.[82] Independentemente de nossa posição, de nossos dons ou de nossa idade, somos conduzidos a falar de Deus no âmbito particular ou em público; o Senhor pede sempre que sejamos vigias fiéis.

Ezequiel deveria normalmente permanecer totalmente mudo (v. 24-27). Ele poderia falar somente se Deus lhe confiasse uma mensagem (v. 27).[83] Uma atitude dessas deveria ter efeitos extremamente singulares, chocantes. Aqui, no entanto, com esse povo rebelde (v. 26), a seriedade da mensagem de Ezequiel, através do seu silêncio, foi ainda mais significativa. Foi somente após a destruição de Jerusalém que Ezequiel, obedecendo às ordens de Deus, mudou seu procedimento (24.25-27; 33.21-22). Assim, nosso serviço para o Senhor pode sofrer mudanças, ele não precisa seguir a regras eternamente iguais.[84] Permitamos que o Espírito nos dirija, Ele, que "sopra onde quer",[85] como o vento cuja direção não se pode determinar previamente!

3. O anúncio da destruição de Jerusalém (4.1 – 5.17)

A partir do capítulo 4 inicia o trabalho de Ezequiel. Deus lhe ordenou que executasse diversas ações simbólicas para

82 Jr 19.14.

83 De um modo geral, os exilados gostavam de ouvir as mensagens de Ezequiel, porém, eles não faziam o que Deus lhes pedia através do profeta (33.30-33). Não há nenhuma indicação de que ele, a exemplo de Jeremias, tivesse sido atacado. A forma impessoal do verbo no modo futuro, como na frase: "você... será amarrado com cordas; você ficará preso" (v. 25), não se refere a uma ação dos exilados, mas de Deus (4.8). Essa forma de expressão, em que o sujeito impessoal se refere a Deus, também é encontrada em outras passagens da Escritura Sagrada (p.ex.: Ap 13.7).

84 At 8.26.

85 Jo 3.8; 1Co 2.15.

apresentar sua mensagem. Esses sinais antecipavam o que aconteceria no futuro com o povo de Israel.

Deus tinha um duplo objetivo com isso:

- primeiramente em relação aos exilados, que eram rebeldes diante de Deus (3.26-27): as ações deveriam despertar sua atenção e fazê-los pensar no significado da mensagem que lhes foi transmitida dessa maneira;
- depois, em relação ao profeta: essas representações, que em parte eram desagradáveis para ele, permitiriam que ele se identificasse com o seu povo humilhado e sofredor. Um servo de Deus que sofre é muito mais capaz de entender e de exortar àqueles que estão nessa mesma situação.

A Jerusalém sitiada (4.1-3)

O primeiro sinal anunciava que Jerusalém seria sitiada, o que de fato aconteceu no ano 586 a.C. e que teve fim com a completa destruição da cidade. Mesmo que a visão de Ezequiel deveria iniciar com a destruição de Jerusalém, não devemos esquecer que a visão gloriosa encerra com essa cidade no Reino Milenar (48.35).

O muro de ferro entre o tijolo (que simbolizava a cidade) e o profeta, lembrava o alerta que Isaías já havia feito: "Mas as suas maldades separaram vocês do seu Deus".[86]

Os anos de injustiça (4.4-8)

Para o segundo sinal, Ezequiel foi mais exigido pessoalmente. Ele deveria ficar deitado por um certo período de tempo para "carregar" a iniquidade do seu povo.

Logicamente tratava-se de uma clara ação simbólica que não tinha nenhum valor substituto. No entanto, ela serve de prenúncio do sacrifício de nosso Senhor Jesus, dado que "o

86 Is 59.2.

Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós", "pois ele levou o pecado de muitos".[87]

Dois períodos subsequentes são mencionados:

- O primeiro diz respeito à "casa de Israel" (4.4 – ARA). No livro de Ezequiel, essa expressão é usada alternadamente para indicar todo o povo das 12 tribos, como também para o Reino do Norte com 10 tribos. Após a morte de Salomão, o Reino de Israel, do Norte, desmoronou diante da idolatria e assim rejeitou o verdadeiro Deus. Também o Reino do Sul, com as tribos de Judá e Benjamim, seguiram o mesmo caminho e foram ainda piores do que o Reino do Norte. A destruição de Jerusalém, no ano de 586 a.C., e o fim do governo da casa de Davi, que havia sido instituído por Deus, assinalam o juízo de Deus sobre essa terrível sequência.[88] De acordo com uma acurada cronologia bíblica, na qual os números do texto bíblico foram considerados seriamente, o tempo decorrido entre a divisão do reino até à destruição de Jerusalém através de Nabucodonosor foi de exatos 390 anos.
- A segunda parte trata da tribo messiânica, relacionada com Benjamim, "a casa de Judá" (4.6 – ARA). Os 40 anos de injustiça se referem profeticamente ao período a partir do ano 30 d.C., e à destruição total de Jerusalém no ano 70 d.C. pelos romanos.[89] Esse período iniciou com a rejeição ao Messias, quando os líderes do povo começa-

87 Is 53.6,12.

88 Por sinal, a história de "Israel", isto é, a história das 10 tribos, não encerrou com o exílio definitivo para a Assíria, no ano 722 a.C. Houve inúmeros israelitas das 10 tribos do Reino do Norte que se refugiaram no Reino do Sul (2Cr 15.9; 30.6-11). A consequência disso foi que em Judá havia representantes de todas as 12 tribos. Isso explica a razão pela qual, à época de Jesus, todas as 12 tribos puderam servir a Deus no Templo (At 26.7). Além disso, deve-se observar que a Carta de Tiago, cujos destinatários eram judeus crentes no Messias, foi endereçada a todas as 12 tribos (Tg 1.1).

89 A maioria dos cálculos cronológicos da Bíblia atualmente se baseiam na tabela de E. Thiele. No entanto, Thiele não chega aos 390 anos para esse período porque ele infelizmente não levou a sério alguns números da Bíblia e assim os desconsiderou de modo imperdoável. Além disso, ele considerou uma corregência num lugar em que a Bíblia não faz nenhuma referência a ela.

ram a procurar uma oportunidade para assassinar o Senhor Jesus, o Messias prometido.[90] No ano 32 o Messias foi crucificado em Jerusalém. A maioria do povo não se arrependeu, e 40 anos depois, a cidade foi destruída e o povo judeu foi espalhado por todo o mundo. Nesse episódio, Judá, a tribo líder da qual sairia o Messias (Gn 49.10) teve uma responsabilidade especial.[91]

Conforme ainda veremos no desenvolvimento deste livro, há uma estreita ligação entre a destruição de Jerusalém no ano 586 a.C., com a do ano 70 d.C.

A comida imunda (4.9-17)

A terceira ação anunciava a crise de fome durante a ocupação de Jerusalém ("cortarei o suprimento de comida" – 4.16; ver também 5.16; 14.13). O melhor pão era feito com trigo, mas quando este não era suficiente, era necessário acrescentar outros ingredientes de menor qualidade (v. 9). Os "vinte ciclos de água" (cerca de 200 g) (4.10 - ARA) e a "sexta parte de um him" de água (0,6 l) (4.11 - ARA) eram muito menos do que a necessidade diária no Oriente Médio.

Ezequiel deveria comer pão que se tornava repugnante pelo modo impuro de preparo (4.12). Isso servia para mostrar aos judeus exilados que, tanto na Babilônia como também à época posterior ao ano 70, eles seriam obrigados muitas vezes a ingerir alimentos que eram considerados impuros pela lei judaica.[92] Na condição de judeu fiel (4.14), o profeta externou o desejo de não se alimentar desse modo repugnante,[93] apesar de se tratar de uma ordem recebida de Deus. Isso contra-

90 Mc 3.6.

91 É muito interessante observar que os 40 anos que antecederam à destruição do Segundo Templo no ano 70 também desempenham um papel significativo na literatura rabínica. De acordo com o Talmude Babilônico – a coletânea de escritos mais importante do Judaísmo Ortodoxo –, Deus não aceitava mais os sacrifícios (*BT Sanhedrin 39b*) no Dia do Perdão (*Yom Kippur*).

92 Os 9.3-4.

93 Ver o paralelo em At 10.14.

riava tudo o que ele estava acostumado a fazer e também aos seus sentimentos naturais. Por isso, Deus permitiu que ele modificasse o modo de preparo (v. 15). É comovente observar como Deus tem consideração com o direcionamento natural de nossa consciência. Ele sabe que precisamos de tempo para mudar nosso ponto de vista nesses casos. Essa sensibilidade divina serve de exemplo para nós nos relacionamentos com nossos irmãos.[94]

O cabelo e a barba raspados (5.1-17)

Ezequiel precisou envolver-se ainda muito mais pessoalmente: Deus lhe ordenou que raspasse o seu cabelo e sua barba. Em seguida, deveria repartir o cabelo em três porções.

A explicação para esse sinal consta no versículo 12:

- Um terço de Jerusalém morreria de peste e de fome (chegando a ter até canibalismo);
- Um terço morreria na guerra ("espada");
- Um terço seria espalhado entre as nações; no entanto, uma parte desses morreria posteriormente em perseguições (v. 12).

Moisés já havia anunciado esse castigo,[95] e a história de Israel, a partir dessas profecias, confirmou que Deus cumpriu Sua Palavra. Deus justifica Seu juízo ("portanto"; v. 7,10,11) e pesa a responsabilidade de cada indivíduo (v. 1). A catástrofe se abateria sobre Jerusalém porque seus moradores viveram de maneira mais imoral do que a dos gentios ao seu redor. E isso, apesar de terem o enorme privilégio de pertencerem ao povo escolhido de Deus.

Nossa posição como cristãos é ainda mais privilegiada do que a do povo de Deus aqui da terra. Assim, não devemos es-

94 Rm 14.1-23; 15.1-7.
95 Lv 26.14-33; Dt 28.15-68.

quecer que essa nobreza nos obriga a colocarmos em prática os ensinamentos da Bíblia em nossas vidas.

4. O anúncio da destruição do país (6.1 – 7.27)

A expressão "saberão que eu sou o Senhor" aparece sete vezes nos capítulos 6 e 7, com algumas pequenas variações (6.7,10,13,14; 7.4,9,27).[96] Através disso, os temas abordados nesses dois capítulos ficam claramente caracterizados: há um total de seis passagens que terminam com a mesma frase.

O juízo sobre os montes de Israel (6.1-7)

Esses "montes" são as regiões elevadas que eram especialmente apreciadas pelos judeus idólatras, para, seguindo o exemplo dos cananeus, erguer imagens e altares pagãos, para servir aos seus falsos deuses. Por isso, Ezequiel deveria emitir um juízo especialmente em referência aos montes de Israel. Tudo o que tivesse relação com idolatria seria destruído pelos inimigos, nesses montes. O profeta emprega uma expressão hebraica específica para "ídolos", para indicar o seu desprezo contra a idolatria (6.4,5,6,9,13), que significa algo como "tronco".[97] Essa expressão característica utilizada por Ezequiel pretende esclarecer o quão insensato é adorar a matéria inanimada.[98] Tais adoradores realmente perderam todo e qualquer juízo.[99] Todavia, quão terrível é o castigo que aguarda aqueles que se afastam do Deus vivo, para adorar deuses falsos e inani-

96 Essa aplicação é característica do livro de Ezequiel, onde ela aparece (com diversas variações) 77 vezes. É notório que a expressão não consta mais nos capítulos 40 a 48: no Reino Milenar, o povo conhecerá o seu Deus (Is 11.9b).
97 Essa expressão aparece 48 vezes no Antigo Testamento, sendo 39 delas no livro de Ezequiel.
98 Compare Sl 115.4-8.
99 Is 44.19.

mados! A idolatria esteve presente em toda a história humana. Hoje em dia ela às vezes assume formas mais dissimuladas ou sutis, mas nem por isso torna-se menos perigosa.[100] O juízo sobre "os montes de Israel" (6.2) certamente virá! A expressão "os montes de Israel" é característica de Ezequiel. Ela é encontrada 18 vezes nesse livro. No restante do texto bíblico, no entanto, essa expressão nunca é encontrada.[101]

A cadeia de montes mais importante, e já habitada e colonizada no tempo do Antigo Testamento, se estende de norte a sul e se localiza principalmente na Samaria e Judeia. O posto avançado do extremo norte da terra de Israel, já nos tempos bíblicos, era a localidade de Dã, enquanto a fronteira do sul era marcada pela cidade de Berseba, na margem do deserto de Neguebe. As seguintes passagens mostram isso claramente:[102]

"Então todos os israelitas, de Dã a Berseba, e de Gileade, saíram como um só homem e se reuniram em assembleia perante o Senhor, em Mispá" (Jz 20.1).

"Todo o Israel, desde Dã até Berseba, reconhecia que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor" (1Sm 3.20).

"Então decidiram fazer uma proclamação em todo o Israel, desde Berseba até Dã, convocando o povo a Jerusalém para celebrar a Páscoa do Senhor, o Deus de Israel, pois muitos não a celebravam segundo o que estava escrito" (2Cr 30.5).

Quando observamos a topografia elevada entre Dã e Berseba, verificamos que, no geral, ela corresponde à região atualmente denominada de Cisjordânia. Essa região, de acordo com Ezequiel 6 e 7, recebeu uma maldição especial da parte de Deus. Isso podemos ver claramente também na história

100 Cl 3.5; 1Jo 5.21.

101 Todas as passagens em que aparece a expressão "os montes de Israel": Ez 6.2,3; 19.9; 20.40; 33.28; 34.13,14,14; 35.12; 36.1,1,4,8; 37.22; 38.8; 39.2,4,17.

102 Todas as passagens que mencionam Dã e Berseba conjuntamente: Jz 20.1; 1Sm 3.20; 2Sm 3.10; 17.11; 24.2,15; 1Rs 4.25; 1Cr 21.2; 2Cr 30.5; Am 8.14.

dos Séculos 20 e 21. Assim, hoje somos testemunhas da maldição divina sobre essa região.

É interessante observar que Ezequiel, além das 18 vezes em que fala dos "montes de Israel", ainda se refere duas vezes ao monte do Templo como o "alto monte de Israel" (Ez 17.23; 20.40). Trata-se do monte que hoje se encontra absolutamente no centro do conflito pela Cisjordânia. Aliás, a expressão "alto monte de Israel" é encontrada apenas no livro de Ezequiel.

O juízo produz frutos: um remanescente voltará ao seu Deus (6.8-10)

Apesar do juízo muito rigoroso, Deus prometeu poupar "alguns". Esse remanescente seria disperso no exílio entre as nações antes de ser levado ao arrependimento. Ainda não podemos considerar que esta profecia já se tenha cumprido. Ela aponta para o período de juízos do fim dos tempos, após o Arrebatamento da Igreja (compare Zc 13.8).

Esses versículos também mostram que Deus promove uma ação profunda no coração. Ele não se contenta apenas em mudar nosso comportamento, mas quer nos levar ao ponto de termos "nojo" de nós mesmos (v. 9; 20.43; 36.31). Será que algumas das provações que Ele nos envia não servem justamente para esse fim?

O juízo com espada, fome e peste (6.11-14)

Deus ordenou que Ezequiel batesse com as mãos e com os pés. Quando o juízo está próximo, o mal precisa ser condenado com rigor ainda maior. Também nesse ponto o juízo é descrito mais detalhadamente: o povo sofreria com guerra, fome e epidemias (6.11-12). Os montes de outrora, "que manam leite e mel",[103] se tornariam desertos (6.13-14).

103 Êx 3.8,17; 13.5; 33.3.

O juízo é geral (7.1-4)

Esses versículos anunciam que o juízo de Deus não se restringiria aos "montes de Israel", mas que se estenderia a toda a "terra de Israel" (7.2).

O juízo está próximo (7.5-9)

Deus revelou a Ezequiel que o tempo da Sua paciência estava no fim (7.5-7). O juízo seria executado sem qualquer compaixão porque era justificado (7.8-9). Da mesma maneira – após ter demonstrado Sua paciência – Deus em breve dará livre curso para Sua ira e julgará os incrédulos do nosso tempo.[104] Devemos alertá-los de que esse dia realmente está próximo!

O juízo é merecido e será terrível (7.10-27)

O juízo sobre o povo de Deus era inevitável, devido aos seus pecados. O Senhor enumera alguns deles:

- Orgulho (7.24);
- Violência e criminalidade (7.23);
- Injustiça (7.13)
- Iniquidade (7.16,19);
- Idolatria (7.20).

O ouro e a prata com frequência eram motivo para fazê-los "tropeçar na iniquidade" (7.19). Paulo confirma que o dinheiro não consegue satisfazer "a alma": "pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males".[105] As riquezas que não ajudariam os judeus durante a ocupação de Jerusalém,[106] também não conseguirão livrar ninguém da morte eterna. Somente o sangue de Cristo tem valor suficiente diante de Deus.[107]

104 Rm 1.18; 2.5.
105 1Tm 6.10.
106 Pv 11.4.
107 1Pe 1.18-19; compare Sf 1.18.

Os capítulos 6 e 7 contêm várias repetições impressionantes que ressaltam a seriedade e a irrevogabilidade do juízo. A passagem encerra com mais um juízo, devido à falta da correta orientação política e religiosa do povo de Deus (7.25-27). As três fontes de conhecimento (o profeta, o sacerdote e o ancião) se esgotarão. Deus ficará em silêncio, e a paz buscada ansiosamente pelo povo não chegará (7.25).

Através da repetição da frase "saberão que eu sou o Senhor" ao fim de cada profecia, fica claro que o cumprimento das predições divinas conduz ao reconhecimento do Senhor, o único Deus verdadeiro. Assim, uma profecia cumprida se torna um recurso eficiente para provar ao incrédulo que a Bíblia é a Palavra de Deus. Ela prova que o Deus da Bíblia é o Deus verdadeiro. Esse Deus está acima do tempo e do espaço e mantém o desenvolvimento da história bem como nosso destino pessoal em Suas poderosas mãos. Não são poucos os que se converteram depois de terem sido convencidos da verdade e da inspiração divina da Bíblia, devido ao cumprimento de profecias. Devemos utilizar mais esse meio para o evangelismo, do mesmo modo como Paulo e Apolo faziam.[108]

II. A Glória do Senhor no Primeiro Templo (8 – 11)

A segunda passagem da parte do livro de Ezequiel, que trata do tema "A Decadência de Israel" (Ez 1 – 24), é assim construída:

1. A idolatria no Templo (8.1-18);
2. O juízo sobre os habitantes de Jerusalém (9.1-11);

108 At 9.22; 18.28.

3. A glória abandona o Templo (10.1-22);
4. Jerusalém, uma panela (11.1-13);
5. O santuário dos exilados (11.14-25).

1. A idolatria no Templo (8.1-18)

Em agosto/setembro de 592 a.C., o sacerdote Ezequiel recebeu a visita das autoridades de Judá (v. 1). Deus escolheu essa época para lhe enviar uma nova visão, sim, sua mensagem estava dirigida, em primeira linha, a esses homens com cargos de responsabilidade. Aqueles que receberam de Deus a função de dirigir o Seu povo, desde então carregam uma responsabilidade especial quanto à sua situação moral.

Primeiramente Ezequiel viu um ser amedrontador. Quando comparamos a sua descrição com a do capítulo 1 e com a do filho do homem em Apocalipse 1, praticamente não restam dúvidas que se trata da descrição do Filho de Deus. Ela se encontra no início dessa visão para nos lembrar do "temor que se deve ao Senhor",[109] e que Deus O colocou como Juiz sobre todos,[110] ou seja, em primeiro lugar sobre o Seu povo.

Em seguida, Ezequiel teve o privilégio de ser levado numa visão ao suntuoso Templo de Salomão, em Jerusalém. O que ele descobriu lá, no entanto, foi profundamente desanimador: seus compatriotas haviam enchido o lugar santo com abomináveis imagens de ídolos, as quais provocavam o "ciúme" de Deus (v. 3), levando Ele a Se afastar (v. 6). É muito perigoso para alguém se opor dessa maneira ao Deus santo,[111] pois, assim se atrai o juízo implacável de Deus sobre si (v. 18).

109 2Co 5.11 (ACF).
110 At 10.42.
111 1Co 10.22.

O ídolo do ciúme (v. 1-6)

O primeiro ídolo que Ezequiel viu estava colocado no lado norte do altar (v. 3,5), onde eram imolados os animais que seriam sacrificados para a glória do Senhor.[112] Colocar uma "abominação" nesse local era algo que despertava uma ofensa a Deus especialmente desafiadora. Que perversidade repugnante, diante da glória do Senhor que ainda se encontrava ali (v. 4)! Ninguém pode servir a dois senhores,[113] e a escolha de um outro, obriga Deus a Se afastar (v. 6), pois o Altíssimo não tolera nenhum rival. O sentimento, que é identificado pela palavra "ciúme", é algo sublime[114] quando está relacionado com Deus. Está estreitamente ligado com Sua majestosa santidade e com Seu amor imponente. Como é possível permanecer apático diante do coração ferido de Deus devido à idolatria do Seu povo (v. 6)?

A abominação secreta (v. 7-13)

Em seguida, Ezequiel foi levado a um lugar em que havia 70 anciãos em uma câmara secreta, no Templo, onde serviam a ídolos. Esses líderes se consideravam inteligentes, todavia, ao honrarem representações de animais impuros, tornaram-se tolos.[115] Que ironia: esses homens, que acreditavam que o Senhor não os enxergava (v. 12) eram observados não só por Deus, mas também por um profeta que vivia a mais de mil quilômetros de distância (v. 12a)!

Jazanias,[116] filho de Safã, desempenhava a função principal entre esses líderes decaídos (v. 11). Seu pai havia desempenhado um papel importante durante o reavivamento espiritual

112 Lv 1.11.
113 Mt 6.24.
114 Êx 20.5; 2Co 11.2; Tg 4.4).
115 Rm 1.22-23.
116 Deus não apenas vê tudo, mas também ouve tudo, exatamente como indica o nome desse homem: Jazanias = o Senhor ouve.

sob o reinado do rei Josias.[117] Esse filho de Safã, terrivelmente desviado, também tinha irmãos e sobrinhos que eram tementes ao Senhor.[118] Assim, ele se torna um triste exemplo para alguém, cuja situação familiar é privilegiada, mas apesar disso volta suas costas para Deus. A fé não é hereditária. Cada indivíduo é pessoalmente responsável diante de Deus.

Essa cena nos lembra das "obras infrutíferas das trevas", daquelas coisas que "fazem em oculto" e que, por orientação de Paulo, devemos evitar e condenar.[119] Visto sob a ótica moral, nosso corpo é um "santuário do Espírito Santo";[120] no entanto, pode ocorrer que guardamos pensamentos impuros nos cantinhos mais escondidos de nosso coração. Seja diretamente ou através de um dos Seus servos, Deus "rompe a barreira": Ele quer nos mostrar o problema para que o condenemos.

O lamento por Tamuz (v. 14-15)

Numa terceira cena, Ezequiel viu mulheres que honravam a Tamuz, um deus sumério. De acordo com a mitologia, ele era o deus da vegetação, o protetor das lavouras e dos rebanhos. A crença era de que ele morria a cada ano, no final do verão, o que explica o choro das mulheres nesse dia aqui descrito. Os adoradores de Tamuz acreditavam que esse deus dos pastores dos rebanhos ressuscitava na primavera. Essas mulheres, de Ezequiel 8, choravam por um deus morto, no Templo que deveria servir unicamente para o louvor do Deus vivo, e dedicavam à natureza e às supostas forças cósmicas, a honra que era devida somente ao Criador.[121] Esse mesmo culto vem crescendo cada vez mais também em nossa sociedade ocidental, onde a proteção ao meio-ambiente adquire cres-

117 2Cr 34.14-20.
118 Na Escritura estão mencionados os nomes de seus irmãos (Aicam, Eleasa, Gemarias, e os sobrinhos Micaías e Gedalias) e seus atos (Jr 26.24; 29.3; 36.10-11; 40.7).
119 Ef 5.11-12.
120 1Co 6.19.
121 Rm 1.25.

centes traços religiosos e onde são propagados valores como a "volta à natureza", ambos aspectos que acompanham o chamado movimento da "Nova Era".

A adoração ao sol (v. 16)

No pátio interno do Templo, Ezequiel viu 25 homens[122] próximos ao altar, que adoravam o sol. O Templo em Jerusalém testemunhava do único Deus verdadeiro. Israel havia recebido ordens expressas para adorar ao Senhor, com sacrifícios, em um só lugar, o que configurava um contraste em relação aos inúmeros templos pagãos.[123] Um único Templo para um único Deus. No centro dele, no Santo dos Santos, encontrava-se a Arca da Aliança. Ela continha as duas tábuas, em cujo início estava escrita a inconfundível proibição de adorar outros deuses.[124] Além disso, o Templo estava orientado para o oriente, de modo que os adoradores, ao chegarem para encontrar a Deus, estivessem de costas para o sol.[125] Com toda a consciência, esses 25 rebeldes faziam exatamente o contrário do que Deus havia planejado: eles ficaram de costas para o Templo com o Santo dos Santos e, em consequência, para o Senhor, para que pudessem adorar um deus falso (v. 16). Esse procedimento é justamente o contrário ao da conversão. Ao se converter, a pessoa se afasta dos falsos deuses e se dirige ao Deus verdadeiro, para servir somente a Ele.[126]

122 O número 25 poderia ser uma alusão aos líderes das 24 salas dos sacerdotes (1Cr 24), os quais, por sua vez, estavam subordinados ao sumo sacerdote.

123 Dt 12.13-14.

124 Êx 20.1-6.

125 Essa forma construtiva é justamente contrária à de muitos templos pagãos, que são construídos em direção ao oeste, para que os adoradores dos ídolos, ao entrarem no templo, estivessem com o rosto voltado em direção ao sol nascente. Assim, por exemplo, muitos templos egípcios são construídos em direção ao oeste.

126 1Ts 1.9.

O juízo de Deus (v. 17-18)

Os judeus idólatras haviam assimilado as imagens e os ritos religiosos dos povos vizinhos, que não conheciam Deus. Diante de tanta abominação no Templo, Deus decidiu irrevogavelmente pela sua condenação (v. 18). Como esse juízo era justificado! Agora Ezequiel conseguia imaginar e entender muito melhor o plano de Deus.

2. O juízo sobre os habitantes de Jerusalém (9.1-11)

Os sete mensageiros (v. 1-2)

Após essa quádrupla visão de idolatria praticada pelos judeus no Templo (cap. 8), Ezequiel observou Deus enviando sete mensageiros para Jerusalém. Esses personagens celestiais, que apareceram em forma humana, formavam dois grupos:

- Seis deles vieram para executar o juízo que Deus havia anunciado e que estão relatados no capítulo anterior (v. 1-2). A entrada deles através da porta superior, "que está voltada para o norte", já mostrava de onde viria o juízo: os babilônios atacaram Jerusalém vindos dessa direção.[127]
- No meio do grupo havia um sétimo homem. Suas vestes de linho lembram os sacerdotes[128] e simbolizam a santidade de Deus. Esse homem não carregava nenhuma arma de destruição, muito pelo contrário, ele havia recebido a missão de preservar do juízo aqueles que, entre

127 Pelo ponto de vista estratégico, o lado norte de Jerusalém era o ponto vulnerável da cidade. Por ali, Jerusalém foi atacada pelos romanos em 70 d.C. Também na Guerra dos Seis Dias, em 1967, os israelenses conquistaram a cidade antiga a partir do norte e entraram pela Porta dos Leões.

128 Lv 16.4.

o povo decaído, haviam se mantido ligados ao Senhor. Desse modo, ele aponta para o Senhor Jesus, "que nos livra da ira que há de vir".[129]

Esses mensageiros "se puseram ao lado do altar de bronze", esse que simbolizava a cruz e o sacrifício remidor de Jesus Cristo. A morte de Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o meio através do qual a graça divina nos salva do juízo. Aqueles, no entanto, que recusam essa salvação, cairão sob o juízo impiedoso do Deus Santo.

A glória começa a se retirar do Templo (v. 3a)

Simultaneamente com a chegada desses mensageiros, inicia a saída do Senhor: após ter abandonado o Santo dos Santos, a glória do Senhor se moveu para a entrada do Templo.[130] O trono de Deus não é somente o trono da graça, mas também é o trono do juízo, como indica a menção dos querubins.[131]

Os fiéis são preservados (v. 3b-4)

De um modo geral, o povo havia rejeitado a Deus. Apesar disso, ainda havia homens em Jerusalém que suspiravam (sofrimento interior) e gemiam (protesto exterior audível) por causa da idolatria generalizada (v. 4). Em todas as épocas, Deus preservou um "remanescente" que O ama,[132] e que será poupado diante do juízo.[133] E nós, somos daqueles que se importam pela situação moral da sociedade em que vivemos?[134] Lembremo-nos de Paulo, que foi às lágrimas por causa do comportamento de algumas pessoas.[135]

129 1Ts 1.10.
130 Compare também Ez 8.4.
131 Já na primeira vez que os querubins são mencionados na Bíblia (Gn 3.24), esses anjos aparecem como mensageiros do juízo de Deus.
132 Rm 11.1-6; Ap 2.24-25; 3.4; Is 10.20-21; 37.31-32.
133 Ml 3.15-18 (ARA)
134 Sl 119.136.
135 Fp 3.18.

Aqui o remanescente recebeu um sinal sobre a testa (v. 4,6). A expressão hebraica traduzida por "sinal" é indicado pela última letra do alfabeto hebraico, *thav*, e que corresponde à nossa letra "t".[136] À época de Ezequiel ela de fato era escrita no formato de uma cruz. Assim, os crentes de Jerusalém foram preservados do juízo de Deus com o sinal da cruz que o homem com vestes de linho havia assinalado em suas testas. Esse acontecimento determinado por Deus tem dupla aplicação:

1. Um significado profético: durante o período da futura Grande Tribulação, os crentes receberão um sinal semelhante.[137] Eles estarão com o nome do "Pai" e o nome de "Jesus" escrito em suas testas.[138] Em comparação, aqueles que seguiram à besta e ao falso profeta terão uma marca idólatra em suas testas.[139]
2. Um significado moral: o conteúdo da visão de Ezequiel nos mostra uma significativa referência à Obra do Senhor Jesus na cruz, através da qual são salvos aqueles que tinham estado sob o juízo de Deus.[140] A "testa" simboliza a capacidade de pensar das pessoas. Se carregamos a cruz em nossa testa, significa que Jesus e a cruz são o ponto central de todos os nossos pensamentos.[141]

A letra *thav* também era usada como assinatura.[142] Hoje Deus sela com o Espírito Santo aqueles que creem[143] e assim identifica os que Lhe pertencem.

136 As 22 estrofes do Salmo 119 estão ordenadas de acordo com o alfabeto hebraico: cada uma das frases de cada estrofe começa respectivamente com a mesma letra. Na última estrofe (v. 169-176), em que cada frase começa com *thav*, o crente busca ansiosamente pela salvação de Deus, e as suas súplicas insistentes referem-se ao espírito desse capítulo que temos diante de nós.
137 Ap 7.3; 9.4.
138 Ap 14.1.
139 Ap 13.16; 14.9; 20.4.
140 1Co 1.18.
141 1Co 2.2; 2Co 10.4-5; 2Tm 2.7-8.
142 Jó 31.35b: "Agora assino a minha defesa" ("aqui está o meu *thav*").
143 Ef 1.13-14; 2Co 1.22.

O juízo sobre os decaídos (v. 5-7)

Foi executado um juízo terrível sobre aqueles que não traziam o sinal da cruz em suas testas. De acordo com o princípio divino imutável, a execução do juízo iniciou-se na Casa de Deus[144] e com os anciãos, os quais, devido à sua experiência, carregavam especial responsabilidade.

Ninguém foi poupado por sua idade ou por seu gênero: a única maneira de escapar do juízo de Deus é ter uma fé viva Nele.

A ordem para contaminar o templo com cadáveres (v. 7) simplesmente serviu para mostrar a situação existente. Deus trouxe as transgressões ocultas para a luz.

A reação de Ezequiel e a resposta de Deus (v. 8-11)

Ezequiel, sem dúvida, estava muitíssimo abalado pelas práticas repugnantes que Deus lhe mostrou (cap. 8). No entanto, quando ele viu o juízo implacável sobre seus compatriotas, ele foi tomado por um profundo sentimento de compaixão (v. 8). Mais tarde, Paulo também seria preenchido de amor pelo povo judeu.[145] Essa atitude é uma característica dos verdadeiros homens de Deus.[146] Nós também somos tomados por um profundo amor pelo nosso próximo que se encontra basicamente sob a ira de Deus (Jo 3.36)?

Diante da pergunta de Ezequiel: "Vais destruir todo o remanescente de Israel, lançando a tua ira sobre Jerusalém?", Deus lhe dá uma resposta dupla:

- Primeiramente Ele esclarece que a medida das transgressões de Israel estava completa (v. 9-10). Deus é paciente, no entanto, vem o dia em que essa paciência che-

144 1Pe 4.17.
145 Rm 9.1-5; 10.1.
146 Gn 18.23-32; Nm 11.2; Jr 7.16.

ga ao fim. Esse princípio geral é encontrado por toda a Bíblia.

- Em seguida, Deus acalma o profeta com o relatório final do homem com roupas de linho (v. 11) e demonstra que o Senhor sempre se importa pelos que Lhe pertencem.[147]

3. A glória abandona o Templo (10.1-22)

O carro vivo do Deus Onisciente

Esse capítulo tem uma estreita ligação com Ezequiel 1. Aqui encontramos novamente o carro vivo que carrega o trono de Deus. Alguns detalhes são repetidos e outras informações adicionais são acrescentadas.

Por exemplo, aqui fala-se claramente que os "seres viventes" são "querubins" (v. 20). À primeira vista, porém, parece que os rostos são diferentes: os seres viventes tinham rosto de boi (1.10), enquanto que agora é mencionado o rosto de querubim (v. 14). A explicação para isso é encontrada no versículo 22: trata-se exatamente dos mesmos rostos; assim, o rosto de um querubim corresponde ao de um boi.

Não são apenas os aros das rodas que estavam cheios de olhos (1.18), mas também todo o corpo dos querubins, suas costas, suas mãos e suas asas estavam cheias de olhos (10.12) – no capítulo 10 a onisciência de Deus é ainda mais realçada. Assim, a tolice dos setenta anciãos era ainda mais evidente, ao dizerem: "O Senhor não nos vê" (8.12). O juízo que se abateria sobre o povo não era algo arbitrário, nem havia algo ao acaso do destino: Deus julga de acordo com o Sua Verdade e com base no Seu pleno conhecimento de cada indivíduo.

147 Sl 34.15-19.

O homem com vestes de linho e o Juízo de Deus

Ezequiel também viu novamente o homem com vestes de linho. Este recebeu a incumbência de buscar brasas de fogo debaixo do carro formado pelos querubins. Depois ele deveria espalhar as brasas sobre a cidade (v. 1-2). Nos versículos 6 a 8 está descrito como ele inicia a execução da ordem recebida de Deus.[148] O mesmo que havia demonstrado graça aos crentes fiéis (cap. 9), agora precisa executar o sinal de juízo de Deus sobre Jerusalém. Em Apocalipse é descrito um acontecimento semelhante. Como em nosso capítulo, exatamente o mesmo mensageiro apanha brasas do altar e as joga em juízo sobre a terra, o que antes havia tornado eficazes as orações dos santos.[149] No caso desse "outro anjo"[150], trata-se sem dúvida de Cristo. Sua obra de redenção e salvação para os Seus é seguida por um terrível juízo sobre os incrédulos. Deus é "amor" e "luz",[151] simultaneamente.

As diversas etapas da saída da glória

No capítulo anterior é mostrado como a glória se retrai de Jerusalém, pouco tempo antes da destruição do Templo. Que dor profunda deve ter sido para o Senhor abandonar Seu povo escolhido e aquele lugar que Ele havia escolhido como morada do Seu Nome![152]

O fogo (v. 7) e a nuvem (v. 3) lembram da nuvem e da coluna de fogo que andava à frente dos israelitas, no deserto. À época de Ezequiel, porém, os israelitas não quiseram ser dirigidos pelo Senhor. Por ocasião da dedicação do Templo de Salomão, caiu fogo do Céu e a nuvem da glória de Deus encheu o Templo.[153] Apesar de toda a infidelidade da qual a

148 Não há a menção direta de Deus, mas é Ele quem dá as ordens nos versículos 2 e 6.
149 Ap 8.5.
150 A palavra grega, aqui traduzida por "anjo", tem um significado mais amplo. Ela se refere simplesmente a um "mensageiro", o que pode ser um anjo, uma pessoa (Mc 1.2a) ou ao Filho de Deus, como nesse caso.
151 1Jo 4.8; 1.5.
152 Dt 12.5.
153 2Cr 5.13-14; 7.1-3.

história de Israel e de Judá estava impregnada desde então, a presença do Senhor havia permanecido ali. O Senhor havia suportado os ídolos de Salomão, as transgressões de Atalia e os horrores de Manassés. Agora, porém, as transgressões haviam alcançado seu ponto máximo. Nesse Templo ornamentado pela santidade,[154] a impureza havia se tornado tão gigantesca que Deus precisou sair dele (8.6).

Essa saída aconteceu em várias etapas. Apesar da desobediência e da dureza de coração do Seu povo, Deus relutou em abrir mão dele. Como a longanimidade de Deus e Sua misericórdia se tornam visíveis nesses capítulos!

1. Em Ezequiel 8.3-4 a nuvem da glória, que era o sinal visível para a presença de Deus, tornou-se visível no pátio interno. Desse modo, a glória havia abandonado o Santo dos Santos.
2. Em 9.3 está descrito como a nuvem se moveu para a entrada do Templo. Em 10.4, o profeta repete o que ele já havia dito em 9.3.[155] Na sequência, porém, a descrição diz que a nuvem se expandiu em todo o pátio, difundindo o seu maravilhoso resplendor (10.3,4b).
3. Depois disso, a glória do Senhor novamente se afastou da entrada do Templo e se deteve sobre os querubins (10.18). Juntamente com eles, ela se moveu em direção à porta oriental (10.19).[156]
4. No capítulo seguinte é descrita a última etapa da saída da glória (11.22-23): a partir da Porta Oriental, ela se movimentou através do Vale de Cedrom até o Monte das Oliveiras, antes de desaparecer totalmente. Que momento para Israel: Aquele que afirmou: "Os meus olhos

154 Sl 93.5.

155 Para melhor compreensão, o versículo 4 deveria ser traduzido no tempo mais que perfeito: "Então a glória do Deus de Israel subiu de cima do querubim, onde havia estado..."

156 Essa porta se localizava onde hoje se encontra a Porta Dourada. Nos últimos capítulos do livro de Ezequiel ela ainda desempenhará um papel muito importante (40.6,22; 42.15; 43.1,4; 44.1-2; 47.2).

e o meu coração estarão ali todos os dias",[157] mudou-se da Sua casa!

A saída da glória do Senhor foi um acontecimento de tremendo alcance. Através dela ficou claro para todos o cumprimento da terrível profecia proclamada há cerca de 150 anos antes por Oseias: Deus havia anunciado que não consideraria mais o povo de Israel como o Seu povo, mas seria chamado *"Lo-ami"* (que significa "não são meu povo").[158] Depois do cativeiro babilônico, os judeus de fato reconstruíram o Templo,[159] mas a nuvem da glória do Senhor nunca mais retornou para lá.

A volta da glória

Mais tarde, no entanto, a glória do Senhor retornou de maneira totalmente diferente: Deus tornou-se Homem, a Palavra tornou-se carne (Jo 1.14). Ele, que é o resplendor da glória de Deus,[160] veio a Jerusalém e foi até o Templo (Ml 3.1; Lc 2.21-52, etc), mas lá Ele foi rejeitado. Depois de ter sido desprezado pela massa do Seu povo, o Jesus ressurreto finalmente saiu da cidade e, a partir do mesmo Monte das Oliveiras, subiu ao Céu. Sim, Ele abandonou Jerusalém e o Templo a partir do local onde, há mais de 600 anos, a nuvem com a glória de Deus igualmente desapareceu.[161]

O livro de Ezequiel, no entanto, termina com uma mensagem profundamente consoladora: a nuvem retornará ao Templo no início do Reino Messiânico Milenar (43.1-6). Ela virá a partir do Oriente e entrará na mesma porta pela qual ela um dia saiu do Templo. Israel novamente retomará a plena condição de povo de Deus. Israel não mais será *"Lo-ami"*, mas será *"Ami"* (que significa "meu povo").[162] Da mesma maneira

157 1Rs 9.3 (ARA).
158 Os 1.9.
159 Ed 3–6.
160 Hb 1.3.
161 At 1.9-12; Lc 24.50-51.
162 Os 2.1,3,25 (ARA).

como a glória virá do oriente, desde o Monte das Oliveiras, também o Senhor Jesus, em Sua Volta com poder e glória, surgirá no Monte das Oliveiras para assumir o reinado sobre todo o mundo.[163]

Assim, Ezequiel 8–11 representa o início de um período turbulento, com duração de pelo menos 2.600 anos, durante o qual Israel não tem mais consigo o sinal glorioso e visível da presença do Senhor.

4. Jerusalém, uma panela (11.1-13)

A perversidade dos líderes políticos (v. 1-3)

No capítulo 11 continua a descrição da visão do profeta, iniciada no capítulo 8. Ezequiel foi levado à Porta Oriental, onde ele viu 25 dos príncipes do povo (v. 1). Estes aconselhavam o povo a desobedecer o mandamento de Deus que havia sido transmitido alguns anos antes, através de Jeremias.[164]

Jeremias havia escrito uma carta aos exilados na Babilônia, na qual ele lhes transmitiu que o cativeiro duraria 70 anos e que eles deveriam construir casas no lugar ao qual haviam sido levados. Estes líderes, no entanto, procuravam convencer o povo de que sua situação não era tão crítica. Eles compararam Jerusalém com uma panela de ferro e o povo com carne dentro dela.[165] A carne que se encontra dentro de uma panela está protegida contra o fogo e, do mesmo modo, os muros ao redor de Jerusalém protegiam os habitantes contra os ataques de exércitos (v. 3). Essa figura é melhor compreendida em hebraico do que em nossa língua, porque a palavra hebraica *basar* não se refere somente a alimento ou carne do corpo hu-

163 Zc 14.3-4; At 1.11-12.
164 Jr 29.1s.
165 A palavra hebraica *sir*, que aqui foi traduzida como "panela", indica de fato uma "panela de ferro".

mano, como em nosso idioma, mas é muitas vezes empregada com o significado de "pessoa" (compare Is 40.6 e Jl 3.1).

Primeiramente Deus mostrou a corrupção dos anciãos na Babilônia (cap. 8), agora Ele revelava a má influência exercida pelos líderes políticos em Jerusalém (v. 2).

A reação de Deus (v. 4-12)

Em Sua resposta, Deus retoma a figura (v. 4-12): Jerusalém de fato se assemelha a uma panela, mas a carne são os derrotados na cidade pecaminosa. Os habitantes de Jerusalém não teriam proteção dentro dos muros da cidade, mas seriam levados dela como prisioneiros. Então, uma parte deles cairia pela espada junto à fronteira do país (v. 10-11). Como está comprovado em outros livros da Bíblia, o juízo aconteceu exatamente dessa maneira.[166] Assim, os líderes políticos, que ridicularizavam as predições de Jeremias, vivenciaram o cumprimento exato de suas palavras. Também em nossos dias há muitos zombando a respeito dos juízos do fim dos tempos, sem reconhecer que há grande chance de que eles mesmos os venham a sofrer em breve.[167] Mesmo com zombarias, devemos permanecer firmes como testemunhas de nosso Deus, cujas palavras certamente se cumprirão.

Podemos extrair um importante princípio largamente aplicável desses versículos: não podemos esperar que Deus nos livre de uma situação difícil (v. 8) se rejeitarmos a Sua Palavra e Seus ensinamentos (v. 12).

A morte de Pelatias (v. 13)

Exatamente na ocasião em que Ezequiel profetizava, morreu Pelatias (v. 13), um dos dois maiores entre os 25 líderes (v. 1). Seu nome é muito sugestivo, pois significa "o Senhor salva".

166 2Rs 25.6-21; Jr 39.1-6.
167 2Pe 3.3-4.

Sua morte indicava que nem a mais habilidosa tática política poderia salvar o povo. Além disso, ela comprovou ao profeta que Deus interfere e julga as pessoas.[168] A reação espontânea de Ezequiel foi externada com a súplica fervorosa para a preservação de um remanescente de Israel.

5. O santuário dos exilados (11.14-25)

Os irmãos do profeta (v. 14-15)

Como resposta à suplica de Ezequiel, Deus lhe mostrou onde se encontrava o remanescente de Israel: não em Jerusalém, mas no cativeiro. Os verdadeiros irmãos do profeta não mais eram os judeus em Jerusalém, que haviam ficado no Templo e cujas transgressões ele havia visto com os próprios olhos (cap. 8), mas os exilados e desprezados por eles. A partir de então, para Deus, estes desprezados eram "toda a nação de Israel" (v. 15a).

No final do versículo 15 constam duas afirmações depreciativas sobre os exilados, feitas pelos judeus que permaneceram em Jerusalém: "Eles estão longe do Senhor. É a nós que esta terra foi dada, para ser nossa propriedade" (v. 15b). Aqueles que faziam de conta que o Senhor tinha abandonado a terra (8.12) eram uma pequena minoria. A grande massa do povo que permaneceu em Jerusalém estava orgulhosa em contar com o Templo e acreditava que por isso estava segura contra quaisquer ataques. No entanto, ao viverem cheios de orgulho, eles não observavam os mandamentos de Deus.[169] Seus irmãos exilados eram considerados por eles como pessoas sem valor, que haviam perdido seu direito à Terra Prometida por estarem longe de Deus e da cidade da Sua presença.

168 Observe-se o uso sistemático da primeira pessoa do singular nos versículos anteriores: o juízo realmente vem de Deus.

169 Jr 7.1-7.

A retirada da glória de Deus, algo que não imaginavam nem em sonhos, castigou suas palavras com mentiras reinventadas (v. 22-23). Assim, Deus escolheu em Ezequiel um profeta para informar os exilados sobre esses terríveis acontecimentos (v. 25).

As promessas de Deus (v. 16-21)

Deus reagiu à perversidade dos judeus de Jerusalém com uma série de promessas para os exilados. Estes, no futuro, seriam "salvos":[170]

- Mesmo que os exilados tiveram que viver sem o grandioso santuário de Salomão, Deus estava com eles em seu sofrimento. Ao invés do Templo, eles puderam sentir a Sua maravilhosa presença e familiaridade mesmo estando em uma terra pagã (v. 16: "...tenho sido um santuário para eles...").[171] A presença de Deus não estava mais vinculada a um determinado prédio. Isso representa o primeiro passo em direção à adoração "em espírito e em verdade", assim como o Senhor Jesus o revela nos Evangelhos.[172]
- Na verdade, eles estavam longe de Jerusalém naquela ocasião, mas o Senhor lhes assegurou um completo retorno à Terra Prometida (v. 17). Assim, Deus, em Sua graça, descreveu o recolhimento do povo, vindo de todo o mundo, antes mesmo dele ter sido espalhado entre todas as nações. O retorno de várias dezenas de milhares de judeus, por Zorobabel, Esdras e Neemias, ainda não significou o cumprimento das promessas proféticas de

170 A expressão hebraica que foi traduzida por "os homens do teu parentesco" (ARA) também pode ser referida como "os homens da tua salvação".

171 Is 57.15.

172 Jo 4.21,24. O Senhor Jesus explicou à mulher samaritana, junto ao poço que, na Era da Graça, nenhum lugar geográfico deveria ter alguma preferência como local de adoração, nem o Monte do Templo nem o Monte Gerizim. De acordo com Mateus 18.20, a presença especial de Deus acontece ali onde dois ou três estão reunidos em nome do Senhor Jesus.

11.17-21. Desde 1882, no início das grandes ondas de imigração judaica de volta à terra de seus pais, somos testemunhas do cumprimento do versículo 17 diante dos nossos olhos: até agora, milhões de judeus retornaram à terra dos seus pais, vindos de mais de 100 países diferentes, de todos os cinco continentes.

- Os versículos 18-20, no entanto, ainda se encontram no futuro: Deus anuncia uma renovação espiritual para o povo de Israel (compare cap. 36). Essa profecia se cumprirá somente após o Arrebatamento da Igreja.[173]

Aqueles, porém, entre os banidos, cujo "coração" continuasse endurecido, receberiam o mesmo julgamento que os judeus que ficaram em sua terra (v. 21). Assim, o Senhor resumiu a mensagem moral do livro em poucos versículos, antes que ela fosse apresentada mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

O versículo 16 era um grande incentivo para inúmeros cristãos que, pelos motivos mais diversos, mas justificados, estavam a sós e longes de um local de reuniões e de adoração.[174] Eles tiveram constantes experiências de que Deus é fiel às Suas promessas e como a Sua presença lhes deu ânimo de maneira especial em sua solidão. Além disso, essa promessa também vale no sentido coletivo: hoje a Igreja, por sua própria culpa, está espalhada em inúmeras denominações, mas o Senhor gosta de responder ao simples desejo daqueles que O procuram e que talvez desejam apenas reunir-se com Ele em uma pequena comunidade.[175]

173 Desde o início da Igreja no Pentecostes (At 2) até o seu Arrebatamento, os judeus que se converteram ao Evangelho da graça não dispõem de uma posição especial diante de Deus, comparativamente aos crentes não judeus (compare Gl 3.28). No período após a retirada da Igreja como testemunha na terra, Israel será restaurada espiritualmente como nação. Israel inclusive terá uma posição de destaque entre todas as nações da terra. Daí se conclui que passagens como 11.18-20 poderão se cumprir somente após a Era da Igreja.

174 Essa afirmação não deve servir para favorecimento daqueles que não aceitam a exortação dada em Hb 10.24-25.

175 Mt 18.20.

O afastamento definitivo da glória (v. 22-25)

A visão de Ezequiel se encerra após o afastamento definitivo da glória. O profeta retornou à Babilônia ("à Caldeia", v. 24 - ARA). Seu coração estava repleto com as revelações que ele recém havia recebido de Deus. Ele também as compartilhou com seus concidadãos no exílio sem demora (v. 25).[176] Seu relatório deveria apresentar-lhes a aversão que Deus tem pela idolatria, para que eles a abandonassem.

Esse capítulo é uma exortação séria para nós. Assim como fizeram os judeus que permaneceram em Jerusalém (v. 15), também pode acontecer que nós nos julguemos superiores a outros cristãos e nos vangloriemos com nossos privilégios espirituais ou nos auto exaltemos com a presença de Deus entre nós. Deus, no entanto, odeia o orgulho e a vaidade,[177] e, principalmente, o orgulho relacionado com coisas espirituais.[178] Através disso Ele se obriga a nos castigar seriamente, podendo chegar ao ponto de nos privar da Sua presença.[179] Que esse exemplo de Israel nos sirva de exortação séria diante dessa armadilha!

III. A Trajetória da Decadência de Israel (12 – 24)

A terceira parte do livro de Ezequiel apresenta a seguinte composição:

1. Duas ações simbólicas (12.1-20);
2. O fim dos falsos profetas (12.21 - 14.11);

176 Lc 6.45b.
177 Pv 8.13.
178 Ap 3.17.
179 Ap 2.5.

3. A preservação dos justos (14.12-23);
4. A parábola da videira (15.1-8);
5. A parábola da história de Jerusalém (16.1-63);
6. A parábola das duas águias (17.1-24);
7. A responsabilidade pessoal (18.1-32);
8. O lamento sobre os príncipes de Israel (19.1-14);
9. A história da infidelidade de Israel (20.1-44);
10. A espada de Deus sobre Israel (21.1-37);
11. A culpa de Jerusalém (22.1-31);
12. A parábola das duas irmãs infiéis (23.1-49);
13. Os dois sinais para o fim de Jerusalém (24.1-27).

Do capítulo 12 ao 24, Deus explica claramente os motivos do juízo que se abateria sobre Jerusalém. O povo deveria saber...

- que o Senhor havia provocado os acontecimentos; e,
- que Deus perseguia um determinado objetivo, o qual Ele também explicava. Assim Israel podia aprender algo com o juízo.

Por essa razão Ezequiel falou várias vezes aos exilados. O conteúdo desses pronunciamentos contém uma notável uniformidade, ao mesmo tempo que ele utiliza, de modo maravilhoso, várias formas literárias diferentes.

1. Duas ações simbólicas (12.1-20)

A bagagem para o exílio (v. 1-16)

Desde o início, Deus havia preparado Ezequiel para o fato de que os exilados do seu povo, de um modo geral, não aceitariam a Palavra de Deus (2.3-8; 3.7-9). Aqui Ele novamente confirma essa verdade (v. 1-2). Seus ouvidos não eram receptivos e seus olhos estavam obscurecidos.[180]

180 Is 6.10; Jr 5.21; Mt 13.14.

Apesar disso, Deus ordenou que Ezequiel lhes levasse uma mensagem tanto visual (através de ações simbólicas)[181], como também audível (através das explicações das suas ações). "Talvez" essas ações extraordinárias poderiam exercer algum efeito sobre eles (v. 3b). Isso demonstra a imensa bondade de Deus, ao utilizar tais meios para tentar despertar a atenção do Seu povo rebelde!

Ezequiel precisou apresentar duas encenações para representar o destino dos judeus de Jerusalém, que seriam levados para o exílio:

1. A primeira, durante o dia, consistia em empacotar o estritamente necessário para deslocar-se de um lugar para outro (v. 3-4a,7a). Essa cena era um símbolo para o destino de todos os deportados (v. 10b-11,14-16).
2. Na segunda cena, à noite, ele saía como se fosse um fugitivo, escondia o rosto (para não ser reconhecido) e danificou o muro (como se quisesse abrir uma rota de fuga) (v. 4b-6,7b). Esse sinal foi especialmente para o "príncipe", isto é, para o Rei Zedequias (v. 10a,12-13). O cumprimento, nos mínimos detalhes, aconteceu alguns anos mais tarde.[182] Quando os babilônios conquistaram Jerusalém, Zedequias fugiu durante a noite. Seus inimigos, porém, o alcançaram em Jericó e o cegaram, perfurando-lhe os olhos. Desse modo, ele não conseguiu ver a terra dos caldeus, para onde foi levado a seguir, exatamente como foi predito no versículo 13.[183]

Após essa profecia, Deus anuncia que a maioria dos judeus de Jerusalém morreria pela espada, por fome ou pela peste (v.

181 A expressão "à vista deles" aparece sete vezes nos versículos 3-7 (ARA). Ezequiel deu um testemunho público.

182 2Rs 25.1-7; Jr 39.1-10; 52.7-11.

183 No relato desses acontecimentos, no livro dos Reis e de Jeremias, não são mencionados alguns detalhes: por exemplo, não se fala claramente de um buraco no muro. Isso, porém, não lança dúvidas sobre a exatidão com a qual a profecia se cumpriu. Na verdade, existem muitas profecias cujo cumprimento não é relatado na própria Bíblia.

16). Uma pequena parte deles, porém, sobreviveria para relatar os motivos da tragédia às demais nações (14.22; 33.21). O testemunho dessa diáspora então levaria as pessoas ao conhecimento do verdadeiro Deus. Assim, os juízos que vieram sobre os judeus mostram ao mundo todo que cada indivíduo deve considerar seriamente o juízo eterno anunciado em outra parte da Bíblia.[184] Quando temos os juízos ao longo do tempo, que foram anunciados profeticamente na Palavra de Deus e cujo cumprimento aconteceu exatamente como foi predito e é possível ser comprovado na história, seria então sensato lançar dúvidas sobre o eterno juízo final que é anunciado nessa mesma Bíblia?

Uma aplicação prática e atual dessa passagem para nós é que, assim como Ezequiel, também nós somos convocados para mostrar ao nosso próximo, através do nosso procedimento, que estamos prontos para a partida... não para o exílio, mas para o nosso lar celestial (1Pe 1.13). As perguntas que nos serão formuladas então, talvez proporcionem uma oportunidade para testemunharmos da esperança que temos em nós[185] e para alertar aos que vivem em nossa época. E quanto à bagagem, ela está limitada àquilo que é estritamente necessário ou estamos carregando pesos inúteis?

Comer e beber com medo (v. 17-20)

O profeta já havia apresentado um cena que demonstrava a fome que haveria à época da ocupação de Jerusalém (4.9-17). Essa nova cena não é uma repetição daquela. Ela descreve a situação dos poucos judeus que permaneceram no país após a destruição de sua capital, enquanto a maioria do povo estava no exílio. De fato, Nabucodonosor deixou os "mais pobres da terra" em Israel, sob o comando de Gedalias.[186] Jeremias confir-

184 Por exemplo: Mt 25.46.
185 1Pe 3.15.
186 2Rs 25.12,22; Jr 39.10; 40.1s.

ma que essa população viveu sob constante medo de fome e de violência.[187] Esse pequeno grupo remanescente acabou fugindo para o Egito, contrariando a vontade de Deus, e depois disso a terra foi devastada, conforme a profecia do versículo 20.

Apesar de tudo, essa predição não era irrevogável: Deus estaria disposto a abençoar os que permaneceram no país, exatamente como Jeremias havia anunciado.[188] Eles, porém, não quiseram atender à voz de Deus.[189]

Esse "tremor", esse "arrepiar-se", esse "medo" não atingiu os judeus apenas sob o poder de Nabucodonosor, mas estendeu-se durante toda a história do povo judeu. Em nenhum lugar eles encontraram uma verdadeira pátria, mas, durante séculos, foram empurrados de um país ao outro, de modo que viveram numa insegurança sem fim e em constante medo.[190] Esse medo não é o que sentem todos aqueles – mesmo que seja apenas subliminarmente – que se afastaram de Deus por livre vontade?

É maravilhoso observar como o Senhor previu o destino do Seu povo até nos mínimos detalhes. Do mesmo modo, Deus também sabe de tudo que ainda acontecerá em nossa vida. Por isso, devemos ouvir a Sua voz e confiar Naquele que nos mostra o nosso caminho!

2. O fim dos falsos profetas (12.21–14.11)

Nessa passagem Ezequiel censura a atitude dos diversos grupos de pessoas diante da profecia:

- O povo desacatou, de duas maneiras diferentes, a verdadeira profecia recebida de Deus (12.21-28).

187 Jr 42.14.
188 Jr 42.7-12.
189 Jr 42.13-22.
190 Dt 28.64-67.

- Falsos profetas conduziram o povo ao erro (13.1-16).
- Falsas profetizas cativavam o povo pela sedução (13.17-23).
- Algumas autoridades fingiam ter interesse na sua profecia, no entanto, em seus corações permaneciam longe de Deus (14.1-11).[191]

O Senhor anunciou Seu juízo a cada um desses grupos para que estes reconhecessem que Ele é o Senhor (12.25; 13.9,14,21,23; 14.8).

As pessoas recebem a profecia com incredulidade (12.21-25)

Uma das razões do juízo sobre Israel era a incredulidade: quando o Senhor enviava um profeta verdadeiro a eles, a reação normal entre a maioria do povo a essa mensagem era um provérbio atrevido e jocoso: "Os dias passam e todas as visões dão em nada" (v. 21-22). Ezequiel anunciou que esse provérbio falho seria desmascarado como mentira, porque Deus cumpriria as profecias de juízo contra Judá ainda enquanto os zombadores estivessem vivos (v. 23-25).[192] Além disso, através da proclamação das verdadeiras predições seria desmascarada a mentira das falsas profecias (v. 24). Pedro escreve que, no fim dos tempos, os zombadores colocariam dúvidas de maneira semelhante sobre as profecias que falam da Volta de Jesus.[193] Quem, entre os que se consideram cristãos hoje, ainda crê na promessa da Volta de nosso Senhor Jesus Cristo?

Prorrogação do prazo da profecia (12.26-28)

Outras pessoas tiveram uma atitude diferente em relação às profecias: elas acreditavam no seu cumprimento, mas que

191 Observe a construção simétrica dessa passagem: Ezequiel se dirige aos ouvintes (grupos de pessoas 1 e 4) e aos videntes (grupos 2 e 3).

192 A Profecia Bíblica pode se referir a eventos próximos ou mais distantes. Através do cumprimento das primeiras, os profetas comprovavam a origem divina de sua missão (Dt 18.22; Jr 28.9) e ressaltavam a confiabilidade das predições que se cumpririam muito mais tarde, no futuro.

193 2Pe 3.3-4.

este seria num futuro distante, e se acalmavam com outro provérbio absurdo (v. 27). Também aqui o Senhor anunciava o juízo iminente (v. 28).

Também os crentes de hoje correm esse perigo: sob hipótese alguma devemos negligenciar a Profecia Bíblica.[194] É extremamente necessário que despertemos, reconhecendo a ardente atualidade da Profecia Bíblica sobre a Volta de Cristo e que a mantenhamos em nosso coração![195]

"Quando os crimes não são castigados logo, o coração do homem se enche de planos para fazer o mal".[196] Isso vale também hoje no chamado ocidente cristão, que está repleto de idolatria, impiedade, imoralidade e violência e onde as massas não se dão conta de quão próximo está o juízo. Que não sejamos como o "servo mau", que pensa que o seu senhor ainda demora em vir e, assim, piora ainda mais seu comportamento errado.[197] Pelo contrário, esperemos a cada dia, que se cumpra a promessa da Volta de nosso Senhor, para o Arrebatamento da Igreja. Além disso, que jamais creiamos que a Palavra de Deus vale para os outros e não para nós mesmos!

A sentença para os falsos profetas (13.1-16)

Então Deus mandou que Ezequiel desmascarasse os falsos profetas que agiam erradamente, tanto em Jerusalém como no exílio.[198] Podemos aprender duas lições desses versículos:

194 Alguns estudiosos são da opinião que, desde a crucificação, não ocorre mais nenhum cumprimento profético. A atual Era da Graça é considerada uma inserção no Plano de Deus com o povo de Israel e que o cumprimento de outras profecias da Bíblia ocorrerá somente após o Arrebatamento da Igreja. No entanto, esse ponto de vista nesse sentido não encontra apoio na Bíblia. De fato, a Igreja é um "mistério", isto é, ela ficou oculta aos profetas do Antigo Testamento (Ef 3.3-6). Mas justamente esses profetas anunciaram muitos eventos – seja em relação a Israel ou às nações – que aconteceram durante a Era da Igreja. Exemplos: a destruição de Jerusalém em 70 d.C.; a dispersão dos judeus através do mundo e a perseguição que sofreram entre as nações; o atual retorno dos judeus à sua terra; etc. (Dt 28.49-68; Lv 26.31-33; Jr 16.14-16; etc.).

195 2Pe 1.19.

196 Ec 8.11.

197 Mt 24.48-51.

198 Jr 29.9,21.

por um lado somos alertados quanto aos falsos profetas, dos quais infelizmente o Cristianismo está infestado.[199] Por outro lado, mostra-se o que nós, sendo fiéis seguidores de Cristo, não devemos fazer.

Com os falsos profetas, nada era legítimo:

- Sua missão: eles alegadamente anunciavam mensagens do Senhor (v. 2b,6-7; 22.28), apesar de que Deus não os havia enviado. Estejamos atentos quando pessoas dizem: "assim diz o Senhor...!", ou "eu tive uma visão, um sonho, recebi uma ideia!" O Senhor Jesus nos adverte seriamente contra falsos profetas nos últimos dias, os quais, em parte, até conseguem realizar sinais e milagres. Eles seduziriam muitos e representariam um genuíno perigo para os verdadeiros crentes ("os eleitos") (Mt 24.11,24).
- A origem das suas afirmações: elas foram geradas "pela sua própria imaginação" (v. 2) ou no "seu próprio espírito" (v. 3). Precisamos tomar muito cuidado para que os ensinamentos ou as exortações que passamos para os outros não se baseiem em nossos sentimentos ou em nossas próprias concepções: "Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus".[200] O nosso falar deve se basear nas claras afirmações da Palavra de Deus, a Bíblia.
- Sua maneira de falar: eles obviamente falavam da mesma maneira como os profetas e empregavam as mesmas palavras características: "Ouçam a palavra do Senhor". No entanto, devemos manter sempre em mente que, somente pelo fato de alguém empregar as expressões bíblicas corretas ou utilizar um vocabulário religioso, não significa que sua mensagem de fato vem de Deus.[201]

199 Mt 7.15; 2Pe 2.1-2.
200 1Pe 4.11.
201 1Rs 13.18.

- O teor da profecia: para aumentar sua popularidade, eles falavam em paz (v. 10,16). Eles se assemelhavam aos atuais proclamadores do Universalismo[202] ou aos pregadores do grande reavivamento na Europa e na América, mesmo que estejamos vivendo no meio da época da decadência dos últimos tempos (2Ts 2.3) e da sedução (2Pe 3.17). Para não ferir ou causar mal-estar a ninguém, alguns desses pregadores retiraram temas fundamentais de suas mensagens, como o pecado, a depravação da natureza humana, o juízo, a confissão e a carne, e falam apenas vagamente do amor de Deus, de fraternidade ou de paz. A verdadeira paz com Deus, no entanto, é conseguida somente através de verdadeira confissão, verdadeiro arrependimento e conversão radical. Somente assim a alma pode ser edificada no Senhor Jesus de modo duradouro.

Deus utiliza duas figuras para descrever o papel dos falsos profetas:

- Eles ajudavam a destruir os muros como os chacais, ao invés de se colocarem nas brechas entre o povo de Deus para fechá-las (v. 4-5). É exatamente esse o papel de um profeta: alertar sobre pontos vulneráveis espirituais e morais. Se ele não conseguir atender devidamente às suas obrigações, os problemas tendem a piorar. Para poder atender ao seu compromisso, o profeta precisa ter um olhar aguçado, enquanto que os falsos profetas "não viram nada" (v. 3).
- Na condição de maus construtores, eles pintaram com cal o muro que o povo havia construído (o que corresponde ao seu trabalho). A estabilidade de uma obra se baseia na construção sólida do muro. Os falsos profetas, porém, simplesmente pintaram com cal as rachaduras

202 Universalismo é uma falsa doutrina que, apesar das claras afirmações da Bíblia sobre esse tema, nega a condenação de pecadores não convertidos (Mt 25.46; Ap 14.11, etc.).

perigosas, o que, cedo ou tarde, levaria ao desmoronamento (v. 14). Nós também devemos sempre observar criteriosamente "como" nós construímos.[203]

A sentença para as falsas profetizas (13.17-23)

Havia também mulheres que enganavam o povo. Para tanto, elas utilizavam trajes que chamavam à atenção (v. 18,20-21). Elas representavam uma armadilha perigosa para as "almas"[204] dos ouvintes. Precisamos nos afastar objetivamente do caminho dessas sedutoras. Essas mulheres fortaleciam os ímpios e desanimavam os justos (v. 19,22). Elas, no entanto, também seriam submetidas ao juízo divino (v. 23).

Não somos profundamente perturbados ao vermos como hoje muitos crentes são atraídos para longe da Palavra de Deus, através de novos profetas e profetizas, bem como de pregadores e pregadoras de novas doutrinas, ou quando constatamos quantas pessoas incrédulas são embriagadas ou enganadas pelas mídias espíritas, gurus, através de horóscopos, videntes, ciências ocultas, ioga e misticismo oriental? Virá o dia em que Deus chamará tanto aos enganadores como aos que se deixam enganar para prestarem contas!

A resposta para as autoridades do povo idólatra (14.1-11)

Depois disso, chegaram algumas das autoridades do povo até Ezequiel, para lhe pedir conselho. Elas demonstravam estar interessadas na verdadeira profecia. Deus, no entanto, não respondeu às suas perguntas hipócritas (v. 3b). Ao invés disso, ele aproveitou a oportunidade para lhes mostrar a real situação: quatro vezes ele menciona que seus corações estão repletos de ídolos (v. 3,4,5,7),[205] sendo que, no versículo 7, ele

203 1Co 3.10.
204 Nos versículos 18-20, essa expressão aparece oito vezes (ACF).
205 1Jo 5.21.

define exatamente o significado de "ídolo": tudo (ou aquele) que nos "separa" de Deus em nosso coração. Deus ofereceu a eles a oportunidade de conversão (v. 6) porque nenhuma situação, a princípio, está tão encalhada a ponto de não ter mais conserto. Mesmo aqueles cujos corações estão firmemente fechados para a verdade, ainda podem ser tocados. Se, porém, esses hipócritas não quisessem mudar, eles seriam submetidos ao juízo (v. 8), exatamente como aconteceria com o profeta se ele mesmo permitisse ser seduzido e assim falhasse no cumprimento da sua obrigação (v. 9).

A curiosidade espiritual não gera nada enquanto Deus não governa no coração. Se quisermos reconhecer a vontade de Deus, isso não depende de nossa inteligência natural ou habilidade. Muito antes, depende fundamentalmente da disposição de nosso coração. Também quando oramos a Deus, pedindo Sua direção, deveríamos antes disso colocar nossa vida em ordem e confessar nossos pecados.

3. A preservação dos justos (14.12-23)

Os versículos anteriores (v. 1-11) haviam denunciado a hipocrisia dos israelitas, que não queriam se arrepender, mas mesmo assim buscaram a orientação de Deus ao simularem que estavam interessados na Sua Palavra. A partir desse caso isolado, na sequência, o Senhor menciona princípios gerais pelos quais Ele julga. "...se uma nação" (v. 13): depois que a "casa de Israel" havia sido posta de lado e julgada, Ele agiu da mesma maneira com todos os povos, sendo que nenhum deles tinha uma posição privilegiada em sua responsabilidade diante de Deus.[206]

206 At 10.34; Rm 2.11; 1Pe 1.17.

Para isso, o princípio básico é o seguinte: cada país, cujos habitantes pecam contra Deus e insistem nisso, está destinado ao Seu juízo. No âmbito material, esse juízo se torna visível em quatro aspectos diferentes:

- Crise de fome (v. 13-14) – em termos gerais: problemas econômicos;
- Animais selvagens (v. 15-16) – em termos gerais: problemas ambientais;
- Guerras (v. 17-18) – em termos gerais: inquietações políticas;
- Peste (v. 19-20) – enfermidades e epidemias de toda espécie.

Podemos também deduzir ensinamentos aplicados: na área espiritual esses quatro juízos encontram uma correspondência:

- Crise de fome é a falta da procura pela Palavra de Deus: Deus não dá o alimento espiritual.[207]
- Os animais selvagens podem simbolizar os falsos mestres.[208]
- A espada indica a Palavra de Deus que derrota as falsas doutrinas.[209]
- A peste simboliza todas as espécies de enganos doentios na área religiosa.[210]

Mesmo que houvesse pessoas justas entre o povo, como Noé[211] (que havia conduzido sua família para a salvação),[212] Daniel (que serviu de incentivo para seus três amigos permanecerem fiéis a Deus em tempos muitos difíceis)[213] ou Jó (que intercedeu pelos seus amigos),[214] isso não impediria que

207 Am 8.11.
208 At 20.29.
209 Hb 4.12-13; 2Co 10.4-5.
210 O contraste positivo para essas ocorrências é, por exemplo: "sã doutrina" (1Tm 1.10; 2Tm 4.3; Tt 1.9; 2.1); "sãs palavras" (2Tm 1.13 – ACF) ou "linguagem sadia"(Tt 2.8); "sadios na fé, no amor e na esperança" (Tt 2.2; compare 1.13).
211 Noé era um "homem justo" (Gn 6.9); o Senhor o considerava um homem correto (Gn 7.1); ele foi "herdeiro da justiça" (Hb 11.7) e um "pregador da justiça" (2Pe 2.5).
212 Gn 6.18; Hb 11.8.
213 Dn 1.8s. Que aqui é mencionado um contemporâneo de Ezequiel é, para nós, algo para ser aplicado: podemos reconhecer o valor de nossos irmãos, mesmo antes da morte deles!
214 Jó 1.1,8; 42.8.

houvesse o juízo divino. Essas pessoas não poderiam salvar a ninguém mais, além delas mesmas (v. 14,16,18,20). Esses homens também não poderiam morrer em substituição de outros, como o Senhor Jesus fez. Além disso, aprendemos em Ezequiel 14: cada pessoa precisa se converter, individualmente. Não podemos fazê-lo no lugar de outro.

Há uma certa proximidade entre Ezequiel 14 e Jeremias 15: Jeremias havia anunciado que mesmo a intercessão de homens de oração, como Moisés ou Samuel, não teriam mais efeito,[215] assim que tivesse terminado a Era da Graça.

Se Deus julgar cada nação segundo ela merece (v. 13a), quanto mais a Jerusalém (v. 21-23)! Essa cidade, no ponto de convergência entre os três continentes: Europa, Ásia e África, carregava uma responsabilidade especial, porque ela representava o centro do pensamento de Deus para o Seu povo terreno e para todas as nações (5.5; 38.12).[216]

Essas poucas pessoas que fugiram da destruição de Jerusalém (v. 22) foram poupadas apenas para testemunhar que o juízo foi merecido (v. 23). O juízo de Deus não é nem cego, nem injusto, por isso eles puderam "consolar" seus irmãos no exílio: para aqueles que amam o povo de Deus, o Seu juízo na verdade é muito dolorido. Todavia, quando se torna visível o quanto o Nome de Deus foi arrastado na lama, então a Sua ação se torna compreensível.

4. A parábola da videira (15.1-8)

Em muitos lugares da Bíblia, Israel é comparado com uma videira ou com uma vinha, a vinha de Deus.[217] O povo havia

215 Jr 15.1-4.
216 Dt 32.8.
217 Seguem algumas plantas que, – entre outras –, simbolizam o povo de Deus na Bíblia: a oliveira: Israel em sua responsabilidade como testemunha de Deus na terra (Rm 11.16-32);

sido trazido do Egito e "plantado" na Terra Prometida.[218] O Senhor havia cultivado essa planta com muito amor e dedicado todo o cuidado para que desse fruto. No entanto, quanta decepção! Ela não produziu frutos.[219]

Ezequiel retoma o assunto da videira e o aplica para Jerusalém (v. 6b). O valor de uma videira depende essencialmente de seu fruto. Se não os produzir, torna-se totalmente inútil, pois sua madeira não serve para a fabricação de objetos de utilidade (v. 1-3). Ela pode ser usada, no máximo, para combustível de uma fogueira. Quando, então, essa madeira estiver chamuscada pelo fogo, então realmente não se pode mais utilizá-la para outras finalidades (v. 4-5)!

Jerusalém não havia produzido frutos para Deus e, assim, seus habitantes haviam falhado no seu objetivo de vida, ou seja, viver para a glória e alegria de Deus. Exatamente por isso o exército babilônico arrasaria a cidade pelo fogo (v. 6-8).[220] Quando Ezequiel anunciou isso, parte do juízo sobre Jerusalém já havia acontecido ("...e o fogo queimar as duas extremidades...", v. 4), mas o juízo completo sobre "o meio" ainda estava por vir.

Mantenhamos em nossa memória que o povo de Deus, por si só, não tem valor algum. Se ele não produzir fruto, não terá cumprido sua missão. Deus mantém a Igreja e a cada indivíduo crente na terra para servir aos Seus planos e não para que tenhamos uma vida de acordo com nossas ideias e desejos. Fomos criados para estarmos à disposição do Filho de Deus (Cl 1.16)! Não devemos mais viver para nós mesmos, mas para Aquele que morreu por nós (2Co 5.15).

---

a figueira: Israel que mostrava mais brilho externo do que produzia frutos (Mt 21.18-20); o cedro: Israel em seu fulgor entre as nações (17.3); a videira: Israel, que, sem frutos, se mostra inútil (Ez 15); o espinheiro: Israel em sua situação de pecado diante de Deus (Êx 3.2; compare Jz 9.14-15).

218 Sl 80.9.

219 Is 5.1-7.

220 2Rs 25.9.

No Novo Testamento Jesus, o verdadeiro "Filho do Homem", retoma a parábola da videira que o "filho do homem" Ezequiel utilizou aqui. Enquanto Israel está posto de lado, o Senhor Jesus mesmo passa a ser a "videira verdadeira":[221] somente Ele trouxe o melhor fruto para Deus quando, em Sua vida na terra, glorificou a Deus Pai. Hoje Ele age através de todos os verdadeiros crentes, que estão pessoalmente ligados a Ele como ramos da videira, produzindo frutos agradáveis para o Pai no Céu. Aqueles, porém, que apenas O confessam com os lábios, sem apresentarem uma verdadeira vida espiritual, serão igualmente levados ao fogo.[222]

Seguem alguns dos frutos que Deus gostaria de ver em nós:

- o "fruto do Espírito";[223]
- o "fruto de justiça e paz";[224]
- o "fruto para a santificação" (ARA);[225]
- o "fruto de lábios".[226]

5. A parábola da história de Jerusalém (16.1-63)

De acordo com a explicação simbólica da videira, Ezequiel apresenta uma nova parábola que abrange toda a história de Jerusalém: sua origem, sua ascensão, sua beleza, sua glória, sua decadência e seu juízo, sua salvação e sua bênção definitiva.

Esse capítulo contém uma descrição cativante e realista, de modo todo especial. Alguns detalhes podem parecer um pouco estranhos, mas a figura repugnante de uma prostituta expressa acertadamente a realidade dessa cidade escolhida por Deus, mas que, apesar de seus privilégios especiais, se afastou

221 Jo 15.1s.
222 Jo 15.6.
223 Gl 5.22; Ef 5.9 (de acordo com o texto ampliado).
224 Hb 12.11; Fp 1.11; Tg 3.17-18.
225 Rm 6.22.
226 Hb 13.15.

do único Deus verdadeiro. Deus colocou essa figura diante de Jerusalém justamente para que esta reconhecesse o quanto o pecado da infidelidade é repugnante aos Seus olhos.[227]

A origem de Jerusalém (v. 1-7)

Jerusalém foi fundada no III milênio a.C., na época após o Dilúvio. Nesse tempo, ela era um assentamento com raízes hititas e cananeias[228] (v. 3). No seu início, a cidade não apresentava nada de considerável. Jerusalém é comparada com um bebê recém-nascido e jogado fora (v. 4-5). Durante muitos séculos, Deus permitiu que a cidade se desenvolvesse. Ela crescia constantemente e tornou-se mais bela (v. 6-7).

Jerusalém promovida à capital de Israel (v. 8-14)

No ano de 1049 a.C.[229] a cidade foi conquistada por Davi e ele a promoveu à capital real de Israel.[230] Essa era a "época do amor": Deus escolheu essa cidade[231] e proporcionou a ela uma glória extraordinária. A Arca da Aliança, que era o sinal da aliança entre Deus e o Seu povo (v. 8), foi levada para Jerusalém.[232] A incalculável riqueza de Salomão tornou a cidade conhecida em todo o mundo antigo.[233]

A decadência de Jerusalém (v. 15-34)

A derrocada de Jerusalém começou já ao final do reinado de Salomão.[234] Assim como acontece em outras passagens dos

227 Hc 1.13.
228 Os amorreus formavam a tribo mais significativa dos cananeus.
229 As datas (anos) do Antigo Testamento utilizadas aqui constituem uma cronologia consequente que integra todos os números do AT em um sistema fechado, sem que haja necessidade de "corrigir" um número sequer. Todos os números se combinam harmoniosamente entre si. Compare: R. Liebi: *Zur Chronologie des AT* ("Sobre a Cronologia do AT", disponível gratuitamente em *www.rogerliebi.ch*).
230 2Sm 5.5-9.
231 2Cr 6.6.
232 2Sm 6. 16-17.
233 2Cr 9.
234 1Rs 11.

livros proféticos,[235] Deus utiliza aqui a figura de um matrimônio: a Sua relação com o Seu povo (inclusive com sua capital) é comparada à relação de um marido com sua esposa. Esta, porém, se torna uma "prostituta". Jerusalém se afastou do único Deus verdadeiro e esqueceu que devia a Ele tudo o que ela tinha (v. 17-19) e foi infiel a Ele em todos os sentidos. A idolatria era imoralidade espiritual no sentido mais verdadeiro da palavra, porque poderíamos dizer que Deus era enganado com religiões pagãs, nas quais a prostituição cultual tinha um papel preponderante (v. 15-22). A esse adultério religioso juntou-se o político (v. 23-29): ao invés de confiarem no Senhor para sua segurança, a cidade confiou nas "superpotências" da época: Egito (v. 26), Assíria (v. 28) e Babilônia (v. 29). Enquanto uma prostituta normalmente cobrava dinheiro, Jerusalém pagava seus amantes (v. 30-34). Para alcançar o favor dos seus aliados, os reis de Judá lhes mandavam presentes.[236]

Jerusalém é condenada pelos seus amantes (v. 35-43)

O juízo sobre Jerusalém seria exercido pelas nações pagãs com as quais ela havia mantido adultério espiritual. De fato, alguns anos mais tarde, de acordo com a profecia, a cidade foi destruída pelo último dos seus amantes: a Babilônia. O império assírio havia sido absorvido pelo babilônico, entre 612-609 a.C. Nesse sentido, também o amante Assíria destruiu Jerusalém.

Jerusalém é comparada às cidades vizinhas (v. 44-52)

Os horrores cometidos em Jerusalém e em outras cidades judaicas[237] não eram piores apenas do que os de Samaria e das outras cidades das dez tribos (v. 46-47,51),[238] mas também

235 Is 50.1; 54.1s.; Jr 2.1s.; 3.1s.; Os 1.1-3.5.

236 2Rs 23.35.

237 A palavra "irmãs" se refere às três capitais: Jerusalém, Samaria e Sodoma. A expressão "suas filhas" (v. 46,48) indicam cidades menos importantes e que dependiam de uma das capitais.

238 As expressões "à tua esquerda" e "à tua mão direita" (v. 46 – ARA) são compreendidas a

piores do que os de Sodoma e das outras cidades da região (v. 48). A culpa de Sodoma não se resumia apenas a pecados sexuais.[239] As suas transgressões incluíam também o orgulho, hedonismo, leviandade ou superficialidade bem como a falta de senso de compaixão social pelas pessoas em dificuldade (v. 49-50a). A vergonha de Sodoma tornou-se proverbialmente bem conhecida, mas Jerusalém havia procedido de modo ainda pior.

A restauração prometida (v. 53-59)

Como a graça de Deus é surpreendente! Chegará o dia em que Jerusalém, Samaria, Sodoma e todas as cidades ao redor serão restauradas e abençoadas por Deus. Não se trata de salvação para os habitantes de Sodoma ao tempo de Abraão, os quais sofrerão no fogo eterno[240] – aqui Deus aponta unicamente para a existência dessas cidades durante o Reino Milenar. Jerusalém terá vergonha dos horrores cometidos. Haverá uma completa renovação (v. 54).

A nova aliança com Jerusalém (v. 60-63)

O final do capítulo, o qual, apesar de seu tamanho, deveria ser lido numa passada só, nos deixa pasmos. Apesar de toda sua infidelidade e de tudo que ela fez, o Senhor perdoa Jerusalém (v. 63)! Além disso, Ele firma uma nova aliança com essa cidade e que tem por base o precioso sangue de Jesus.[241] A aliança feita com Israel no Monte Horebe, a Aliança da Lei (v. 61b) foi totalmente quebrada. Deus, no entanto, agirá com

---

partir da posição em que se encontra o observador. Na geografia bíblica a orientação é baseada no Oriente. Olha-se para o leste; assim, em um mapa, o leste ficaria posicionado acima (a palavra hebraica *qedem* significa tanto "leste" como também "o que se encontra à frente"). Samaria, que se localizava ao norte de Jerusalém, de fato estava "à esquerda" do observador. Compare Joel 2.20: o mar oriental = Mar Morto; o mar ocidental = Mar Mediterrâneo.

239 2Pe 2.6.

240 Jd 7.

241 Mt 26.28.

base em sua nova Aliança da Graça (v. 62a). Jerusalém – ou de modo mais amplo: Israel – aproveitará esse privilégio sob o reinado do Messias, no Reino Milenar [242] (37.26). Ela se tornará a capital do mundo, mas não ficará orgulhosa por isso, pois Deus agirá em sua consciência, proporcionando-lhe verdadeira humildade (v. 63).

O significado para nós, hoje

A história horrível de Jerusalém é semelhante à de cada pessoa. Deus veio até às Suas criaturas, cuja decadência moral era dramática. A graça de Deus, da maneira como foi mostrada nesse capítulo, aponta antecipadamente para a Parábola do Bom Samaritano e a do Filho Pródigo.[243] Muitas vezes é necessário que Deus nos lembre das nossas origens: nem nossa descendência (v. 3), nem nosso comportamento (v. 4) eram merecedores do Seu amor.[244] Sim, nosso Deus é "rico em misericórdia" e nos salvou "pelo grande amor com que nos amou".[245]

Qual é a nossa reação diante dessa grandiosa graça que nos foi outorgada? Se nosso comportamento corresponde à nossa vocação, então despertaremos admiração em todo lugar (v. 14).[246] Todavia, permanece o perigo de que, sem percebermos, damos mais atenção a nós mesmos do que a Ele e não confiamos mais em Sua graça (v. 15a). Nosso amor a Jesus esfriará desapercebidamente. Aqueles que supostamente seguem a Jesus, mas empregam toda sua força, a inteligência, o tempo e todo o seu dinheiro para objetivos e prazeres mundanos, procedem do mesmo modo como a prostituta referida no capítulo anterior. Isso é repugnante! Eles perdem sua atual bên-

242 Is 55.3; 59.21; 61.8; Jr 31.31-34; 32.40; 33.24-26.
243 Lc 10.30-37; 15.11-31.
244 Ef 2.3.
245 Ef 2.4.
246 1Ts 1.8-10.

ção espiritual e sua futura recompensa. Que essa descrição estarrecedora nos leve a dedicarmos toda nossa vida para o serviço de nosso Senhor Jesus[247] e a fugirmos da amizade desse mundo, a qual é comparada com adultério espiritual por Tiago.[248] Quem se afasta de Deus, se comprometendo com o mundo e cede aos seus desejos,[249] se arrisca a ser disciplinado por Deus (v. 36-43).[250]

Dois versículos desse capítulo deveriam sensibilizar nossa consciência:

- "...as filhas dos filisteus, que ficaram chocadas com a sua conduta lasciva" (v. 27): uma pessoa crente pode cair tão profundamente em pecado que ela pode ser alvo de reprovação – sim, até "vergonha" – por parte dos incrédulos.[251] Que desonra para o Senhor!
- Os pecados de Sodoma: "eram arrogantes, tinham fartura de comida e viviam despreocupadas" (v. 49). Isso não nos lembra dos problemas aqui no Ocidente, que foi cristianizado cedo e é considerado civilizado? Que sejamos resistentes às influências que nos envolvem!

Finalmente, porém, lembremo-nos dos últimos versículos: se vemos lá o brilho da graça de Deus, quanto mais ela pode se espalhar em nossa era, na qual "a graça reina pela justiça"![252]

Sejamos lembrados uma vez mais que aqui na terra nada é selado definitivamente e que Deus consegue alcançar o coração de cada crente – mesmo que este tenha se afastado para muito longe Dele – para perdoá-lo e trazê-lo de volta. Assim, Deus glorifica ainda mais a Sua misericórdia diante do juízo.[253]

247 1Co 6.19.
248 Tg 4.4.
249 1Jo 2.16.
250 1Co 11.30-32.
251 1Co 5.1.
252 Rm 5.21.
253 Tg 2.13.

6. A parábola das duas águias (17.1-24)

Esse capítulo forma um elo de ligação entre os anteriores, os quais tratavam de responsabilidade coletiva, com o seguinte, em cujo ponto central está a responsabilidade do indivíduo. Ele se refere a Zedequias, o rei de Judá. Com sua própria responsabilidade como pessoa, diante de Deus, foi acrescentada a de ser responsável pelo povo. A parábola é uma "alegoria" ou "parábola" (v. 2), que o próprio Deus explica (v. 11-21).

A grande e belíssima águia simboliza Nabucodonosor, o famoso rei do Império Babilônico (v. 3,12). O cedro representa a geração real de Davi.[254] Nabucodonosor aprisionou Joaquim, o último governante da linhagem real ("do alto de um cedro", v. 3; "o seu broto mais alto", v. 4),[255] e o levou para o exílio na Babilônia ("cidade de comerciantes", v. 4), para a terra dos caldeus ("terra dos mercadores", v. 4). Então ele nomeou Zedequias, o tio de Joaquim, como rei vassalo,[256] apesar de ser originário de uma linha colateral ("Depois apanhou um pouco de sementes da sua terra", v. 5), e não do "cedro". Pela bondade de Nabucodonosor, o reino conseguiu se desenvolver bem durante alguns anos, sob o reinado de Zedequias (v. 5-6). Todavia, a elite havia sido deportada (v. 12) e o reino de Zedequias ocupava apenas uma posição secundária, uma videira de "baixa" (v. 6,13-14).

No entanto, ao invés de aceitar o senhorio babilônico, Zedequias pretendia livrar-se desse jugo e tentou aliar-se ao Faraó egípcio, a "outra águia grande" (v. 7,15).[257] Ao fazê-lo, ele quebrou a aliança com Nabucodonosor, que ele havia firmado em nome do Senhor (v. 13,15-16,18-19).[258] Deve ser ressaltado

254 Para a compreensão desse símbolo, devemos lembrar que foi utilizada madeira de cedro do Líbano para a construção dos palácios reais de Davi e também de Salomão (2Sm 5.11; 7.2; 1Rs 7.1-8).
255 2Rs 24.10-16.
256 2Rs 24.17.
257 2Rs 24.20b.
258 2Cr 36.13; Jr 34.18.

que Deus considerava essa aliança como se fosse Sua (v. 19) e que a quebra da fidelidade do rei foi infidelidade contra o próprio Deus (v. 20b). Isso foi ainda mais importante porque, através disso, o Nome do Senhor foi arrastado na lama diante das outras nações.

As consequências dessa infidelidade levariam ao aprisionamento de Zedequias (v. 12-13,16,20) e o juízo definitivo sobre o reinado através dos babilônios (simbolizados pelo "vento oriental", v. 10,21).[259] O Faraó não os ajudaria.[260]

Como membros do povo de Deus, temos a responsabilidade de manter "o bom nome que sobre vocês foi invocado",[261] em honra diante do mundo. Se trouxermos vergonha para ele, essa inconsequência será imediatamente observada em nosso ambiente e, assim, nosso testemunho estará destruído!

Mas a parábola não acaba nesse ponto, pois o final do capítulo é uma maravilhosa perspectiva para o Messias. Deus apanhará um "broto tenro" da descendência de Davi,[262] "um broto bem do alto" (v. 22). O Messias, esse "cedro viçoso" (v. 23), será plantado no Monte de Sião e, a partir dele, reinará com poder sobre toda a terra.[263] Ele proporcionará alimento e segurança para toda a humanidade. Por ocasião da Sua Primeira Vinda, o Senhor Jesus ocupou o último lugar, no futuro, porém, Ele ocupará o mais elevado.[264]

Como é bom ver que o mesmo profeta, que teve que anunciar o juízo sobre o seu povo, também transmite uma mensagem de esperança. Nesse capítulo, Deus Se manifesta como "o Deus da esperança",[265] e toda a esperança de Israel e da Igreja se baseia sobre o Messias, nosso Senhor Jesus Cristo.

259 2Rs 25.1; 2Cr 36.17-21.
260 Jr 37.5-10.
261 Tg 2.7.
262 Is 11.1; 53.2.
263 Is 2.2-4.
264 Pv 15.33; Fp 2.7-9.
265 Rm 15.13.

7. A responsabilidade pessoal (18.1-32)

Nesse capítulo é colocado um princípio geral que é fundamental para o agir de Deus: cada indivíduo é pessoalmente responsável diante Dele. Essa realidade já foi mencionada de outra maneira, quando se tratava da responsabilidade do vigia (3.18-21) e da preservação dos justos (14.13-21).

A responsabilidade de cada geração (v. 1-20)

O Senhor reage contra um provérbio desrespeitoso que era comum entre o povo de Israel, no tempo de Ezequiel: "Os pais comem uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotam" (v. 2).[266] Em outras palavras, significa: nós pagamos indevidamente pelos erros de nossos antepassados. Para eles isso era uma maneira de desviar a culpa de si e responsabilizar outros pela vinda do juízo vindouro, ao invés de se converter com confissão e arrependimento.

Deus rejeita claramente as convicções distorcidas deles: primeiramente Ele apresenta um princípio geral: "Aquele que pecar é que morrerá" (v. 4,20). A seguir, Ele cita diversos fatos como exemplos, com base em três gerações seguidas:

- O homem que praticar a justiça, viverá (v. 5-9).
- O filho perverso desse homem justo morrerá (v. 10-13).
- O neto justo viverá, enquanto seu pai perverso morrerá (v. 14-18).

Na história dos últimos reis de Judá, encontramos exemplos de reis justos (Ezequias, Josias), cujos ascendentes e descendentes diretos eram injustos (Acaz, Manassés, Amom, Joacaz).[267]

De acordo com a Lei Mosaica, o Senhor castiga os filhos pelo pecado dos pais, até a terceira e quarta geração.[268] Isso

266 Jr 31.29-30; Lm 5.7.
267 A sequência genealógica foi: Acaz, Ezequias, Manassés, Amom, Josias, Joacaz.
268 Êx 20.5b.

não está em contraste com Ezequiel 18? Não! Em Êxodo 20.5 é acrescentado: "daqueles que me desprezam". No versículo seguinte, porém, há a promessa de que Deus manifesta Sua bondade até mil (!) gerações "aos que me amam". O juízo de Deus recai sobre os descendentes que, a exemplo de seus antepassados, continuam vivendo em vil teimosia contra Deus e no mesmo caminho de perversidade. Isso, porém, não vale para os descendentes que se convertem em arrependimento e passam a amar a Deus. Moisés também escreveu em outra passagem (Dt 24.16):[269] "Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais; cada um morrerá pelo seu próprio pecado". O que acontece, sem dúvida, é que a incredulidade dos pais tem consequências sobre a educação e criação dos filhos, mas, apesar disso, cada um permanece pessoalmente responsável perante Deus. Cada geração precisa tomar sua própria decisão sobre o caminho em que seguirá, se pelo caminho da piedade e fidelidade ou pelo caminho da rebeldia e da vontade própria contra o Senhor. Deus pede satisfação a cada um segundo as suas responsabilidades. Isso valia também para a época de Ezequiel, quando foi executado o juízo sobre Israel.

A responsabilidade depende de uma mudança de comportamento (v. 21-32)

Surge uma outra questão: Deus classifica uma pessoa em uma determinada categoria por toda a vida? Também aqui Deus rejeita as acusações do povo, de que Ele seja inconstante e inconsequente:

- O homem injusto que se converter, viverá (v. 21-22,27-28).
- O homem justo que pecar, morrerá (v. 24,26).

269 Compare 2Rs 14.6; Gn 18.25.

Também aqui a história de Israel, por exemplo com Salomão[270] ou Manassés,[271] contraria as concepções erradas dos judeus.

Deus, ao ser duplamente acusado de ser injusto (v. 25,29; compare 33.17,20) responde com uma dupla confirmação que Ele não tem prazer na morte do ímpio (v. 23,32).[272] É algo muito mau atribuir injustiça a Deus para justificar sua própria injustiça. O princípio pelo qual Deus julga cada indivíduo por suas ações e responsabilidades, mostra em si um consequente juízo de direito. Isso revela tanto Sua justiça como também Sua sabedoria e confere a nós, homens, a dignidade de sermos considerados como pessoas integralmente responsáveis.

O significado do capítulo

Deus trata com as pessoas dois grandes princípios que nos são apresentados constantemente nas Escrituras:

- O princípio dos meios de governo de Deus vale para a vida das pessoas aqui na terra. Deus age de acordo com nossa conduta: "Pois o que o homem semear isso também colherá".[273]
- O princípio do Seu conselho para a Eternidade refere-se ao nosso destino final.

Para realmente compreender o sentido desse capítulo, esses dois princípios devem ser cuidadosamente distinguidos. No Antigo Testamento, os temas "vida" e "morte" não se referem ao destino eterno da alma, mas simplesmente à vida corporal e à morte corporal, aqui na terra. A salvação eterna dependia única e exclusivamente da fé viva e verdadeira em

270 1Rs 11.
271 2Cr 33.12-20.
272 No capítulo anterior, o verbo "viver", no sentido de "ele deve viver" ou "ele deve permanecer vivo", aparece sete vezes (v. 9,17,21,23,27,28,32), enquanto o verbo "morrer" aparece apenas duas vezes (v. 13,18). Deus, de fato, deseja a vida do pecador, não sua morte (compare 1Tm 2.4; 2Pe 3.9).
273 Gl 6.7b.

Deus e no Messias vindouro.[274] A obediência à Lei (isso será comentado num resumo de 15 itens sobre os versículos 5 a 9) conduzia à uma vida mais longa aqui na terra.[275] Também é impossível tomar esse capítulo como base para apoiar certas falsas doutrinas:

- "Justificação pelas obras": os versículos 5 a 9 não contradizem a clara doutrina do Novo Testamento: "Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras..."[276]
- "A perda da salvação": os versículo 24 e 26 não ensinam que um filho de Deus poderia perder a vida eterna. O Novo Testamento anuncia claramente que nada pode nos separar (isto é, a nós os eleitos de Deus e que foram justificados pela fé) do amor de Deus.[277] No entanto, também é verdade que um crente pode perder sua vida corporal em certos casos, como consequência de pecados graves.[278]
- "A alma deixa de existir": quando Ezequiel diz: "A alma que pecar, essa morrerá" (v. 20 - ARA), isso não significa absolutamente que a alma (no sentido de lugar da personalidade, o "eu") deixa de existir após a morte do corpo. A expressão hebraica *nephesh*, que aqui é traduzida por "alma", tem vários significados[279] e aqui se refere simplesmente à "pessoa". Muitas passagens das Escrituras confirmam claramente que, após a morte do corpo, a alma e o espírito continuam existindo eternamente.[280]

274 Gn 15.6; Hc 2.4.
275 Dt 30.17-20.
276 Ef 2.8-9.
277 Rm 8.1,35-39; Jo 10.28-29.
278 At 5.1-11;1Co 11.30; 1Jo 5.16.
279 Respiração, garganta, ser vivo, pessoa, personalidade, vida, lugar dos sentidos / da vontade / das ideias (ou seja, "alma", no sentido do "eu não material"), etc.
280 Ec 12.7; Lc 16.19-31; 20.38; 23.43; Fp 1.21,23; Ap 6.9.

Aplicação para os nossos dias

Os provérbios populares (v. 2) que se ouve hoje são quase os mesmos: "Não se pode acusá-lo porque ele não é responsável. Isso depende do seu gênio, sua educação e do seu ambiente, etc". Todos nós temos a tendência de transferir aos outros a responsabilidade por nossos erros.[281]

Também nas modernas teorias psicológicas ou psicoanalíticas surge esse conceito com frequência e, muitas vezes, não têm outra função senão a de encontrar desculpas para a prática do pecado e responsabilizar outras pessoas por ele. É natural que fatores externos desempenhem o seu papel, mas Deus nos mostra aqui que a situação moral de uma pessoa não é moldada nem pelos seus genes, nem pela educação recebida, etc. Basicamente ninguém é obrigado a imitar o mau exemplo de seus pais. Por outro lado, também ninguém é salvo através da religiosidade de seus pais.

Do mesmo modo como uma geração pode ser isenta dos erros de seus antepassados, também cada pessoa pode ser liberta do peso de seu passado (v. 22). As consequências dos nossos atos podem permanecer,[282] porém, o peso da culpa pode ser completamente afastado através do perdão de Deus e da Sua graça. A graça de Deus já não nos tirou em tantas ocasiões de uma situação aparentemente sem saída, na qual nos envolvemos pela nossa própria imprudência?

O final do capítulo nos mostra o amor de Deus: Ele "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade".[283] Com muita paciência, Ele renova a oferta da Sua graça ao pecador:[284] "Arrependam-se e vivam!" (v. 32). Como acontece através de toda a Bíblia, também aqui encontramos o mesmo coração amoroso de nosso Deus, que

281 Gn 3.12-13; Rm 2.1.
282 Gl 6.7.
283 1Tm 2.4.
284 2Pe 3.9.

deseja o arrependimento (v. 30) e a renovação interior (v. 31) do pecador.[285] Ele de fato é "um Deus perdoador, um Deus bondoso e misericordioso."[286]

8. O lamento sobre os príncipes de Israel (19.1-14)

Esse capítulo apresenta um hino de lamento (v. 1,14b) que também se compõem de duas parábolas. Como acontece no capítulo 17, sua contrapartida, trata-se figurativamente do fim do reinado judaico.[287]

A parábola da leoa e dos filhotes (v. 1-9)

Na primeira parábola, a dinastia real é comparada a uma "leoa",[288] as demais nações com "leões", e os reis destas nações com "leõezinhos" (v. 2).[289] No caso do "filhote" do versículo 3, trata-se do mau rei Joaz, o filho de Josias, que foi levado como prisioneiro ao Egito (v. 4) no ano de 609 a.C.[290] O segundo "filhote", nos versículos 5-9, sem dúvida simboliza o rei Joaquim que reinou com tirania ainda maior do que Joaz.[291] De fato, esse homem foi levado como prisioneiro para a Babilônia (v. 8-9).[292]

Que história triste![293] Os reis de Judá deveriam ter demonstrado uma prévia do reinado messiânico às nações, no entanto, seu comportamento foi tão vergonhoso que até os pagãos

285 O "coração novo" e o "espírito novo" são apresentados em outras passagens como sendo uma dádiva de Deus (11.19; 36.26), que cada um deve aceitar pessoalmente (é o que indica a expressão do capítulo anterior "busquem").
286 Ne 9.17.
287 A expressão "príncipes" inclui também os reis (ver 12.10).
288 Gn 49.9; 1Rs 10.18-20.
289 A analogia com a tribo de Judá é novamente retomada no Novo Testamento: o Messias, o último Rei da tribo de Judá, é chamado de "o Leão da tribo de Judá" (Ap 5.5).
290 2Rs 23.30-34.
291 Pv 19.12; 20.2.
292 2Rs 24.8-17.
293 A parábola ilustra uma vez mais o capítulo anterior: a justiça do bom rei Josias não salvou seus maus sucessores da condenação.

ficaram indignados com eles (16.27). Esses "leões" de Judá eram muito semelhantes aos "leões" das nações pagãs. Eles não lembravam nem um pouco do "Leão da tribo de Judá",[294] porém, em sua crueldade e violência, imitavam ao Diabo, esse que "anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar".[295] Como nós nos portamos diante do olhar do mundo? Conseguimos transmitir algumas das características do Rei dos reis, ou, com nossas brigas internas, proclamamos o espírito devorador e destruidor dos gálatas?[296]

A parábola do julgamento da videira (v. 10-14)

Novamente o povo judeu é simbolizado por uma videira (v. 10).[297] Os seus "galhos fortes" (v. 11 - ARA) nos lembram dos poderosos reis que se sucederam no trono de Davi. A seguir, Ezequiel vê antecipadamente a destruição do Reino do Sul, através do exército babilônico que atacaria a partir do Oriente (v. 12), bem como a deportação do povo (v. 13). "Dos galhos dos seus ramos saiu fogo" (v. 14 - ARA), é uma referência à rebelião de Zedequias, a qual trouxe consigo o término definitivo do reinado judaico.[298] Israel desejava ter um rei "à semelhança das outras nações",[299] mas o tão almejado reinado transformou-se em um motivo importante para a queda de Judá.

Isso nos mostra como é difícil, para uma pessoa, exercer o poder sem permitir ser corrompido por ele. Oremos pelos nossos "presbíteros" ou "anciãos"[300] e "líderes",[301] para que a

294 Ap 5.5.
295 1Pe 5.8.
296 Gl 5.15.
297 Is 5.1-7; Jr 2.21.
298 2Rs 24.20; 25.1-7.
299 1Sm 8.5.
300 At 14.23; 20.17,28; 1Tm 3.1s.; Tt 1.5s.
301 Hb 13.7,17; At 15.22.

autoridade moral que receberam de Deus não os transforme em orgulhosos e tiranos.[302]

9. A história da infidelidade de Israel (20.1-49)

No ano 591 a.C., no sétimo ano após a deportação, alguns líderes de Israel se dirigiram a Ezequiel com a finalidade de consultarem ao Senhor (v. 1). Do mesmo modo como foi na ocasião anterior (14.1-11), por causa da idolatria que tinham em seus corações (14.3), Deus não lhes respondeu (v. 2-3,31). O pecado contínuo representa um grande obstáculo para o reconhecimento da vontade de Deus. Desta vez, o Senhor lhes apresentou uma figura extraída da história de Israel, desde a saída do Egito, usando esse meio para mostrar Sua graça e longanimidade, a qual estava num contraste agudo à sua teimosa inclinação para a idolatria e sua rebeldia (v. 5-29). Naquela ocasião, porém, havia chegado a época do juízo (v. 30-33). Apesar disso, no final de tudo, Deus mostraria Sua graça a Israel, mas somente mediante o seu verdadeiro arrependimento (v. 34-44). No final do capítulo, o juízo é descrito na forma de uma parábola (v. 45-49), que será explicada em todos os detalhes.

A história da idolatria entre o povo (v. 5-32)

- A idolatria no Egito (v. 5-10): esse capítulo traz à luz, de maneira notável, o comportamento dos israelitas durante o período entre a morte de José e o aparecimento de Moisés. Isso não é relatado em Êxodo. Eles haviam esquecido a maioria das revelações que Deus havia fornecido aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó e adotaram

302 Lc 22.26; 1Pe 5.1-3.

os deuses egípcios! Isso explica a razão pela qual Deus permitiu que Seu povo caísse na terrível escravidão. Era a disciplina de Deus em virtude da idolatria praticada por Israel no Egito.[303] Mesmo assim, Deus salvou Seu povo da escravidão e isso por Sua imensa graça. Será que Israel poderia ter feito o mínimo para que pudesse merecer essa salvação? Não, tudo o que aconteceu foi pelo amor do Nome do Senhor (v. 9,14,22,44), que assim demonstrou o Seu ser.

- A idolatria da primeira geração no deserto (v. 11-17): Deus levou o Seu povo idólatra para o deserto, ao lugar em que, longe de qualquer atividade externa, fica fácil ouvir a Sua voz.[304] Os filhos de Israel receberam a Lei, junto ao Sinai, que claramente proíbe qualquer tipo de idolatria.[305] No entanto, mal a lei havia sido promulgada, o povo transgrediu esse mandamento (v. 13,16).[306] Mesmo assim, Deus não eliminou o Seu povo totalmente, e isso novamente por amor ao Seu Nome (v. 14,17).[307]
- A idolatria da segunda geração no deserto (v. 18-26): são poucos os que aprendem algo com a história, e os filhos dos israelitas, desses que morreram no deserto, novamente seguiram pelo caminho da idolatria de seus pais (v. 21,24): "Foi a mim que vocês trouxeram sacrifícios e ofertas durante os quarenta anos no deserto, ó nação de Israel? Não! Vocês carregaram o seu rei Sicute, e Quium, imagens dos deuses astrais, que fizeram para vocês mesmos".[308] Deus, no entanto, continuou agindo

303 Compare Êx 1.
304 Êx 3; Gl 1.17-18; Os 2.16-17.
305 Êx 20.1-6.
306 Três vezes nesse capítulo é prometida a vida àquele que cumprir a lei integralmente (v. 11,13,21; compare Lv 18.5). Na Carta aos Gálatas (3.10-14) é explicado de maneira maravilhosa o motivo pelo qual, mesmo assim, ninguém ainda consegue obter a vida através do cumprimento da Lei.
307 Êx 32.12-13.
308 Am 5.25-26.

com Sua graça, para que Seu Nome não fosse profanado entre as outras nações (v. 22).[309]

- A idolatria na Terra Prometida (v. 27-32): após terem chegado à Terra Prometida, eles se afundaram tanto na idolatria, que chegaram a sacrificar os próprios filhos aos deuses falsos (v. 31).

Que decadência fatal! Rebeldia contra Deus, recusa em ouvir, recusa em abandonar os ídolos (v. 8), desobediência e rejeição à Palavra de Deus, profanação dos Sábados, afeição por ídolos (v. 13,16,21), sacrifício de crianças e outras ofertas para os ídolos com os quais se tornaram impuros (v. 26,28,30-31).

O sacrifício de crianças é um assunto tratado hoje como nunca foi antes na história. Desde a liberação do direito de abortar, nos EUA, em 1973, essa prática impiedosa encontrou seguidores em todo o mundo. De 1973 para cá, já foram sacrificadas mais de um bilhão de crianças ao redor do mundo. Isso faz com que todas as sangrentas guerras ao longo da história se tornem insignificantes.

Sacrificar os próprios filhos aos ídolos pode parecer um pecado inconcebível para um cristão, porém, não significa também abandonar os filhos quando mantemos uma vida cristã repleta de ídolos modernos, que acabam desviando-os do Senhor e dos Seus caminhos como discípulos fiéis e comprometidos?

A promessa da futura restauração (v. 33-44)

Os idólatras do povo de Israel queriam de fato imitar as nações pagãs[310] e seguir a mesma religião delas (v. 32). Esse caminho errado, no entanto, deveria ter um fim. Juntamente

309 Os versículos 25 e 26 parecem ser de difícil compreensão. À luz de Rm 1.26-32 e 2Ts 2.11 eles podem significar o seguinte: Israel não queria obedecer aos mandamentos divinos, por isso Deus deixou que eles caíssem na repugnante idolatria. Tratava-se de um castigo de Deus que, em sua loucura ímpia foram submetidos a leis pagãs que lhes causaram unicamente prejuízos e morte.

310 1Sm 8.5.

com o reagrupamento de Israel no fim dos tempos, Deus prometeu o juízo da Sua ira sobre os ímpios, os quais Ele separará, enquanto que o Senhor concederá Sua graça para aqueles que se converterem. Nesse ponto do capítulo 20 encontra-se uma breve visão profética sobre a última fase do retorno do povo à sua terra, por ocasião da Volta de Cristo (ver Mt 24.31): [311] aqueles que então estiverem exilados, serão submetidos ao juízo de Deus ainda entre as nações (v. 35). O Senhor "separará" os revoltados, os quais enfrentarão um terrível juízo (v. 38), enquanto aqueles que crerem receberão Sua graça (v. 37). Apenas os derradeiros então retornarão à Terra Prometida e lá adorarão, em verdade e em pureza, ao único Deus verdadeiro (v. 34,41-42). O povo de Israel passará por uma profunda renovação espiritual (v. 43). Finalmente, "toda a casa de Israel", Israel e Judá reunificados, servirão fielmente ao Senhor (v. 40) e seus sacrifícios serão aceitos de bom grado por Deus.[312]

Que retrospecto o povo fará da sua história? Ele verá a imutável fidelidade de Deus às suas promessas (v. 42) e Sua graça, a qual superou em muito a infidelidade passada do povo (v. 44) – por amor ao Seu Nome. Aquele orgulho natural do coração se afastará mediante a humildade e a lembrança dos pecados do passado (v. 43).

Para os crentes da Era da Graça vale exatamente o mesmo princípio: se algum dia formos "para o louvor da sua glória", então devemos isso unicamente às "riquezas da graça de Deus".[313] Quando lembramos a caótica história da Igreja na terra e as nossas próprias transgressões pessoais, isso deveria

311 Antes da Volta de Cristo, em poder e glória, somente uma parte do povo judeu retornará à terra de seus pais, vinda de todo o mundo. Esse retorno deveria ser caracterizado por ter ocorrido numa condição de impureza. Deus fará a obra de purificação de Seu povo somente quando este estiver na sua terra (Ez 36.22-32). A Diáspora (dispersão) dos judeus através do mundo terá um fim (Ez 39.28) somente após a Volta de Jesus, quando os ímpios serão condenados no exterior e os eleitos serão levados à Terra Prometida (Mt 24.31).

312 Ml 3.4.

313 Ef 1.7.

despertar menosprezo de nós mesmos,[314] bem como verdadeira humildade e imensa gratidão diante do nosso misericordioso Deus e Pai.

A parábola do incêndio na mata (v. 45-49)

A profecia que Deus anunciou ao Seu servo refere-se à parte sul de Israel (v. 45-46). A palavra que foi traduzida por "Neguebe" na expressão "floresta da terra do Neguebe" e "floresta do Neguebe", no vocabulário hebraico indica uma expressão geográfica: "o sul". Ela indica a região sul de Israel, especialmente a área ao sul de Berseba.[315] Observamos aqui que, à época de Ezequiel, o norte dessa região do Neguebe era uma floresta.[316]

A floresta consta no capítulo 20 simbolicamente, para indicar o Reino do Sul e as árvores indicam os seus habitantes: as árvores verdes representam os justos e as secas indicam os ímpios (v. 47; 21.3). O fogo que consome toda a floresta (v. 47-48) simboliza a ira de Deus.

Ao invés de ouvir e atender à esse anúncio divino, os judeus alegaram que as palavras de Ezequiel eram difíceis de serem compreendidas (v. 49).[317] Pelo fato de não aceitarem submeter-se à autoridade de Deus, também nos dias de hoje muitos incrédulos ainda usam a desculpa de uma suposta obscuridade e da multiplicidade de interpretações da Bíblia. Para minimizar essa desculpa, Deus fez uma nova e assustadora revelação, na qual a parábola foi traduzida em uma linguagem facilmente entendida.

314 Jó 42.6; Rm 7.18,24.

315 Berseba, no tempo do AT, era o posto avançado no sul da Terra Prometida (ver Jz 20.1; 1Sm 3.20; 2Sm 3.10; 17.11; 24.2,15; 1Rs 4.25; 1Cr 21.2; 2Cr 30.5; Am 8.14).

316 Desde o ano de 1945, o Fundo Nacional KKL judeu, através de enormes esforços, conseguiu recuar o deserto em 40 km em direção ao sul. Há imensas planícies nessa área que foram então destinadas para a produção agrícola.

317 A expressão hebraica *mashal*, que aqui foi traduzida como "parábola", também significa "palavras incompreensíveis" ou "palavras enigmáticas".

Uma comparação cuidadosa dos versículos 46-48 com os versículos 2-5 do capítulo 21 permite claramente verificar o paralelo entre elas. Assim, fica evidente que se trata de uma parábola seguida da respectiva interpretação:

Cap. 20.46-48	Cap. 21.2-5
"Filho do homem, vire o rosto para o sul;..." (v. 46).	"Filho do homem, vire o rosto contra Jerusalém..." (v. 2).
"...pregue contra o sul..." (v. 46).	"...e pregue contra o santuário" (v. 2).
"...e profetize contra a floresta da terra do Neguebe" (v. 46).	"Profetize contra Israel,..." (v. 2).
"Diga à floresta do Neguebe:..." (v. 47).	"...dizendo-lhe:..." (v. 3).
"Assim diz o Soberano, o Senhor..." (v. 47).	"Assim diz o Senhor:..." (v. 3).
"Estou a ponto de incendiá-la,..." (v. 47).	"Estou contra você. Empunharei a minha espada..." (v. 3).
"...consumindo assim todas as suas árvores, tanto as verdes quanto as secas" (v. 47).	"...para eliminar tanto o justo quanto o ímpio" (v. 3).
"A chama abrasadora não será apagada,..." (v. 47).	"...não tornarei a guardá-la" (v. 5).
"...do Neguebe até o norte..." (v. 47).	"...do Neguebe até o norte" (v. 4).
"Todos verão que eu, o Senhor, a acendi; não será apagada" (v. 48).	"Então todos saberão que eu, o Senhor, tirei a espada da bainha..." (v. 5).

10. A espada de Deus sobre Israel (21.1-32)

O tema do capítulo 21 é o juízo que se abateria sobre Israel, através da "espada" de Nabucodonosor (v. 19). Ezequiel, porém, revelou que essa espada, na verdade, foi a espada de

Deus (v. 3,5). O rei de Babel apenas serviu de instrumento na mão de Deus, Ele que é o Senhor sobre a história.

O povo será massacrado (v. 1-17)

A palavra "espada" aparece 15 vezes nos versículos 3 a 20.[318] Assim, é anunciado um juízo sangrento generalizado contra o povo e seus príncipes (v. 12), "desde o Neguebe [sul] até o norte" (v. 4). O "justo" e o "ímpio" podem ser atingidos pelo mesmo juízo na terra, no entanto, isso não influi em seu destino eterno: "Quer uma árvore caia para o sul quer para o norte, onde cair ficará".[319] Essa mensagem era tão amarga que Ezequiel, com seu profundo sentimento de comiseração pelos que seriam atingidos, foi levado a clamar por socorro e a chorar (v. 6-7,12). Anunciar o juízo era de sua responsabilidade, mas ele precisava antecipar a angústia e a dor que em breve recairia sobre o seu povo. Quando Deus nos pede para prevenir ou exortar a alguém, precisamos ter o cuidado de fazê-lo exatamente com essa postura interna, e tão comovido como o profeta ficou aqui, isto é, sem um coração petrificado e sem qualquer sentimento malicioso secreto de satisfação. Jesus Cristo não chorou também sobre Jerusalém?[320]

A espada alcançaria toda a tribo de Judá, e isso apesar da promessa que havia para ela: "O cetro não se apartará de Judá".[321] Os judeus estavam tão orgulhosos com isso que, em comparação com o cetro deles, os cetros dos demais reis eram considerados como bastões de madeira morta (v. 10).[322] Deus, porém, não lhes enviou um bastão de madeira, mas uma espada afiada. A aplicação é clara para nós: não podemos nos esconder por trás das belas promessas da Palavra de Deus com

318 21.3,4,5,9.9,10.11,12,13.14,14,15,16,19,20.
319 Ec 11.3.
320 Lc 19.41.
321 Gn 49.10.
322 Esse modo de falar se refere sem dúvida a Gn 49.9-10, onde Judá é chamado de *"filho meu"*. No versículo 27 é retomada a referência e relacionada com o Messias: "a quem ela pertence por direito", a Siló (ARA), que virá e que foi anunciado por Jacó nesse mesmo versículo.

base em expectativas injustas e, ao mesmo tempo, ignorar Seus mandamentos e viver em pecado.

O oráculo de Nabucodonosor (v. 18-23)

Deus revelou a Ezequiel que o rei da Babilônia deveria decidir se ele atacaria Jerusalém ou Rabá, a capital dos amonitas.[323] É impressionante observar como a Escritura descreve exatamente quais os três métodos de adivinhação seriam utilizados por Nabucodonosor para chegar a uma decisão (v. 21). Isso só torna óbvio que Deus havia determinado o juízo sobre Jerusalém muito antes da consulta aos oráculos da sorte por esse rei idólatra. Os espíritos malignos, que são invocados através dessas práticas supersticiosas e ocultas, de modo nenhum têm condições de atrapalhar os planos de Deus. O Senhor está acima de tudo, absolutamente soberano e sublime.

O último rei (v. 24-27)

O juízo sobre o povo judeu era uma consequência da sua iniquidade (v. 24). A frase: "Ó ímpio e profano príncipe de Israel" (v. 25) se referia unicamente a Zedequias, que havia rompido[324] um acordo com Nabucodonosor, acordo esse que Deus chama de "minha aliança".[325] Ele é descrito como "profano", porque ele desprezou a bênção de Deus (17,21).[326] No versículo 25, Zedequias, o último rei da casa de Davi, é colocado como uma prévia para o Anticristo, que, no fim dos tempos, um pouco antes da Vinda do Senhor, será o rei de Israel.[327] O período de Zedequias foi o fim de uma era, o fim da era do reino de Judá.[328] O Anticristo será o rei no fim dos tempos, antes da Vinda de Jesus Cristo.

323 Rabá, a atual Amã, capital da Jordânia.
324 2Rs 24.20; 2Cr 36.13.
325 Ez 17.19.
326 Hb 12.16.
327 Dn 11.36-39; Is 57.9; 2Ts 2.3-4,8-9,11; 1Jo 2.18; Ap 13.11s.
328 V. 25: "...cujo dia virá no tempo da extrema iniquidade" (ACF), (isto é, no fim dos tempos

A família real de Davi perderia a sua fama (v. 26) e nenhum de seus descendentes ocuparia mais o trono[329] até à Vinda do Messias (v. 27). Essa profecia se cumpriu de modo impressionante: desde o retorno da escravidão até à Primeira Vinda do Senhor Jesus nenhum descendente de Davi se tornou rei em Israel. Virá o dia, porém, no qual Deus dará a Jesus Cristo o trono de Seu pai Davi.[330] "E ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim".[331] Em contraste aos últimos reis de Judá – e a tantos outros governantes injustos e repressivos que o mundo viu desde então – a justiça será uma das características significativas do governo de Jesus Cristo.[332]

O juízo de Amom (v. 28-32)

Nabucodonosor decidiu atacar Jerusalém ao invés de Rabá, o que serviu de motivo para os amonitas zombarem de Israel (v. 28). Exatamente por isso Ezequiel também anunciou o juízo para os amonitas. Cinco anos após a destruição de Jerusalém, os babilônios devastaram o reino de Amom. Deus odeia quando alguém demonstra prazer pela desgraça de outros como, por exemplo, Edom demonstrou por seu irmão Jacó.[333] Estejamos alertas para não cometermos este pecado!

11. A culpa de Jerusalém (22.1-31)

Neste capítulo são novamente resumidos os pecados dos habitantes de Jerusalém (v. 1-12). Deus apresenta acusações irrefutáveis contra todas as camadas sociais (v. 23-31) e, assim, justifica o iminente juízo (v. 13-22).

repletos de iniquidade).
329 Jr 22.24-30; Os 3.4.
330 Lc 1.32.
331 Lc 1.33.
332 Is 32.1.
333 Ob 12.

Os pecados

Nos versículos 6 a 12 são mencionados quatro tipos de pecados e para cada tipo são indicados exemplos concretos. Para quase cada um deles encontramos um versículo do Novo Testamento que igualmente condena esse comportamento ou através do qual somos incentivados a agir justamente de modo contrário.

1. Pecados oriundos da convivência das pessoas (v. 6-7):
   - Assassinato (v. 2,3,6,9,12,13,25,27): "Se algum de vocês sofre, que não seja como assassino".[334]
   - Desprezo aos pais (v. 7): "Honra teu pai e tua mãe".[335]
   - Opressão ao estrangeiro (v. 7,29): "Não se esqueçam da hospitalidade[336]".[337]
   - Injustiça com os fracos (órfãos, viúvas, etc) (v. 7,29): "A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades..." [338]
2. Pecado juntamente com práticas da fé (v. 8-9):
   - Desprezo ao que é santo (v. 8,26): "Ou desprezam a igreja de Deus...?", é o que Paulo escreve aos coríntios, que negligenciavam a Ceia do Senhor e participavam dela indignamente[339].
   - Desprezo às coisas sagradas, profanação do Sábado[340] (v. 8): "...guardem-se para que não sejam levados pelo erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam".[341]

334 1Pe 4.15; Mt 5.2,22.
335 Ef 6.1-3.
336 A palavra grega *philoxenia*, que foi traduzida por "hospitalidade", significa literalmente "amor a estranhos".
337 Hb 13.2.
338 Tg 1.27.
339 1Co 11.22.
340 Observe-se que o mandamento do Sábado foi dado unicamente ao povo de Israel, no contexto da Aliança do Sinai. A Igreja de Cristo, na Era da Graça, não está subordinada à Aliança do Sinai (Rm 6.14; Cl 2.16-17).
341 2Pe 3.17.

- Calúnia (v. 9): "Livrem-se, pois, de toda maldade e de todo engano, hipocrisia, inveja e toda espécie de maledicência".[342]
- Idolatria[343] (v. 3-4,9): "Filhinhos, guardem-se dos ídolos".[344]

3. Pecados sexuais (v. 10-11):
   - Despudor (v. 10): "Da mesma forma quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição..."[345]
   - Violência (v. 10): "Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra..."[346]
   - Adultério (v. 11): "...Deus julgará os imorais e os adúlteros".[347]
   - Incesto (v. 11; ver 1Co 5).
4. Outros pecados da convivência e o maior pecado (v. 12):
   - Corrupção (v. 12,25,29): ela é caracterizada pelo emprego de dois parâmetros diferentes, e é contra isso que o apóstolo João adverte.[348]
   - Agiotagem (v. 12): "Conservem-se livres do amor ao dinheiro".[349]
   - Trapaça ou exploração (v. 12,23,25,27): os cristãos não devem apenas ser honestos, mas devem preferir ser injustiçados a cometer injustiças com outros.[350]
   - Esquecer de Deus (v. 12): "Lembre-se de Jesus Cristo".[351]

342 1Pe 2.1.
343 Os locais de culto localizavam-se frequentemente no alto dos montes. A devassidão vergonhosa fazia parte do ritual.
344 1Jo 5.21.
345 1Tm 2.9.
346 1Pe 3.7.
347 Hb 13.4.
348 Tg 2.8-13.
349 Hb 13.5.
350 1Co 6.7.
351 2Tm 2.8.

Na continuação do capítulo ainda são mencionados outros pecados, mas esse primeiro resumo já pode ajudar a ter uma ideia da extensão das transgressões dos habitantes de Jerusalém. De fato, nessa lista também podemos identificar os abismos em nossos próprios corações e da nossa natureza má que herdamos de Adão e, mesmo que a graça de Deus impediu que tivéssemos tais "práticas repugnantes" depois da nossa conversão, não devemos ter ilusões: "Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira".[352] Agora que somos participantes da natureza divina,[353] não apenas somos capazes de não praticar tais pecados, como podemos até fazer o bem. Devemos permitir que o Espírito Santo dirija nossos sentidos para Deus (v. 12) para que, através Dele, sejamos completamente cheios de Cristo e transformados interiormente,[354] para que possamos glorificar a Deus em nossa vida.

Os agentes

Todos são parte do problema:

- Os profetas (v. 25,28);
- Os sacerdotes (v. 26);
- Os oficiais (v. 27);
- Todo o povo do país (v. 29).

O povo apenas seguia o exemplo dos responsáveis que negligenciaram sua responsabilidade recebida de Deus. Ao contrário disso, o Novo Testamento exorta aos que desempenham posição de liderança, a servirem de "exemplo".[355]

O juízo

Diante do grande número de transgressões de Jerusalém, Deus precisa executar Sua justiça (v. 13):[356]

352 Ef 2.3.
353 2Pe 1.4; Gl 2.20.
354 A expressão "em seu meio" aparece 12 vezes no início do capítulo. Ela demonstra quão profundamente o mal estava arraigado na cidade de Jerusalém.
355 1Pe 5.3.
356 Bater as mãos demonstrava um sinal de indignação.

- As consequências de longo prazo para Israel são a dispersão e o desprezo por parte das nações (v. 15-16).
- Num futuro próximo Jerusalém seria atingida pelo "fogo": nos versículos 17 a 22, a cidade é descrita como uma fornalha de fundição, seus habitantes como "escória" sem valor (v. 18-19,22). O fogo representa o exército babilônico, a ferramenta através da qual Deus derramaria sua ira sobre a cidade. Esse quadro desperta a pergunta sobre qual é o valor que a nossa vida diária tem para Deus. Somos vasos de ouro ou de prata, que são úteis para o Senhor da casa?[357] Através da Palavra de Deus somos santificados de tal modo que a escória seja afastada de nosso coração e para sermos vasos bem preparados.

A procura por um mediador

O Senhor procurava alguém que pudesse ser um mediador entre Ele e o Seu povo, alguém que pudesse levantar a separação entre o homem e Deus (v. 30).[358] Anteriormente havia Moisés, que se colocou na brecha perante o Senhor para desviar Sua ira destruidora.[359] Ao tempo de Ezequiel, porém, Deus não achou um mediador,[360] e, por isso, o juízo era inevitável (v. 31). Que graça impressionante fez com que Deus, alguns séculos mais tarde, enviasse Seu Filho Unigênito, para ser Mediador,[361] resgate [362] e propiciação.[363] Jesus, o Messias, tomou sobre Si o castigo, para que todo aquele que crer Nele, encontre reconciliação.[364]

Atualmente, enquanto o mal consegue cada vez mais espaço no mundo, e também no Cristianismo, Deus ainda procura por

357 2Tm 2.20.
358 Is 58.12.
359 Sl 106.23.
360 Jr 5.1.
361 1Tm 2.5-6; Hb 8.6; 9.15; 12.24.
362 Mc 10.45.
363 1Jo 2.2; 4.9-10.
364 Rm 5.8-10.

homens e mulheres de oração, que "se põem na brecha" e, através da sua intercessão, responsabilizam-se seriamente pelo povo de Deus. Carregamos essa missão também em nosso coração?

12. A parábola das duas irmãs adúlteras (23.1-49)

Aqui o Eterno volta para a história do Seu povo pela terceira vez (cap. 16 e 20). A alegoria é muito semelhante em vários pontos do capítulo 16, porém, observamos que:

- na parábola da história de Jerusalém (cap. 16), o peso maior recai sobre os pecados religiosos e apresenta um clima sem esperança para o seu fim;
- na parábola das duas irmãs (cap. 23), os pecados políticos estão em evidência e que aqui não há qualquer centelha de esperança.

A origem das duas irmãs (v. 1-4)

Essa parábola trata de duas irmãs.[365] A mais velha, Oolá, representa Samaria, a capital do Reino do Norte. Oolibá simboliza Jerusalém, a capital do Reino do Sul (v. 4). Mesmo que elas originalmente formavam uma nação ("filhas da mesma mãe", v. 2) as duas irmãs são diferenciadas a partir da estada no Egito. As raízes para a separação entre Israel e Judá se estendem para muito antes da efetiva divisão sob Roboão.[366] A busca pela hegemonia, por parte de Efraim, já ficou demonstrada muito tempo antes.[367] A origem da separação do povo de Deus muitas vezes se encontra bem antes do ponto em que ela se torna visível. Que estejamos em alerta e sufoquemos tais iniciativas já no embrião,[368] para que posteriormen-

365 Jr 3.6-11.
366 1Rs 12.
367 Jz 8.1; 2Sm 19.42; 20.1-2.
368 Hb 12.15.

te não nos tornemos impotentes diante delas. "Oolibá" significa "minha tenda nela", pois o Templo de Deus ficava em Jerusalém, no local que Ele havia escolhido para a morada do Seu Nome.[369] "Oolá" significa "sua tenda": Samaria tinha seu próprio santuário, que era um horror para Deus.[370]

"Elas eram minhas" (v. 4): Deus tinha direitos sobre o Seu povo, o qual, porém, só tinha desprezo disponível para Ele. Deus havia feito uma aliança com Israel, no Sinai, que também é mencionada em várias passagens da Palavra de Deus, representada por um contrato de casamento. A história do povo não é nada mais além da história de seu adultério. Já a partir da celebração da Aliança no Sinai as doze tribos viviam de maneira adúltera (v. 3; 20.8). Esse "vírus" que eles contraíram no Egito se mostraria trágico para o seu futuro (v. 8,19,21,27).

Através da Aliança do Sinai, o povo de Israel tornou-se a "esposa de Deus".[371] Como, porém, na continuidade da sua história, Israel se dividiu em dois reinos, aqui também essa *uma* esposa de Deus é apresentada separadamente na forma de *duas pessoas*. Ezequiel 23 não serve de justificativa para a poligamia. A Palavra de Deus, desde o princípio, condena a poligamia. No ordenamento da Criação (Gn 1 e 2), Deus revelou Sua ideia fundamental sobre o matrimônio: ele deve constituir uma unidade plena entre *um* homem e *uma* mulher.[372]

Oolá e o juízo sobre ela (v. 5-10)

As dez tribos iniciaram a prostituição espiritual: ao invés de confiar no Senhor, elas se aliaram com os egípcios (v. 8) e com os assírios (v. 5-7).[373] O relacionamento com eles gerou

369 2Cr 6.6.
370 1Rs 16.32.
371 Is 50.1; 54.1s.; Jr 2.1s.; 3.1s.; Os 1.1 – 3.5.
372 Compare Mateus 19.4-6: "Ele respondeu: 'Vocês não leram que, no princípio, o Criador os fez homem e mulher e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe".
373 2Rs 15.19; 17.3; Os 7.11; 8.9; 12.2.

uma religião mista: sem rejeitar o Deus verdadeiro, os israelitas serviam aos falsos deuses dos seus aliados.

Foi justamente por isso que Deus também decidiu condenar as dez tribos, através dos assírios, pela guerra e pelo cativeiro (v. 9-10). Em torno de 722 a.C. o Reino do Norte sucumbiu definitivamente.[374]

Oolibá e o juízo sobre ela (v. 11-35)

As consequências da infidelidade do Reino do Norte deveriam ter servido de alerta para as outras "mulheres" (v. 10), ou, com outras palavras, para as outras nações e, primeiramente, para Judá, a "nação irmã". Os judeus, no entanto, pecaram ainda muito mais (v. 11),[375] quando se aliaram aos assírios (v. 11-13), aos babilônios (v. 14-18) e aos egípcios (v. 19-21).

Por esse motivo, Judá também seria castigada através dos babilônios e dos assírios (v. 22-30),[376] e assim teria o mesmo destino de Samaria.

As duas irmãs e o seu fim (v. 36-49)

Nos versículos 36-44, Ezequiel novamente lista os pecados das doze tribos, detalhadamente.[377] Sua maior transgressão era a de misturar a adoração ao Senhor, o único Deus verdadeiro, com a idolatria impura e criminosa (v. 39-41). Qual a pena prevista pela lei para assassinato e adultério (v. 45)? A morte (v. 46-49),[378] e, por isso, as duas irmãs não receberiam mais misericórdia e deveriam morrer.

Novamente um capítulo que deveria sacudir nossa consciência. Como é grave tornar-se infiel a Deus e se amoldar ao

374 2Rs 17.

375 Jr 3.11.

376 Os assírios foram incorporados ao Reino Babilônico por volta de 609 a.C.; eles forneceram combatentes para as tropas de Nabucodonosor, quando este atacou Jerusalém (2Rs 25).

377 Nessa passagem, Ezequiel se dirige às duas irmãs. Essa equiparação deve ter sido especialmente humilhante para os judeus, porque eles desprezavam Samaria e seus habitantes (Jo 4.9; 8.48).

378 Lv 35.16; Dt 22.22.

mundo! Corremos o risco de sermos castigados pelo mundo ou talvez de outra maneira. Pedro nos exorta em relação aos falsos profetas e sua sedução para o pecado: "Pois o homem é escravo daquilo que o domina".[379] Não sejamos como Demas, o qual amou "o presente século".[380] Ao invés disso, devemos aprender com esses maus exemplos que Deus nos apresenta como exortação (v. 48), para que nós mesmos não venhamos a cair nos mesmos pecados.[381] Devemos nos dedicar diariamente ao Senhor Jesus, o Filho de Deus, dando-Lhe absoluta prioridade em nossa vida,[382] e nos apoiando Nele de todo o coração.[383]

13. Os dois sinais para o fim de Jerusalém (24.1-27)

Chegou o dia em que Deus executou o Seu juízo sobre a Jerusalém impenitente, tantas vezes anunciado com um crescente número de detalhes. Em janeiro de 587 a.C., iniciou-se o cerco definitivo de Jerusalém pelo exército babilônico.[384]

A parábola da panela (v. 3-14)

No mesmo dia (v. 2)[385] Deus ordenou que Ezequiel apresentasse uma nova parábola ao povo, sendo que, ao mesmo tempo, ele também a demonstraria (v. 3). Desta vez a profecia e o cumprimento, o símbolo e a realização, aconteceram simultaneamente. Deus confirmava Seu servo, pois, enquanto o juízo era

379 2Pe 2.19.

380 2Tm 4.10 (ARA).

381 Pecados como fornicação, adultério ou devassidão, que são mencionados nesse capítulo, devem ser compreendidos como atos de infidelidade diante de Deus, mas não apenas isso, pois muitos ritos dessas falsas religiões, com os quais Israel havia se misturado, eram repletos de prostituição cultual. O juízo de Deus sobre essas coisas mostra também como Ele avalia os atuais procedimentos, considerados "modernos" (na área da sexualidade, no convívio com drogas, álcool, fumo, etc) de muitos jovens (e também de adultos).

382 Cl 1.18b.

383 Pv 3.5; 23.26.

384 2Rs 25.1; Jr 39.1; 52.4.

385 Este dia foi tão importante que, após o cativeiro, ele era observado anualmente como memorial, com jejum (Zc 8.19).

anunciado, ele era executado ao mesmo tempo a centenas de quilômetros dali. A parábola (v. 3-5) primeiramente é explicada (v. 6-8) e então são acrescentados novos detalhes (v. 9-14).[386]

A panela (11.1-13) simboliza Jerusalém, a carne e os ossos representam os seus habitantes.[387] Com o início do cerco, a panela seria colocada no fogo para cozinhar, o que representa a guerra. A "crosta" simbolizava o pecado que estava ligado inseparavelmente à cidade.

O juízo seria sem misericórdia (v. 10-12) e total (v. 6),[388] pois os métodos mais suaves não haviam dado resultado (v. 12).[389] O sangue dos assassinos "se derramou na rocha nua" (v. 7): os reflexos dos pecados cometidos em Jerusalém estavam visíveis para todos e exigiam a intervenção condenatória de Deus, porque, ao contrário do que faz a terra, a rocha não absorve o sangue. Também não houve nenhum esforço para cobrir o sangue com pó (v. 7). Em Jerusalém, nesse tempo, a situação estava crítica a tal ponto que havia assassinatos em público, sem qualquer vergonha ou tentativa de esconder o delito para que não se tornasse conhecido por todos. A maldade contra Deus, o Autor da Vida, o Único que pode determinar sobre ela, havia se tornado tão imensa que o juízo não poderia mais ser adiado.

O falecimento inesperado da esposa de Ezequiel (v. 15-24)

Esse dia, em que iniciou o último cerco a Jerusalém, também foi um dia de indescritível tristeza para o próprio profeta. O Senhor lhe anunciou que sua amada esposa morreria vitimada por um repentino ataque (v. 16). A profecia se cumpriu na mes-

386 Observe o duplo "Portanto...: Ai..." (v. 6,9 – ARA) através do qual as três partes são claramente diferenciadas.

387 A carne e os ossos deveriam ser da melhor qualidade (v. 4-5). De fato, os habitantes de Jerusalém, que era a capital, desfrutavam de uma posição privilegiada e, por isso, também carregavam uma responsabilidade especial (Sl 87.2,5).

388 "...sem sorteá-los" (v. 6b) significa que ninguém poderia escapar ao juízo pela escolha permitida por Deus ("sorte"). O juízo atingiria a toda a cidade, sem exceção, sendo que cada um era responsável: "...tirando pedaço por pedaço [isto é, cada habitante de Jerusalém]..." (v. 6b).

389 2Cr 36.15-16.

ma noite (v. 18). Seguindo à ordem de Deus, Ezequiel não deveria manifestar seu luto, permanecendo em silêncio. Assim, Deus lhe ordenou que agisse de modo diferente do que era costume naquela época: lamentos em alta voz,[390] tirar o turbante e espalhar cinzas sobre a cabeça,[391] andar com os pés descalços,[392] esconder a barba (isto é, cobrir o rosto abaixo do nariz)[393] e comer o que os outros ofereciam, em sinal de compaixão[394] (v. 16-17).

O objetivo para o comportamento diferente e a atitude chocante de Ezequiel era levar seus contemporâneos à reflexão. Também não faltaram as perguntas por parte dos outros, já que imaginaram que seu modo de agir deveria ter um significado mais profundo (v. 19). Com uma conversa muito séria, Ezequiel explicou o que Deus pretendia lhes dizer com isso (v. 20-24). Sua esposa, cuja aparência e imagem lhe causava felicidade (ela era "o prazer[395] dos seus olhos", v. 21,25), representava o maravilhoso Templo de Salomão, em Jerusalém, que era o orgulho do povo judeu (v. 21,25). Do mesmo modo como a esposa de Ezequiel foi tomada por ordem divina, também o Templo seria destruído por ordem divina. O maravilhoso Templo de Salomão era uma alegria para os olhos. Para os israelitas ele era "a fortaleza de que vocês se orgulham, o prazer dos seus olhos, o objeto da sua afeição" (v. 21). Além disso, os filhos e as filhas que os exilados haviam deixado no país seriam mortos no decorrer da guerra (v. 21). Os exilados, a exemplo de Ezequiel, deveriam lamentar em silêncio (v. 22-23). Os sinais externos possibilitavam que outros manifestassem sua compaixão pelos enlutados. A perda do Templo, no entanto, e a destruição de Jerusalém atingiram a todos os deportados. Porque, então, deveriam mostrar sinais externos para que os outros percebessem a sua dificuldade e dor? Além dos exilados, havia somente babilô-

390 2Sm 19.1,5.
391 Is 61.3.
392 2Sm 15.30.
393 Mq 3.7.
394 Jr 16.6-7.
395 Hebraico: *nächmad*.

nios, e como foram eles que executaram o juízo, certamente teriam qualquer outro sentimento pelos judeus menos compaixão. Pelo contrário, eles ficariam satisfeitos com isso e, com maldade, esmagariam os sentimentos das vítimas.

Aqui vemos, mais uma vez, como um servo de Deus se identifica com o povo de Deus em tempos de sofrimentos, mesmo que ele precise corrigi-los. Observemos atentamente este homem, que sofreu a pior perda que pode atingir uma pessoa aqui na terra, mas sem expressar uma só palavra, fazendo-o em obediência ao seu Deus e por amor ao seu povo. Mesmo que Deus não venha a exigir de nós um sacrifício extremo como este, é muito importante que vivamos como instrumentos dispostos e servos dedicados.

O que chama à atenção é o fato de que justamente uma pessoa, a amada esposa de Ezequiel, foi escolhida como símbolo para representar o Templo de Deus. No Novo Testamento surge um facho de luz sobre essa analogia, entre uma pessoa e a Casa de Deus. Lá está revelado que, na Era da Graça, o corpo de um crente em Jesus é um templo do Espírito Santo e que, através da presença do eterno Deus, somos santificados e enobrecidos.[396] O Novo Testamento revela ainda que a Igreja é o Templo de Deus aqui na terra e que, em breve, ela será apresentada diante do Senhor Jesus como a "noiva do Cordeiro".[397] Será que estamos conscientes da honra que Deus nos proporciona por sermos, em certo sentido, sucessores do maravilhoso Templo do único Deus verdadeiro, que antigamente estava em Jerusalém?

O dia em que o Templo será destruído (v. 25-27)

A destruição do Templo representa um ponto de transição na missão de Ezequiel. No início do seu ministério (3.26-27) Deus havia determinado que ele falasse somente quando fosse trans-

396 1Co 6.19-20.
397 1Co 3.16; Ap 19.7; 21.2.

mitir uma mensagem recebida Dele. Fora isso, ele deveria permanecer constantemente calado. No entanto, após a chegada de um mensageiro, vindo de Jerusalém, para anunciar a destruição do Templo, Ezequiel poderia voltar a falar normalmente (v. 26-27; 33.21-22). Essa mudança serviria de sinal para os exilados de que o seu silêncio anterior também era um sinal divino, e que deveria levá-los a dar mais atenção à Palavra de Deus (v. 27b). Esse sinal teve a duração de 7 anos (592 até 586 a.C.) e deveria ajudá-los a reconhecer a Deus: "...e eles saberão que eu sou o Senhor" (v. 27).

Considerações finais sobre os capítulos 12 a 24

O capítulo 24 é o término da primeira parte do livro de Ezequiel (cap. 1 a 24). No entanto, ele é também o término da subdivisão dessa parte, formada pelos capítulos 12 a 24, que contém os esclarecimentos para o juízo.

Talvez para muitos esses capítulos não tenham sido fáceis. Através deles, porém, verificamos o quanto essas palavras mexem com a nossa consciência. Elas transmitem muitas exortações que são bem aplicáveis para nós e, por isso, ainda são de grande proveito, exatamente como a de Romanos 15.4 nos ensina em referência ao Antigo Testamento.

Nos capítulos estudados até aqui podemos também reconhecer a enorme paciência de nosso Deus, que espera muito tempo antes de executar o juízo (cap. 16; 20; 23). Mesmo que o juízo já estivesse anunciado e prestes a ser executado, também já naquela época podia-se perceber uma centelha de esperança para a restauração do povo pela graça de Deus, nos últimos dias. Na terceira parte desse livro, Ezequiel se dedicará detalhadamente a esse tema (cap. 33 a 48), porém, antes disso há uma inserção que se refere às nações pagãs (cap. 25 a 32).

Segunda Parte

O JUÍZO SOBRE AS NAÇÕES (Ez 25 – 32)

Introdução para os capítulos 25 a 32

Agora inicia-se uma nova série de profecias que não são dirigidas ao povo escolhido, mas às nações vizinhas. Deus não é parcial, mesmo se Ele começa com os juízos em Sua própria casa,[398] no final Ele também se ocupa com os incrédulos.

O Senhor já havia proferido uma profecia, através de Ezequiel, contra uma nação pagã (21.28-32). Os povos vizinhos de Israel desfrutavam do privilégio de conhecer o povo de Deus e ouvir dele o testemunho a respeito do único Deus verdadeiro e de Sua maravilhosa Palavra, a Bíblia. Eles, no entanto, não se portaram corretamente diante dos judeus e, por isso, Deus precisou intervir e castigá-los. Cada um que deseja o mal ao povo de Deus se sujeita ao Seu juízo.[399] Esse princípio ainda vale hoje em favor dos redimidos.[400]

Os capítulos 25 a 32 contêm setes profecias contra sete nações ou reinos. No livro de Ezequiel, ao contrário de outros livros proféticos, não se encontram alertas de juízo contra Babel. Isso naturalmente não significa que os caldeus eram inocentes ou que não havia do que acusá-los (7.24; 28.7; 31.12),

398 1Pe 4.17.
399 Gn 12.3; Zc 2.12.
400 Rm 12.19; 1Co 3.17.

mas no livro de Ezequiel eles são considerados instrumentos de Deus, através dos quais seria executado o juízo.



Os números indicam a sequência na qual Ezequiel seguiu para anunciar as sentenças sobre as nações vizinhas.

A segunda parte do livro de Ezequiel é composta de sete tópicos:

I. Amom (25.1-7);
II. Moabe (25.8-11);
III. Edom (25.12-14);
IV. Filístia (25.15-17);
V. Tiro (26.1 - 28.19);
VI. Sidom (28.20-26);
VII. Egito (29 - 32).

Introdução ao capítulo 25

O primeiro capítulo nesse novo segmento contém quatro breves profecias. Pelo ponto de vista cronológico, o juízo sobre essas quatro nações aconteceu depois do castigo sobre Jerusalém e Judá. As sete nações, nos capítulos 25 a 32, são mencionadas na ordem geográfica, isto é, no sentido sul e de leste a oeste. As primeiras três nações mencionadas (Amom, Moabe e Edom) tinham estreito parentesco com Israel: os amonitas e os moabitas descendiam de Ló, o sobrinho de Abraão,[401] e os edomitas de Esaú, irmão de Jacó.[402] Essa proximidade explica a inveja religiosa que esses três povos mantinham em relação a Israel, este que foi chamado por Deus e recebeu uma tarefa muito especial.

Nas profecias, Deus primeiramente justifica sua condenação ("visto que" e "uma vez que" são expressões constantemente repetidas, v. 3,8,12,15), então Ele esclarece melhor qual a condenação que será dada à nação culpada. Esse juízo seria executado:

- por Deus (para todas as nações, v. 4,9,13,16-17);
- pelo povo de Israel (para Edom, v. 14);
- por nações pagãs (para Amom e Moabe, v. 4,7,10).

401 Gn 19.30-38.
402 Gn 36.9.

O final é sempre igual e também é repetido várias vezes no livro de Ezequiel: "[Então] saberão que eu sou o Senhor" (v. 5,7,11,17). Assim Deus mostra que não se faz conhecer somente aos Seus, mas também aos incrédulos. Deus é o Senhor da história mundial e Ele se revela através do cumprimento das Suas profecias.

I. Amom (25.1-7)

Amom inicialmente foi poupada para que antes pudesse ser executado o juízo sobre os judeus (21.18-27). Ela não aproveitou o período da graça para se converter, mas se tornou ainda mais culpada através do prazer maldoso manifestado diante do sofrimento de Judá (v. 6). Amom zombou do santuário, da terra e do povo de Judá (v. 3). No entanto, ao zombar do povo de Deus, na verdade zombou do próprio Deus.

Naturalmente o povo de Deus havia feito por merecer o castigo, porém, alegrar-se com a desgraça do próximo é um pecado grave. Devemos confessar e abandonar imediatamente tais pensamentos, se eles surgirem em nosso coração (1Jo 1.9)!

Ezequiel proclamou a execução do juízo divino sobre Amom. De fato, os babilônios conquistaram sua terra por volta de 581 a.C. Além disso, a terra dos amonitas seria dada "ao povo do oriente"[403] (isto é, tribos de beduínos, ou árabes), que habitavam em tendas (v. 4-5). No decorrer da história também esta profecia se cumpriu de modo impressionante.[404]

403 Jz 6.3; Jó 1.3.

404 Em torno de 312 a.C. os nabateus, um povo árabe (talvez se trate de descendentes de Nebaiote, filho de Ismael, Gn 25.13), estabeleceram um reino na região de Edom. Posteriormente eles expandiram seu domínio também para Moabe, Amom e até ao sul da Síria. No Século 7 a.C. os árabes recém islamizados por Maomé conquistaram todo o Oriente – incluindo Amom e Moabe – e misturaram-se em parte com os diversos povos já residentes.

II. Moabe (25.8-11)

Também os moabitas mantinham uma postura hostil contra Israel. Eles o desprezavam e não concordavam com a sua situação especial de povo escolhido (v. 8).[405]

Essa atitude ainda é encontrada hoje e, tanto quanto naquela época, também agora ela leva ao antissemitismo. Essa era a postura tanto dos moabitas como também dos edomitas, os habitantes de Seir (v. 8). A exemplo de Amom, também Moabe seria conquistada pelos babilônios (v. 9-11) e habitado pelo "povo do oriente" (v. 10).

III. Edom (25.12-14)

O ódio por parte de Edom era ainda maior do que o de Amom e Moabe. O Senhor acusa esse povo por seu desejo de vingança contra os judeus (v. 12). Esse desejo de vingança não era restrito a um determinado evento, como, por exemplo, a queda de Jerusalém em 586 a.C.,[406] mas se estendeu através da história conjunta dos dois povos. O juízo sobre Edom teria por consequência uma terrível devastação: todo o país seria arrasado do sul (Temã) ao norte (Dedã).

O instrumento para essa condenação seria Israel (v. 14). Essa profecia cumpriu-se parcialmente na época dos macabeus (no Séc. 2 a.C.), quando os judeus subjugaram os edomitas. No fim dos tempos, antes do início do reinado mundial do Messias, ela se cumprirá integralmente.[407]

405 Dt 23.4-5.
406 Sl 137.7.
407 Ob 15-21; Am 9.11-12; Nm 24.18.

IV. Filístia (25.15-17)

Os filisteus, que são originários de Creta, mudaram-se para o Egito[408] e posteriormente se estabeleceram no sudoeste de Canaã, na região da atual Faixa de Gaza e arredores.[409] Na Bíblia eles são identificados como os "que vivem junto ao mar"[410] ou como o povo do "litoral" (v. 16). Deus os acusou de agirem "por vingança" e condenou o seu "desprezo pela vida",[411] sua intenção de "destruir" Israel e sua "antiga hostilidade" (v. 15). No decorrer da história, os filisteus estiveram várias vezes sob juízo, principalmente durante as campanhas de Alexandre, o Grande (em torno de 330 a.C.). O cumprimento definitivo desta profecia, porém, ainda está por acontecer no futuro: conforme escreve Sofonias,[412] a eliminação total dos filisteus acontecerá em conjunto com a restauração de Israel, por ocasião da Volta de Jesus.

Mesmo que essas profecias já tenham se cumprido parcialmente, o cumprimento definitivo ainda está por acontecer. Todavia, o terreno para tanto já está preparado. "Amom", "Moabe" e "Edom" correspondem à atual Jordânia.[413] A expressão "os queretitas... que restarem no litoral" se refere aos palestinos da Faixa de Gaza.[414] Justamente em nossa época esses versículos são mais atuais do que nunca! Basta lembrar do inextinguível ódio aos judeus e de todo o terrorismo sangrento que emana dessa região. Como nós reagimos diante dessas amea-

408 Gn 10.13-14.

409 Dt 2.23; Am 9.7. A expressão "queretitas" (v. 16; Sf 2.5), *kretim* em hebraico, esclarece a sua origem de Creta. Também o nome "Caftor" aponta para Creta.

410 Sf 2.5.

411 A palavra hebraica *nephesh* pode significar tanto "vida" como também "alma". O contexto esclarece que nessa passagem o sentido deve ser "vida".

412 Sf 2.4-7.

413 Nas Escrituras são utilizados os nomes antigos desses povos para as profecias que também ainda se encontram hoje no futuro, e isso apesar das muitas transformações e miscigenações entre os povos que aconteceram nesses mais de 2.500 anos passados. São poucos os povos que conseguiram manter tão bem a sua identidade, através dos séculos, como o povo judeu. De acordo com Is 11.12-14, o futuro juízo sobre Amom, Moabe, Edom e os filisteus acontecerá durante o retorno dos judeus de sua dispersão pelo mundo. Essas constatações demonstram a atualidade dessa profecia para a nossa época.

414 No idioma árabe há uma só palavra que significa "filisteu" e "palestino", cuja pronúncia é "filastini".

ças de juízo? Elas deveriam nos incentivar a transmitir as Boas Novas sem perda de tempo, para que muitos ainda sejam salvos da ira divina.[415] Devemos repetir de todo o coração as palavras do apóstolo Paulo: "Pois o amor de Cristo nos constrange"[416] e mostrar isso na prática! Agora ainda temos a oportunidade de alcançar essas pessoas com as Boas Novas para que ainda sejam salvos tantos quanto for possível para o tempo aqui e em toda Eternidade. Ainda estamos na Era da Graça.

V. Tiro (26.1 – 28.19)

Depois de ter se envolvido com os inimigos de Israel ao sul, agora Ezequiel se dirige ao norte, onde se localiza a cidade fenícia de Tiro.[417] Na antiguidade, Tiro controlava a maior parte do comércio internacional, sua influência se estendia por todo o Mar Mediterrâneo e até além dele.

As profecias contra Tiro podem ser divididas em três segmentos, que correspondem aos capítulos 26 a 28. Cada um desses segmentos encerra com uma expressão que aponta para a completa destruição de Tiro: "você já não existirá" (26.21) ou "você não mais existirá" (27.36; 28.19). Três características da arrogância megalomaníaca de Tiro são mencionadas em sequência no foco da profecia:

- seu sentimento de segurança (cap. 26);
- sua confiança nas suas riquezas (cap. 27);
- sua fé em sua própria sabedoria (cap. 28).

Essa profecia está datada com o ano da destruição de Jerusalém.[418] De fato, a queda da capital dos judeus causou gran-

415 Jo 3.36; 1Ts 1.10.
416 2Co 5.14.
417 Na história secular, a palavra "fenício" identifica os cananeus da região do atual Líbano.
418 A indicação do mês, no primeiro versículo, não está registrada em nenhum dos manuscritos hebreus. Jerusalém foi "quebrada" (v. 2) no quinto mês (julho/agosto, 2Rs 25.8). Também é possível que Ezequiel tenha anunciado essa profecia um mês mais tarde (01/06/11, isto é,

de alegria em Tiro (v. 2). Jerusalém, o "portal das nações" (v. 2) controlava as rotas comerciais vindas do Egito e da Arábia para Tiro. Sua queda afastou concorrentes indesejados e os comerciantes de Tiro acreditavam que assim poderiam obter mais lucro.

Assim, o "amor ao dinheiro", que é a "raiz de todos os males",[419] destruiu a amizade que havia entre as duas cidades.[420] Deus odeia quando uma antiga amizade é destruída,[421] e por isso Ele enviou o Seu juízo contra Tiro (v. 3).

O juízo sobre a segurança de Tiro

Os detalhes do juízo

As quatro predições deste capítulo (v. 3-6; 7-14; 15-18; 19-21) contém inúmeras antecipações muito exatas:

1. Várias nações atacarão Tiro (v. 3).
2. Eles virão em épocas diferentes, isto é, o juízo acontecerá em diversas etapas ("virão como o mar quando eleva as suas ondas", v. 3).
3. Os muros e torres de Tiro serão derrubados (v. 4).
4. Tiro será varrida e terminará como uma "rocha nua" (v. 4,14).
5. Os pescadores secarão suas redes nela (v. 5,14).
6. Muitos dos seus habitantes morrerão em terríveis massacres durante a guerra (v. 6,11,15).
7. Muitos reconhecerão o verdadeiro Deus (v. 6).
8. Nabucodonosor será o primeiro a guerrear contra Tiro (v. 7).
9. Nabucodonosor empregará todo o seu poderio militar (v. 7-11).
10. Os destroços da cidade serão jogados no mar (v. 12).

em agosto/setembro de 586 a.C.).

419 1Tm 6.10.

420 1Rs 5.1.

421 Pv 27.10.

11. A cidade de Tiro nunca mais será reconstruída sobre a rocha nem habitada (v. 14,20-21).
12. O juízo sobre Tiro causará espanto entre muitos povos (v. 15-18).
13. Tiro, a cidade sobre a rocha, nunca mais será achada (v. 21).

O cumprimento das profecias

Tiro se localizava diretamente na margem do Mar Mediterrâneo, o que, no entanto, não era muito favorável para os fenícios, devido às profundidades rasas junto à costa. A 800 metros da costa, porém, havia uma pequena ilha rochosa, onde o mar alcançava a profundidade de 200 metros. Contrário à costa, ali havia as condições ideais para os grandes navios mercantes. Essa pequena ilha ainda alcançaria uma grande importância posteriormente.

Nabucodonosor cercou a cidade durante 13 anos, de 585 a 572 a.C.! Finalmente ele conseguiu invadir e destruir ela. Grande parte da população, porém, havia se refugiado na ilha, com todas as suas posses. Essa cidade estava muito afastada até mesmo para a artilharia altamente desenvolvida de Nabucodonosor. O dominador babilônico se tornara vencedor, mas os esforços do seu imenso exército não foram recompensados com os devidos despojos.[422] Desde então a área continental de Tiro, da qual trata a profecia desse capítulo, está arrasada. Os habitantes de Tiro preferiram confiar no mar a confiar em muros, e, a partir dali, se estabeleceram somente na "nova Tiro", a ilha junto à costa da antiga Tiro.

Depois que os persas dominaram o Reino Babilônico, em 539 a.C., eles também conquistaram a Tiro continental. Por volta de

422 Em abril de 571 a.C., ao final da guerra de treze anos contra Tiro, Ezequiel recebeu uma revelação divina para essa decepção de Nabucodonosor: "...como recompensa por seus esforços", quando cercou Tiro, o rei babilônico arrasaria o Egito e de lá levaria o despojo (Ez 29.17-21). Sob a ótica cronológica, essa passagem do capítulo 29 é a última revelação datada do livro de Ezequiel.

370 a.C., o rei de Chipre se apoderou da Nova Tiro, contra a qual finalmente Alexandre, o Grande guerreou em 332 a.C. Para alcançar a ilha, os seus soldados construíram um dique com 800 metros de comprimento, cuja largura aproveitável era de 60 metros. Os gregos[423] utilizaram escombros, madeira e detritos da antiga Tiro para construir essa gigantesca obra. Desse modo, a antiga Tiro tornou-se uma "rocha nua", exatamente como dizia a profecia anunciada 250 anos antes (v. 4,14).[424] Alexandre, o Grande, obrigou muitas cidades e povos a auxiliá-lo em suas guerras. Finalmente o exército macedônio conseguiu avançar com torres móveis sobre o dique, que tinham a altura correspondente a 20 andares ou 50 metros (isto é, mais altos do que os muros da cidade da nova Tiro). Em cada andar havia equipamentos de guerra e divisões de arqueiros. Após o cerco de sete meses, a cidade insular foi derrotada e Alexandre agiu com crueldade em vingança por sua resistência: 30.000 crianças, mulheres e idosos foram vendidos como escravos, 2.000 homens foram crucificados ao longo da costa. Um total de 8.000 habitantes de Tiro foram mortos. A notícia da vitória grega espalhou-se rapidamente por todo o Oriente Médio. As outras cidades foram tomadas de medo e pânico, de modo que Alexandre conseguiu dominar imensas áreas sem qualquer resistência. Posteriormente ele se deslocou para Jerusalém com seu exército. Lá ele foi recepcionado por uma comitiva festiva, liderada pelo sumo sacerdote com suas vestes ornamentais. Alexandre se inclinou diante do Senhor, o Deus de Israel, e confessou diante dos seus soldados que sua campanha militar havia sido dirigida pelo Senhor.

Hoje, passados 2.300 anos, a cidade libanesa de Tiro está localizada exatamente onde antigamente estava a nova Tiro. No entanto, lá não existe mais nenhuma ilha: com o decorrer

423 Vale à pena olhar para a exatidão da Escritura: nos versículos 7-11 são descritas as ações de Nabucodonosor (no versículo 7 ele é mencionado nominalmente, depois o pronome "ele" consta quatro vezes nos versículo 8 a 11). No versículo 12 há uma mudança do singular para o plural, para demonstrar que, a partir dessa frase se trata de outras pessoas: os gregos de Alexandre.

424 "Tiro" significa "rocha".

dos séculos acumulou-se tanta areia junto ao dique construído que chegou a formar um braço de terra ligando a ilha ao continente. A nova Tiro se estendeu em direção ao leste, desde a antiga ilha, através do braço sobre o dique. A antiga Tiro nunca mais foi reconstruída. Desse modo, o subsolo rochoso da ex-metrópole comercial da antiguidade se tornou um lugar ideal para que os pescadores sequem as suas redes ao sol. Esse é um costume que ainda era observado em nossa época. Para os arqueólogos, a antiga Tiro constitui um problema. A ausência de resquícios da cidade não permite que se determine onde era a sua localização exata. Os arredores da nova Tiro, cercada pelos povoados de Maachouq, Borj Al Chmali e Charnaye, indica uma posição aproximada da cidade condenada por Deus.[425]

A aplicação para nós

A exatidão da Palavra de Deus nos leva à admiração. Os contemporâneos de Ezequiel – bem como os leitores da Bíblia em épocas posteriores – poderiam pensar que o profeta tivesse cometido enganos quanto a diversas particularidades. No entanto, era necessário esperar com paciência até que cada profecia fosse cumprida até o último detalhe.

Também a nossa confiança nas predições bíblicas deveria crescer do mesmo modo. Mesmo que nossa capacidade de compreensão pareça encontrar dificuldades, essas são apenas aparentes. Sejamos igualmente pacientes ao esperarmos pelo cumprimento das promessas divinas.[426] Às vezes os leitores da Bíblia necessitam de um fôlego longo. Uma coisa, porém, é certa: a Palavra de Deus se cumpre sempre e de maneira completa. Ezequiel 26 mostra claramente que a Palavra de

425 Vale a pena observar a nova Tiro no *Google Earth*. A vista a partir do espaço sideral permite enxergar o lugar da antiga ilha, bem como o braço de terra das áreas da cidade que se estendem para o leste, cercada pelos povoados já mencionados. Nos arredores, pode-se ver as áreas rochosas limpas. Elas são testemunhas da cidade de Tiro que desapareceu.

426 2Co 1.20.

Deus é perfeita e que Deus a cumprirá em todos os mínimos detalhes,[427] de acordo com o Seu cronograma.



Tiro – ontem e hoje
Cfe. Werner Gitt.

A sentença cobre a riqueza de Tiro (27.1-36)

Na época de Ezequiel, Tiro era a cidade comercial fenícia mais poderosa e dominava o comércio de mercadorias da antiguidade. Todas as nações, incluindo o povo de Israel (v. 17), mantinham relações comerciais com a cidade. Os fenícios tinham alcançado um *know-how* digno de nota na construção naval, além de executarem admiráveis avanços na manufatura de púrpura e objetos de vidro, bem como na manufatura de metais. Através desses êxitos e por serem comerciantes competentes, eles acumularam enormes riquezas. Mesmo não sendo um povo tão numeroso, detinham considerável poder econômico. Tiro mantinha estreitas relações com outras ci-

427 Jr 1.12; Mt 5.18; 24.35.

dades e postos comerciais fenícios: Sidom (v. 8), Arvade (v. 8), Gebal (Biblos, v. 9), Ugarit, Cartago (no norte da África), Társis (Espanha, v. 12). Assim, a queda de Tiro teria efeitos sobre todo o mundo comercial.

O orgulho de Tiro (v. 1-3)

Deus encarregou Ezequiel de compor um "lamento" sobre Tiro. Ele não ama a condenação, Ele não tem prazer na morte do ímpio ou do perverso (18.23); Seu coração fica pesaroso quando Ele precisa dirigir a Sua ira contra aqueles que rejeitam as provisões da Sua graça. Devemos compartilhar os sentimentos de compaixão de Deus para amar nossos inimigos e orar por eles.[428]

Desde o início Deus aponta o motivo maior para a queda de Tiro: o materialismo e o poder econômico haviam estragado os habitantes de Tiro, de modo que se tornaram orgulhosos (v. 3b). Tanto naquela época como hoje, "Deus se opõe aos orgulhosos".[429]

A descrição do navio (v. 4-11)

Deus descreve a riqueza de Tiro utilizando uma magnífica alegoria: a cidade e seu desenvolvimento são comparados a um imenso e luxuoso navio fenício. Para assegurar sua segurança, Tiro dispunha de um exército contratado (v. 10-11). No entanto, a Escritura nos ensina a não confiar "na incerteza da riqueza".[430]

As atividades do navio (v. 12-25)

Utilizando uma linguagem muito linda, Ezequiel relata as relações comerciais de Tiro através do Mar Mediterrâneo (v. 12-16), depois com o Crescente Fértil (v. 18-24), e com Israel e Judá no

428 Lc 6.27-28.
429 Tg 4.6.
430 1Tm 6.17.

centro da lista (v. 17). Os nomes de muitos povos mencionados nessa passagem são explicados através da tabela das nações, em Gênesis 10: Deus também é Senhor sobre a geografia da terra.

O verbo "trocar" é repetido várias vezes (v. 13,17,19). Até pessoas são degradadas à condição de artigo de troca. O texto fala de "pessoas de homens" (ACF) que foram trocadas (v. 13). Nesse contexto devemos lembrar: Satanás, "o príncipe deste mundo",[431] procura constantemente se apoderar da alma das pessoas.[432]

O Senhor nos exorta a aplicarmos os dons que nos foram confiados em coisas proveitosas: "Negociai até que eu volte" (ARA), foi a ordem que Ele deu aos seus servos na parábola das dez minas.[433] O Senhor Jesus nos incentiva a acumular "tesouros nos céus",[434] isto é, a sermos dedicados em tudo que se refere à Sua Pessoa e às tarefas que Ele nos confiou, ao invés de aplicar nosso tempo, energia e habilidades para colecionar e acumular bens terrenos que são passageiros e temporais. De nada adiantaria para uma pessoa, mesmo se fosse crente, conquistar o mundo todo, mas perder sua vida aqui na terra!

O naufrágio (v. 26-36)

Ezequiel também aproveita a alegoria do navio mercante (v. 4-9) para apresentar o juízo sobre Tiro: ele o descreve de modo realista e dramático como um naufrágio, relacionado com o "vento oriental" (v. 26). A expressão "o vento oriental" é usada muitas vezes na Bíblia para simbolizar o juízo de Deus.[435] Aqui isso é uma referência aos babilônios dominados por Nabucodonosor (v. 26; ver 17.10; 19.12). O naufrágio de Tiro (v. 26-27) traria consternação a todos os seus aliados (v. 28-34), causaria horror aos outros povos (v. 35) e acalmaria seus concorrentes (v. 36).

431 Jo 16.11.
432 Gn 14.21; Ap 18.13.
433 Lc 19.12-27.
434 Mt 6.20.
435 Sl 48.7; Jr 18.17; Os 13.15.

Os sábios de Tiro pilotavam o navio (v. 8). Essa sabedoria, porém, não seria capaz de evitar o naufrágio. Somente Deus pode conceder a sabedoria que nos possibilita passar por todos os obstáculos e alcançar o destino.[436] Somente Ele pode conceder êxito nas viagens perigosas.[437] A sabedoria do mundo é tolice diante de Deus e pode levar somente para a perdição.

O naufrágio de Tiro devido à sua perversidade interior tem um paralelo no Novo Testamento: Paulo escreve que alguns abandonaram a boa consciência diante de Deus e "por isso, naufragaram na fé".[438] Que final trágico e, ao mesmo tempo, que advertência para nós: devemos sempre manter uma "consciência limpa diante de Deus e dos homens".[439] A história de Tiro é de assustadora atualidade, principalmente para nosso mundo ocidental: o principal objetivo é o crescimento econômico, e o acúmulo de riquezas é a regra máxima para a felicidade terrena. No entanto, o bem estar material normalmente gera o orgulho (v. 3) e o "orgulho vem antes da destruição".[440] Esse exemplo de alerta de Tiro não deveria servir para abrir os olhos de muitos e os levar a contornar esses obstáculos?

O juízo sobre a segurança da sabedoria própria de Tiro (28.1-19)

Deus condena o governante de Tiro (v. 1-10)

O maior orgulho se encontrava no coração do seu governante,[441] que se considerava um deus (v. 2,6). É assombroso observar as palavras que descrevem a sua sabedoria: ele a considerava superior até à de Daniel, que foi muito su-

436 1Rs 3.9-12.
437 Gn 24.56.
438 1Tm 1.19.
439 At 24.16.
440 Pv 16.18.
441 Ethbaal II era o rei de Tiro, à época de Ezequiel.

perior a todos os sábios do reino babilônico.[442] Ao contrário de Daniel, porém, o governante de Tiro não colocou suas habilidades extraordinárias humildemente a serviço do Deus Onipotente. Ao invés disso, ele as usou para seus próprios objetivos egoístas, porque tinha a pretensão de tornar-se ainda mais rico (v. 3-5). Sua riqueza o corrompeu de ponta a ponta e o preencheu de orgulho (v. 5b-6). Por isso Deus lhe anunciou uma morte violenta, que mostraria sua simples condição de homem (v. 7-10).[443]

Esse rei não se assemelha às pessoas em nossos países, que empregam todo o seu conhecimento e toda sua inteligência para aumentar seu bem-estar material? Quantos, ainda, são influenciados pelas religiões orientais e acreditam que podem encontrar a divindade dentro de si mesmos! Assim, trata-se de nada além da velha mentira da serpente, frequentemente camuflada com roupagem moderna e sutil: "...vocês serão como Deus".[444]

O lamento sobre o rei de Tiro (v. 11-19)

De modo surpreendente, o Senhor Se refere ao governante de Tiro como o "querubim" (v. 14,16). Os querubins[445] pertencem ao grupo dos anjos mais poderosos, que, desde sua designação original na Criação, deveriam vigiar o Trono de Deus no Santuário celestial.[446] Por trás do monarca terreno havia se escondido um príncipe sobrenatural, que encheu o coração do rei de Tiro com orgulho e com autoconfiança pecaminosa, levando-o a se opor ao Deus Criador e Rei do Universo (v. 2). O rei de Tiro estava possesso por Satanás. Estar possesso significa estar identificado (unificado) com um espírito maligno.

442 Dn 1.20; 5.11-12,14.
443 At 12.21-23.
444 Gn 3.5 (NTLH).
445 "Querubins" (pronúncia hebraica: *keruwim*) é a forma plural de querubim (hebraico: *keruv*).
446 Ver, por exemplo: Êx 25.18s.; 1Sm 4.4; Sl 80.1; 99.1; Cl 1.16.

Por isso, o governante humano de Tiro, no Século 6 a.C., nesse texto é comparado com Satanás. A unificação leva à uma situação tal que não há mais como diferenciar uma pessoa da outra. O mesmo caso é encontrado em Isaías 14. Ali se trata do rei de Babel no fim dos tempos. Como nesse caso, também trata-se de uma pessoa possessa, e ali o profeta também passa, sem nenhuma interrupção, da descrição da pessoa diretamente à descrição do pecado original de Satanás (Is 14.12s.).

Se, por um lado, reis como Davi e Salomão apontam para o Senhor Jesus, então, por outro lado, aqui o rei de Tiro é descrito como uma figura representando Satanás, o "príncipe deste mundo"[447] ou "o deus desta era".[448]

Aqui o véu de um dos maiores mistérios dos caminhos de Deus é um pouco revelado: a queda de Satanás. Ele foi criado como um ser perfeito (v. 12-15a), o que mostra claramente que Satanás é simplesmente uma criatura e que Deus nunca criou algo mau. Antes da sua queda, Satanás vivia na glória celestial (v. 13a),[449] e tinha tarefas importantes a executar, como músico (v. 13b – ACF)[450] e guardião do Trono de Deus no Templo ce-

447 As palavras "príncipe" e "rei" significam praticamente a mesma coisa; "rei" inclui unicamente um poder maior. Chama à atenção que o governante de Tiro, no versículo 2, é denominado como "príncipe" (ARA), enquanto se fala do "rei de Tiro" quando se refere claramente a Satanás. Externamente tratava-se de uma pessoa, mas, na verdade, havia um outro poder por trás dele: Satanás, o rei de Tiro, o príncipe deste mundo (Lc 4.5-6; Jo 12.31; 14.30; 16.11; 2Co 4.4; Ef 6.12). Também hoje Satanás ainda escraviza pessoas quando lhes coloca as riquezas do mundo como um alvo que vale a pena perseguir. Também o rei Zedequias é descrito como "príncipe" (hebraico: *nasi*) (12.12; 21.25). A expressão empregada no versículo 2 também significa "príncipe".

448 2Co 4.4.

449 O 'Éden" que é mencionado aqui refere-se ao paraíso celestial de Deus (Lc 23.43; 2Co 12.2,4; Ap 2.7). O "monte de Deus" (v. 14,16) corresponde ao Monte do Templo celestial (Is 14.13; Ap 11.19). As pedras preciosas aqui mencionadas também constam em outras passagens da Bíblia (Êx 28.15-21; 39.8-14; Ap 21.18-20). Cada uma dessas pedras preciosas tem um significado espiritual.

450 Algumas traduções modernas transmitem o texto do versículo 13 de modo totalmente errado, assim que a interessante alusão aos instrumentos musicais não aparece mais, apesar de que a palavra que indica tamborim (*toph*) é absolutamente clara quanto ao seu uso no Antigo Testamento. Apenas a palavra *neqev* (flauta) apresenta uma certa dificuldade. A problemática com a interpretação dessa palavra, em algumas traduções, conduziu à desfiguração do sentido da passagem. Ezequiel 28.13b deveria ser traduzido da seguinte forma: "A obra de arte dos teus tamborins [*toph*] e das tuas flautas [*neqev*] estava contigo; no dia [na época] em que foste criado, eles foram preparados".

lestial (v. 14,16).[451] A mudança, porém, aconteceu quando esse até então anjo maravilhoso se rebelou contra o seu Criador. Assim, ele foi expulso de sua posição (v. 15b-17). Apesar de ter recebido seus dons e sua alta posição de Deus, ele queria tornar-se igual a Deus e se apropriar de um lugar e de honras que Deus não lhe havia dado. O orgulho foi a causa da sua queda.[452] Quanta diferença em relação ao Senhor Jesus, o qual – mesmo sendo Deus desde a Eternidade – humilhou-se em sete degraus como Homem,[453] sendo obediente até à morte na cruz, e, por isso, Ele foi exaltado à mais alta posição pelo Pai![454]

Quando ocorreu a queda de Satanás? Em 1João 3.8 observamos que o Diabo "vem pecando desde o princípio". O relatório da Criação começa descrevendo o primeiro dia, da seguinte maneira: "No princípio Deus criou os céus e a terra". Quando se observa que o verbo *hajah*, em hebraico, pode significar tanto "ser" como "tornar-se", então fica claro que a frase seguinte – observadas todas as regras gramaticais do idioma clássico – pode ser traduzida assim: "...e a terra tornou-se sem forma e vazia [*tohu vavohu*] e a escuridão jazia sobre a profundeza, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas". No primeiro dia, quando Deus criou o universo ("o Céu") e o planeta Terra (v. 1), os anjos comemoraram em admiração à sabedoria do Criador (Jó 38.7). De repente, porém, um dos anjos resolveu ser orgulhoso. Ele pretendia rebelar-se contra Deus e ser igual ao Altíssimo (Is 14.12s.). Como resposta a isso, Deus expulsou o rebelde para a Terra (Is 14.12). A consequência dessa expulsão transformou a terra em um *tohu vavohu* ("sem forma e vazia"). O flutuar pro-

451 "Querubim guardião", significa que ele tanto "cobria" como "protegia" o trono (a Arca da Aliança).

452 1Tm 3.6. Essa passagem nos alerta contra o pecado original do orgulho que levou à condenação do Diabo.

453 Os sete degraus da humilhação de Filipenses 2.5-9: 1) Esvaziou-se a Si mesmo. 2) Assumiu a forma de servo. 3) Tornou-se semelhante aos homens. 4) Foi encontrado em forma humana. 5) Humilhou-se a Si mesmo. 6) Foi obediente até à morte. 7) Ele não morreu de um modo qualquer, mas teve uma morte vergonhosa na cruz.

454 Fp 2.9-11.

tetor do Espírito de Deus preservou a terra de uma devastação maior. Em Isaías 45.18 lemos que originalmente Deus não criou a Terra como um deserto. Ela se tornou assim por causa da queda de Satanás: "Pois assim diz o Senhor, que criou os céus, ele é Deus; que moldou a terra e a fez, ele a estabeleceu; não a criou para estar vazia [hebraico: *tohu*], mas a formou para ser habitada; ele diz: 'Eu sou o Senhor, e não há nenhum outro'".

Em Jeremias 4.23, o profeta tem uma visão da terra de Israel que deveria ser devastada pelo juízo de Deus. No texto bíblico, a expressão conhecida *tohu vavohu* de Gênesis 1.2 é aproveitada como motivo principal para identificar a situação de devastação como uma consequência do pecado: "Era a terra sem forma e vazia". A alusão à passagem de Gênesis 1 deixa claro: por causa do pecado a terra se tornará devastada, assim como aconteceu na revolta de Satanás.

No mesmo primeiro dia da semana da Criação, Deus deixou brilhar a Sua luz, a luz da Sua presença sobre a escuridão. Mediante as demais obras da Criação, nos cinco dias seguintes, o estrago foi totalmente reparado, de modo que a Criação pôde finalmente ser classificada como algo "muito bom" (Gn 1.31). Não há espaço para inserir períodos de tempo mais longos no versículo 2, como pretende a "Teoria do Intervalo".[455] Essa teoria não corresponde ao testemunho das Escrituras Sagradas, pois, de acordo com os Dez Mandamentos, o Céu e a terra foram criados em seis dias (Êx 20.11) e não em seis dias mais alguns bilhões de anos. Esses seis dias abrangeram tudo o que está relatado em Gênesis 1.1-31. Da mesma maneira, seria um erro se, de um lado, rejeitamos acertadamente a Teoria do Intervalo e, por outro, ignoramos o testemunho bíblico sobre a queda de Satanás "desde o princípio" (1Jo 3.8).

455 Através da "Teoria do Intervalo" pretende-se abrigar milhões, ou até bilhões de anos da Doutrina da Evolução no versículo 2. Na verdade, esses períodos de tempo são uma expressão da Teoria da Evolução. Os fatos científicos e empíricos em si não nos obrigam a aceitar esses períodos de tempo, uma vez que estão baseados em inúmeras especulações infundadas. Além disso, esses períodos também estão em contradição com muitos outros dados científicos.

É interessante ainda observar, nesse contexto, o fato de que a obra renovadora da Criação de Deus, a partir de Gênesis 1.3, é comparada com a conversão e com a nova Criação em 2Coríntios 4.4 (ver 2Co 5.17).

O governante de Tiro estava possesso pelo Diabo e, além disso, é identificado completamente como Satanás.[456] O final do parágrafo (v. 17b-19) então se refere outra vez diretamente ao caso do rei terreno (ver v. 7-10) – mas essa condenação antecipa aquilo que aguarda o próprio Satanás, quando ele for lançado no lago de fogo (v. 18).[457] A partir desse momento, o Diabo ainda continuará existindo, porém, ele estará completamente derrotado ("você não mais existirá", v. 19).

Esse versículo lança uma luz sobre a batalha nos lugares celestiais, da qual Paulo fala:[458] nós estamos em uma batalha espiritual e, por trás das forças terrestres que se opõem ao povo de Deus e aos Seus planos, estão potestades espirituais regidas por Satanás.[459]

Não por último, seja dito que a queda desse querubim de fato aconteceu, apesar dos poderosos privilégios que ele havia recebido. Estejamos atentos para que não sejamos desviados pelo orgulho, para que Deus não precise nos condenar, pois o castigo pode ser severo![460]

VI. Sidom (28.20-26)

Sidom era mais uma cidade fenícia, localizada em torno de 40 km ao norte de Tiro, na costa do Mar Mediterrâneo. A

456 Como já foi dito, em Isaías 14 o último rei de Babel também é identificado como Satanás. Igualmente, no Evangelho de Marcos, o homem possesso é equiparado à legião de demônios que o havia dominado (Mc 5.6-9).
457 Ap 20.10.
458 Ef 6.10-18.
459 Dn 10.12-14.
460 Ap 3.17-19.

sentença para ela seria diferente do que a da sua vizinha do sul: ela sofreria com guerra e peste (v. 22-23), mas não desapareceria. De fato, a antiga Tiro desapareceu, mas Sidom, *Saida* em árabe, ainda existe hoje no Líbano.

A razão da condenação de Sidom foi pelo sofrimento que ela – assim como os outros povos vizinhos – causou ao povo de Deus (v. 24). Quando Ezequiel profetizou contra Sidom, os babilônios já haviam conquistado a cidade e em torno da metade de seus habitantes haviam morrido por causa de peste (cerca de 606 a.C.). A profecia, porém, se referia a um futuro mais distante: sob a proteção persa, Sidom estendeu seus domínios sobre uma região que havia sido prometida a Israel (a planície de Sarom e, além dela, estendendo-se ao sul, do Carmelo até Jafo). Finalmente, em 352 a.C., ocorreu o levante contra os persas, sob o comando de Artaxerxes III. A rebelião foi sufocada com derramamento de sangue e foram mortos mais de 40.000 sidônios. Desde então, a história da cidade está carregada de sofrimento.

Seguem alguns dados importantes de Sidom, numa visão geral:

- 198 a.C.: conquistada pelos selêucidas sírios.
- 64 a.C.: conquistada pelos romanos.
- 637-638 d.C.: conquistada pelos árabes.
- 1108: conquistada pelos cruzados.
- 1111: conquistada pelo rei Balduíno I de Jerusalém.
- 1197: conquistada pelos saracenos.
- 1197: conquistada pelos cruzados.
- 1840: bombardeada pelos ingleses, franceses e turcos.
- 1918: conquistada pelos franceses.
- 1975-1993: sofrimentos terríveis na guerra civil libanesa.
- 1996: bombardeio israelense no sul do Líbano.
- 2000: bombardeio israelense como reposta aos vários anos de agressões com os mísseis pelo Hezbollah.
- 2006: bombardeio israelense como reposta aos vários anos de agressões com os mísseis pelo Hezbollah.

Adendo: as promessas para Israel são confirmadas (v. 25-26)

Os versículos 25 e 26 constam no coração das profecias sobre as nações, e entre esses oito capítulos o Senhor dá uma maravilhosa promessa para Israel: o povo judeu voltará da dispersão para a terra de seus antepassados. Essa promessa já se cumpriu consideravelmente até hoje: três milhões de judeus retornaram para Israel, vindos de todos os cinco continentes. Eles construíram casas, plantaram vinhas (v. 26a). No entanto, eles ainda não vivem "em segurança" (v. 26b). Deve ser notado que o retorno de Israel acontecerá juntamente com os juízos sobre todas as nações ao redor (v. 26): também esta profecia se cumpriu em parte durante a Segunda Guerra Mundial e durante as nove guerras nas quais Israel teve que lutar para manter sua existência, desde a inauguração do Estado de Israel em 1948. No Século 20, todos os seus vizinhos foram como "roseiras bravas" e "espinhos pontudos" por seu desprezo total pelo povo judeu (v. 24). No entanto, chegará o dia em que o juízo de Deus colocará um fim definitivo ao sofrimento de Seu povo (v. 24).

Através desse juízo (quer já tenha sido realizado ou que ainda se encontre no futuro) e através do retorno do povo de Israel, nós, seres humanos, podemos reconhecer o Deus verdadeiro, que operou através da história e ainda o faz de maneira impressionante nos dias atuais: "Pois eles saberão que eu sou o Soberano, o Senhor".

VII. Egito (29 – 32)

Introdução aos capítulos 29 a 32

Quatro capítulos tratam do julgamento sobre o Egito. Entre essa nação, cuja influência se havia estendido por todo o Oriente Médio, e a Assíria, ou mais tarde a Babilônia, havia

uma rivalidade constante. O juízo sobre o Egito tinha três motivos especiais:

- O primeiro diz respeito ao próprio Egito: o Faraó havia demonstrado um orgulho doentio ao se considerar o criador e o dono do rio Nilo.[461]
- O segundo se relaciona à Babilônia: o Egito queria tomar o lugar que Deus havia previsto para Nabucodonosor.
- O terceiro se relaciona com Israel: o Egito parecia apoiar o levante de Israel contra Babel, mas não correspondeu à confiança que os judeus depositaram em sua ajuda (v. 6-7).[462] Além disso, essa política egoísta também se tornou numa armadilha para os judeus, porque eles tiveram a atenção desviada das numerosas profecias que os alertava seriamente a não confiarem no Egito.[463]

As advertências de juízo contra o Egito podem ser divididas em sete predições individuais, que cada vez são introduzidas com a expressão "esta palavra do Senhor veio a mim: 'Filho do homem...'". Na maioria dos casos, ela encerra com a frase: "Então eles saberão que eu sou o Soberano, o Senhor!" (29.16,21; 30.19,26; 32.15).

1ª Profecia: o juízo de Deus sobre o Faraó e a restauração do Egito (29.1-16)

O anúncio do juízo começa com uma parábola: Faraó[464] é descrito como um "grande monstro" (v. 3). Os habitantes do Egito são simbolizados pelos peixes que são atirados para fora do Nilo e devorados pelos animais selvagens.

A expressão "grande monstro" ou "crocodilo enorme" (ARA) indica que o próprio Satanás estava por trás do Faraó

461 O rio Nilo, cuja criação o orgulhoso governante reivindicou para si, era a fonte natural de vida e de riqueza para o Egito. Seus inúmeros canais irrigavam o país.
462 2Rs 24.7; Jr 37.5-10.
463 Is 30.7; 31.1.
464 O Faraó que governava nessa época chamava-se Hofra (também chamado de Apriés). Ele governou de 588 até 569 a.C.

e o influenciava sem ser notado.[465] Foi Satanás quem o seduziu para que ele se considerasse deus. Esse mesmo fenômeno ainda existe hoje em dia: as teorias fatídicas do movimento da Nova Era seduzem os adeptos dessa visão de mundo a se considerarem como deuses. Outros, por sua vez, são iludidos pelos significativos avanços científicos das últimas décadas e acreditam que podem viver sem um Criador quanto à origem e à manutenção de todas as coisas. A verdadeira sabedoria, porém, consiste em desprezar esses enganos satânicos e humildemente assumir seu lugar correto como criatura de Deus, Desse que julgará toda essa insensatez. Nos versículos 8 a 12 são enumeradas separadamente quais as condenações que atingiriam os egípcios: guerra e massacre (v. 8); uma devastação do país durante 40 anos (v. 9-12a)[466] e a dispersão do Egito (v. 12b).

A graça de Deus, no entanto, não se restringe apenas ao Seu povo escolhido, mas também se estende às nações e assim Ezequiel anunciou o retorno dos egípcios do exílio (v. 13-14). Todavia, eles não alcançariam mais sua antiga glória (v. 15), para que Israel não mais confiasse nos egípcios, ao invés de confiar no Senhor (v. 16). Deus age conosco exatamente do mesmo modo: Ele permite que nossos apoios humanos ou terrenos nos sejam tirados para que, assim, aprendamos a confiar Nele.[467]

2ª Profecia: Nabucodonosor, o primeiro instrumento do juízo (29.17-21)

O cerco a Tiro encerrou com uma vitória pouco rentável para os babilônios. Deus, porém, é justo e assim Ele proporcionou uma vitória fácil no Egito para Nabucodonosor, com grande despojo (v. 17-20). Desse modo, os babilônios foram os

465 Ap 12.9; Lc 4.5-6.

466 "...desde Migdol até Sevene" (v. 10): em outras palavras, em todo o Egito. Migdol se localiza no Delta do Nilo, Sevene corresponde a Assuã, ao pé da primeira catarata.

467 Jr 17.5-8.

primeiros a executar a condenação sobre o Egito: em 569 a.C. eles conquistaram o país,[468] entre outros, para vingança contra os judeus que – em rebelião contra Deus – haviam fugido para lá.[469] A campanha para a conquista foi muito sangrenta: Nabucodonosor matou o Faraó Hofra e expandiu o seu reino até à fronteira com a Etiópia (v. 10).[470] Se até são recompensados aqueles, como o rei de Babel, que servem a Deus inconscientemente e por motivos egoístas, quanto maior será a recompensa daqueles que servem a Deus conscientemente e por amor![471]

3ª Profecia: o Dia do Senhor (30.1-19)

"O dia do Senhor" (v. 3) é um termo técnico que tem um papel importante para a profecia bíblica. Em sentido mais restrito, ele indica um período de tempo de 3½ anos que será repleto de juízos colossais a serem executados sobre todo o mundo, imediatamente antes que o Reino Messiânico mundial de paz seja estabelecido.[472] Nabucodonosor foi o primeiro a executar o juízo contra o Egito, conforme está descrito no livro de Ezequiel (30.10-11,22-26). Em todo caso, tratava-se somente de um juízo parcial, como uma antecipação do juízo definitivo que alcançará o ponto máximo justamente antes da Vinda de Cristo (v. 1-3). A última invasão será realizada por

468 Posteriormente, por volta de 525 a.C., o Egito foi conquistado pelos persas. A devastação de 40 anos e a dispersão (v. 11-12) ocorreu no intervalo entre as duas invasões. Desde o tempo de Ezequiel, a glória do Egito reduziu constantemente, na sequência das invasões pelos babilônios, persas, gregos, romanos, bizantinos e, finalmente, pelos árabes islâmicos (641/642 d.C.) (v. 14-15).

469 Jr 42.15-19; 44.13-14.

470 Jr 46.13-26.

471 2Tm 4.7-8.

472 Ver, entre outros: Is 13.6,9; Jl 1.15; 2.1-2,11; 3.4; 4.14; Am 5.18,20; Ob 15; Sf 1.7,14-18; Ml 3.23. Também no Novo Testamento esse dia é chamado de "o dia do Senhor": At 2.20; 1Ts 5.2; 2Ts 2.2; 2Pe 3.10. Esse "dia", na verdade, representa um período maior que abrange os três anos e meio da Tribulação (Mt 24.15-22), antes da Vinda do Senhor Jesus em poder e glória. De acordo com 2Pe 3.10-13, o "dia do Senhor" inclui também o Reino Milenar, porque a destruição da terra acontecerá somente depois disso. Então o "dia do Senhor" passará para o "dia de Deus" (2Pe 3.12). Então, com o Novo Céu e a Nova Terra, chegará o "dia eterno" (2Pe 3.18). As Escrituras chamam a Era atual de "dia da salvação" (2Co 6.2).

um imenso exército comandado pelo "rei do norte".[473] Essa campanha ocorrerá durante a Grande Tribulação.[474] Bem no fim, o próprio Deus executará o último juízo sobre o Egito.[475]

Desse modo, os versículos 4 a 19 ultrapassam o juízo executado pelos babilônios;[476] sendo que descrevem as diversas fases da história egípcia que se estendem por vários séculos. Todas as cidades famosas do país,[477] uma após a outra, se afundaram nos destroços, seus templos idólatras hoje são locais de escavações arqueológicas onde não há mais adoração alguma. Eles são um sinal visível de que Deus detesta a idolatria. Que nos mantenhamos longe dela![478]

4ª Profecia: Nabucodonosor e Egito (30.20-26)

Esses versículos se referem diretamente ao juízo executado pelos babilônios, comandados por Nabucodonosor. Em 605 a.C., os egípcios foram derrotados na batalha de Carquemis, na Síria, pelos caldeus. Essa derrota iniciou a decadência do domínio egípcio sobre o Oriente Médio.[479] Assim, Deus havia quebrado "o braço do faraó" (v. 21). As demais invasões subsequentes então lhe quebraram os dois braços (v. 22).

5ª Profecia: a parábola do cedro da Assíria (31.1-18)

Nesse capítulo a Assíria é utilizada como figura para o destino que o Egito deveria esperar (v. 2): a Assíria dominou o mundo antigo por muito tempo (v. 3-9), porém, essa gran-

473 Na profecia já cumprida, a expressão "rei do norte" se refere à Síria, que abrangia uma área gigantesca do Líbano/Síria até o Paquistão (Dn 11.1-35).
474 Dn 11.40-45.
475 Is 11.15; 19.1.
476 Isso fica claro através da expressão "a mais impiedosa das nações estrangeiras" (v. 12) ou "os mais terríveis estrangeiros" (v. 12 – ARA).
477 Alguns termos de comparação geográfica: Mênfis (v. 13,16) = Nofe; alto Egito (v. 14) = Patros; Zoã (v. 14) = Tânis, cidade do baixo Egito; Tebas (v. 14-16) = Nô, a capital do alto Egito; Pelúsio (v. 15-16) = Sim; Heliópolis (v. 17) = Áven (próximo a Cairo); Bubastis (v. 17) = Pi-Besete; Tafnes (v. 18) = Tachpanches, fortaleza à margem leste do Delta do Nilo.
478 1Jo 2.15-17; 5.21.
479 Jr 46.2-12.

diosidade se tornaria uma armadilha e a tornaria orgulhosa (v. 10). "Portanto", Deus colocou a Assíria na mão da Babilônia (ao "governante das nações"). Essa potência mundial havia se aliado aos medos e citas (v. 11-14). Em 612 a.C. caiu a capital Nínive,[480] e três anos depois a Assíria estava completamente conquistada. Esses acontecimentos dramáticos causaram consternação nas demais nações (v. 15-17): como foi possível acontecer tal decadência em tão pouco tempo? Outros, que graças à Assíria haviam desfrutado de um ótimo nível de vida (v. 6) agora se aproveitavam de sua derrocada (v. 13).

Quanto mais alta for a posição, maior será a queda; quantas vezes acontece então que (isso vale tanto para indivíduos como para potências mundiais), quando se está em dificuldades, não se recebe nada daqueles aos quais se prestou ajuda: em tempos de dificuldade todos estão preocupados somente em extrair o máximo de vantagem da situação delicada daquele amigo ou benfeitor outrora mais feliz. Todavia, como cristãos, somos exortados a agir de modo fundamentalmente diferente.[481]

No último versículo se repete em palavras um pouco diferentes aquilo que já havia sido dito (v. 2): o Egito compartilharia o destino da Assíria, porque os egípcios, ofuscados pelo orgulho próprio, não observaram sinal de alerta dos assírios nem mudaram seu comportamento. Assim eles compartilharam de sua queda e não da sua grandeza. Infelizmente ocorre com muita frequência que também nós não aprendemos com a história. A forma da parábola nos lembra do relatório do pecado original, no livro de Gênesis.[482] Todavia, se observarmos mais atentamente, a história da humanidade

480 No livro de Naum a queda de Nínive havia sido anunciada com todos os detalhes. O arrependimento do rei de Nínive, à época de Jonas, havia prorrogado a execução do juízo por mais de 150 anos.

481 Pv 17.17.

482 Isso se mostra quando são mencionados rios ou ribeiro e árvores, bem como na expressão "jardim de Deus".

não é nada diferente do que os relatos recorrentes de nosso orgulho, o qual insiste em aparecer e que, em consequência, Deus precisa quebrar. Sim, "Deus se opõe aos orgulhosos"![483] Aceitemos esse alerta! Hoje temos o exemplo da Assíria *e* do Egito diante dos nossos olhos, nesse capítulo.

6ª Profecia: um lamento sobre o Faraó (32.1-16)

Em março de 585 (isto é, um ano e meio após a queda da capital judaica) Deus ordenou que Ezequiel fizesse um lamento sobre o destino do Egito (v. 2), do mesmo modo como havia feito sobre Tiro (27.3; 28.12). Vemos aqui como deve agir um verdadeiro profeta que cumpre a vontade de Deus: ele chora por aqueles que deve alertar, mesmo que a condenação seja merecida por não terem obedecido à voz de Deus. O Senhor Jesus também chorou diante do destino da pecadora cidade de Jerusalém.[484] Temos esse mesmo sentimento em nós?

No lamento é retomado o mesmo tema da parábola já abordado no capítulo 29: o Faraó é novamente comparado a um "monstro nos mares", que Deus faz surgir do rio Nilo (v. 2-6). Essa condenação causará espanto entre muitas nações (v. 7-15). Principalmente os "reis" ficarão temerosos pelas suas vidas (v. 10): o juízo de Deus também tem o objetivo de lembrar àqueles que ocupam posições de destaque, as suas responsabilidades.

7ª Profecia: o lamento sobre os egípcios (32.17-32)

Duas semanas mais tarde (v. 17) Ezequiel foi chamado a fazer um novo lamento. Essa profecia, que também poderia ser chamada de "hino fúnebre", expressa uma profunda melancolia e tristeza. Esse povo egípcio, tão admirado pelas outras nações,

483 Tg 4.6.
484 Lc 19.41.

além da morte, seguiria o mesmo caminho de humilhação das outras nações fracassadas. São mencionados cinco exemplos:

- Assur (Assíria, v. 22-23);
- Elão (uma parte da Pérsia, v. 24-25);
- Meseque e Tubal (povos que moravam entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, v. 26-27);
- Edom (v. 29);
- Sidom e outros povos ao norte de Israel (v. 30).

Para os egípcios a morte tinha um significado diferente e por isso tentavam atribuir-lhe uma pompa toda especial. Prova disso é a desigualdade entre as suas construções para viver e as sepulturas totalmente revestidas (pirâmides, mastabas, etc). Que humilhação para essa alta cultura egípcia, ser rebaixada ao nível das demais nações:[485] todos são "incircuncisos" (v. 19,21,24,26,28,29,30,32), isto é, todos são impuros e, assim, não têm relacionamento com Deus.

Essa lista impressionante nos mostra que, diante da morte, todos são iguais.[486] A morte é o maior fator de igualdade.[487] Chegará o dia em que "os mortos, grandes e pequenos" estarão parados para o juízo diante do grande Trono Branco de Deus e então será levado em conta somente o fato de o seu nome estar escrito no Livro da Vida, ou não.[488] Nós, como crentes redimidos, podemos nos alegrar por pertencermos Àquele que é a ressurreição e a vida[489] e diante disso podermos colocar a fama passageira desse mundo em seu devido lugar!

Observações finais sobre os capítulos 25 a 32

Em cada capítulo dessa parte é desenvolvido o mesmo tema: o juízo sobre a arrogância humana. O orgulho do povo

485 Is 14.9-11.
486 Ec 9.3.
487 O fato de que na morte todos são iguais, também explica o significado, à primeira vista surpreendente nesse contexto, da expressão "será consolado", no versículo 31.
488 Ap 20.11-15.
489 Jo 11.25-26.

de Deus, que tem privilégios, mas ao mesmo tempo também tem mais responsabilidades, era o tema dos capítulos 1 a 24. Chegará o dia em que todos serão responsabilizados perante Deus e o Criador penetrará até o mais profundo dos pecados humanos, e isso inclui todo orgulho tolo que está escondido em cada coração e transparece com muita frequência nas atitudes externas. Não importa a forma que ele assume, seja orgulho pelas riquezas ou pela sabedoria como em Tiro, ou pelo poder e a cultura elevada como no caso do Egito, Deus lhe resistirá[490] e o julgará.[491] O estudo atencioso desses capítulos deveria nos conduzir a assumirmos nossa real situação diante de Deus e isso com a devida humildade, que não apenas se manifesta em nossas palavras, mas que brota do coração e fica gravada em nossos pensamentos!

A última parte do livro de Ezequiel contém profecias que foram reveladas principalmente depois da destruição de Jerusalém (586 a.C.). Trata-se de uma mensagem cheia de esperança e que anuncia um futuro maravilhoso para Israel: o retorno do povo de seu exílio através do mundo, a restauração nacional de Israel, o reavivamento espiritual do povo, a eliminação do último inimigo (Gogue e seus aliados), um Templo novo e maravilhoso coroado com a volta da glória do Senhor, Jerusalém designada como morada de Deus e como centro do mundo, e a nova subdivisão da Terra Prometida entre as 12 tribos de Israel.

Nos capítulos 33 a 39 estão descritos individualmente os passos de como acontecerá a restauração de Israel (At 1.6) e nos capítulos 40 a 48 está relatado como se dará esse evento maravilhoso da ação divina.

490 1Pe 5.5.
491 Pv 16.18.

A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL (Ez 33 – 48)

Com o capítulo 33 inicia a terceira parte do livro de Ezequiel. Ela é dividida em três tópicos:

I. A Trajetória da Restauração de Israel (33 – 39);

II. A Glória do Senhor no Terceiro Templo (40.1 – 47.12);

III. O Repovoamento da Terra de Israel (47.13 – 48.35);

I. A Trajetória da Restauração de Israel (33 – 39)

A primeira subdivisão é composta dos seguintes itens:

1. A reconfirmação do mensageiro (33.1-33);
2. Um novo pastor (34.1-31);
3. Um país renovado (35.1 – 36.15);
4. Um novo coração (36.16-38);
5. Um povo renovado (37.1-28);
6. A eliminação do último inimigo: Gogue (38 – 39).

1. A reconfirmação do mensageiro (33.1-33)

A responsabilidade da sentinela (v. 1-9)

Na primeira parte do capítulo 33 são repetidas as advertências do capítulo 3 (v. 16-21): com a destruição de Jerusalém a mis-

são de Ezequiel ainda não havia sido encerrada, e aqui Deus reconfirma a sua incumbência (v. 7). As exortações que ele deveria transmitir eram ainda mais importantes, porque a ameaça externa (o exército babilônico) já havia passado nesse tempo, porém, a ameaça interna (a maldade nos corações) ainda estava presente. Essa repetição toca em nossa consciência: se Deus resolve dar tanta importância à nossa missão de sentinela,[492] então realmente devemos desempenhá-la fielmente.[493]

A responsabilidade de Ezequiel havia sido primeiramente alertar seus contemporâneos a respeito do juízo vindouro. Agora ele pôde anunciar uma mensagem de consolo, todavia, ainda precisava advertir àqueles que ainda não haviam se arrependido e assim continuavam debaixo da ira de Deus. Deus exalta somente aqueles que se humilham sob Sua poderosa mão:[494] somente aqueles que haviam se arrependido poderiam tomar para si as palavras de consolo e a bênção que o profeta proclamou nos últimos capítulos. A exemplo de Ezequiel, devemos aprender a não pregar uma graça barata e de varrer para baixo do tapete a necessidade de arrependimento: ambos os aspectos devem andar juntos, em equilíbrio.

Voltem e vivam! (v. 10-20)

Nessa passagem, as responsabilidades pessoais já tratadas detalhadamente no capítulo 18 estão novamente no centro da atenção. A pergunta do versículo 10 demonstra a reação do povo diante do juízo em andamento: "Como então poderemos viver?"

Quando nossos concidadãos são oprimidos pelo peso de seus pecados, poderemos lhes dizer aquilo que Deus respondeu a Ezequiel: "...desviem dos seus caminhos e vivam.

492 Is 21.6-12.
493 Jó 33.14.
494 1Pe 5.6.

Voltem!" É comovente observar a insistência com que Deus convida o pecador ao arrependimento, e isso deveria nos incentivar ainda mais a servirmos como enviados dedicados Dele, de modo que Deus consiga transmitir a importante mensagem: "Reconciliem-se com Deus".[495] O caminho para o arrependimento está livre até mesmo para o pior pecador (v. 14-16),[496] que deseja se arrepender dos seus pecados; ao mesmo tempo que, até o melhor de todos os seres humanos, se confiar apenas em sua própria justiça, sofrerá o juízo (v. 12-13). Quando Israel foi confrontado pelo juízo de Deus, foram observados dois tipos de reação por parte do povo:

- Desespero (v. 10), onde a graça de Deus é esquecida (v. 11);
- Rebelião, onde a justiça de Deus é contestada (v. 17). Essa reação acontece ainda hoje, porém, Deus permanece o mesmo, misericordioso e severo ao mesmo tempo.[497]

Quanta ousadia é pretender estar acima dos caminhos de Deus, julgando-os, enquanto nós mesmos estamos ofuscados pelo pecado! Também esse princípio ainda vale hoje: nossa capacidade de discernimento espiritual depende de nossa condição moral.

O fugitivo de Jerusalém (v. 21-22)

"A cidade caiu!" Apesar dos diversos apelos para o arrependimento, o povo não obedeceu a Deus e, assim o juízo foi inevitável (v. 21).

Deus havia avisado Ezequiel e, por isso, este esperava pela chegada de um fugitivo que deveria anunciar a ruína da cidade. Deus também o avisou que o seu serviço mudaria radicalmente a partir desse dia (v. 24,25-27; 3.24-27):[498] ele poderia voltar a

495 2Co 5.20.

496 Observa-se que, na relação do versículo 15, em contraste ao capítulo 18, não é mencionada a idolatria: a deportação para a Babilônia serviu para libertar o povo desse pecado.

497 Rm 11.22.

498 O fugitivo chegou até Ezequiel em dezembro de 585 a.C., alguns meses após a destruição de Jerusalém. O percurso entre Jerusalém e a Babilônia demorava em torno de três meses,

falar livremente (v. 22). O fim do período de silêncio também coincidiu com o início de uma nova fase na sua missão: o anúncio do juízo foi seguido pela mensagem da restauração, o que era um tema do qual ele até então não havia falado quase nada.

A arrogância dos remanescentes (v. 23-29)

Os poucos sobreviventes da guerra e que permaneceram na terra continuavam praticando o mal (v. 25-26) e conseguiram acrescentar uma tola arrogância à sua lista de pecados: eles acreditavam firmemente que poderiam permanecer na Terra Prometida porque Abraão era apenas uma pessoa,[499] e eles, os descendentes dele, eram numerosos (v. 23-24). Que ideia absurda! Quantidade não serve de argumento diante de Deus,[500] e qualidade é melhor do que quantidade. Abraão era obediente a Deus, enquanto o povo vivia em pecado. Eles também estavam sujeitos ao juízo (v. 27-29): em 582 a.C., os judeus foram novamente deportados, sob o comando de Nebuzaradã.[501]

A fé é algo diferente do que o otimismo cego dessas pessoas, que se iludiam quanto à sua própria situação e somente então passavam a confiar nas promessas de Deus. Não devemos pensar que Deus deixa de observar nossa fidelidade na caminhada quando Ele se envolve conosco.

Ouvir ou praticar? (v. 30-33)

Depois que as suas previsões se confirmaram, Ezequiel repentinamente tornou-se muito popular em Jerusalém. Que armadilha sofisticada, principalmente porque toda a bajulação aconteceu após um longo tempo de zombaria (21.5). O

naquela época. A menção "naquele dia" (no hebraico consta a expressão adverbial *bejom*, 24.26) não significa que o mensageiro estaria com Ezequiel no próprio dia da destruição. O significado hebraico "naquele dia" está traduzida corretamente numa versão alemã por "naquele tempo".

499 Is 51.2.
500 Jz 7.2.
501 Jr 52.30.

povo gostava de ouvi-lo, sua eloquência era apreciada (v. 30-32).[502] A Palavra de Deus havia sido considerada como uma obra de arte, cujo conteúdo não valia nada, mas a forma era valorizada ao máximo (v. 32). Quem apenas ouve a Palavra e não a pratica, engana a si mesmo.[503] O nosso procedimento, na comunhão com os crentes (v. 31a), encontra-se em contradição em relação à nossa vida secular (v. 31b)?[504]

Quanta tristeza deve causar para um fiel servo de Deus, quando sua mensagem é apreciada, mas não aparecem consequências práticas! A melhor reação diante de uma mensagem não se traduz em palavras ("Que mensagem inspiradora!"), mas em ações ("O Senhor falou-me claramente; agora sei o que devo fazer!"). Devemos nos resguardar de uma satisfação unicamente intelectual: para o momento ela pode proporcionar alegria, mas não modifica em nada a nossa vida.

2. Um novo pastor (34.1-31)

As características do mau pastor (v. 1-6)

Nessa nova profecia, Deus Se dirige aos líderes de Israel através de uma profecia: eles são comparados a pastores[505] e o povo ao rebanho de ovelhas.

O Senhor condenou severamente esses homens, cuja tarefa era liderar o Seu povo, apontando os seus caminhos errados com palavras sérias. É certo que cada indivíduo é responsável

502 Deus não o censura por sua eloquência (ver At 18.24,28). O profeta proclamava fielmente a Palavra de Deus e não falava palavras persuasivas de sabedoria do mundo (ver 1Co 2.4). O servo é responsável (v. 1-9), sendo que o mesmo vale para aqueles que deveriam tirar proveito do seu trabalho (v. 30-33) e o Espírito precisa ter liberdade de ação tanto com um, como com o outro, para que disso resulte fruto espiritual.

503 Tg 1.22-25; Mt 7.24-27.

504 Is 29.13.

505 No Antigo Testamento o termo "pastor" é empregado para: 1) o rei, e num sentido mais amplo também para os demais responsáveis (1Rs 22.17; Zc 10.3); 2) o Senhor (Gn 48.15; Sl 23.1; 80.1; Jr 31.10), 3) o Messias (Is 40.11; Jr 23.4-6).

diante de Deus (18; 33.10-20), mas esses líderes eram especialmente responsáveis pelo lastimável destino do povo de Deus. Quando Jesus esteve na terra, Ele dirigiu acusações semelhantes aos líderes de Sua época.[506] A expressão "Ai dos pastores de Israel" (v. 2) lembra os oito "ais" que Jesus falou contra os escribas e fariseus que conduziram o povo judeu incorretamente.[507]

Os motivos para a condenação dos maus pastores são claramente mencionados. Eles não tinham nem temor a Deus, nem amor pelo povo:

- Ao invés de servir ao rebanho, procuravam tirar proveito próprio e queriam ter maior reconhecimento do povo (v. 2-3,18-19).[508]
- Ao invés de ajudar às ovelhas necessitadas, eles lideravam com "dureza e brutalidade" (v. 4).
- Ao invés de reunir o rebanho, suas atitudes e comportamentos espalharam as ovelhas,[509] que ficaram à mercê de seus inimigos (v. 5).

O poder pode transformar-se numa armadilha perigosa. Quantos utilizaram a autoridade recebida para proveito próprio e não tiveram em vista o bem-estar de todos! Governos, tanto autocráticos como democráticos, comprovam isso diariamente. A passagem seguinte também tem uma aplicação espiritual. Ela é tão atual hoje como foi naquela época para todos aqueles que têm o dom de pastorear[510] e para todos os que desempenham as funções de ancião ou presbítero em uma igreja local,[511] ou que desempenham uma função de liderança regional no âmbito do Cristianismo.[512] Todos eles preci-

506 A atitude condenável dos líderes, à época de Ezequiel, provocou a destruição de Jerusalém e o cativeiro babilônico. Os líderes, ao tempo de Jesus na terra, são culpados decisivamente pela nova destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. e pela Diáspora dos judeus.
507 Várias passagens a respeito: Mt 23.13-16,23,25,27,29.
508 1Tm 6.5b.
509 Jr 23.2; Mt 9.36.
510 Ef 4.11.
511 At 20.17,28; Tt 1.5-9; 1Tm 3.1-7.
512 At 15.22; Hb 13.7,17.

sam possuir autoridade moral que os capacita para desempenharem sua função. A atitude desejada por Deus não consiste em dominar sobre a área determinada, mas em serem "modelos", isto é, servir de exemplo motivador para os irmãos.[513] Isso, no entanto, não vale somente para os líderes: dentro das suas possibilidades, cada crente deveria sentir-se responsável pelas ovelhas do Senhor,[514] e isso sem buscar reconhecimento pessoal ou ambições espirituais.[515]

A intervenção divina (v. 7-22)

Deus ama o Seu povo, a quem chama treze vezes de "meu rebanho" ou "minhas ovelhas" nesse capítulo. Diante da situação miserável de Seu povo, Ele faz duas coisas:

- Ele pede satisfações aos maus pastores (v. 7-10).
- Ele mesmo se importa pelo rebanho (v. 11-16) e age de modo justamente contrário ao dos maus pastores.

Sem dúvida, na parábola da ovelha perdida,[516] ou na alegoria sobre o Bom Pastor,[517] o Senhor Jesus Se referiu a esses versículos. Jesus já é hoje, para os redimidos da Era da Graça, aquilo que Ele será futuramente para o Seu povo escolhido. Ele mesmo age em nosso favor (v. 11), como demonstram os diversos verbos nesses versículos. Os maus pastores dispersam, assim como certas personalidades religiosas, que até são comparadas a lobos,[518] que "não pouparão o rebanho", e tentarão "atrair os discípulos".[519] Ao contrário disso, o Bom Pastor tem o objetivo de salvar (v. 12) e de reunir (v. 13).

As quatro situações descritas no versículo 16 continuam sendo um tremendo incentivo:

513 1Pe 5.2-3 (ARA).
514 1Ts 5.11; Hb 10.24.
515 Gl 1.10.
516 Lc 15.3-7.
517 Jo 10.
518 Jo 10.12.
519 At 20.29-30.

- Estávamos todos perdidos,[520] mas Ele foi nos procurar.
- Quando nos perdemos, somente o Senhor pode tocar nosso coração e nos levar de volta para Si.[521]
- Quem de nós pode afirmar que nunca foi ferido? Quando nos sentimos incompreendidos, estamos tristes, temos uma dor íntima, o Bom Pastor sabe disso. Ele, que permitiu que fôssemos feridos, é também Aquele que une o que está rompido.[522]
- Os enfermos não são sempre curados,[523] mas ao menos são fortalecidos para superar esse período difícil.[524]

Podemos nos considerar felizes por termos um Pastor assim que nos guarda! Que contraste diante das palavras duras que o Senhor encontra para a "ovelha gorda e a magra"[525] e para os "bodes", isto é, para os maus líderes (v. 17-22)! Duas acusações pesam contra eles: egoísmo (v. 18-19) e violência (v. 21). Através do Seu julgamento, Deus os separará dos outros (v. 20).

Não ocorre, às vezes, que agimos como as ovelhas gordas e fortes, que pressionam e oprimem os outros? Estamos cheios de orgulho religioso e nos vangloriamos do nosso conhecimento bíblico ou até daquilo que chamamos de fé. Assim acabamos ferindo as ovelhas fracas quando não as levamos em consideração e lhes impomos fardos que não conseguem suportar.[526] É preferível nos orientarmos pelo Bom Pastor, que segue lentamente "no passo dos rebanhos".[527]

520 Lc 15.3-4.
521 Lc 15.4-5.
522 Sl 147.3.
523 2Tm 4.20; Rm 8.18-24.
524 Sl 41.3.
525 Uma ovelha gorda, por seu tamanho, torna-se infrutífera. A forte consegue levar consigo todo o rebanho. A comparação é clara.
526 Mt 23.4.
527 Gn 33.14.

O Bom Pastor (v. 23-31)

No último segmento consta a descrição do Reino Milenar: o Messias, o Filho de Davi,[528] aqui é denominado "o meu servo Davi" (v. 23; 37.24).[529] Ele governará sobre Israel com justiça e, assim, terminará com a opressão de maus líderes e escribas, bem como através de falsos profetas (v. 27c). Então Israel será triplamente abençoado: não haverá mais inimigos mortais (compare os animais selvagens, v. 25), segurança total (v. 27b-28) e farto aproveitamento dos recursos naturais da Terra Prometida (v. 27a). Então será alcançado esse ideal pelo qual os judeus que hoje retornam à sua terra tanto anseiam e procuram. O desprezo por parte das nações e a vergonha de sua dispersão então farão parte do passado, de uma vez por todas (v. 28-29). Deus dará pleno reconhecimento a Israel como o Seu povo[530] e se apresentará como o seu Deus (v. 24,27,30-31).

Aqui também há um evidente paralelo com João 10: a estreita ligação de Deus com o Seu servo (v. 23-24) lembra as palavras finais de nosso Senhor: "Eu e o Pai somos um".[531] O relacionamento de Israel com seu Deus (v. 30-31) encontra um quadro similar no conhecimento mútuo entre o Bom Pastor e Suas ovelhas: "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem".[532] É motivo de alegria para nós, a cada dia, termos o privilégio de conhecer ao Senhor Jesus tão estreita e intimamente!

528 Os 3.5.
529 Também na literatura rabínica essa expressão é interpretada como o Nome do Messias prometido (*Metzudath David* em Os 3.5). O Rei Davi, o patriarca do Messias (Jr 23.5) também é uma referência típica ao Messias: o então jovem pastor guardava o rebanho do seu pai (1Sm 17.34). Mais tarde ele foi chamado para pastorear a Israel (Sl 78.70-72; 2Sm 5.2).
530 Os 2.1,3,25.
531 Jo 10.30.
532 Jo 10.14.

3. Um país renovado (35.1 – 36.15)

O juízo sobre o Monte Seir (35.1-15)

Os capítulos 35 e 36 formam uma unidade:

- No capítulo 35 é anunciado o juízo sobre o Monte Seir (Edom).[533]
- O capítulo 36 trata das promessas de Deus para os montes de Israel.

Todos os acontecimentos descritos devem ocorrer no fim dos tempos (35.5b), isto é, no período em que Israel retornará da sua dispersão através do mundo (36.8,24). Aqui é explicado como as nações ao redor de Israel se rebelariam contra esse retorno (36.3-5,7,36). Se o Senhor dirigir Sua ira descrita nessa passagem profética sobre os edomitas, que têm estreitos laços familiares com Israel, então isso se baseia no fato de que esse povo se tornou especialmente culpado.[534] Os descendentes de Esaú nunca cessaram de perseguir o povo escolhido com ódio fratricida.[535]

A expressão "os montes de Israel" é característica do livro de Ezequiel. Ela é encontrada 18 vezes nesse livro. No restante da Escritura, essa expressão não é encontrada.[536]

A cadeia de montes mais importante, e já habitada e colonizada no tempo do Antigo Testamento, como já foi mencionado no capítulo 4, se estende de norte a sul e se localiza principalmente na Samaria e Judeia. O posto avançado do extremo norte da terra de Israel, já nos tempos bíblicos, era

533 A expressão "Monte Seir" (35.2-3,7,15) identifica o planalto escarpado que se estende entre o Mar Morto e o Golfo de Eilat, ao sul da atual Jordânia. Nessa área, tambem chamada de "Edom" (35.15), encontra-se Petra, a antiga capital dos descendentes de Esaú (Gn 36.8), que é mencionada no Antigo Testamento sob o nome "Selá" (que significa "rocha", como a palavra grega *"Petra"*, 2Rs 14.7; Is 16.1; 42.11).

534 Ob 10-14.

535 Edom também é a primeira nação mencionada entre os inimigos árabes que, de acordo com o Salmo 83, pretendem eliminar Israel (Sl 83.6).

536 Todas as passagens com a expressão "os montes de Israel": Ez 6.2,3; 19.9; 20.40; 33.28; 34.13,14,14; 35.12; 36.1,1,4,8; 37.22; 38.8; 39.2,4,17.

a localidade de Dã, enquanto a fronteira do sul era marcada pela cidade de Berseba, na margem do deserto de Neguebe.[537]

Quando observamos a topografia elevada de Israel entre Dã e Berseba, verificamos que, no geral, ela corresponde à região atualmente denominada de Cisjordânia. Quando então consideramos que a "Cisjordânia" tornou-se um conceito político consistente somente na história moderna, em consequência dos planos de separação dos britânicos (1921) e da ONU (1947), torna-se ainda mais fantástica a constatação de que o profeta Ezequiel, há mais de 2.600 anos, anunciou profecias detalhadas justamente para esta região no contexto da nossa época!

Vale mencionar ainda que, além das 18 passagens que falam dos "montes de Israel", Ezequiel ainda refere-se ainda mais duas vezes ao Monte do Templo, como nos "montes altos de Israel" (Ez 17.23; 20.40). Trata-se do monte que está absolutamente no centro do conflito pela Cisjordânia. Na Bíblia essa expressão "alto monte de Israel" também é encontrada somente no livro de Ezequiel.

Quando Ezequiel, em sua profecia, fala aos montes do sul da Jordânia como se fossem pessoas vivas, precisamos considerar que esse planalto representa os habitantes dessa região, na mensagem do profeta. Todavia, essa marcante região montanhosa não só personifica os edomitas, mas efetivamente todas as nações que, no fim dos tempos, habitarão ao redor de Israel e que, juntamente com Edom, seriam inimigas de Israel. Isso, por exemplo, fica bem evidente em Ezequiel 36.5. Também em Ezequiel 36.4 fala-se dessas nações aliadas com Edom.

O juízo sobre Edom

É dada a sentença sobre a terra de Edom: Deus respondeu à antiga hostilidade (35.5) com eterna devastação (35.9). De

537 Todas as passagens que mencionam Dã e Berseba conjuntamente: Jz 20.1; 1Sm 3.20; 2Sm 3.10; 17.11; 24.2,15; 1Rs 4.25; 1Cr 21.2; 2Cr 30.5; Am 8.14.

acordo com essa profecia, no futuro o sul da Jordânia se tornará um "deserto arrasado", um lugar de horror (35.3-4,7,9,14-15).[538] Ali acontecerá um horrível banho de sangue (35.6,8).

Os pecados de Edom

Como faz em todo o livro de Ezequiel, também aqui Deus coloca claramente a justificativa pela condenação. O Eterno jamais age de forma arbitrária. Os pecados de Edom eram numerosos:

1. Ódio (v. 11), demonstrado pela "inimizade perpétua" (ARA) contra o povo de Israel (v. 5a,11).
2. Vingança, que os levou a abandonar os israelitas à morte, quando estes estavam enfrentando terríveis dificuldades (v. 5b).
3. Inveja, porque queriam se apossar da terra de Israel (v. 10).[539]
4. Fúria contra Israel.
5. Ciúme de Israel, o povo escolhido de Deus (v. 11).
6. Calúnias contra a Terra Prometida (v. 12).
7. Rebelião contra o Senhor, o Deus de Israel (v. 13). Ao tentarem se apossar da terra de Israel, em última análise, eles se rebelaram contra o próprio Senhor, que prometeu esta terra para Israel.

O que já se cumpriu

Os montes de Seir representam Edom e todos os vizinhos árabes inimigos que se unirão contra Israel no fim dos tempos. O profeta Ezequiel se dirige a todos eles com uma séria

538 No hebraico há vários nomes que podem ser traduzidos por "deserto". Os que aqui (v. 3-4) são utilizados e traduzidos como "deserto" (*shemamah*) ou "arrasado" (*meshammah*) significam mais do que uma região desabitada e seca: essas palavras expressam destruição total da área indicada, a ponto de causar espanto ao observador.

539 A expressão "duas nações" ou "duas terras" (ARA), mencionada no versículo 10 se refere à Palestina oriental (Jordânia), a qual a Inglaterra entregou aos árabes em 1921, e à terra de Israel que deveria ter sido conquistada na guerra de 1948/1949.

mensagem de alerta e de condenação. Eles são chamados de "o restante das nações" (36.3,5), porque, como descendentes de todos os povos que já foram vizinhos de Israel no tempo do Antigo Testamento, na era moderna representam apenas um remanescente.

Como primeiro motivo para o juízo vindouro sobre Edom, é mencionada a "velha hostilidade" contra Israel (35.5). Essa manifestação de ódio já remonta aos tempos do ancestral Esaú, que pretendia assassinar seu irmão Jacó (Gn 27.41). Os descendentes de Esaú mantiveram vivo esse ódio aos descendentes de Jacó (que também se chamava Israel (Gn 32.29).[540] Ezequiel 35 torna claro que essa inimizade continuaria até o fim dos tempos. Já por volta de 1882, quando os primeiros judeus que retornavam por ocasião da primeira Aliá (a primeira onda de imigração) à terra de seus antepassados, surgiu uma oposição árabe. A oposição tornou-se tão perigosa nos anos seguintes que, em 1920, os judeus se viram obrigados a organizar a Haganá, o grupo de defesa contra os ataques árabes. Quando, em 1921, os britânicos fizeram a primeira divisão da Palestina, eles deram aos árabes toda a Palestina Oriental, isto é, a atual área da Jordânia, para que nela pudessem estabelecer o futuro estado da Palestina. Assim, esse território ao leste do rio Jordão passou a ser proibido para os judeus. Nenhum judeu receberia o direito de morar ali. Isso acontecia apesar de que a Declaração de Balfour, de 1917, previa essa possibilidade.[541] No tempo do Antigo Testamento, os grandes territórios ao leste do rio Jordão pertenciam a Israel. Desde aquela época a imigração de judeus seria permitida somente para a área da Palestina Ocidental. A partir da década de 1930, através de uma concessão motivada pelo terrorismo

540 Compare, p.ex.: Nm 20.14s.; 1Sm 14.47; 2Sm 8.14; 1Rs 11.14; 2Rs 14.10; Jr 49.7s.; Ob 1; Am 1.11.

541 Com a Declaração de Balfour, a Grã-Bretanha se comprometeu a fazer na "Palestina" um estado nacional para o povo judeu.

árabe-islâmico contra a Inglaterra, o governo de ocupação inglês determinou drásticas restrições à imigração de judeus na Palestina Ocidental. Isso aconteceu exatamente na mesma época da perseguição nazista aos judeus. Justamente na ocasião em que incontáveis judeus da Europa necessitavam com urgência um lugar de refúgio na terra de seus antepassados, a Inglaterra fechou as portas para a maioria deles. Naquela época, Haj Amin al-Husayni, parente de Yasser Arafat, era o Grão-Mufti de Jerusalém.[542] Ele era destacado por seu ódio aos judeus e tinha grande influência: ele era o Grão-Mufti de Jerusalém, o líder religioso entre os árabes muçulmanos. Ele se tornou aliado de Hitler na Palestina. Ele verificou, junto ao líder nazista na Alemanha, a possibilidade de estender o plano de eliminação dos judeus da Europa também para o Oriente Médio.

Quando, porém, aconteceu a grande virada radical para os judeus da Palestina em 14 de maio de 1948, no dia seguinte a Jordânia, juntamente com seus aliados, atacou Israel movido por um ardente ódio contra o novo Estado de Israel. No entanto, depois que essa guerra total não alcançou a eliminação esperada dos judeus, a Jordânia também participou da segunda guerra total contra Israel, em 1967.

Com a chegada de Hitler ao poder, em 1933, teve início a época que é melhor identificada na história judaica com a palavra *shoah* (catástrofe). Mais de 6 milhões de judeus foram mortos pelo simples fato de serem judeus, sendo que entre estes havia em torno de 1 milhão de crianças. As portas de acesso para a Palestina foram mantidas totalmente fechadas pelos árabes da Transjordânia. Na Palestina Ocidental elas foram fechadas pelos ingleses. Navios superlotados com refugiados da Europa nazista foram mandados embora da fronteira da Terra Prometida. Muitos retornaram à Europa do

542 Grão-Mufti, a maior autoridade islâmica do Império Otomano.

mesmo modo como haviam saído e desapareceram nos campos de concentração nazistas. Aconteceu exatamente aquilo que Ezequiel 35.5 descreveu profeticamente.

Os filhos de Israel foram entregues à morte diante da impossibilidade de encontrar refúgio na terra de seus antepassados. Isso, no entanto, não ocorreu em uma época qualquer da história, mas na época do nazismo, ou de acordo com nosso capítulo, "no tempo da calamidade[543] e do castigo final" (35.5 - ARA), ou seja, nos últimos dias repletos de injustiça.

O juízo divino, como consequência da responsabilização de Edom e de todas as demais nações ao redor de Israel na época da *Shoah*, está descrito em Ezequiel 35.6-7.

Como já foi mencionado, o juízo descrito nesse texto ainda está no futuro. De acordo com Isaías 63.1s. e Obadias 1-21, ele acontecerá à época da Volta de Jesus Cristo como o Juiz do Mundo.

No versículo 6, a palavra "sangue" (hebraico: *dam*) aparece várias vezes (4 vezes – ACF). A palavra hebraica, escrita de forma consonantal *dm*, de acordo com sua raiz significa "vermelho", no sentido de "[país] vermelho". Temos, assim, um jogo de palavras. A expressão *dam* tem som semelhante a "Edom", o país dos montes vermelhos.

O versículo seguinte indica mais um motivo para o futuro juízo (Ez 35.10): a Jordânia ainda não estava satisfeita com os 77% da área da Palestina que havia recebido dos ingleses, em 1921. A Jordânia queria a posse das duas terras, tanto a área do leste como a do oeste. Na guerra total de 1948/1949, com o auxílio de seus aliados Líbano, Síria, Iraque, Egito, Arábia Saudita e Iêmen, a Jordânia conseguiu conquistar a região da Cisjordânia. É dessa conquista que Ezequiel 36.4 relata.

Mas o caso não ficou apenas nessa conquista. A Cisjordânia não deveria ser apenas despojo de guerra, mas ser proprie-

543 Hebraico: *'ed*. Essa palavra, a exemplo da palavra *sho'ah*, também significa "catástrofe".

dade firme da Jordânia: "Estas duas nações e povos serão nossos e nos apossaremos deles" (35.10). Em 1950 a Jordânia anexou o território da Cisjordânia (36.5) e assim ampliou os 77% da Palestina que havia recebido da Inglaterra. A maioria das nações do mundo nunca reconheceu essa ampliação. No entanto, nos anos seguintes a política mundial não se importou mais pelo assunto. Tudo se acalmou em relação à Cisjordânia.

A partir da fundação do Estado de Israel, a antiga milícia de defesa Haganá foi elevada à condição de exército israelense. No entanto, havia poucos aviões disponíveis. Inicialmente quase não havia armamento pesado. Havia, porém, a necessidade de defender-se contra 9 exércitos. Sob ponto de vista humano, não havia nenhuma perspectiva para Israel nessa guerra. Por isso, os EUA, no último momento, pouco antes de 14 de maio de 1948, tentaram impedir a proclamação do Estado de Israel, porque acreditavam que os judeus seriam dizimados e eliminados por um ataque árabe. Os judeus em Israel, no entanto, insistiram em não desperdiçar, de modo algum, essa única chance de proclamação do Estado judeu. A primeira fase da guerra teve início já antes da proclamação do Estado, imediatamente após a resolução da ONU, de 27 de novembro de 1947. Ao término da guerra, em julho de 1949, pôde-se fazer o balanço: Israel saiu vencedor, com aumento de seu território. Todos os exércitos árabes foram derrotados. Isso contradisse todas as expectativas iniciais das pessoas. O que aconteceu assemelha-se a um milagre. Em Ezequiel 35.10 é dada a explicação bíblica para isso: a presença especial de Deus foi a efetiva proteção para a nação Israel.

Esse versículo revela ainda que foi um ato especialmente atrevido da Jordânia, em anexar a Cisjordânia em 1950, pois essa guerra de 1948/1949 já havia demonstrado clara-

mente que, naquela ocasião, Deus manifestou Sua presença de modo especial através da surpreendente proteção dada a Israel.

O versículo seguinte em Ezequiel acrescenta, além do seu ódio, mais dois motivos para a guerra de Edom e seus aliados contra Israel, ou seja, raiva e ciúme.

A Bíblia promete a Israel o direito permanente à posse da terra de seus antepassados. Deus prometeu a Abraão e seus descendentes a terra de Canaã (ou terra de Israel), sem limitação de tempo (Gn 17.8). Essa promessa está em claro contraste à doutrina *Dar-ul-Islam*, de Al-Mawardi (Séc. 11), que proíbe que um território que esteve sob a lei islâmica seja outra vez dominado por não muçulmanos. A Jordânia e seus aliados islâmicos não aceitaram os argumentos bíblicos para todas as regiões habitadas por judeus na Cisjordânia. Isso corresponde exatamente à acusação de ciúme.

A fúria aqui mencionada ficou especialmente evidente quando o mundo islâmico do Oriente Médio literalmente se enfureceu, ao ser aprovado o plano de divisão pela maioria da ONU, na resolução de novembro de 1947, e a consequente criação de um Estado judeu na Palestina. Essa fúria levou diretamente à guerra da independência de 1947-1949.

A Jordânia e seus aliados conseguiram conquistar e destruir todas as moradias de judeus na Cisjordânia e que estavam fora dos limites pertencentes ao Estado de Israel. Todos os judeus que residiam ali foram mortos ou expulsos. Ao final dos combates, a Jordânia realmente teve a oportunidade de dizer em relação aos montes de Israel: "Eles foram arrasados e nos foram entregues para que os devoremos" (35.12). Todavia, em Ezequiel 35.12-13 Deus considera isso como orgulho e como calúnia dirigida contra Ele.

O profeta anunciou, em 35.14-15, que, no tempo em que o Messias voltar e estabelecer o Seu Reino mundial de paz e jus-

tiça, haverá alegria em toda a terra. Edom, entretanto, então permanecerá como terra terrivelmente devastada.

O motivo para este destino é que Edom se alegrou de maneira tão perversa quando Israel foi devastado. Em 1948 havia em torno de 650.000 judeus na terra dos seus antepassados. Através da guerra assoladora a partir da proclamação do Estado, foram mortos em torno de 6.000 judeus. Mesmo Israel vencendo a guerra, a Jordânia e seus aliados conseguiram causar terríveis devastações. A alegria dessas devastações pode ser visualizada através das horrorosas destruições na área judaica da Cidade Antiga em Jerusalém Oriental: dúzias de sinagogas destruídas e profanadas. No antigo cemitério judaico, com mais de 2.000 anos, junto à encosta ocidental do Monte das Oliveiras foram arrancadas e profanadas incontáveis lápides. Todas as localidades judaicas na Cisjordânia, os *kibutzim*, vilarejos e cidades foram devastados e saqueados.

O cumprimento total no futuro

Várias profecias dos capítulos 35 e 36 já se cumpriram, num total em torno de 30. O juízo anunciado sobre Edom, no entanto, ainda está no futuro. Esse acontecimento é tão importante que um livro inteiro da Bíblia não trata de outra coisa: o profeta Obadias. Assim, a exemplo da Assíria, Edom arcará com a terrível responsabilidade por ter combatido o povo escolhido. A decadência de Edom será horrível: "'Não haverá sobreviventes da descendência de Esaú', declara o Senhor".[544]

Aplicações na prática

Precisamos indagar o que o juízo sobre Edom tem a nos dizer pessoalmente:

544 Ob 18.

- O exemplo de Edom nos alerta a não termos ódio contra um irmão,[545] nem ciúme,[546] nem a nos aproveitarmos de um irmão na fé.[547]
- Quando pensamos no terrível juízo que virá sobre Edom, por causa dos seus pecados, isso deveria reforçar nossa vigilância para não permitirmos o surgimento de tais sentimentos em nosso coração. Caso isso aconteça mesmo assim, devemos julgar a nós mesmos e, arrependidos, reconhecer nossa injustiça diante de Deus.[548]
- Deus havia afirmado claramente que aquela terra pertence ao Seu povo. Devemos zelar para que não contrariemos à vontade de Deus revelada através da Sua Palavra e nos afastemos decididamente desse ódio a Israel tão difundido na política mundial.

As profecias para os montes de Israel (36.1-15)

De acordo com a maldição anunciada em outra passagem (6.1-14), os montes de Israel – bem como todo o país – foram devastados e desolados. Isso aconteceu de um modo mais restrito, pela primeira vez, como consequência do cativeiro babilônico. No decorrer de 18 séculos após a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C., a terra onde antes fluía leite e mel afundou, tornando-se num deserto.

Essa maldição despertou a zombaria por parte dos inimigos (v. 2-4). Eles acreditavam – e acreditam até hoje – que a dispersão dos judeus e a consequente devastação do país demonstram que Israel não tem mais nenhum direito sobre a Terra Prometida. Quem não se submete à Palavra de Deus acredita que pode dividir a Terra Santa de acordo com sua própria ideia. Deus, no entanto, condena tais discussões e as

545 1Jo 4.20-21.
546 1Co 3.3.
547 1Ts 4.6.
548 1Co 11.31; 1Jo 1.9.

muitas ponderações feitas nesse sentido: para Ele, isso não é nada mais do que "objeto de conversa maliciosa e de calúnia de todos" (v. 3), já que o Senhor afirma que a Terra Prometida é "minha terra" (v. 5; 38.16).[549] Estejamos atentos para não nos aliarmos ao inimigo e termos "conversas maliciosas" contra Israel e suas terras.

O cumprimento da profecia

A guerra da Jordânia e seus aliados, nos anos de 1947-1949 foi acompanhada de uma sarcástica retórica de guerra, de um modo não conhecido entre os países democráticos do mundo ocidental. Todavia, os versículos citados há pouco apontam exatamente esse comportamento errado e a culpa da Jordânia e seus aliados, especialmente em vista da conquista da Cisjordânia com todas as suas povoações judaicas. Azzam Pasha, o secretário-geral da Liga Árabe afirmou, numa declaração à imprensa, em 15 de maio de 1948, em Cairo: "Será uma guerra de extermínio e um tremendo banho de sangue do qual se falará assim como dos banhos de sangue dos mongóis e dos cruzados".[550]

No capítulo 36, o profeta fala em dois males diferentes que Israel deveria suportar: por um lado se trata da vergonha e desonra de ser conquistado pelos inimigos de Israel (Ez 36.1,3a), e, por outro, que as pessoas em geral zombarão e falarão calúnias sobre essa região (Ez 36.3).

Devido à segunda tentativa dos árabes em eliminar o Estado judeu, Israel se viu obrigado, entre outros, a conquistar a Cisjordânia. Isso aconteceu em 1967. Desde então Israel é considerado o vilão. Atualmente as áreas ocupadas por Israel, principalmente a Cisjordânia, são apontadas como

549 Lv 25.23.

550 New Yor Times, 16.05.1948, em: R. Pfisterer: *"Israel oder Palästina? Perspektiven aus Bibel und Geschichte"*, Wuppertal/Zurique: 1992, p. 126.

os principais obstáculos para a realização do acordo de paz no Oriente Médio. O mundo todo quer opinar nesse assunto. Infelizmente, porém, é um fato evidente que, em sua maioria, os políticos e jornalistas não conhecem as verdadeiras bases dos conflitos no Oriente Médio. Eles nada sabem sobre a maioria dos assuntos já relacionados acima em seus traços básicos. Através de quem, no entanto, a massa das pessoas pode ser informada? Justamente através desses dos quais realmente não se pode afirmar que são conhecedores da matéria. Por isso, a pessoa fala nas ruas com amplo desconhecimento sobre os montes de Israel, apontando-os como principal entrave para uma solução ampla no Oriente Médio. Não é de seu conhecimento que o mundo árabe ao redor de Israel já tentou várias vezes eliminar Israel radicalmente e que até hoje não houve arrependimento por causa dessa pretensão maligna. As pessoas falam da Cisjordânia sem o conhecimento do que ela significa em termos de estratégia para a segurança de Israel (zona neutra contra ataques do leste). Assim, Ezequiel 36.3 se cumpriu muito claramente e se cumpre dia após dia.

No versículo seguinte é feita uma acusação aos povos ao redor de Israel, de que eles se apoderaram injustamente das terras de Deus e que as saquearam. Segundo o texto, eles o fizeram "com menosprezo de alma" (Ez 36.5 – ARA). Esse "menosprezo de alma" se cumpriu de maneira horrível: os judeus da Cisjordânia foram massivamente chacinados, homens, mulheres e crianças. Todos os povoados judaicos, juntamente com suas propriedades, foram confiscados: Jerusalém Oriental (setor judeu da cidade antiga), Gush Etzion (atual Kfar Etzion), Neve Yaakov, Ein Tzurim, Massuot Jitzchak, Revadim, Kallia, Beth Há-Arava e Ataroth.

No versículo 6, Deus fala sobre o fato de que os montes de Israel deveriam suportar zombaria por parte das nações

e, por essa razão, os povos vizinhos receberiam o juízo: também seriam alvo de zombaria (Ez 36.6-7).

O exército israelense conquistou a Cisjordânia durante a Guerra dos Seis Dias, para manter uma zona estratégica contra a Jordânia. Essa região foi anexada pela Jordânia em 1950, mas essa anexação nunca foi reconhecida internacionalmente. Assim, de acordo com as leis internacionais, a Cisjordânia não possui o status de "Estado". Isso vale até hoje. Por isso, na área de Direito Internacional, é no mínimo algo juridicamente muitíssimo problemático aplicar as regras referentes ao solo dos países no caso da Cisjordânia. Ao se afirmar constantemente que Israel violou o Direito Internacional através da ocupação da Cisjordânia, causa-se vergonha injustamente aos montes de Israel. A ocupação da Cisjordânia por parte de Israel é considerada caluniosamente como "crime de guerra". A vergonha para os montes de Israel também é manifesta através das campanhas de boicote através do mundo, contra o consumo de produtos de exportação judaicos vindos da Cisjordânia. Além disso, a movimentação colonizadora israelense na Cisjordânia é proscrita internacionalmente. Fala-se da "política colonizadora agressiva" e do "mal da colonização".

Por que o exército israelense conquistou a Cisjordânia em 1967? A ideia era, com a posse da terra, ter algo concreto em mãos para posteriormente poder realizar negociações dentro do espírito de "terras pela paz". No entanto, não havia intenção de devolver aos árabes toda a área de terra conquistada. Por isso, o Estado de Israel havia incentivado seus cidadãos, na sequência da Guerra dos Seis Dias, a estabelecer urbanizações com enorme significado estratégico para, dessa maneira, estar melhor equipado diante de possíveis invasões através da fronteira leste. A terra de Israel não apresenta profundidade estratégica no planalto da Cisjordânia.

Ela é tão estreita que é quase indefensável contra um ataque a partir da Cisjordânia. Para verificar isso não é necessário ser especialista militar. Observando o pano de fundo desses fatos, todas as manifestações injuriosas mencionadas anteriormente contra a administração de Israel na Cisjordânia ficam mais claras.

Complementando, deve ainda ser mencionado que, caso a Cisjordânia de fato fosse um Estado estrangeiro, seria viável que Israel, de acordo com o Direito Internacional dos povos, a mantivesse sob seu domínio enquanto houvesse ameaças surgindo dessa área contra Israel. Como até hoje persistem as ameaças, nesse caso seria de pleno direito que Israel exerça o poder de ocupação da Cisjordânia. No entanto, a Cisjordânia não tem o status de Estado. Assim, todas as acusações mencionadas acima contra Israel são injustas sob qualquer aspecto, seja do ponto de vista humano de direito dos povos ou da visão de Deus e das Suas afirmações bíblicas para Israel.

Em Ezequiel 36.8, Deus promete que o povo judeu voltaria aos montes de Israel após a total conquista pelas nações circunvizinhas, e que isso aconteceria "logo" (ver: "...pois ele virá logo para casa"). Então os montes de Israel seriam frutíferos para o povo escolhido.

Passaram-se 19 ou 20 anos desde 1947/1948. Na segunda tentativa de extermínio de Israel, em 1967, o Rei Hussein, da Jordânia, foi severamente alertado por uma participação na guerra. Israel o ameaçou com severas consequências. Quando, apesar disso, a Jordânia abriu um terceiro *front* contra Israel, aconteceu a conquista da Cisjordânia, juntamente com a Jerusalém Oriental e o Monte do Templo. Assim, o povo judeu retornou aos montes de Israel após uma breve interrupção de aproximadamente 20 anos. O que significam esses 20 anos diante dos quase 2.000 de ausência da terra no passado? De fato, trata-se de um breve

período! Assim, através desse retorno num tempo "breve", o povo judeu novamente pode desfrutar dos frutos que brotam ali.

Após a Guerra dos Seis Dias, o Estado de Israel incentivou seus cidadãos a urbanizarem a Cisjordânia. Algumas localidades da Jordânia, que haviam sido destruídas, como Kfar Etzion (Gush Etzion), Beth-Há-Arava, Ataroth e Neve Yaakov foram reconstruídas. O setor judeu da cidade antiga de Jerusalém, que se encontrava em situação lastimável, foi reconstruído com base num plano arquitetônico unificado, depois da execução de uma série de escavações que trouxeram à luz muitos tesouros arqueológicos dos tempos bíblicos. Além disso, com a implantação de inúmeros *kibutzim* (organizações agrícolas coletivas) e *moshavim* (organizações de cooperativismo agrícola), surgiu uma considerável atividade agrícola na Cisjordânia, tanto pelo cultivo da terra como pela pecuária (principalmente gado e avicultura). Durante as primeiras décadas da colonização da terra dos antepassados, a partir de 1882, os judeus de orientação socialista desempenharam um papel preponderante no desenvolvimento da atividade agrícola e nas edificações da região. Isso significa que as forças propulsoras da reconstrução não foram principalmente os judeus religiosos, liberais, ateístas ou, pelo menos, agnósticos. Em 1967 aconteceu uma mudança significativa. As forças motrizes na reedificação da Cisjordânia foram principalmente judeus religiosos, ortodoxos. Os judeus ortodoxos mantém uma posição básica muito positiva em relação ao matrimônio e à família. Por isso, eles apresentam uma taxa de natalidade consideravelmente superior à dos seus conterrâneos liberais. Assim, a colonização da Cisjordânia não é caracterizada somente pela imigração, mas também pela fertilidade. A taxa de crescimento populacional da Cisjordânia, em 2009, foi de quase

5,6%, sendo que a taxa geral de Israel foi de 1.8%.[551] Isso já havia sido anunciado há muito tempo, em Ezequiel 36.9-12.

No versículo 11 já citado, encontra-se a promessa de que a bênção, após o retorno dos judeus aos montes de Israel, seria muito maior do que era antes.

Com o retorno à Cisjordânia, a partir de 1967, houve um grandioso progresso. Em comparação, os antigos trabalhos de reconstrução parecem muito modestos. Foram construídas inúmeras vilas e cidades. Além disso, foram instaladas 250 fábricas, 70 indústrias de alta tecnologia, bem como 16 centros superiores de formação.

A bênção sobre os montes de Israel

Deus prometeu que a terra, outrora abandonada e arrasada, se tornaria frutífera novamente a tal ponto que sua beleza seria comparada ao "jardim do Éden" (36.35). As cidades destruídas precisam ser reconstruídas, o número de pessoas do povo judeu deveria crescer muito (36.10). Os altos, locais que eram utilizados para atividades idólatras (6.1-6) e que muitas vezes estavam relacionadas com sacrifícios de crianças, não seriam mais motivo para cair (v. 13-15).

Também já começou o cumprimento dessa profecia: desde o retorno dos judeus à terra de seus antepassados, em 1882, ela foi repovoada, sendo que mais de 5 milhões de judeus moram lá. Cidades do Antigo Testamento foram reativadas. Hoje elas são cidades modernas, com vida palpitante. Os judeus transformaram as áreas desertas e semidesertas, passo a passo, em paisagens maravilhosas. Assim, por exemplo, foram plantadas mais de 230 milhões de árvores. Israel é hoje um país exportador de flores. Anualmente são produzidas em torno de 1,3 bilhões de flores ornamentais.

551 http://de.wikipedia.org/wiki/Westjordanland.

O cumprimento definitivo, no entanto, ainda está em aberto e acontecerá somente quando "toda a casa de Israel" for reunida (v. 10 – ARA). Assim como a glória do Terceiro Templo[552] será maior do que a do Primeiro Templo, do mesmo modo Deus abençoará a terra de Israel no futuro como nunca o fez antes (36.11). Quão maravilhosos e graciosos são os planos de Deus!

4. Um novo coração (36.16-38)

A causa do exílio de Israel (v. 16-20)

Novamente Deus se refere aos motivos para a condenação de Seu povo. Tanto os seus caminhos como suas atitudes eram ruins (v. 17,19): quando vivemos seguindo princípios errados (nosso "caminho"), então isso se mostra inevitavelmente em nossos atos, que desonram o Senhor.

Os pecados de Israel podem ser classificados em duas grandes categorias (v. 18):

- Idolatria – foi o principal motivo para o cativeiro babilônico;
- Violência – esta alcançou o seu ponto máximo por ocasião da crucificação do Senhor Jesus, o Messias prometido, e foi o motivo para que o povo que havia retornado da Babilônia fosse disperso através do mundo, a partir do ano 70 d.C.

Todavia, as nações interpretaram essa dispersão de modo totalmente errado. Também hoje Deus ainda é desonrado quando se acredita que, com a total rejeição do povo, foi anulada a escolha de Israel como "o povo eleito" (v. 20). Como os capítulos anteriores explicam claramente, deve-se sempre di-

552 Ag 2.9.

ferenciar entre castigo (necessidade, mas restrito no tempo) e rejeição.

A glória de Deus e o retorno de Israel (v. 21-38)

Para mostrar ao mundo todo que Ele, de modo nenhum, rejeitou a Israel e que os dons da Sua graça e Seu chamado são irrevogáveis,[553] Deus decidiu trazer Seu povo de volta à sua terra (v. 21-24). Precisamos ler esse texto com atenção: ali consta claramente a razão pela qual Deus recolherá Israel de volta à sua terra: por amor ao Seu Nome! Deus não espera primeiramente por uma penitência nacional. Esta, por sua vez, também acontecerá somente após o povo estar reunido novamente (v. 25-32). Ver o povo judeu hoje na terra de seus antepassados, sem estar purificado, nos mostra que a primeira parte da profecia já se cumpre agora, ainda antes do Arrebatamento da Igreja. Precisamos apenas abrir nossos olhos para podermos ver como Deus também interfere na história mundial hoje (v. 11b,23b,36b,38b)! De 1882 para cá, aconteceram várias ondas de imigração em que cerca de 3 milhões de judeus retornaram à terra de seus antepassados, vindos de mais de cem países dos cinco continentes. Hoje somos testemunhas do cumprimento de antigas profecias bíblicas sobre o retorno para casa dos judeus, no fim dos tempos! Não é algo majestoso poder acompanhar o cumprimento da profecia de Ezequiel 36.24 como observadores diretos?

O povo, após retornar, terá um maravilhoso reavivamento espiritual (v. 25-29a), o que, todavia, acontecerá somente após a Volta de Jesus e o Arrebatamento da Igreja. Hoje a maioria dos judeus em Israel ainda rejeita o Senhor Jesus como o Messias.[554] Muitos até são ateístas ou agnósticos.[555] Chegará

553 Rm 11.1,29.

554 Na época atual, no entanto, muitos judeus aceitam a fé em Jesus. No mundo todo, eles somam perto de meio milhão. Em Israel mesmo, provavelmente chegam a mais de 10.000.

555 Jr 5.12; Sf 1.12.

o dia, porém, em que Deus agirá no coração do Seu povo: e este se arrependerá (v. 31), será purificado (v. 25) e receberá o Espírito Santo (v. 27). Então Deus derramará o Seu Espírito sobre todas as nações.[556]

O capítulo seguinte complementa Jeremias 31, onde também está descrito o futuro reavivamento de Israel: Ezequiel coloca a glória do Senhor em primeiro plano (v. 22), enquanto Jeremias destaca o Seu amor ao povo escolhido como razão para o Seu agir.[557] Esses dois grandes motivos para o mover de Deus sempre agem conjuntamente e conduzem às bênçãos para o Seu povo no Reino Milenar.

A futura superabundância de bens materiais de Israel (v. 29b-30,33-35) será o sinal externo para Suas bênçãos espirituais. A abençoadora graça de Deus conduzirá ao atendimento de orações ("Uma vez mais cederei à súplica da nação de Israel", v. 37), e à adoração ("...nas suas festas fixas", v. 38 – ARA), que agradam a Deus.

Em Ezequiel 36.34-35 é dito que, no fim dos tempos, quando os judeus retornarem à sua terra, as cidades serão "fortificadas": "A terra arrasada será cultivada; não permanecerá arrasada à vista de todos que passarem por ela. Estes dirão: 'Esta terra que estava arrasada tornou-se como o jardim do Éden; as cidades que jaziam em ruínas, arrasadas e destruídas, agora estão fortificadas e habitadas'".

Como podemos compreender essa profecia? Será que, no fim dos tempos, todas as cidades serão cercadas com muralhas de proteção como acontecia nos tempos antigos?

A palavra hebraica *batzur*, aqui traduzida por "fortificada", significa "tornada inacessível (com muralhas ingremes / separação) / cortado / mantido à distância". A palavra não indica especialmente um muro em torno da cidade, mas basica-

556 Jl 3.1-3.
557 Jr 31.3.

mente alguma instalação que mantém o inimigo afastado e impede o seu acesso às cidades.

Logo após o começo da Segunda Intifada, no ano de 2000, o número de vítimas israelenses de terrorismo cresceu de modo assustador. Por isso, naquela ocasião, o Governo Sharon ordenou a construção de uma barreira com 750 km de comprimento, ao longo da fronteira com a Cisjordânia. Na maior parte desse projeto foi construída uma cerca, sendo que, nas regiões próximas a Qalqilya e Jerusalém, num trajeto de pelo menos 25 km, foi erguido um muro de concreto armado com 8 metros de altura. Com esse projeto gigantesco foi possível reduzir drasticamente a ação do terrorismo palestino. Assim, essa barreira continua salvando vidas. Apesar disso, a Corte Internacional de Justiça, através de um veredito publicado em 9 de julho de 2004, condenou em parte o procedimento da implantação da barreira, considerando-o uma infração à IV Convenção de Genebra. No dia 20 de julho de 2004, uma resolução da ONU exigiu a derrubada da barreira na Cisjordânia. Críticos dos Direitos Humanos, no entanto, insistiram em considerar essa decisão como absurda. Mais uma vez a Palavra Profética da Bíblia se cumpriu de maneira admirável em relação a esse tema que movimentou a opinião mundial.

A aplicação para nós

Israel necessita de um novo nascimento, antes que possa usufruir das bênçãos terrenas no Reino Milenar. Isso foi necessário para todos os crentes, de todas as eras da história da salvação, para que pudessem receber a vida de Deus.

Nesse ponto, o livro de Ezequiel nos leva ao Evangelho de João. Nicodemos, um fariseu, recebeu a seguinte explicação do Senhor Jesus: "É necessário que vocês nasçam de novo".[558] "Ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nascer da

558 Jo 3.7.

água e do Espírito".[559] O Senhor Jesus estava admirado com a falta de entendimento desse fariseu que obviamente não compreendeu o significado pleno de Ezequiel 36.25-28: ele deveria saber disso.[560] Não conhecemos muitas pessoas ao nosso redor que, na verdade deveriam saber como receber a vida de Deus, mas que não entenderam a realidade desta transformação para si mesmos? Não devemos desistir de falar constantemente desse tema fundamental, que marca o início de uma vida como verdadeiro cristão.

Assim, já há muitos séculos antes de Nicodemos, Deus registrou na Sua Palavra aquilo que o Senhor Jesus explicou mais claramente: o renascimento é uma obra de Deus,[561] que acontece através da Sua Palavra e do Seu Espírito. A água pura (v. 25) simboliza a Palavra,[562] através da qual nos tornamos filhos de Deus.[563] Além de tudo, o Espírito Santo também precisa agir (v. 27), pois a leitura da Bíblia não tem consequências se a Palavra não é absorvida pelo nosso entendimento e não produz efeitos práticos para nossa vida cotidiana.

Resumindo, pode-se dizer que é necessário que haja uma renovação divina, antes que Israel possa receber suas bênçãos terrenas. Da mesma maneira, é necessário que haja um renascimento através da Palavra de Deus e do Espírito Santo, para receber as bênçãos do Reino de Deus. As consequências do renascimento são maravilhosas:

- A transformação interior (v. 26): nosso coração que, por natureza, é duro e frio,[564] a partir de agora consegue

559 Jo 3.5.
560 Jo 3.10.
561 É interessante observar que os verbos, nos respectivos versículos, estão na primeira pessoa do singular: somente Deus pode transformar corações e conceder vida, "e isto não vem de vocês" (Ef 2.8).
562 Ef 5.26.
563 Tg 1.18; 1Pe 1.23.
564 A palavra "carne" (v. 26) aqui não tem nenhuma conotação negativa e não se refere à nossa natureza carnal, pecaminosa. Significa que nos abrimos à influência de Deus, ao contrário de nosso "coração de pedra" natural que se fecha à ela.

amar com o amor recebido de Deus.[565] Nosso espírito, isto é, aquilo que move nosso interior, todos nossos pensamentos e conhecimento, será transformado.

- O dom do Espírito Santo, que reside em nosso "interior" (v. 27a).[566] Através da Sua força temos uma nova vida.
- Uma transformação que glorifica a Deus (v. 27b). As lições da Sua Palavra são aplicadas na nossa vida prática.
- A unificação de todos os crentes em um só povo (v. 28).
- Frutos (v. 30) que Deus produz para a Sua glória, em nós[567] e através de nós.[568]
- Uma profunda repulsa de nós mesmos (v. 31-32): através da graça podemos compreender conscientemente qual o peso de nossos pecados. Na verdade, muitas vezes precisamos andar muito tempo com Deus e experimentar a profundidade da Sua graça antes de conseguirmos conhecer a nós mesmos e, assim sentir "nojo" de nós mesmos (6.9; 20.43).[569]

Da mesma maneira como Deus é glorificado aos olhos das nações com a restauração de Israel (v. 36), assim também cada vida transformada pelo renascimento é um testemunho da maravilhosa graça de Deus e que dura durante toda uma vida na qual Deus é glorificado. Que seja assim na vida de todos nós!

5. Um povo renovado (37.1-28)

Essa visão excepcional dos ossos secos é uma das passagens mais conhecidas do livro de Ezequiel, este que é muitas vezes imperdoavelmente ignorado pelos leitores da Bíblia. Ela nos

565 Rm 5.5; 1Jo 3.14.
566 Jo 14.16-17; Ef 1.13; Rm 8.9.
567 Hb 13.21.
568 Ef 2.10.
569 Jó 42.6; Rm 7.18.

mostra a restauração de Israel como nação. Durante séculos, pelo ponto de vista humano, tal restauração era considerada totalmente impossível. No entanto, a profecia de Deus precisa se cumprir, independente da teoria das probabilidades.

O capítulo pode ser dividido em três segmentos: a visão (v. 1-10), a explicação do próprio Deus (v. 11-14) e as revelações complementares sobre a restauração da unidade do povo escolhido (v. 15-28).

As várias fases da restauração

A visão de Ezequiel (v. 1b-2) foi muito impressionante: diante da grande quantidade de ossos ("cheio de ossos") e da condição deles ("muito secos"), e diante da pergunta de Deus ("estes ossos poderão tornar a viver?", v. 3), a única reação que Ezequiel poderia demonstrar era a de entregar tudo à soberania do Senhor.

A pergunta tornou-se ainda mais urgente depois que Deus havia explicado o significado desses ossos (v. 11): eles representavam o povo de Israel, o qual estava tão disperso que a restauração de sua vida nacional parecia ser totalmente impossível.

Mesmo assim, justamente essa restauração inesperada foi predita na visão. Ela deve ocorrer em quatro fases, sendo que três delas já iniciaram:

1. "...houve um barulho, um som de chocalho, e os ossos se juntaram, osso com osso" (v. 7): em 1882, quando iniciou a primeira grande onda de imigração de judeus à terra de seus antepassados, isso ocorreu como consequência de terríveis progroms (perseguições) na Rússia. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi outro "barulho" através do qual os ossos se juntaram ainda mais: a Inglaterra e a França venceram o Império Otomano e, assim, libertaram a "Palestina" do domínio

islâmico. Na Declaração de Balfour, de 1917, foi aprovada a "criação de uma pátria nacional na Palestina". Um "barulho" a mais foi a Segunda Guerra Mundial: a eliminação de seis milhões de judeus provocou uma onda de simpatia por esse povo sofrido, o que proporcionou uma resolução da ONU, em 1947, em favor da criação de um Estado judeu. Finalmente, em 14 de maio de 1948, foi proclamado o Estado de Israel. Em seguida, em poucos anos, centenas de milhares de judeus imigraram no país, vindos de todo o mundo, por considerarem que depois de todo o sofrimento que haviam passado, ali no novo Estado, seria a única possibilidade de, em conjunto, poderem resistir ao constante ódio contra eles.

2. "...os ossos foram cobertos de tendões e de carne..." (v. 8a). Nos anos após 1882, ainda faltava aos judeus imigrantes da Palestina um sentimento de pertencimento, e tinham ainda muito menos um verdadeiro sentimento nacionalista: eles estavam organizados em *kibutzim* e *moshavim* independentes, sob domínio britânico. No entanto, através das ameaças externas, principalmente pelos ataques terroristas dos árabes, eles foram obrigados a se unirem mais e mais para organizar uma defesa conjunta (compare: "carne", à qual pertencem os músculos e os "tendões").
3. "...e depois de pele..." (v. 8b): esse processo de unificação (simbolizado através da "pele") se tornou visível através da criação do novo Estado, o qual, por sua vez, foi imediatamente reconhecido por diversas nações importantes.
4. "...eles receberam vida e se puseram em pé" (v. 10): até hoje, a maioria dos judeus residentes em Israel ainda não aceitou a Jesus como seu Messias, o Salvador pro-

metido no Antigo Testamento, apesar de que, através da vinda de Jesus há 2.000 anos, houvessem sido cumpridas mais de 300 profecias sobre o Redentor prometido. Por esse motivo Deus não pode derramar Seu Espírito[570] sobre eles (v. 9-10,14; 36.27; 39.29).[571] O despertamento político de Israel já começou, mas a renovação espiritual acontecerá somente após o Arrebatamento da Igreja. Os judeus ainda precisam passar por grandes dificuldades, que farão com que alguns olhem para "aquele a quem traspassaram".[572] Somente então Deus poderá derramar Seu Espírito sobre esse remanescente de Israel e aceitá-lo como Seu povo (v. 23,27).

Os túmulos entre as nações

A explicação da visão contém uma ilustração adicional: a permanência dos judeus entre as outras nações é comparada com túmulos e a reunião nacional do povo escolhido é comparada à ressurreição a partir destes túmulos. O fato é que a terrível realidade corresponde a essa figura – em vista dos 13 milhões de judeus que perderam a vida entre os anos 70 e 1948. Esse povo sofreu amargamente através de incontáveis perseguições, durante esses 20 séculos.

A reunificação do povo de Deus

A restauração de Israel em sua terra (v. 12,21) não envolve apenas as tribos de Judá e Benjamim, mas também as outras dez tribos.[573] Ezequiel apresenta essa reunificação ao juntar dois pedaços de madeira[574] (v. 15-17). A ferida que foi aberta

570 A palavra hebraica empregada para "espírito" (tanto o Espírito de Deus como também da pessoa) também significa "respiração", ou "fôlego".

571 Jl 3.1-2; Is 32.15.

572 Zc 12.10b.

573 Os dois reinos são frequentemente mencionados pelo nome da respectiva tribo que desempenhava o papel dominante: Judá ao sul, para as duas tribos. José ou Efraim (filho de José) ao norte, para as dez tribos.

574 O pedaço de madeira não é utilizado sem motivo: ele representa ao mesmo tempo o cetro

com a divisão, após a morte de Salomão (976 a.C.)[575] então ficará totalmente curada.

O capítulo encerra com um olhar sobre o maravilhoso Reino Milenar de paz, do Messias, que aqui é chamado de "o meu servo Davi"[576] (34.23-24). Ele reinará sobre Israel, que então estará reunificado (v. 22), purificado (v. 23) e santo (v. 28). A "aliança eterna" (v. 26) que Deus firmará com Seu povo, se baseia no precioso sangue de Cristo.[577] O Senhor Jesus, que hoje já é nosso Pastor, então também será o Pastor do Seu povo terreno, e Deus habitará entre ele.

A aplicação para nós

De fato, esse capítulo se refere basicamente a Israel, mas também pode servir de ilustração para o reavivamento que Deus opera por amor a nós: Ele toma pessoas espiritualmente mortas,[578] as desperta e as reúne a um povo de combatentes (v. 10) que é unificado através do Seu Espírito (v. 14).[579]

O modo como o Senhor trata da revivificação dos ossos secos com Ezequiel,[580] serve de exemplo para mostrar os dois lados da evangelização: o toque e a força que concede a vida vêm de Deus ("Farei um espírito entrar em vocês", v. 5), porém, Ele muitas vezes utiliza um instrumento humano (Ezequiel deveria profetizar para que houvesse vida, v. 10). Se o mundo nos parecesse como um gigantesco cemitério, sem dúvida nos esforçaríamos mais para proclamar o Evangelho.[581]

---

do Messias em sua função de Pastor, que cuida de um rebanho (v. 24), e o outro é o cetro do Messias, em suas funções de Rei, que governa sobre um povo único (v. 22,25).

575 1Rs 11.11-13,30-32; 12.20.

576 O Rei Davi recebeu a promessa de que o Messias seria seu descendente (Sl 89.3-4; Jr 23.5-8). Por isso Jesus às vezes é denominado como o "filho de Davi" (Mt 1.1), às vezes também com o nome de seu ancestral (Jr 30.9; Os 3.5). "Davi" significa "amado", assim como o Senhor Jesus é o Filho Amado do Pai (Mt 3.17; Ef 1.6).

577 2Sm 23.5; Hb 12.24; 13.20.

578 Rm 4.17; Ef 2.1.

579 Ef 2.6,18,22; 6.10-17.

580 1Co 3.9; 2Co 5.1; 6.1.

581 Rm 10.14-15.

Observada a partir de outro ângulo, essa visão dos ossos secos nos lembra de quão fraco é o nosso testemunho como Corpo de Cristo. Na verdade permanece sendo *um* corpo, mas na prática se parece mais com esses ossos separados e inertes. Isso é motivo suficiente para o desespero (v. 11)? Não! Por um lado deveríamos, tanto quanto possível, procurar testemunhar desse um Corpo de Cristo (amamos esta unidade?) e nos questionar se cooperamos concretamente para a unificação dos santos com base nesse um Corpo de Cristo. Isso, naturalmente, jamais deve acontecer com prejuízo da Verdade e da Santidade de Deus. Esta é uma esperança viva: chegará o dia em que a unidade e a beleza da Igreja se tornarão visíveis para todos.[582] Então, quando surgir em glória com a Igreja dos redimidos, o Senhor Jesus será admirado em todos os Seus.[583]

6. A eliminação do último inimigo: Gogue (38 – 39)

Os capítulos 33 a 39 proporcionam uma maravilhosa visão geral sobre a restauração de Israel como nação, no fim dos tempos, tendo o Reino Messiânico de paz como seu ponto alto (37.24-28). Ezequiel relata de muitos detalhes que outros profetas não mencionam. Por outro lado, ele também omite muitas coisas que constam detalhadamente em outros livros da Bíblia. Ele fala principalmente do período da "Grande Tribulação".[584] Esse tempo de sofrimentos durará 1.260 dias[585] e terminará com a Vinda do Senhor Jesus, em poder e glória, que virá para julgar o mundo e para salvar o remanescente de

582 Jo 17.22-23.
583 2Ts 1.10.
584 Mt 24.15-31.
585 Ap 11.2; 12.6,14; 13.5. Trata-se dos 3½ anos, ou metade de uma semana-ano, empregando a unidade de tempo considerada em Daniel 9.24s.

Israel e das nações. Antes de poder estabelecer o Seu Reino de paz, o Senhor Jesus julgará diversos inimigos, em sequência, nos mais diversos locais:

- o Império Romano restabelecido, em Armagedom (na Galileia);[586]
- as nações que se unirão para a guerra contra o seu antigo aliado, em Edom (ao sul da atual Jordânia);[587]
- o rei do Norte e seus aliados, em Jerusalém e além;[588]
- o Egito, no Egito;[589]
- Gogue, o inimigo do extremo Norte e seus aliados, nos "montes de Israel".[590]

Depois da Grande Tribulação ainda demorará 75 dias até que a bênção seja derramada sobre a terra.[591] Após a eliminação dos exércitos de Gogue estarão terminadas as guerras vitoriosas do Messias: a partir de então, Deus nunca mais permitirá que o Seu Nome seja profanado (39.7).

Nos dois capítulos seguintes é apresentado um quadro com sete profecias[592] sobre a eliminação desse último inimigo misterioso.

A origem de Gogue

O livro de Ezequiel repete três vezes que Gogue vem do extremo norte, visto a partir de Israel (38.6,15; 39.2). É errado considerar Gogue como sendo o "rei do norte" de Daniel 11.40-45, porque nessa profecia já cumprida de Daniel 11.1-35,

586 Ap 16.13-16.
587 Is 63.1-6.
588 Dn 11.40-45.
589 Is 19.1.
590 Ez 38-39.
591 Dn 12.12.
592 As profecias iniciam sempre com as palavras: "Assim diz o Soberano, o Senhor..." (38.3,10,14,17; 39.1,17,25). Elas não seguem linearmente, mas uma complementa a outra e revelam detalhes adicionais de modo a dar sentido a um estudo temático.

sempre é referido o rei da Síria. O "extremo norte" aponta para a região da atual Rússia.[593]

"Gogue" (10 vezes: 38.2,3,14,16,18,21; 39.1,1,11,11) é o nome do líder dessa grandiosa invasão aqui descrita, que acontecerá no fim dos tempos. "Meseque" e "Tubal" indicam os povos antigos da atual Rússia, que estavam estabelecidos entre o Mar Negro e o Mar Cáspio.

Inúmeros povos mencionados nominalmente (38.6,9,15) se aliarão a Gogue. O texto relaciona as regiões de diversos povos antigos que apontam para as áreas de três continentes: Europa, Ásia e África. Essa gigantesca coalizão se voltará contra o "meio[594] da terra" (38.12 - ARA), isto é, contra a terra de Israel (5.5), aquela área que está localizada no ponto de união entre os três continentes.

O alvo de Gogue

Gogue atacará Israel porque pretende se apoderar dos seus recursos materiais. A mola propulsora é a sua cobiça (38.10-13). Deus, porém, denuncia os seus planos malignos e julgará a Gogue. Devemos vigiar para que não apareçam planos cobiçosos[595] em nossos corações. Caso nos conscientizemos deles, devemos condená-los rigorosamente.[596]

A segurança de Israel

Por ocasião da invasão de Gogue em Israel, o povo estará vivendo em completa segurança (38.8,11,14). Hoje esse ainda não é o caso, mas Israel está ansiando por isso. Com a Volta de Jesus, que já foi antecipada no capítulo anterior (37.24),

593 "Gogue", de Ezequiel 38 e 39, não deve ser confundido com "Gogue e Magogue", de Apocalipse 20.7-9. No Apocalipse trata-se de uma referência metafórica para a última rebelião das nações, ao final do Reino Milenar, a qual tomará como modelo a rebelião de Gogue, de Ezequiel 38-39, no início do Reino Milenar.

594 Lit.: o umbigo da terra.

595 Gl 5.21; Ef 5.3.

596 1Jo 1.9.

esse anseio será atendido, porém, justamente quando Israel estiver usufruindo plena proteção, após a Grande Tribulação, Gogue, em sua usurpação maligna, atacará o povo de Deus.

Também podemos extrair um ensinamento para nós desse episódio: a segurança de Israel estará fundamentada na presença pessoal do Messias. O Senhor Jesus prometeu estar conosco todos os dias.[597] Sua presença ao nosso lado constitui a base da nossa confiança de que estamos diariamente sob Sua proteção, mesmo quando o Diabo anda ao nosso redor e tenta atrapalhar essa segurança.[598]

A condenação de Gogue

A "coalizão do Norte" será julgada sete vezes por terríveis juízos, através de:

- Terremoto (38.19-20);
- Autodestruição através da força militar própria (a espada, 38.21);
- Epidemia (38.22a);
- 4 catástrofes que desabarão do Céu: chuva, granizo, fogo e enxofre (38.22b).

O juízo sobre os exércitos de Gogue acontecerá "nos montes de Israel" (38.21; 39.4,17), que, em sua maioria, se encontram na área da atual Jordânia. O juízo também se abaterá sobre a terra de origem de Gogue ("Magogue"), no extremo norte, bem como as regiões de seus aliados (39.6).[599]

597 Mt 28.20.

598 1Pe 5.8.

599 A palavra hebraica *'ijim*, que normalmente é traduzida por "ilhas" (39.6 – ACF) representa uma interessante expressão geográfica. Os estudiosos Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch pertenciam aos maiores especialistas em hebraico bíblico do Séc. 19. Em seu comentário detalhado de vários volumes sobre o Antigo Testamento, eles esclareceram que a palavra hebraica *'ijim* significa especialmente "as ilhas e terras costeiras do Mar Mediterrâneo, do lado europeu da Ásia Menor até à Espanha". (Keil/Delitzsch: *Biblischer Commentar über das Alte Testament*, 1ª Parte, Vol. 1. Frankfurt, 1858, p.134.) Podemos deduzir daí, que a expressão geográfica *'ijim* significa essencialmente a palavra do Antigo Testamento para "Europa".

Esses acontecimentos serão tão grandiosos e surpreendentes que todas as nações da terra reconhecerão a existência e a grandiosidade do Senhor (38.16,23; 39.6-7,21,28).

O banho de sangue será de tal intensidade que passarão sete meses até que todos os soldados de Gogue sejam sepultados no vale destinado para isso, que será chamado de "vale de Hamom-Gogue" ("vale da multidão de Gogue", 39.11-16). As armas deixadas pelos invasores servirão de combustível para o povo de Israel durante sete anos (39.9-10). O fato de que as armas de Gogue servirão de combustível significa que a última invasão antes do estabelecimento da paz mundial, sob o reinado do Messias, somente ocorrerá depois do completo desarmamento de todos os exércitos.[600] Pelo fato de que não existirão mais equipamentos modernos, Gogue será obrigado a realizar sua invasão com armamentos elaborados com materiais que não resistem ao fogo.

A bênção

Depois da eliminação de Gogue, a bênção plena poderá ser derramada sobre Israel e as nações (39.21-29):

- Todos reconhecerão a glória do único Deus verdadeiro (39.21-22).
- As nações entenderão os motivos para os problemas passados de Israel (39.23-24).
- Deus terá compaixão do Seu povo penitente (39.25-26).
- A dispersão (Diáspora) do povo escolhido terá fim (39.27-28).[601]
- O Espírito de Deus será derramado sobre todo o Israel (39.29).

600 Is 2.4; Mq 4.3.

601 Esses versículos indicam que, por enquanto, nem todos os judeus retornarão à terra de Israel. A Diáspora terminará somente após a Volta de Jesus, em poder e glória (Mt 24.31).

Assim, a eliminação do último inimigo, Gogue, será acompanhada da última fase da restauração de Israel.

II. A Glória do Senhor no Terceiro Templo (40.1 – 47.12)

A segunda parte está dividida em dois tópicos:

1. O novo Templo (40.1 – 43.12);
2. Prestando um novo culto a Deus (43.13 – 47.12).

1. O novo Templo (40.1 – 43.12)

Para a leitura desse capítulo, recomendamos conferir as indicações do gráfico da página 182. Isso facilitará a compreensão das descrições e o acompanhamento do caminho do profeta.

Após ter revelado as diversas fases da renovação de Israel (cap. 34-37), o Senhor encerra com a promessa de que construiria um novo Templo para o Seu povo restaurado (37.26-28).

Assim que o último inimigo estivesse eliminado (cap. 38-39), Israel estaria sob a plena bênção do Reino Milenar. A exposição profética continua com a visão da nação de Israel restaurada no Reino Milenar (cap. 40-48). Enquanto a maioria das profecias termina com o estabelecimento do Reino de Cristo aqui na terra, os últimos capítulos do livro de Ezequiel descrevem detalhadamente o novo Templo, o novo culto a Deus e a nova subdivisão do país, e isso com tantos detalhes como em nenhum outro lugar da Escritura Sagrada.

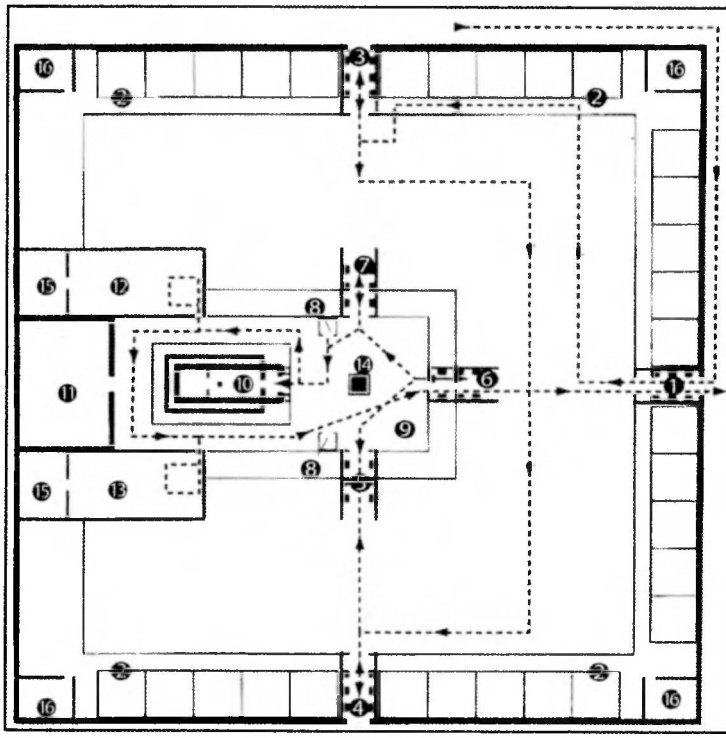


Gráfico dos átrios do Templo de Ezequiel (Quadrado de 500 côvados) com a rota de visita visionária do profeta:

1 Porta externa oriental (40.6-16)
2 Piso de pedra com os 30 quartos (40.17-18)
3 Porta externa do norte (40.20-23)
4 Porta externa do sul (40.24-27)
5 Porta do pátio interno ao sul (40.28-31)
6 Porta do pátio interno ao leste (40.32-34)
7 Porta do pátio interno ao norte (40.35-37)
8 Quartos para os sacerdotes de serviço (40.44-46)
9 Pátio interior (40.47)
10 O templo (40.48 – 41.26)
11 Prédio ocidental em frente à área separada do templo (41.12,15a)
12 Quartos ao norte para moradia dos sacerdotes (42.1-9)
13 Quartos ao sul para moradia dos sacerdotes (41.10-14)
14 Altar dos holocaustos (43.13-17)
15 Cozinhas para os sacerdotes (46.19-20)
16 Cozinhas para o povo (46.21-24)

Uma viagem para Jerusalém (40.1-4)

No período de Março/Abril de 573 a.C. (v. 1), vinte anos após ter sido chamado, Ezequiel foi levado a Jerusalém em uma visão (v. 2). Essa visão final sobre a morada do Senhor no Reino Milenar corresponde à visão inicial sobre a Sua glória (cap. 1-3). A partir de um "monte muito alto",[602] o profeta vê Jerusalém e o Templo. A glória desse prédio majestoso supera a de todos os anteriores:[603]

- O Primeiro Templo havia sido construído por Salomão.[604]
- O Segundo Templo foi construído após o retorno dos judeus do cativeiro babilônico.[605] Originalmente tratava-se apenas de um prédio modesto,[606] e que foi reformulado completamente à época de Herodes, o Grande. Resultou em um milagre arquitetônico que suplantou o Primeiro Templo em tamanho e em beleza.
- No futuro será construído o Terceiro Templo, que será profanado pelo Anticristo.[607]
- Esse Templo descrito por Ezequiel será o terceiro, e será totalmente modificado e aperfeiçoado pelo Senhor Jesus Cristo, após a Sua Volta como o Rei do Mundo, exatamente de acordo com o plano descrito em Ezequiel 40-48.[608] Esse será o último Templo do povo de Israel aqui na terra.

A descrição desse Templo foi uma mensagem de Deus para o povo de Israel, que deveria absorvê-la com os olhos, com os

602 A expressão "monte muito alto" (v. 2) indica o Monte do Templo, que também é conhecido como "monte Moriá" ou "Sião" (Gn 22.14; 2Cr 3.1; Mq 4.1-2; Is 2.2-3). Através das transformações geológicas que ocorrerão por ocasião dos juízos antes do início do Reino Milenar, ele se tornará consideravelmente mais alto do que é hoje (Zc 14.10). Atualmente o Domo da Rocha se encontra exatamente no ponto mais alto do Monte do Templo, na rocha onde o rei Salomão havia preparado um lugar para a Arca da Aliança, no Santo dos Santos (1Rs 6.19).
603 Ag 2.9.
604 1Rs 6-8.
605 Ed 3-6.
606 Ag 2.3.
607 2Ts 2.4.
608 Zc 6.13.

ouvidos e com o coração (v. 4; 44.5). Esse convite vale também para nós.

O futuro Templo, a exemplo do que foi o Tabernáculo e também o Primeiro e o Segundo Templo, será uma cópia do real Templo de Deus no Céu.[609] O Templo, em todos os seus detalhes, aponta para o Senhor Jesus, o Messias. Na condição de Pessoa, Ele é o pleno cumprimento do Templo de Deus.[610]

Esse futuro Templo físico também aponta tipologicamente para a Igreja, a qual é o Templo de Deus nessa Era da Graça,[611] e é composta por todos os crentes em Jesus, desde o Pentecostes, em 32 d.C.[612] até o Arrebatamento.[613]

Do mesmo modo como Ezequiel deveria estudar e falar do projeto do Templo e das ordenanças para o culto, também para nós é importante nos preocuparmos com esses planos de Deus para essa casa viva, para que as instruções divinas sejam aplicadas concretamente.[614] Também é muito importante que essas coisas sejam ensinadas através de doutrinas claras a todos os redimidos. O plano de construção da Igreja é uma realidade que deve ser absorvida com os olhos, ouvidos e com o coração.[615]

O Templo de Ezequiel ainda aponta individualmente para cada redimido, já que o seu corpo é um templo do Espírito Santo.[616]

O muro externo (40.5)

A área do Templo será cercada por um muro (v. 5).[617] Esse muro simboliza a separação de toda espécie de mal, como

609 Ap 11.19.
610 Is 8.14a; Jo 2.19-22; Cl 1.19; 2.9.
611 1Co 3.16-17; 2Co 6.16; Ef 2.19-22; 1Pe 2.4-5.
612 At 2.
613 1Co 15.51s.; 1Ts 4.13s.
614 1Tm 3.15; 1Co 14.33,40.
615 Mt 13.9; Ef 1.18.
616 1Co 6.19.
617 O instrumento de medição utilizado era uma cana com seis côvados de comprimento (v. 5).

requer a santidade da Casa de Deus. Já o salmista escreveu: "a santidade, Senhor, é o ornamento perpétuo da tua casa".[618]

As três portas externas (40.6-16,20-27)

A descrição começa pela Porta Oriental porque a entrada para o pórtico principal do Templo estava orientada para o leste (v. 6-16). A mesma descrição é repetida para a Porta Norte (v. 20-23) e para a Porta Sul (v. 24-27). Cada porta é uma construção complexa que se assemelha a uma casa e é constituída das seguintes partes:

- sete degraus pelos quais se subia à porta, vindo de fora (v. 6,22,26);
- uma área de acesso ao corredor que, por sua vez, conduzia ao pátio externo;
- os seis quartos de serviço (três em cada lado), para alojamento dos guardas;
- a soleira elevada junto aos quartos de serviço;
- duas torres.

Cada portão servia para a segurança do Templo e para a vigilância sobre as entradas. As construções das portas foram concebidas de tal maneira que as pessoas, ao entrarem, passariam pelas três salas dos guardas e, ao saírem, passariam pelas três salas do lado oposto. Desse modo seria possível manter controle constante sobre esses prédios. As três salas em cada lado lembram o princípio, tanto do Antigo como do Novo Testamento, das duas ou três testemunhas necessárias para dar credibilidade ao fato.[619]

Esse côvado era o "côvado real", que media sete palmos (em torno de 52,5 cm) de comprimento. Salomão já havia utilizado essa medida para a construção do Primeiro Templo (2Cr 3.3). O côvado "normal" tinha 6 palmos de comprimento. Assim, a cana de medir, utilizada no versículo 5, tinha o comprimento total de 3,15 metros. Isso mostra que, na Casa de Deus, tudo precisa ser medido com o padrão de Deus (o 7 é o número divino) (2Co 10.13).

618 Sl 93.5.

619 Dt 17.6; 19.15; Mt 18.16; 2Co 13.1; 1Tm 5.19.

Também hoje uma pessoa estranha é recebida em uma igreja mediante o testemunho de outros crentes.[620] Somos exortados a vigiar e impedir que pessoas que ainda não têm vida, ou que vivem em pecado, se infiltrem entre o povo de Deus e o prejudiquem.[621]

A construção e a estrutura dessas portas correspondem exatamente à arquitetura das portas de Salomão construídas em Hazor, Megido e Gezer.[622] Os resquícios arqueológicos dessas portas ajudaram a melhor compreender esse texto de Ezequiel. Com isso ficou claro que as salas dos guardas realmente estão dentro da área das portas e não externamente, antes da entrada, conforme o *Raschi* (rabino Shlomo Yitzhaki), o famoso exegeta da Idade Média, havia entendido. Além disso, ficou claro que a palavra hebraica, que foi traduzida por vários intérpretes da Bíblia como "colunas", na verdade indica "torres".

O pátio externo (40.17-19)

Um piso pavimentado com pedras, o qual se estendia ao pátio na mesma medida das portas de entrada, cobria o pátio externo. Nessa área pavimentada encontravam-se trinta "quartos", ou "câmaras" (ARA), cuja função não recebe maiores explicações. No entanto, através de combinações, podemos chegar ao sentido delas: veremos mais adiante que as ofertas pelo pecado e a oferta de cereal do povo deveriam ser cozidas nas cozinhas localizadas nos cantos do pátio externo (46.19-24). O príncipe, do qual se fala posteriormente, comerá a carne da oferta de comunhão junto à Porta Oriental (44.3). Assim podemos concluir que o povo comerá das suas ofertas de comunhão nesses trinta quartos. As câmaras serão o local onde o povo de Deus estará junto (refeição em conjunto) e

620 At 9.26-27; 18.27; Rm 16.1; 2Co 3.1; Cl 4.10.
621 At 20.29; Gl 2.4; 2Pe 2.1.
622 1Rs 9.15.

terá comunhão com Deus (para Ele serão oferecidos os sacrifícios no altar). O motivo da comunhão é o sacrifício, o qual fala da entrega do Senhor Jesus no Gólgota. Aliás, esse é um privilégio do qual podemos desfrutar já hoje na Igreja, tendo comunhão uns com os outros e com o Pai e Seu Filho.[623] Isso proporciona felicidade plena.[624]

Além disso, havia pórticos com colunas ao redor do pátio externo, do mesmo modo como havia ao redor do pátio interno (42.6). Assim precisamos imaginar as trinta câmaras integradas à área dos pórticos.

As três portas para o pátio interno (40.28-37)

Havia três outras portas que permitiam o acesso ao pátio interno, a partir do sul (v. 28), do leste (v. 32) e do norte (v. 35). Elas são construídas do mesmo modo como as portas externas, mas de modo espelhado em relação às portas do pátio externo. Além disso, são oito degraus, ao invés de sete, que conduzem à entrada (v. 31,34,37).[625]

O *design* dessas seis portas é semelhante ao do próprio Templo, que também apresenta duas torres (40.49 – ARA), e o acesso termina no Santo dos Santos, no local de morada de Deus. Essas sete áreas das portas apontam para o Senhor Jesus, pois Ele é o Caminho para o Pai.[626] Todas as sete estruturas das portas mostram que Deus é um Deus que convida. Aqui o chamado do Redentor é expresso de modo arquitetônico: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso".[627]

623 1Jo 1.3.
624 1Jo 1.4.
625 Ao vir de fora, é necessário subir 15 degraus (7+8) para alcançar o pátio interno, o que corresponde ao número "cânticos de peregrinação" ou "cânticos dos degraus" (ARA) (Sl 120-134).
626 Jo 10.9; 14.6.
627 Mt 11.28.

Também no pátio interior haverá colunas que darão ao local uma beleza especial (42.6), combinando com as palavras do Salmo 29.9: "E no seu templo todos clamam: 'Glória!'"

Utensílios para os sacrifícios (40.38-43)

Junto à Porta Norte, no interior do prédio, haverá oito mesas, nas quais serão abatidos os animais para os sacrifícios (v. 41). Quatro mesas adicionais, de pedra lavrada, servirão para colocar os utensílios usados para sacrificar os animais. Estes, por sua vez, então são pendurados nos ganchos fixados na parede interna da Porta Norte (v. 42-43a). Tudo isso nos lembra do sacrifício de nosso Senhor Jesus, que foi pendurado na cruz com pregos,[628] fora das portas,[629] para nos liberar o acesso à presença de Deus.[630]

Os quartos para os sacerdotes (40.44-47)

Ao lado das portas Norte e Sul, lateralmente, havia câmaras (ou "quartos") previstas para os sacerdotes encarregados dos serviços. Nessa passagem Deus indica, pela primeira vez, que os trabalhos de sacrifícios ficarão sob encargo dos levitas, ou mais precisamente, dos filhos de Zadoque, o fiel sacerdote à época de Davi e de Salomão.[631]

O pórtico da Casa do Templo (40.48-49)

A área central do Templo será composta de três partes: o pórtico, o Santuário externo e o Lugar Santíssimo. Sobe-se à porta pela escada (v. 49) que estava ornamentada com duas colunas. Elas lembram as colunas do Templo de Salomão:[632] "Boaz" ("Nele há força") e "Jaquim" ("Ele firma").

628 At 5.30; 10.39; Gl 3.13.
629 Hb 13.12.
630 Hb 10.9.
631 2Sm 15.24; 1Rs 1.32; 2.35.
632 2Cr 3.17.

Para nós vale que o vencedor tem a promessa: "Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus".[633] Nós estamos entre os cristãos vitoriosos que ocuparão um lugar privilegiado junto ao altar e dos animais do sacrifício, isto é, temos constantemente diante de nossos olhos essa obra perfeita do Senhor Jesus Cristo, que não necessita de complemento algum, e isso para toda a Eternidade?

O Santuário externo e o Lugar Santíssimo (41.1-4)

Enquanto acompanhava o seu guia misterioso, Ezequiel continuava com sua visão, e se aproximava cada vez mais da área interna do Templo. O Santuário externo do novo Templo (v. 1-2) terá quarenta côvados de profundidade e vinte côvados de largura (21 m x 10,5 m). O Lugar Santíssimo será quadrado, com os lados medindo vinte côvados (v. 4). É interessante observar que essas dimensões correspondem às do Templo de Salomão.[634] Também para o Segundo Templo valiam essas dimensões.[635]

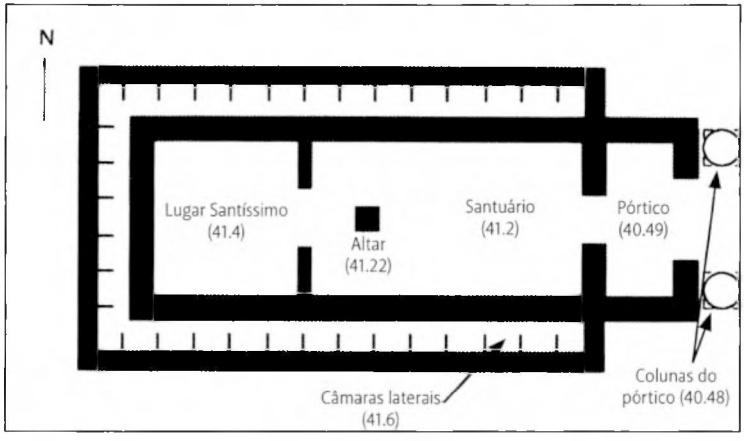
Ezequiel era sacerdote (1.3) e por isso, em sua visão, ele pôde entrar no santuário (v. 1-2), no entanto, apenas o seu guia entrou no Lugar Santíssimo (v. 3-4), no lugar que será a morada da presença de Deus. Nós, os crentes da Era da Graça, temos um privilégio todo especial: nós conhecemos a Deus, nosso Pai Celestial e podemos nos achegar livremente à Sua presença tantas vezes quantas desejarmos.[636] O acesso está liberado para nós desde que foi consumada a Obra do Gólgota.[637]

Os quartos laterais (41.5-11)

O Templo propriamente dito será cercado por três estágios de câmaras, sendo que em cada andar haverá 30 câmaras.

633 Ap 3.12.
634 1Rs 6.17,20. No Tabernáculo, o Lugar Santíssimo também era quadrado: 10 x 10 côvados.
635 Compare as dimensões do Segundo Templo no Talmude Babilônico, Tratado de Middoth (dimensões).
636 Hb 10.19-22.
637 Mt 27.51.

O Templo descrito por Ezequiel



O prédio a oeste do Templo (41.12)

Atrás do Templo haverá uma área livre, que aqui é chamado de "área separada" (ARA). Nela haverá um prédio grande cuja função específica não é mencionada. Também no Primeiro Templo havia um prédio nessa área livre, que é chamado "Parbar" ou "Parwarim".[638] Lá estava a "porta de Salequete".[639] Essa analogia construtiva indica que nesse prédio do lado ocidental seria descartado o lixo, antes de ser levado para fora da área sagrada. Também nós, cujos corpos são templo de Deus,[640] precisamos nos afastar de tudo aquilo que é impureza aos olhos de Deus.[641] Considerando o sentido espiritual aqui transmitido, temos um prédio ocidental desses numa área separada? A mesma questão vale também para a igreja local em que Deus nos colocou.

638 1Cr 26.18 (ACF); 2Rs 23.11
639 1Cr 26.16 (ARA).
640 1Co 6.18
641 Fp 3.8; 1Jo 1.9.

A importância das dimensões (41.13-17)

O Templo em si, seus muros, câmaras e pátios formam uma superfície de 100 por 300 côvados (cerca de 52,5 x 157,5 metros), divididos em três áreas quadradas: no centro da primeira está o altar, na segunda o Templo e na terceira o prédio ocidental. Nessas medidas com frequência aparece o número 10, através do qual Deus mais uma vez mostra a santidade de Sua morada.[642] "...tudo por medida" (v. 17 - ACF): nenhum dimensionamento no Templo foi determinado por homens. Deus também tem um plano exato para a Igreja e nada da nossa vida cotidiana, por mais insignificante que possa parecer aos nossos olhos, passa despercebido por Ele.[643] A nós compete reconhecer e manter a "medida correta" de Deus.

A ornamentação do Templo (41.18-21)

Os muros externos e internos do Templo serão ornamentados de maneira maravilhosa com representações de querubins, cada um com dois rostos (um de leão e um de uma pessoa) e com tamareiras:

- Os querubins lembram a santidade e a justiça de Deus.[644]
- O rosto da pessoa mostra que o domínio, no sentido mais verdadeiro da palavra, será humano, pois o "Filho do homem"[645] estará sentado no trono. Os ideais humanistas, que foram perseguidos sem êxito por tantos filósofos através dos séculos, tentam colocar o homem no foco central, enquanto que no Evangelho, "o homem Cristo Jesus"[646] está no centro. Somente quando o Ho-

642 O número 10 frequentemente é relacionado com a Santidade de Deus: os 10 mandamentos reúnem a justiça de Deus apresentada na Lei.

643 Nas Cartas encontramos inúmeros ensinamentos práticos: como se deve coletar dinheiro, orientações para viúvas, relacionamentos entre irmãos, orientações referentes ao casamento e à família, trabalho, etc.

644 Gn 3.24.

645 Dn 7.13-14; Mt 16.28.

646 1Tm 2.5; Ap 1.13; 5.6.

mem perfeito estiver no governo é que haverá um verdadeiro humanismo.

- O rosto de um leão representa a majestade e a dignidade do futuro Reino Milenar, sob o governo de nosso Senhor Jesus Cristo, o "Leão da tribo de Judá".[647]
- As tamareiras são o sinal para a paz e para a vitória – para a vitória conquistada por nosso Senhor Jesus no Gólgota, mas também para a vitória na Sua Volta em poder e glória, ao final da Grande Tribulação.[648] Assim, os querubins e as tamareiras mostram que as bênçãos do Reino Milenar estão fundamentadas na vitória de Jesus na cruz, naquele momento em que "a graça e a verdade" se encontraram.[649]

Os anjos representados também indicam que a Igreja, o templo de Deus em nossa época, é um espetáculo para o mundo angelical.[650] Ainda através da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus é levada ao conhecimento das forças angelicais.[651]

O altar no Templo (41.22)

Apenas um objeto do interior do Templo é descrito com alguns detalhes: um altar que precisa ser diferenciado do altar dos holocaustos (43.13-17). Mesmo sendo maior, ele corresponde basicamente ao altar do incenso do Tabernáculo, bem como no Primeiro e no Segundo Templo.[652] Esse altar do Santuário é chamado de "mesa". O altar do holocausto também é chamado assim, no Antigo Testamento (44.16).[653] Quando Paulo fala em "mesa do Senhor" ele faz referência ao altar do holocausto como o local de culto ao Deus.[654] Chama

647 Ap 5.5.
648 Jo 12.12-13; Ap 7.9.
649 Sl 85.10 (ARA).
650 1Co 4.9; 11.10; 1Pe 1.12.
651 Ef 3.10.
652 Êx 30.1-10.
653 Ml 1.7,12.
654 1Co 10.21.

à atenção o material simples (madeira) do altar do holocausto. Devemos observar que Ezequiel fala muito pouco sobre os materiais de construção empregados. Ageu, entretanto, anuncia que o último Templo será uma obra de glória inimaginável.[655] A riqueza das nações de todo o mundo será trazida para Israel e especialmente as destinadas ao último Templo.[656] No entanto, o livro de Ezequiel mostra que o que de fato será glorioso na Casa de Deus não é o material valioso ou a sua suntuosidade exterior, mas será a presença de Deus (43.1-6).[657] Temos isso vivo em nossa mente, quando se trata do nosso encontro com os redimidos, em Nome do Senhor Jesus?[658]

As portas do Santuário (41.23-26)

A denominação "templo" (ARA) aqui novamente indica o santuário, enquanto "Santíssimo" (ARA) identifica o Santo dos Santos (v. 23). Cada uma das portas das duas salas terão duas folhas giratórias (v. 24) que também serão ornamentadas com querubins e com tamareiras.

Detalhes não revelados

Ezequiel menciona pouquíssimos utensílios para o Templo, o que nos leva a uma ideia geral: a descrição do Templo não deve ser completa em seus mínimos detalhes. De fato, algumas coisas são descritas minuciosamente, enquanto faltam outros dados consideráveis:

- A altura dos prédios quase nunca é indicada.
- Faltam vários detalhes arquitetônicos, o que causa grandes problemas para uma reconstrução exata sem esses dados adicionais.

655 Ag 2.7-9.
656 Is 60.5-14.
657 Mt 18.20; 1Co 14.25.
658 Mt 18.20.

- Muitas passagens são de difícil compreensão e constituem problemas sérios e desafiadores aos tradutores.[659]
- Em inúmeros casos falta a indicação exata sobre o material a empregar: algumas vezes é mencionado apenas "madeira" (v. 16,22,25) e "pedra" (40.42). Nem o ouro nem a prata, que foram muito empregados no Tabernáculo e no Primeiro e Segundo Templo,[660] não são mencionados apesar de que terão larga utilização.[661]

Para que o Templo de Ezequiel possa ser construído, será necessário aguardar a Volta de Jesus, para que Ele, como Mestre de obras, possa esclarecer todos os pontos obscuros.[662] Até então, as descrições tem uma função principalmente pedagógica para Israel (40.4) e para a Igreja neotestamentária.[663]

O Judaísmo estava consciente dessa dificuldade desde tempos remotos. Quando voltaram do cativeiro babilônico, o Segundo Templo não foi construído de acordo com os planos para o Templo do fim dos tempos, de Ezequiel. Sabia-se que ainda não haviam chegado "os últimos dias". No entanto, hoje, quando 3 milhões de judeus retornaram para casa, vindos dos cinco continentes, há um claro entendimento entre os judeus ortodoxos de que agora estamos nos últimos dias, a época do retorno dos judeus de todo o mundo (Ez 36.24). Assim, há um firme desejo, dentro do que for possível, de construir o Terceiro Templo de acordo com o plano de Ezequiel. Como muita coisa ainda não está clara, será considerado satisfatório aplicar somente o que hoje já está claramente entendido, enquanto que para o restante se utilizará as dimensões empregadas no Segundo Templo, de acordo com as anotações do Tratado de Middoth, do Talmude Babilônico.

659 Nesse contexto, porém, devemos lembrar das palavras de Pv 25.2.
660 Êx 25; 2Cr 3.
661 Is 60.5-14.
662 Zc 6.13.
663 Rm 15.4.

A Bíblia esclarece que o Terceiro Templo será construído antes da Volta de Jesus em poder e glória.[664] Este, no entanto, será profanado pelo Anticristo.[665] Após a Volta de Jesus como o Rei do Mundo, porém, ele será totalmente reconstruído de acordo com os planos de Ezequiel e reinaugurado.[666]

Os dois prédios com quartos para os sacerdotes (42.1-14)

No pátio exterior, havia dois prédios com três andares, localizados ao norte e ao sul da área separada e medindo 100 côvados de comprimento, onde havia quartos. Toda a área era cercada por um muro de proteção. Nos versículos 1 a 9 o prédio ao norte é descrito em detalhes exatos; nos versículos 10 a 12 é descrito o do sul. Esses dois prédios cumprirão três funções (v. 13-14):

- Ali os sacerdotes comerão das ofertas recebidas e assim terão comunhão com Deus (v. 13a): nós podemos ter a mesma experiência se nos alimentarmos espiritualmente de nosso Salvador, que Se entregou como sacrifício por nós.[667]
- Ali serão também colocados os diversos animais para os sacrifícios, após terem sido abatidos (v. 13b).
- Os sacerdotes trocarão ali suas vestes funcionais e vestirão suas roupas comuns (v. 14).

Esses prédios têm um significado todo especial para nós, porque o Senhor Jesus Se referiu sem dúvida à figura original deles no Céu, quando Ele falou das "muitas moradas" na Casa de Seu Pai.[668] Sim, o Templo terreno do Reino Milenar é uma figura que representa nossa casa celestial.[669] Que alegria é para nós, os filhos de Deus, sabermos que Deus nos destinou

664 Ap 11.1-2.
665 Dn 12.11; 2Ts 2.4; Mt 24.15.
666 Dn 12.11; Zc 6.14.
667 Jo 6.50-58.
668 Jo 14.2-3 (ARA).
669 A expressão "casa de meu Pai" é encontrada somente uma vez mais na Bíblia, em João 2.16, onde se trata do Segundo Templo.

para morarmos para sempre na glória da Sua Casa, e na Sua presença! Se o Templo terreno já será tão maravilhoso, quanto mais será o Templo celestial![670]

A área santa ao redor do Templo (42.15-20)

Ezequiel saiu do Templo pela Porta Leste. Seu guia lhe mostrou um muro que cercava uma grande área ao redor do Templo. Essa área media 500 canas por 500 canas, isto é, 3.000 côvados por 3.000 côvados (1.575 x 1.575 m). Uma cana, segundo Ezequiel 40.5, corresponde a 6 côvados reais (6 x 0,525 m = 3.15 m).

O Templo em si e os dois pátios internos, dos quais já tratamos até agora, se localizavam dentro de um quadrado, cujos lados mediam 500 côvados.[671] Por que havia esse imenso terceiro pátio? Encontramos a resposta junto a outros profetas: o futuro Templo será chamado de "casa de oração para todos os povos",[672] isto é, o centro mundial para adoração do verdadeiro Deus.[673] O Segundo Templo, em sua ampliação para 144.000 m², que foi realizada pouco antes da Primeira Vinda do Messias, era uma das maiores construções do mundo. O Templo de Ezequiel, porém, com seus três pátios, terá uma área de 2.480.625 m², e assim terá uma área 17 vezes maior do que a do Segundo Templo! O Templo de Ezequiel será um dos maiores prédios de toda a história do mundo!

A volta da glória do Senhor (43.1-6)

O profeta novamente entrou no Templo através da Porta Leste e viu a misteriosa nuvem, que torna visível a presença

670 Ap 11.19.

671 De acordo com os dados da tradição judaica e de acordo com os achados arqueológicos do Monte do Templo, o Templo de Salomão e os seus pátios também formavam um quadrado com 500 côvados de lado. No tempo de Herodes, o Grande (a partir de 19 a.C.) a área do Templo foi ampliada em direção ao sul, oeste e norte, o que duplicou a sua área. Assim, a área do Templo abrangia 144.000 m². Mesmo assim, à época de Jesus, a área original do quadrilátero de 500 côvados era considerada a área sagrada, propriamente dita.

672 Is 56.7.

673 Zc 14.16; Is 2.2-4; Sl 86.9.

do Senhor (v. 2). Ela entrou através da Porta Leste e alcançou o próprio Templo ("a casa") enchendo-o com a Sua glória. Ezequiel, que ficou cheio de gratidão diante do fato desse retorno, prostrou-se e adorou (v. 3b).

A glória do Senhor tinha vindo ao Tabernáculo,[674] ao Templo de Salomão[675] e no início do Reino Milenar ela retornará à Sua morada exatamente pelo mesmo caminho através do qual, há muitos séculos, ela havia saído relutante (cap. 8-11).[676] No início do Reino Messiânico chegará o dia em que a glória de Deus mostrará ao mundo todo que a Era das Nações acabou, e que a sentença "Lo-Ami" ("não meu povo") estará para sempre revogada.[677] Deus governará o mundo a partir de Jerusalém (v. 7a) e o retorno da Sua glória será o sinal visível disso para todos (v. 2b). O Senhor honrará o Seu povo através da Sua presença direta no meio dele (v. 7,9).

Para nós há uma dupla aplicação a partir disso:

- Individualmente: se eu não confessar meus pecados, não posso chegar à presença de Deus. Isso, no entanto, não precisa ficar assim. Deus pode tocar meu coração (36.26), me conduzir à confissão de pecados (v. 10)[678] e então encher a minha alma com a alegria de estar em comunhão com Ele.
- Na comunidade: onde duas ou três pessoas se reunirem no Nome do Filho de Deus, e prestarem honra unicamente a Ele em sua reunião, ali, já agora, podem sentir a Sua maravilhosa presença.[679]

674 Êx 40.34-35.
675 1Rs 8.10-11.
676 Ver especialmente: Ez 8.4; 9.3; 10.3-4,18; 11.22-23.
677 Os 1.9; 2.1,23.
678 1Jo 1.9.
679 Mt 18.20; 1Co 14.24-25.

Deus entre o Seu povo (43.7-11)

Assim que o Senhor, na visão, havia entrado no Santo dos Santos, Ele Se dirigiu ao profeta. Deus deseja sempre Se revelar através da Palavra.[680] Ezequiel deveria falar da sua visão aos seus companheiros de cativeiro, e deveria relatar a todos os demais filhos de Israel através de seus escritos.

Um sinal significativo desse período será o afastamento de Israel da idolatria. Essa idolatria havia sido um verdadeiro espinho no olho do Senhor porque ela havia atingido o ponto máximo justamente nas proximidades da Sua Casa (v. 8; 8.5-18). No entanto, Deus habitará para sempre entre o Seu povo restaurado (v. 9).

É surpreendente observar que o primeiro relato aproximado sobre a Casa não proporciona admiração, alegria ou orgulho, mas uma profunda vergonha (v. 10). Somente depois disso o profeta poderia descrever o Templo em detalhes (v. 11). Esse princípio vale também para nós hoje: Deus revela Suas ideias somente para aqueles cujo coração está voltado em completa devoção para Ele.[681] De um modo especial, somente depois de nos termos humilhado em virtude de nossa situação visível, é que conseguiremos compreender os detalhes da verdade revelada através da reunião dos crentes.

A lei do Templo (43.12)

O Templo de Deus, o lugar onde Ele demonstra o Seu amor, estará aberto para todos os povos da terra. No entanto, o pecado e a maldade não serão tolerados ali. Por isso, a santidade é a lei para o Templo. Também nós somos chamados a buscar a santidade em todas as áreas da nossa vida.[682]

680 Jo 1.1-3.
681 Sl 25.14.
682 Hb 12.14

2. O novo culto a Deus (43.13 – 47.12)

O altar do holocausto (43.13-17)

O altar do holocausto, o qual corresponde ao altar de bronze do Tabernáculo,[683] constituirá o centro do culto a Deus, no Reino Messiânico. Ele estará no meio do pátio interior e será formado de cinco partes. Sua composição vista de baixo para cima:

- o pedestal, com uma base e moldura (v. 13):
  área de 18 x 18 côvados, com 1 côvado de altura;
- a armação inferior do altar (v. 14 – ACF):
  área de 16 x 16 côvados, com 2 côvados de altura;
- uma lareira do altar (hebraico: *har'el*; v. 15a – ARA):
  área de 14 x 14 côvados, com 4 côvados de altura;
- a "lareira de Deus" (hebraico: *'ari'el*; v. 15b)[684]:
  área de 12 x 12 côvados, com 4 côvados de altura;
- a escada ao leste, para subir ao altar (v. 17);

Sobre essa "lareira", isto é, sobre a "lareira de Deus" serão sacrificadas as ofertas. A lareira lembra a "montanha da mirra",[685] no topo da rocha do Gólgota, sobre a qual nosso Senhor Jesus, o Cordeiro de Deus, sofreu.

As quatro pontas (v. 15) são um símbolo de poder. Sua quantidade nos lembra dos quatro pontos cardeais: a obra redentora vale para o mundo todo. Todas as pessoas, sejam de qual povo ou tribo forem, serão salvas eternamente se aceitarem, pela fé, o sacrifício do Senhor Jesus.

Os sacrifícios no Reino Milenar

O leitor, que conhece os ensinamentos da Carta aos Hebreus, pode ficar surpreso com o fato de que haverá sacri-

683 Êx 27.1-8.

684 Nas versões brasileiras, no versículo 15 consta duas vezes "lareira" (ARA). Como no hebraico pode-se aplicar dois sentidos diferentes à palavra original, deveria-se traduzir a segunda como "lareira de Deus" (da qual sobem 4 pontas).

685 Ct 4.6.

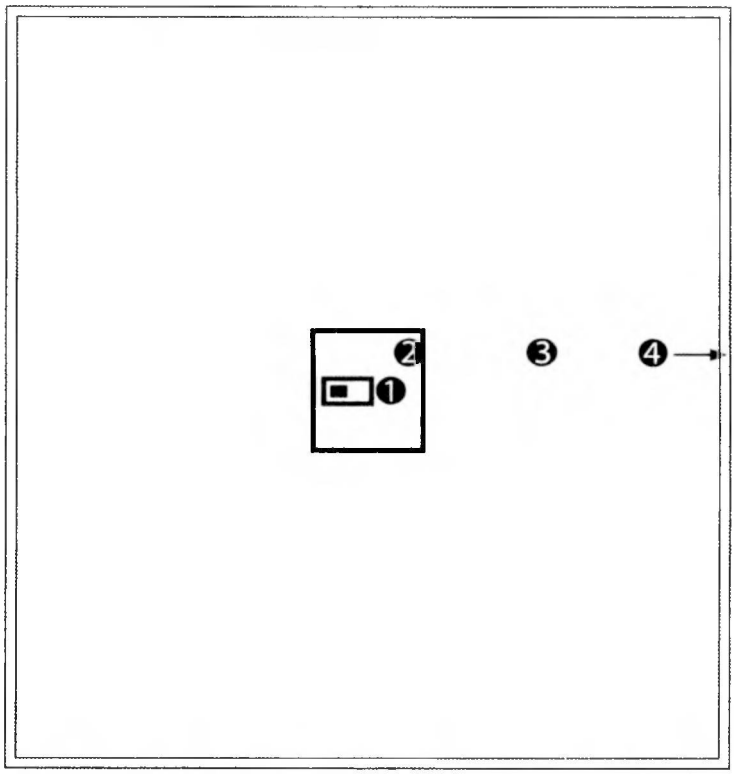
fícios de animais no Reino Milenar. O sacrifício de Cristo não foi suficiente e não sabemos que é impossível tirar pecados através do sangue de touros e de cabritos?[686]

Outros profetas mostram claramente que os israelitas, no Reino Milenar, estarão plenamente conscientes de que unicamente o sangue do Messias, que outrora havia sido rejeitado, é capaz de lhes proporcionar o acesso à bênção.[687] Esses sacrifícios, porém, terão para eles o mesmo significado que a Ceia do Senhor tem para nós hoje: um memorial para o sacrifício único de Cristo. A Ceia do Senhor foi instituída para ser celebrada até à Volta de Jesus no Arrebatamento da Igreja,[688] e enquanto a adoração em espírito, que Deus espera receber de nós, corresponde à nossa "vocação celestial", esses sacrifícios com sangue correspondem a uma autoridade terrena. Eles não têm qualquer valor para expiação, mas servirão para lembrar ao povo do Reino Milenar – que é tão distraído como nós o somos – que Jesus Cristo "agiu poderosamente".[689]

Além disso devemos observar que, através da massiva ampliação do terceiro pátio, medindo 500 x 500 varas, a rocha do Gólgota será integrada à área do Templo. A distância da rocha do Santo dos Santos, no Monte do Templo,[690] até à rocha do Gólgota[691] é de aproximadamente meio quilômetro. Desse modo, esse local da salvação eterna, no futuro Pátio dos Gentios, lembrará aos visitantes de todo o mundo que os sacrifícios do Templo de Ezequiel são apenas símbolos que apontam para o sacrifício do Senhor Jesus, assim como todos os sacrifícios do Antigo Testamento, com o dedo flamenjante,

686 Hb 10.1-12.
687 Is 53.6-8; Zc 12.10.
688 1Co 11.26.
689 Sl 22.31.
690 Trata-se da rocha que hoje está no Domo da Rocha. Essa rocha indica o ponto mais elevado do monte.
691 As descobertas arqueológicas indicam claramente que rocha da Igreja do Santo Sepulcro, que foi profanada através da idolatria, é o lugar autêntico do Gólgota.

apontavam antecipadamente para este sacrifício que então ainda se encontrava no futuro.



O Templo de Ezequiel com seus três pátios e a área livre anterior.

1 – Pátio interno com o Templo e o altar: 100 x 230 côvados = 52.5 x 120.75 m (Ez 40.47; 41.12-14).
2 – O segundo pátio: 500 x 500 côvados = 262,5 x 262.5 m (Ez 40.5).
3 – O terceiro pátio / pátio dos gentios: 500 x 500 varas = 3.000 x 3.000 côvados = 1.575 x 1.575 m (Ez 42.15-20; 45.2).
4 – Área livre anterior aos muros do pátio dos gentios: 50 côvados = 26,25 m (Ez 45.2).

Os sacrifícios do Templo de Ezequiel se diferenciam em muitos detalhes dos sacrifícios da Aliança do Sinai na Lei (Lv 1-7). Isso se explica da seguinte maneira: Ezequiel descreve os sacrifícios da Nova Aliança, que Deus celebrará com Israel[692] (não com a Igreja!). A Antiga Aliança não será renovada.[693] Por isso existe a promessa de que Israel não teria a prática de sacrifícios apenas por um período de tempo limitado,[694] não contrariando as afirmações de Hebreus 8.13.

A inauguração do altar do holocausto (43.18-27)

A inauguração do altar do holocausto durará sete dias (v. 26). Nesse período serão trazidas diversas ofertas especiais. A partir do oitavo dia, serão preparadas as ofertas regulares. O capítulo encerra com um incentivo maravilhoso: Deus não aceitará somente as ofertas, mas também as pessoas que se aproximarem Dele através dessas ofertas ("Então eu os aceitarei", v. 27). Será que estamos conscientes de que Deus nos aceitou por completo, de que Ele "nos fez agradáveis a si no Amado"?[695]

A porta leste chaveada (44.1-3)

A nuvem da glória do Senhor entrará no Templo através da porta leste e o encherá com a Sua glória (43.1-6). Depois disso, durante todo o período do Reino Milenar, essa porta permanecerá chaveada (v. 2). Com isso, Deus pretende acalmar Seu povo, mostrando-lhe que Sua glória nunca mais sairá de Jerusalém.[696]

692 Jr 31.31s.; Hb 8.8s.
693 Hb 8.9,13.
694 Os 3.4: "muitos dias", não "eternamente".
695 Ef 1.6 (ACF).
696 Os muçulmanos chavearam a Porta Leste do Templo (a Porta Dourada), no Séc. 7. No Séc. 17 ela foi até fechada com um muro, para impedir que o Messias chegue a Jerusalém, quando Ele surgir no Monte das Oliveiras (Zc 14.4). Essa providência, porém, será inútil (Sl 24.7-10), tão inútil quanto a pedra diante do túmulo de Jesus (Lc 24.2). O Senhor ressurreto não será retido por tais obstáculos (Jo 20.19).

E o que acontecerá conosco? Nosso Senhor Jesus fez promessas semelhantes aos crentes da Igreja através do mundo, na Era da Graça: "E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos".[697] No que diz respeito à Sua presença na Igreja, porém, é possível que o Senhor necessite remover o candelabro de seu lugar.[698] Isso deveria nos incentivar a viver na prática do amor e da santidade, aguardando com alegria pela presença do Senhor na Casa do Pai.

Mesmo que a porta leste esteja chaveada, apesar disso ela terá uma função: ali o Príncipe[699] comerá sua parte da oferta pacífica (v. 3). Através disso o povo será lembrado que o retorno da glória de Deus ao Templo somente foi possível através do sacrifício no Gólgota.

"A nobreza manda" (44.4-9)

Ezequiel viu quando a glória do Senhor encheu o Templo. Do mesmo modo como aconteceu na primeira vez (1.28) sua reação espontânea foi a de prostrar-se diante da majestade de Deus (v. 4). Quanto mais pensamos no Senhor, mais somos tomados pelo poder da Sua glória, e tanto mais somos levados a adorá-Lo.

Deus explicou ao profeta que, a partir da volta da Sua glória, Israel deveria viver em harmonia com a Sua presença divina. O Templo, que Deus chama de "meu santuário" seis vezes (v. 7,8,9,11,15,16) nunca mais deverá ser profanado por incircuncisos no coração (o que se refere aos judeus idólatras), e na carne (apontando para os estrangeiros ao povo de Israel) (v. 7,9).

Para os santos de nossa época vale o mesmo: a presença do Senhor nas reuniões locais[700] é incompatível com a comu-

697 Mt 28.20.
698 Ap 2.5.
699 Mais detalhes sobre o "príncipe" estão nos comentários dos capítulos 45 e 46.
700 Mt 18.20.

nhão com incrédulos[701] ou com crentes cujo coração não está limpo.[702] Todavia, é lógico que os incrédulos sempre são bem-vindos a todas as reuniões de cristãos.[703] Eles, no entanto, não podem fazer parte da igreja e, por isso, não devem transmitir a Palavra, nem participar da Ceia do Senhor.

Os filhos de Zadoque e seus privilégios (44.10-16)

No Templo descrito por Ezequiel, os sacrifícios serão ministrados somente pelos filhos de Arão que forem descendentes de Zadoque, o fiel sacerdote na época de Davi e de Salomão. Zadoque, o filho de Aitube, era descendente de Eleazar.[704] Durante a rebelião de Absalão, ele permaneceu fiel a Davi.[705] Posteriormente, ele também ungiu a Salomão e, assim, se opôs a Adonias, o irmão deste.[706] Abiatar, que descendia da linhagem de Itamar,[707] havia tomado o partido desse usurpador,[708] por isso o rei Salomão o destituiu das funções de sumo sacerdote e encarregou Zadoque dessa tarefa.[709] Assim, no último Templo, a ministração dos sacrifícios estará ao encargo somente dos descendentes de Zadoque. Ao contrário disso, todos os verdadeiros cristãos têm posição igual como sacerdotes diante de Deus,[710] ninguém é excluído e todos os redimidos podem aproximar-se de Deus.[711]

Considerando o contexto, os "levitas" mencionados nos versículos 10-14 são os demais descendentes do sumo sacerdote Arão. Devido à sua infidelidade como sacerdotes no passado, eles poderão apenas executar tarefas auxiliares (v. 10-

701 2Co 6.14-7.1.
702 2Tm 2.22.
703 1Co 14.24-25.
704 1Cr 6.4,8.
705 2Sm 15.24.
706 1Rs 1.32-34.
707 Lv 10.12.
708 1Rs 1.7,25.
709 1Rs 2.26-27,35.
710 Ap 1.6.
711 Ef 2.1.

14). Para nós isso serve como séria advertência: devido à nossa infidelidade, pode acontecer que Deus retire algumas tarefas de nós e encarregue um obreiro mais fiel a executá-las.

Os descendentes de Zadoque deverão se aproximar da "mesa" do Senhor (v. 16). Quando a expressão "mesa" apareceu pela primeira vez no contexto do altar do holocausto do Santuário (41.22), ela lembrava nossa estreita comunhão com Deus. Agora a ênfase era o testemunho para os de fora. Esses dois aspectos estão unidos na Ceia do Senhor. Além disso, o contexto desse versículo deixa claro que a aproximação à mesa também depende de nossa conduta.

A santidade dos filhos de Zadoque (44.17-31)

O Senhor estabelece orientações exatas para os sacerdotes do Terceiro Templo. As ordenanças dessa nova Lei Messiânica muitas vezes coincidem com a Lei Mosaica, mas em alguns pontos determinados apresentam diferenças notáveis. No Novo Testamento encontramos algumas contrapartidas para essas orientações que são válidas para nós:

1. A vestimenta (v. 17-19): as vestes sacerdotais são de uso restrito no pátio interno. Deverão ser de linho e não de lã. A lã provoca transpiração, o que não é compatível com a santidade do serviço para Deus. O nosso serviço para Deus deve ser em imitação ao serviço de Cristo,[712] exalando o Seu bom perfume.[713]
2. O corte de cabelo (v. 20): a característica é o meio termo: nem muito curto, nem muito longo. Em relação aos gostos modernos e confusos da moda, podemos aprender a ser comedidos ("moderados") em nosso agir, em nosso ser e em nosso pensar.[714]

712 Ef 5.2.
713 2Co 2.15.
714 Tt 3.2; Tg 3.17.

3. O vinho (v. 21): os sacerdotes não devem beber vinho antes de ministrar (v. 21),[715] pois o excesso de vinho acaba "prejudicando o discernimento"[716] e leva à insensatez. Da mesma forma as situações de êxtase, nas quais o controle e a plena consciência são reprimidos, estão em clara contradição à Palavra de Deus. Em 2Timóteo 4.5, Deus, o Senhor, ordena: "Você, porém, seja moderado em tudo". A palavra grega *nepho*, aqui traduzida por "moderado", significa: "estar livre de qualquer embriaguez espiritual e da alma, de paixão, de precipitação, de confusão, de exaltação". (Dicionário Grego para o NT, de Walter Bauer).[717]
4. O casamento (v. 22): sob a Lei Mosaica, somente o sumo sacerdote não deveria casar com uma viúva. Durante o Reino Milenar essa proibição será válida para todos os sacerdotes, com exceção para a viúva de um sacerdote.[718] Em várias passagens do Novo Testamento esse tema também é tratado e os mesmos pontos são esclarecidos:
   - nenhuma relação sexual antes do casamento ("uma virgem"). Deus espera que os redimidos se abstenham até o casamento.
   - não casar com alguém que não pertença ao povo de Deus ("de ascendência israelita"). Deus proíbe a união matrimonial de uma pessoa crente com uma não crente.[719]
5. O ensino (v. 23): os sacerdotes devem ensinar o povo. Nem todos os crentes possuem o dom do ensino, mas

715 Lv 10.9.
716 Os 4.11.
717 W. Bauer/K. Aland, *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testamente und der frühchristlicher Literatur*, 6ª Ed. totalmente revisada, Berlim, Nova Iorque 1988, p. 1.090.
718 Lv 21.14.
719 2Co 6.14.

o procedimento de cada um pode ser uma ilustração viva, fazendo a distinção "entre o puro e o impuro".[720]

6. A decisão sobre litígios (v. 24): como era antigamente[721], os sacerdotes devem apaziguar em questões de desavenças. Também hoje Deus concede aos crentes a capacidade de julgar em caso de desentendimentos.[722] No entanto, para que se possa solucionar diferenças de opinião com base na Palavra de Deus, é necessário que esses princípios da Palavra sejam conhecidos e aplicados.
7. A contaminação pelo contato com uma pessoa morta (v. 25-27): nesse caso a Lei será mais severa do que antes:[723] aos sete dias de purificação[724] são acrescentados mais sete dias, além da oferta pelo pecado. Quanto mais privilégios alguém possui, maiores são as exigências que Deus coloca.[725]

Ao final do capítulo (v. 28-31) são relacionados os privilégios dos sacerdotes, sendo que o primeiro que é mencionado é o maior: Deus, o Senhor será a sua herança.[726] Esta é a base para todo o restante.[727] Eles poderão dizer, junto com Asafe: "Mas, para mim, bom é estar perto de Deus".[728] E nós, temos o mesmo alvo?

A subdivisão do distrito sagrado (45.1-8)

O Senhor comunicou ao profeta que ele deveria separar uma porção santa (v. 1-8), que é denominada de "oferta ao Senhor" (ARA). Essa área de terra, que forma um quadrado

720 1Pe 1.14-16.
721 Dt 21.
722 1Co 6.4.
723 Lv 21.1-3.
724 Nm 19.11.
725 2Co 7.1.
726 Nm 18.20.
727 Mt 6.33.
728 Sl 73.28.

com os lados medindo 25.000 varas[729] será formada por três áreas:

- Um retângulo medindo 10.000 x 25.000 varas para as casas dos sacerdotes (v. 1-4). Nessa área também se encontram o Templo e os pátios, em um quadrado com 500 varas de lado, tendo uma área livre por fora com 50 côvados (v. 2).
- Um segundo retângulo, de 10.000 x 25.000 varas, para as moradias dos levitas (v. 5).
- Um terceiro retângulo, de 5.000 x 25.000 varas forma a área da cidade. Esta área será propriedade das doze tribos. As áreas a oeste e a leste desse quadrado, com um lado medindo 25.000 varas, pertencem ao "príncipe" (v. 7-8). Antigamente, muitas vezes os governantes tentavam se apoderar dessas áreas, aumentando suas propriedades em prejuízo do povo (v. 9).[730] Antecipando-Se a esse risco, Deus designará uma parte considerável como propriedade do príncipe.

729 Isso significa em torno de 78,75 km. No texto hebraico, nos versículos 1-8, não aparecem as palavras "côvados" e "canas" (com exceção do v. 2, "cinquenta côvados"). Por isso, na versão alemã *Elberfelder Revisada*, a palavra "côvado" é sempre colocada entre parênteses nos versículos 1 a 8. Na verdade, há várias razões para que se coloque "canas" e não "côvados" onde não há nenhuma medida indicada: por um lado, há a indicação de "côvados" quando realmente se refere a eles (v. 2b). Por outro, sabemos que o quadrado pertencente ao Santuário (v. 2a) realmente apresenta os lados com 500 "canas" (42.5-20). Para essa passagem podemos considerar: onde a medida se refere a côvados, ela está claramente descrita, no entanto, quando se trata de "varas", ela não é mencionada no texto. Assim, na Bíblia *Elberfelder Não Revisada*, nessa passagem consta corretamente a expressão "canas", assim como consta na de Lutero, por exemplo.

730 1Rs 21.



Afinal, quem é o príncipe?

No contexto de novo Templo, o livro de Ezequiel menciona uma pessoa misteriosa, "o príncipe",[731] o que é muito característico para a profecia de Ezequiel. Alguns intérpretes acham que ele seja idêntico ao "príncipe" mencionado na parte anterior do livro (34.24; 37.25). O Príncipe, mencionado nos capítulos 34 e 37, é o Messias. Existem argumentos claros para rejeitar essa comparação:

- O príncipe terá filhos (46.16). Isso deixa claro imediatamente que não se trata de Jesus Cristo.
- O príncipe deverá trazer ofertas para si mesmo (45.22). Jesus Cristo é perfeito. Ele não necessita de ofertas. Muito antes, Ele se sacrificou de uma vez por todas.[732]

731 Esse príncipe é mencionado apenas na última parte do Livro de Ezequiel (cap. 40-48): duas vezes no cap. 44 (v. 3), seis vezes no cap. 45 (v. 7,8,9,16,17,22), oito vezes no cap. 46 (v. 2,4,8,10,12,16,17,18) e quatro vezes no cap. 48 (v. 21,21,22,22).

732 Hb 7.27.

- Esse "príncipe" é apenas mencionado no contexto do Templo. Não há poder político atribuído a ele. Assim, ele também não será um "vice-rei" para o Messias. Sua função será restrita à área sacerdotal (v. 17).
- A cada ano, por ocasião da Páscoa, ele trará uma oferta pelo pecado de todo Israel (v. 22). Essa tarefa faz lembrar o papel do sumo sacerdote no dia da reconciliação.[733]
- Além disso, ele trará as ofertas especiais durante os sete dias da Festa de Páscoa e na Festa dos Tabernáculos (v. 23-25).
- O sumo sacerdote e os sacerdotes em suas funções são chamados de "príncipes" no Antigo Testamento.[734]

A solução do enigma é a seguinte: o príncipe do Templo de Ezequiel é o sumo sacerdote, descendente de Zadoque. Jesus Cristo, no entanto, estará muito superior a ele, como o Sumo Sacerdote no Trono, segundo a ordem de Melquisedeque.[735]

Medidas e pesos corretos (v. 9-12)

Uma das características do Reino Milenar será a vigência da justiça em todo o mundo. É por isso que o profeta dá tanta ênfase às medidas e aos pesos corretos.[736] Para os crentes em Jesus hoje o Reino de Deus, que é caracterizado entre outros pela "justiça"[737], já é realidade. Assim, também a nossa vida deveria ser marcada pela integridade e por uma santa rejeição à falsidade.[738]

As ofertas sagradas para o príncipe (45.13-17)

As medidas e os pesos corretos deveriam ser usados, antes de tudo, para a pesagem das ofertas do sacrifício. Se não

733 Lv 16.
734 1Co 9.11; 2Co 31.13; 35.8; Ne 11.11. Nessas passagens, a palavra *nagid* é traduzida como "príncipe". Trata-se de um sinônimo para a palavra *nasi'*, que é traduzida como "príncipe" no livro de Ezequiel. Na literatura rabínica, a palavra *nasi'* também é empregada para sumo sacerdote.
735 Zc 6.13; Hb 7.11-8.2.
736 Dt 25.13-16; Pv 11.1; 16.11; 20.10,23.
737 Rm 14.17.
738 Mt 7.2; 1Tm 3.8.

quisermos privilegiar a ninguém, precisamos começar com Deus. Devemos lembrar, também, que qualquer hipocrisia ofende primeiramente a Deus.

Todo o povo de Israel deve trazer o dízimo de suas colheitas e dos rebanhos ao Senhor como contribuição para os sacrifícios do Templo. Essa "oferta alçada" traz à memória o seguinte:

Por um lado, nossa adoração é alimentada com "colheitas" espirituais de nosso tempo, por outro, há uma relação estreita entre adoração e ofertas materiais.[739] Temos o privilégio, na Era da Graça, de podermos oferecer nossas ofertas materiais sem a definição em percentuais, sem obrigações e sem aborrecimentos, mas com base no princípio espiritual de que "Deus ama quem dá com alegria".[740]

As ofertas no Ano Novo (45.18-20)

Serão celebradas festas especiais no primeiro e no sétimo mês de cada ano. Nos dois casos, trata-se do mês de Ano Novo, pois os judeus então tinham dois calendários, e os têm até hoje: o ano calculado a partir da libertação do Egito inicia no primeiro mês, em 1º *Abib* (março/abril); o ano calculado a contar da Criação do mundo, inicia no 7º mês, em 1º *Tishrei* (setembro/outubro).[741]

A comemoração das festas, em 01/01 e em 01/07 (v. 18-20) lembra a primeira Páscoa, no Egito: o sangue da oferta pelo pecado será pintado nos batentes do Templo e nos batentes das portas do pátio interno.[742]

As festas de Ano Novo permitem pensar, em sua aplicação prática, em um recomeço na vida – na conversão ou na volta para o Senhor Jesus, quando se tentou viver um período sem Ele. Os sacrifícios oferecidos demonstram que um recomeço

739 Hb 13.16.
740 2Co 9.7.
741 No vocabulário pós-exílio, o mês "*Abib*" é denominado "*Nissan*".
742 Êx 12.7.

destes somente pode se basear na apropriação do sangue do sacrifício de Cristo.

As grandes festas anuais (45.21-25)

Muitas das ordenanças cerimoniais da Lei Mosaica terão uma correspondência também sob o reinado de Cristo. Observe-se, porém, que haverá grandes diferenças, pois as ordenanças no Reino Milenar serão parte da Nova Aliança de Deus com Israel (37.26).[743] Das sete festas ao Senhor, em Levítico 23, são mencionadas apenas três:

A festa da Páscoa, pois simboliza a morte do Cordeiro de Deus e porque somente através dela é possível receber a bênção do Reino Milenar; a festa dos Pães Sem Fermento, pois ainda haverá pecado (representada pela massa fermentada) que precisará ser condenado; e a Festa dos Tabernáculos, pois é um símbolo para o Reino de Paz de Jesus.

A adoração do príncipe e do povo (46.1-15)

A Porta Leste desempenhará um papel importante no Sábado e no dia da lua nova.[744] O príncipe ficará junto à soleira da entrada para adorar (v. 2) e o povo permanecerá diante da porta (v. 3). Como acontece em outra passagem (v. 10), também aqui o príncipe se identifica com o povo e assume a liderança. Temos assim uma figura para o Senhor Jesus, que hoje dirige a adoração do povo de Deus reunido em Seu Nome: "... cantar-te-ei louvores no meio da congregação".[745]

Além disso, há um número determinado de sacrifícios prescritos:

743 Jr 31.31-34.

744 A Festa da Lua Nova é comemorada no primeiro dia de cada mês, pois o calendário judaico é baseado no ano lunar, mas é constantemente corrigido pelo calendário solar.

745 Hb 2.12 (ARA).

Motivo	*Ofertante*	*Compromisso*	*Versículos*
Sábado	príncipe	obrigatório	v. 4-5
Lua Nova	príncipe	obrigatório	v. 6-7
Festas anuais	príncipe	obrigatório	v. 11
Festas anuais	príncipe	voluntário	v. 12
Oferta diária	Israel	obrigatório	v. 13-15

Esses versículos estão repletos de ensinamentos práticos, que podem facilmente ser aplicados aos tempos atuais:

- As ofertas dos Sábados apontam para a paz que o Senhor Jesus proporcionou através da Sua morte.[746]
- As ofertas na Lua Nova mostram que, após buscas espiritualmente retrospectivas, conseguiremos aumentar a luz do nosso testemunho somente se voltarmos para o Gólgota.
- Está claramente indicado o caminho pelo qual o povo deve entrar e sair do Templo para as grandes festas anuais (v. 9),[747] para que a massa popular tenha caminhos ordenados para orientação no pátio externo. "Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz",[748] e isso deveria ser algo visível especialmente no cultos ou no tempo de adoração. A pessoa sempre sairá diferente do Templo do que entrou nele. Isso também podemos transferir para nós. De acordo com 1Coríntios 11.17, nossas reuniões na igreja devem sempre servir para o melhor. Devemos sempre sair diferentes da reunião do que estávamos quando entramos, reorientados espiritualmente, corrigidos, incentivados, consolados, edificados pelo ensino. A passagem recém-mencionada demonstra que também os coríntios estavam diferentes quando saíam das reuniões do que quando entravam. No caso deles, a cada reunião da igreja a situação piorava. Naturalmente, não é assim que deve ser.

746 Hb 4.9-11; 1Pe 4.1-2.

747 A palavra hebraica traduzida por "festas fixas" se refere principalmente às grandes festas anuais (45.17).

748 1Co 14.33b.

- O sacrifício diário de holocausto (v. 13-15) recorda a alegria de Deus quando, a cada manhã, Lhe agradecemos pela maravilhosa obra de Jesus na cruz.

A herança do príncipe (46.16-18)

A propriedade a ser herdada pelo príncipe também é regulamentada através de determinação divina. Ele deve ser visto como justo diante de sua família (v. 16), seus empregados (v. 17) e de seu povo (v. 18). Quem quiser desempenhar uma função de destaque no povo de Deus não pode, de maneira alguma, ceder em qualquer situação que o leve a oprimir os outros.[749] Se isso acontecer mesmo assim, o resultado fatal poderá ser a dispersão do rebanho (v. 18b).

As cozinhas do Templo (46.19-24)

No final do capítulo encontramos algumas indicações para os prédios adjacentes ao Templo e que até então não foram mencionados:

- As cozinhas para os sacerdotes (v. 19-20): atrás dos quartos dos sacerdotes localizados ao norte, Ezequiel enxergou um local em que as ofertas eram cozidas ou assadas.[750]
- As cozinhas para o povo (v. 21-24): voltando ao pátio externo, o profeta viu pequenos pátios nos quatro cantos desse pátio. Nas cozinhas ali instaladas devem ser cozidas as porções do sacrifício a ser consumido pelo povo.

Na verdade será feito com era antigamente: uma parte da oferta era dedicada a Deus e queimada sobre o altar, outra se destinava aos sacerdotes e uma parte será consumida pelo povo, que se alegrará na comunhão com Deus.[751] Já participa-

749 1Pe 5.3.

750 Como esse prédio se estende de forma simétrica ao longo do seu eixo leste-oeste, pode-se concluir que no lado sul também existem tais cozinhas.

751 Lv 7.11-34; Dt 27.7.

mos disso hoje? Temos alegria na comunhão com o povo de Deus e com o próprio Senhor?[752] Conhecemos a "alegria completa" que resulta dessa comunhão?

Nessa comunhão de Deus com o Seu povo, se cumprirá a profecia de Isaías: "esses eu trarei ao meu santo monte e lhes darei alegria em minha casa de oração. Seus holocaustos e seus sacrifícios serão aceitos em meu altar; pois a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos".[753] Que futuro maravilhoso!

A glória do Templo

Com o capítulo 46 se encerra basicamente a descrição do Templo. É interessante observar que as descrições são bastante resumidas. O profeta não menciona nem ouro, nem prata ou pedras preciosas, mas se contenta com dimensões e esclarecimentos sobre detalhes construtivos. Um dos motivos que podemos considerar para isso é que a intenção principal do Senhor é a descrição do retorno da Sua glória que encherá o Templo. Ao ser comparada com a presença da glória de Deus, qualquer maravilha artística que as pessoas possam produzir perde o brilho.

Outras passagens, no entanto, confirmam que o Terceiro Templo alegrará o olho humano por seu maravilhoso esplendor:

> "Então você o verá e ficará radiante; o seu coração pulsará forte e se encherá de alegria, porque a riqueza dos mares será trazida a você, e a você virão as riquezas das nações. Manadas de camelos cobrirão a sua terra, camelos novos de Midiã e de Efá. Virão todos os de Sabá carregando ouro e incenso e proclamando o louvor do Senhor. Todos os rebanhos de Quedar se reunirão junto de você, e os carneiros de Nebaiote a servirão; serão aceitos como ofertas em meu altar, e adornarei o meu glorioso templo".[754]

752 1Jo 1.3-4.7.
753 Is 56.7.
754 Is 60.5-7.

> "A glória do Líbano virá a você; juntos virão o pinheiro, o abeto e o cipreste, para adornarem o lugar do meu santuário; e eu glorificarei o local em que pisam os meus pés".[755]
> "'Farei tremer todas as nações, as quais trarão para cá os seus tesouros, e encherei este templo de glória', diz o Senhor dos Exércitos. 'Tanto a prata quanto o ouro me pertencem', declara o Senhor dos Exércitos. 'A glória deste novo templo será maior do que a do antigo',[756] diz o Senhor dos Exércitos. 'E neste lugar estabelecerei a paz', declara o Senhor dos Exércitos".[757]

A verdadeira maravilha, no entanto, não se encontra em um prédio, por mais enfeitado que seja, mas está no conhecimento de Deus e na alegre e feliz comunhão com Ele.

O rio que sai do Templo (47.1-12)

Numa visão maravilhosa, Ezequiel vê água fluindo debaixo da soleira do Templo (v. 1).

Esse curso de água, fluindo com mansidão, com o aumento da distância vai se avolumando até se tornar um rio caudaloso (v. 9),[758] sendo que um de seus braços desaguará no Mar Morto (v. 8).[759] A água do Mar Morto, que hoje é extremamente salgada, se tornará potável com isso,[760] de modo que esse mar não simboliza mais a morte, mas será cheio de vida (v. 9-10).

---

755 Is 60.13.

756 Isto é, o Templo de Jerusalém – o Terceiro Templo – será mais maravilhoso do que o Primeiro Templo, o Templo de Salomão. Em Ageu 2 os diversos Templos em Jerusalém são tratados como uma casa.

757 Ag 2.7-9.

758 Na versão alemã, a Bíblia *Elberfelder* não revisada, a palavra *naharajim* está traduzida corretamente como "rio duplo". O sufixo *-ajim*, na língua hebraica, indica "duas vezes" (duplicidade).

759 Zacarias também profetiza desse rio "duplo" (Zc 14.8 – ARA): um braço do rio desaguará no Mar Morto ("mar oriental") e o outro no Mar Mediterrâneo ("mar ocidental"). Também em diversas outras passagens, a Bíblia faz referência a esse rio que flui do Templo (Sl 36.8-9; 46.4; 65.9; Jl 4.18).

760 O Mar Morto contém em torno de 30% de sais diversos, sendo que os oceanos têm apenas de 3 a 4%. Deve ter sido muito salgado na antiguidade, porque Moisés já o chamou de "mar Salgado" (Gn 14.3).

Aplicação da visão

A aplicação de João 7

Durante a sua pregação por ocasião da Festa dos Tabernáculos, o Senhor Jesus fez a aplicação de Ezequiel 47 para cada crente, individualmente: "No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: 'Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva'. Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nele cressem. Até então o Espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado".[761] Nosso Senhor explica que os "rios de água viva"[762] (comparar "rios", no plural com a expressão "rio duplo" de Ezequiel 47) simbolizam o Espírito Santo, o "Espírito de vida" que nos libertou da "lei do pecado e da morte".[763] Se o Espírito Santo tiver liberdade para agir em nós, então seremos uma fonte de conforto em nosso ambiente, tanto para crentes como para incrédulos. É isso que de fato acontece conosco?

Os dons

Como a água proveniente do Monte do Templo fala do Espírito Santo, vemos uma relação também com os dons, através dos quais o Espírito Santo age nos crentes em Jesus, para que sejam um canal de bênção para outros: "Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja".[764]

A ação constante do Espírito Santo nos crentes em Jesus

As passagens, individualmente, que o guia de Ezequiel lhe mostra ao longo do curso da água, são marcos da ação do

761 Jo 7.37-39.
762 A expressão "água viva" é típica do idioma hebraico e indica água fresca da fonte.
763 Rm 8.2
764 1Co 14.12.

Espírito Santo em nossa vida de fé, para que cresçamos "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo".[765]

- O "tornozelo" (v. 3) lembra de nossos caminhos no mundo, e o Espírito está presente para nos guiar[766] e permitir que sintamos a graça de Deus.
- O "joelho" (v. 4a) aponta para a oração no poder do Espírito Santo.[767] A força recebida através dela pode nos preservar de "joelhos vacilantes".[768]
- A "cintura" (v. 4b), na Bíblia, muitas vezes indica força interior e disposição (para as mais diversas atividades prendia-se o cinto à cintura),[769] que o Espírito Santo produz em nós, para que possamos servir voltados para a verdade de Deus.[770]
- A água intransponível (v. 5), mostra as ações do Espírito Santo: elas são inimagináveis! E nós, nos entregamos sem reservas à graça de Deus, que sempre será grandiosa demais para o nosso espírito limitado e nosso coração apertado?

A ação constante do Espírito Santo no mundo

Observando através de um ponto de vista diferente, o Mar Morto pode servir de símbolo para as diversas nações do mundo,[771] que estão mortas em suas transgressões e pecados.[772] O rio, que decreta o fim da lei da morte que governa no Mar Morto, é uma figura representando a ação abençoadora do Espírito Santo e que, através da pregação do Evangelho realizada nos últimos 2.000 anos, concedeu vida divina para milhões de pessoas.

Os diversos estágios ao longo do rio podem ser comparados com o desenvolvimento da Igreja através do mundo:

765 2Pe 3.18.
766 Sl 143.10; Rm 8.4.
767 Ef 3.14; 6.18; Jd 20.
768 Hb 12.12.
769 Êx 12.11; 2Rs 1.8; 4.29; 9.1; Ne 4.12.
770 Ef 6.14; 1Pe 1.13.
771 Sl 65.8; Is 17.12-13.
772 Ef 2.1.

- "...e eis que saíam águas de debaixo do limiar do templo... do lado sul do altar... e eis que corriam as águas ao lado direito" (v. 1-2 – ARA): no Pentecostes, pouco depois de consumada a obra na cruz ("o altar"), o Espírito Santo foi derramado sobre os 120 discípulos.[773]
- "...água, que batia no tornozelo" (v. 3): pela pregação de Pedro, por ocasião do Pentecostes, mais de 3.000 judeus se converteram e receberam o Espírito Santo.[774]
- "...água, que chegava ao joelho" (v. 4a): posteriormente o Espírito Santo não se restringiu mais ao povo judeu e alcançou inúmeros samaritanos que haviam aceito o Evangelho da graça.[775]
- "...água, que batia na cintura" (v. 4b): Pedro havia sido chamado para a Cesareia, para pregar as Boas Novas a Cornélio e aos seus, e foi testemunha de como o Espírito Santo foi concedido aos romanos pela primeira vez.[776]
- "...um rio que eu não conseguia atravessar... só se podia atravessar a nado" (v. 5): na continuação do livro de Atos dos Apóstolos são mencionadas as viagens missionárias de Paulo.[777] Em todos os lugares em que o Evangelho era pregado, o Espírito Santo vinha para selar a nova vida recebida de Deus.[778] Até hoje, esse majestoso rio fluiu através de toda a terra e salvou milhões de homens, mulheres e crianças para toda a Eternidade.

No entanto, surge uma pergunta: até que ponto eu mesmo participo desse maravilhoso agir do Espírito Santo e quanto a igreja local, da qual faço parte, se envolve com isso?

773 At 2.1-4.
774 At 2.37-41.
775 At 8.14-17.
776 At 10.44-48.
777 At 13-28.
778 Ef 1.13.

Os dois aspectos do sacerdócio

O altar (43.13-17) e o rio (v. 1-12) mostram a intenção de Deus para os dois aspectos do sacerdócio na Igreja de Deus:

- O "sacerdócio santo" se dirige a Deus em oração;[779]
- O "sacerdócio real" se dirige ao mundo perdido proclamando o Evangelho.[780]

Não devemos nos descuidar de nenhum dos dois aspectos – pois isso de algum modo significaria negar a mensagem da cruz. É a cruz que simboliza esses dois aspectos: enquanto o poste vertical indica que a obra de Jesus Cristo foi plenamente satisfatória para Deus, porque através dela Deus foi glorificado de tal maneira como nunca foi antes; a trave horizontal indica que a obra redentora do Gólgota vale para todas as pessoas, de maneira que todo aquele que se curvar diante de Deus em arrependimento e confissão, pode ser salvo.

Os charcos e pântanos salgados

O saneamento do Mar Morto simboliza que, de acordo com as profecias de Jeremias e de Oseias, a morte será tragada pela vitória.[781] Ao lado dele, porém, estão os charcos e pântanos salgados demonstrando que as bênçãos do Reino Milenar ainda não serão plenas. A plenitude será alcançada somente com o Novo Céu e a Nova Terra.[782] Além disso, eles servem de lembrança de alerta para o destino daqueles que rejeitaram o Evangelho e a vida oferecida por Deus.[783]

779 1Pe 2.5.
780 1Pe 2.9; Rm 15.16.
781 Jr 25.8; Os 13.14. No Reino Milenar, a morte física após um curto período de vida na terra não mais será o destino geral. Somente aqueles que se rebelarem contra o senhorio de Jesus Cristo terão essa condenação (Is 65.20,22; Sl 101.8). Após o Reino Milenar, na Nova Terra e no Novo Céu, não haverá morte em absoluto (Ap 21.4; 20.14; 1Co 15.25-26).
782 2Pe 3.13; Ap 21.1-7.
783 Ap 21.8.

As folhas e os frutos

O rio que flui do Templo irrigará árvores que trarão belos frutos e cujas folhas terão efeitos curativos (v. 12). A Bíblia de fato muitas vezes compara o crente em Jesus com uma árvore.[784] Se a minha vida interior com Deus (minha "raiz") se alimenta da graça de Deus e da Sua Palavra (a "água"), então meu testemunho (minhas "folhas") glorificará a Deus e será uma bênção ("alimento", "remédio") para meus concidadãos. Dessa maneira o fruto do Espírito se tornará visível em minha vida.[785]

III. O Repovoamento da Terra de Israel (47.13 – 48.35)

No início do governo de Jesus, no Reino Milenar, a terra prometida para Abraão[786] terá uma distribuição totalmente nova entre as doze tribos (v. 13-14).

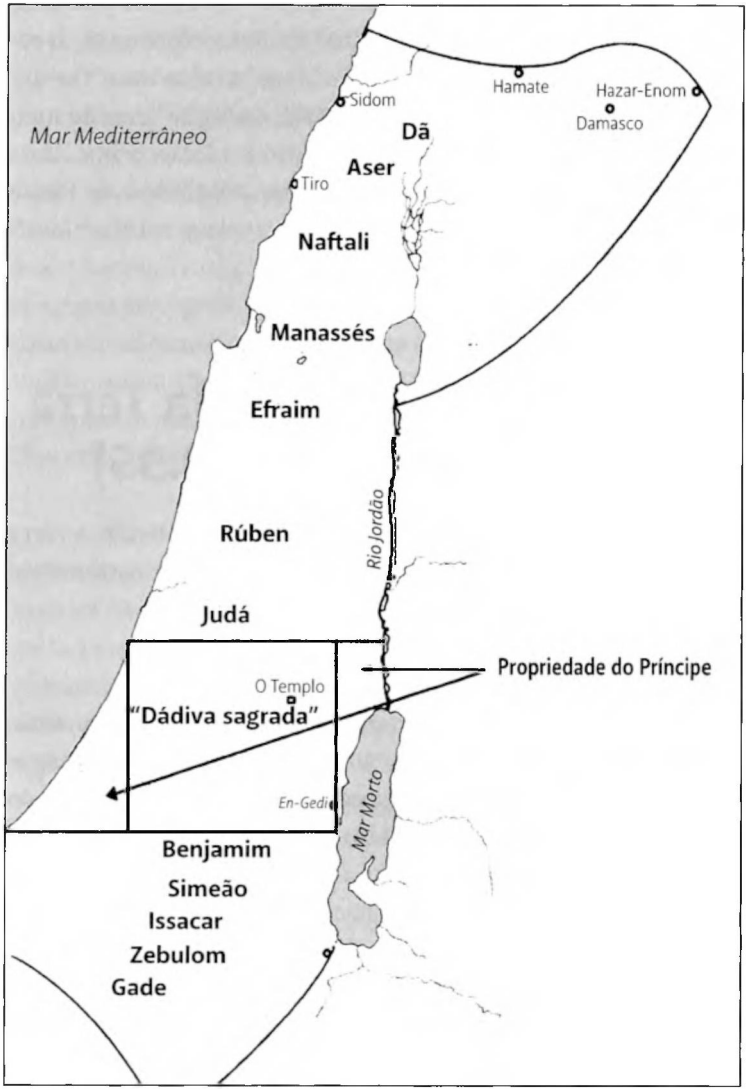
As fronteiras do país (47.13-20)

As fronteiras estarão muito mais avançadas do que ao tempo da conquista das terras por Josué.[787] Elas também abrangerão uma área muito maior do que o atual território do Estado judeu moderno. O futuro Estado de Israel será formado pelo seu atual território, mais todas as chamadas áreas ocupadas ou anexadas (Faixa de Gaza, Cisjordânia, planalto de Golã) e uma grande parte do Líbano e da Síria.

Essas fronteiras não são definitivas. Com o crescente aumento demográfico de Israel, elas serão ampliadas durante o

784 Sl 1.3; Jr 17.7-8.
785 Gl 5.22.
786 Gn 15.18.
787 Nm 34.1-15; Js 13 – 21.

A divisão das terras



Reino Milenar, até que a promessa feita a Abraão seja cumprida: a Terra Prometida deve se estender do Nilo ao Eufrates.[788]

Convívio pacífico com estrangeiros (47.21-23)

Os "estrangeiros", que não pertencem ao povo de Israel, mas que residem no território do país e ali geraram filhos, serão considerados como naturais da terra[789] e receberão uma propriedade privada entre as doze tribos. Sob o reinado de Jesus Cristo, o "Príncipe da Paz",[790] finalmente será possível haver convivência pacífica entre judeus e não judeus!

Hoje, na Era da Graça, já existe um único corpo formado por judeus convertidos através do Evangelho e por gentios convertidos através do Evangelho.[791] Se a paz de Cristo reina em nosso coração,[792] podemos testemunhar diante do mundo, que é possível que "os irmãos convivem em união"[793] apesar de origem, orientação, características diferentes ou divergências sobre temas secundários.[794]

A divisão das terras ao norte de Jerusalém (48.1-7)

A "terra santa"[795] será repartida em faixas paralelas que se estenderão desde o Mar Mediterrâneo até à fronteira leste.

Sete tribos receberão sua herança ao norte de Jerusalém, no sentido norte-sul: Dã, Aser, Naftali, Manassés, Efraim,[796] Rúben e Judá.

788 Gn 15.18.
789 Lv 19.34.
790 Is 9.6.
791 Ef 2.11-22.
792 Cl 3.15.
793 Sl 133.1.
794 Cl 3.11-14; Gl 3.27-28.
795 Esta designação para a Terra Prometida é encontrada somente uma vez na Escritura: Zc 2.12.
796 Como foi anteriormente, a tribo de José receberá um lote dobrado da terra também agora (Gn 48.5-6): um para Manassés e outro para Efraim. Deus confirma isso claramente (47.13), para que não ressuriam as antigas brigas (Js 17.14).

A porção sagrada para o Senhor (v. 8-14,21-22)

Nesses versículos, juntamente com a divisão das terras, é repetido aquilo que foi dito no capítulo 45, sobre a descrição do Templo e da área sagrada.

Ao sul da área da tribo de Judá, há um retângulo medindo 25.000 por 10.000 canas[797] destinado aos filhos de Zadoque, que atenderão aos serviços dos sacrifícios. Essa área será uma "porção sagrada" (v. 12), pois nela também estará o Monte do Templo.

Ao sul disso se localizará a grande propriedade dos levitas.

As áreas adjacentes ao quadrilátero sagrado, com os lados medindo 25.000 canas, pertencerão ao príncipe, tanto para o lado oeste até o Mar Mediterrâneo, como para o leste, em direção ao rio Jordão.

A cidade, suas doze portas e sua área (v. 15-19,30-35)

A terceira faixa com 25.000 canas de comprimento terá a largura de 5.000 canas, para completar o quadrado em destaque. Essa área, por sua vez, será dividida em três segmentos:

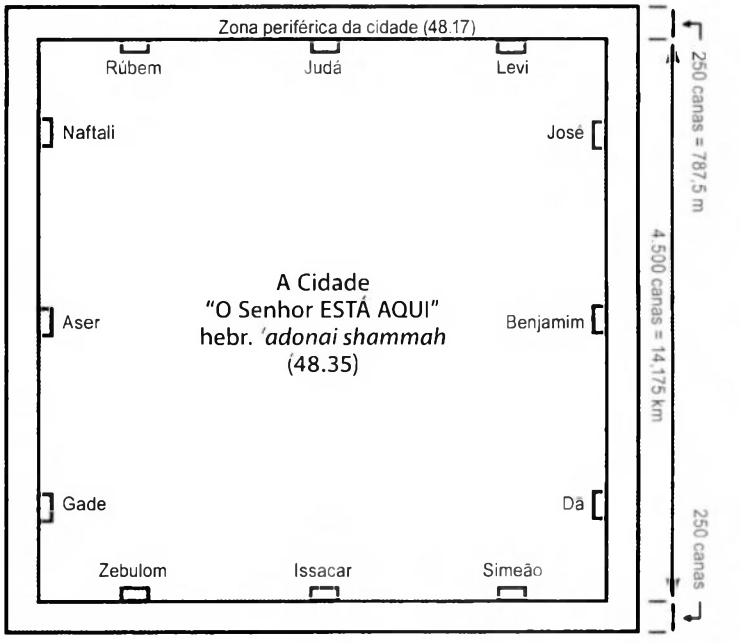
- No meio encontra-se uma cidade cercada por muros, com 12 portas (três em cada direção geográfica), que receberão os nomes das doze tribos de Israel (v. 30-34).
- Em ambos os lados, sobre uma superfície de 10.000 por 5.000 canas, cada, encontra-se a propriedade da cidade (v. 15). Também essa área será habitada e além disso ali será produzido o alimento para aqueles que trabalham na cidade cercada com o muro (v. 18).

A cidade murada em si terá uma superfície com 5.000 canas de lado e o quadrado com lados medindo 5.000 canas será complementado com uma área livre ("área de pastagens") com 250 canas (v. 17).[798]

797 Segue a conversão para unidades métricas modernas: 1 côvado = 52,5 cm; 10.000 canas = 31,5 km; 1 cana = 3,15 m; 5.000 canas = 15,75 km; 6 côvados = 1 cana; 4.500 canas = 14.175 km; 25.000 canas = 78,75 km; 250 canas = 787,5 m.

798 Para o Templo será idêntico: antes do muro externo haverá uma área livre com 50 côvados

A cidade e suas 12 portas



Essa cidade pertencerá a todo o Israel,[799] porque haverá familiares de cada tribo trabalhando ali (v. 19).

A cidade se localizará muitos quilômetros ao sul da atual Jerusalém. Isso significa que Jerusalém algum dia seria deslocada do seu lugar? Não: as Escrituras mostram que Jerusalém nunca será transferida de lugar.[800] O local de onde fluirá o rio será chamado de "Jerusalém".[801]

O nome "Jerusalém" não é mencionado nos capítulos 40 a 48 de Ezequiel. O único nome de cidade que aparece é "O

de largura. Essas áreas sem construções servem para destacar a beleza das estruturas arquitetônicas – Deus ama a beleza artística pois ela expressa a Sua glória.

799 No passado Jerusalém pertencia somente a duas tribos: a divisa entre Benjamim e Judá passava exatamente pela cidade e até sobre o Monte do Templo, de modo que o Templo em si ficava na área de Judá e o altar do holocausto na de Benjamim. No futuro, Jerusalém será demarcada ao norte por Judá e ao sul por Benjamim.

800 Zc 12.6b; 14.10; Jr 31.38-40.

801 Zc 14.8.

Senhor ESTÁ AQUI" (hebraico: *'adonai shammah*, v. 35). Isso se refere ao nome da cidade cercada pelo muro.

De acordo com Zacarias,[802] Jerusalém será uma enorme cidade, aberta e sem muros: o próprio Deus será o "muro" de proteção, seu *fire wall* (muro de fogo). Isso esclarece que: a futura Jerusalém naturalmente abrangerá o Monte do Templo, mas também farão parte dela todas as áreas habitadas ou não, da área da "dádiva sagrada", cujos lados medem cerca de 80 km. A grande Jerusalém terá uma área de mais de 6.200 km². Que metrópole! De fato, uma digna Capital do Mundo! Essa será "a cidade do grande Rei"![803] A cidade murada, com o nome de "O Senhor ESTÁ AQUI" se refere a uma parte da cidade da grande Jerusalém.

A divisão das terras ao sul de Jerusalém (v. 23-29)

Também ao sul de Jerusalém a Terra Prometida será dividida em faixas, desde o Mar Mediterrâneo até à fronteira leste. Cinco tribos receberão sua parte nessa região:[804] Benjamim, Simeão, Issacar, Zebulom e Gade. Chama à atenção que as tribos mais próximas do Templo são as dos descendentes das duas esposas de Jacó: Lia e Raquel. Os descendentes das servas Bila e Zilpa estarão mais distantes.

É interessante observar com quantos detalhes Deus determina antecipadamente todas as divisas do país e a divisão entre as tribos individualmente. Isso impede que haja disputas. O mesmo vale para nós hoje: quantas dificuldades poderiam ser evitadas se cada crente em Jesus estivesse disposto a re-

802 Zc 2.8-9.
803 Mt 5.35.
804 O ribeiro do Egito, que limita as terras ao sul (47.19; 48.28) também é mencionado em outra passagem (Js 15.4,47; Nm 34.5; Is 27.12). Seu nome atual é *Wadi el-Arish*. O ribeiro do Egito (hebraico: *nachal mitzrajim*) não deve ser confundido com o rio do Egito (hebraico: *nahar mitzrajim*).

ceber sobriamente aquilo que Deus lhe destinou e a aceitar aquilo que seus irmãos receberam![805]

"O Senhor ESTÁ AQUI" (v. 35)

Na última frase do livro está resumido maravilhosamente qual o objetivo de Deus com Israel e com toda a humanidade. Assim como Deus habitará no meio do Israel reunido e renovado, assim também será na Eternidade, quando Deus habitará junto com as pessoas na Nova Terra.[806] Hoje Deus já vive no coração dos redimidos, através do Seu Espírito[807] e entre os Seus filhos reunidos.[808] Quando a paz de Cristo governa o povo de Deus, é possível antecipar o futuro de Israel e ter alegria com a presença do Senhor Jesus em nosso meio, enquanto aguardamos para usufruirmos serenamente da Sua presença na Casa do Seu Pai, para sempre.

Observações finais sobre o livro de Ezequiel

Ezequiel, o profeta da santidade de Deus

O estudo desse livro mostrou o valor que Deus atribui à santidade. Isaías coloca a ação salvadora de Deus no centro, Jeremias mostra Sua compaixão enquanto a mensagem de Ezequiel gira em torno da santidade de Deus. Essa santidade que é expressa em toda a Bíblia – e de um modo especial por Ezequiel – não se compõe de um código artístico e morto ou de um misticismo exagerado e insensato, mas baseia-se primeiramente na emoção e devoção que acompanha o conhecimento de Deus, do Deus Santo, cuja glória ultrapassa nossa capacidade de compreensão, como mostra a expressão "meu santo nome", frequentemente repetida (20.39; 36.20,21,22,23;

805 Rm 12.3; 1Co 12.14-26; 2Co 10.12-18; Ef 4.7.
806 Ap 21.3.
807 Jo 14.23.
808 1Co 14.25.

39.7,25; 43.7,8). Esse Ser e Deus santo, fica expresso em tudo que Lhe diz respeito, principalmente na adoração que devemos a Ele. Por fim, a santidade de Deus representa uma força propulsora para cada crente que tem um relacionamento de amor com Ele, que proporcionam a esse crente viver em humildade e em sintonia com aquilo que ele reconheceu do seu Deus.[809]

Todavia, a santidade de Deus nunca se torna visível sem a Sua graça: mesmo que o Senhor, por Sua própria vontade, decidiu castigar Seu povo desobediente e idólatra privando-o do privilégio da Sua presença (cap. 1-11), isso não aconteceu sem um motivo (cap. 12-24) e Ele também não foi partidário porque outras nações deveriam igualmente ser condenadas em virtude da Sua santidade (cap. 25-32). Novamente por Sua própria vontade, em virtude do Seu imensurável amor que é parte do Seu Ser, Deus resolveu trazer o Seu povo de volta (cap. 33-39), para abençoá-lo abundantemente no glorioso Reino de Paz do "Filho de Davi" e alegrá-lo com Sua renovada presença (cap. 40-48).

Ezequiel e o Evangelho de João

O livro de Ezequiel contém várias figuras que o Senhor Jesus retomou. Jesus falou de Si mesmo como o "Filho do homem", o que deve ter lembrado Seus ouvintes, entre outros, de quantas vezes Deus Se dirigiu a Ezequiel com estas palavras. São especialmente numerosos os paralelos com o Evangelho de João:

- João 3: nosso Senhor explicou para Nicodemos o que significa o "renascimento" e, para tanto, aproveitou expressões e figuras de Ezequiel 36;
- João 7: os "rios de água viva" que fluem dos corpos daqueles que creem em Jesus Cristo lembram o rio que fluirá do Templo do Reino Milenar (cap. 47);

809 1Pe 1.15-16.

- João 10: o Senhor Jesus descreve-Se como o Bom Pastor, que é um com o Pai, um tema que é desenvolvido de modo muito comovente em Ezequiel 34;
- João 14: as "muitas moradas" (ARA) que o Senhor preparou para nós na casa celestial de Seu Pai são ricamente representadas pelos quartos e salas do Templo terreno, no Reino Milenar (cap. 42);
- João 15: Deus considerou o povo de Israel como um ramo infrutífero da videira (cap. 15). Assim, veio o Messias, que produziu fruto escolhido para Deus e nos dá vida para que, sendo Seus discípulos, também nós possamos produzir frutos.

Não há dúvidas de que existem mais pontos em comum, porém, os já mencionados mostram como esse livro profético, infelizmente muitas vezes negligenciado, joga uma nova luz sobre textos bem conhecidos – somente isso já deveria nos incentivar à sua leitura.

Ezequiel e o Apocalipse

Os paralelos ao Apocalipse são numerosos e marcantes. Ambos os livros começam com uma maravilhosa visão, a seguir passam para o juízo e terminam com a descrição do futuro Reino de Paz. Todavia, enquanto Ezequiel aborda esses acontecimentos sob a perspectiva terrena e em relação a Israel, no Apocalipse eles são descritos a partir de uma visão divina e, principalmente, relacionados com a Igreja.

Assim, as figuras do livro de Ezequiel jogam luz ao simbolismo às vezes difícil de compreender do Apocalipse, enquanto que, por outro lado, a aplicação dessas figuras com frequência torna clara as passagens do último livro da Bíblia.

Isso mostra claramente o quanto cada leitura da Bíblia aproveita do reconhecimento de que a Revelação escrita constitui uma unidade indissolúvel. Torna-se marcante a ver-

dade de que "nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal" (ou: é autoexplicativa).[810] Uma passagem explica a outra passagem. Dessa maneira, a Bíblia se explica.

A glória da presença de Deus

Como já constatamos na introdução, o livro de Ezequiel, em primeira linha, é o livro que fala da glória do Senhor. Essa glória é descrita pela maravilhosa visão do trono móvel de Deus. De modo relutante ela havia abandonado o Templo de Salomão, pois este seria destruído (cap. 8-11). No entanto, ela retornará ao Templo do Reino Milenar (cap. 43).

Também nós aguardamos pela glória futura, "a glória que em nós será revelada",[811] no dia em que estaremos definitivamente na presença de nosso Deus e Pai (ver 48.35). Em meio a um mundo, no entanto, que caminha para o juízo, que será igualmente merecido e igualmente terrível como foi a dispersão do povo de Israel, já agora podemos vislumbrar a glória de Deus, desde o vale profundo dos sofrimentos, das lutas e da situação do nosso mundo (3.22-23).[812] Podemos também apropriar-nos da promessa do "santuário" (11.16), que Deus deseja ser para os Seus filhos, enquanto eles não apenas esperam por uma cidade terrena e por um Templo – por mais suntuoso que possam ser – mas para a época em que será cumprida a visão da "Cidade Santa, a nova Jerusalém", onde "o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo".[813]

810 2Pe 1.20.
811 Rm 8.18.
812 2Co 3.18.
813 Ap 21.2,22.

"Essas coisas aconteceram a eles como exemplos e foram escritas como advertência para nós, sobre quem tem chegado o fim dos tempos" (1Co 10.11).

Tudo o que o profeta Ezequiel escreveu, por ordem de Deus, em grande parte possui comprovação histórica de que de fato se cumpriu. Outras coisas acontecem diante de nossos olhos! E aquilo que ainda se encontra em aberto, ou seja, a construção do novo Templo de acordo com os planos detalhados por Ezequiel, ainda se tornará realidade com precisão divina.

Algumas centenas de notas de rodapé, no decorrer do comentário, apontam para outras passagens bíblicas e convidam para um estudo mais aprofundado.



Dr. Roger Liebi é casado com Myriam, pai de seis filhos, é formado em Música (Conservatório e Faculdade de Música em Zurique - Violino e Piano), Línguas do mundo da Bíblia (Grego, Hebraico clássico e moderno, Aramaico, Acádio), bem como em Teologia (Bacharelado, Mestrado e Doutorado). Completou o Doutorado junto ao Whitefield Theological Seminary, na Flórida (EUA) onde apresentou uma dissertação na área de Estudos Judaicos e Arqueologia sobre "O Segundo Templo em Jerusalém". Entre 2004 e 2011, foi Docente universitário para a área de Arqueologia de Israel e Oriente Médio. Atua como professor de Ensino Bíblico e como palestrante em diversos países. Seu envolvimento com as Escrituras Sagradas e áreas afins gerou uma série de publicações.

ISBN 978-85-7720-144-0
9 788577 201440